



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

TESAURO DE TEOLOGIA PROTESTANTE

Jhonathas Marques Souza

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2022

Jhonathas Marques Souza

TESAURO DE TEOLOGIA PROTESTANTE

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2022

S729t

SOUZA, Jhonathas Marques.

Tesouro de Teologia Protestante / Jhonathas Marques Souza. – Brasília, 2022.

381 f.

Orientação: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Tesouro. 2. Teologia Protestante.

I. Título.

CDU025.43.06: 274-12

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: TESAURO DE TEOLOGIA PROTESTANTE

Autor(a): Jhonathas Marques Souza

Monografia apresentada em **10 de fevereiro de 2023** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Fernanda de Souza Monteiro

Membro Externo : Dra. Simone Bastos Vieira

Membro Externo (Seminário Presbiteriano de Brasília): Me. Rogério Cunha da Silva



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda de Souza Monteiro, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 16/02/2023, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia do Vale Caribe, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 16/02/2023, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Bastos Vieira, Usuário Externo**, em 23/02/2023, às 16:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Rogério Cunha da Silva, Usuário Externo**, em 23/02/2023, às 18:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **9341263** e o código CRC **37F03303**.

DEDICATÓRIA

Ao Rei dos reis consagro tudo o que sou
De gratos louvores transborda o meu coração
A minha vida eu entrego nas Tuas mãos, meu Senhor
Pra te exaltar com todo meu amor

Eu te louvarei conforme a Tua justiça
E cantarei louvores, pois Tu és Altíssimo

Celebrarei a Ti, ó Deus, com meu viver
Cantarei, contarei as Tuas obras
Pois por Tuas mãos foram criados
Terra, céu e mar, e todo ser que neles há

Toda a Terra celebra a Ti
Com cânticos de júbilo
Pois Tu és o Deus Criador

A honra, a glória, a força
E o poder ao rei Jesus
E louvor ao rei Jesus

Anderson Mattos / Marcelo De Mattos, Consagração. 1995.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me suportou por muito tempo até chegar aqui. Aos meus pais, Santana e Zildemar, aos meus irmãos, Débora, André e Pedro, e às minhas tias, Helena e Nazaré. Estes cuidaram de mim, me alimentaram, me vestiram e velaram meu sono.

Aos meus colegas de curso que me acompanharam durante toda a jornada acadêmica, e, em especial, aos amigos, Arthur Ferreira dos Santos, Daniela Mendes dos Santos, Isadora Bezerra de Carvalho, Lucas Henrique Pereira Mota Vieira e Rafael Ribeiro Neiva de Sousa, com quem ri, sofri, reclamei, celebrei e cresci. Minha vida foi mais feliz ao lado de vossa companhia.

A todo o corpo docente da Faculdade de Ciências da Informação da Universidade de Brasília – FCI-UnB – que cedeu seus conhecimentos e esforços na produção de um corpo discente mais preparado para o amanhã. Em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé, que me assistiu em todas as minhas necessidades e atenções acadêmicas, que me preparou e me acompanhou com atenção afável e a quem eu aprendi a amar e admirar.

A todos os servidores e trabalhadores da Universidade de Brasília, desde o gari, o porteiro, o zelador, a faxineira e o jardineiro até aos professores de outros cursos, diretores de departamentos e atendentes das secretarias e reitoria. A Universidade de Brasília é referência em educação por causa de vosso esforço.

E, finalmente, agradeço a Cristo Jesus, meu Deus, meu Senhor, meu Irmão e meu Salvador. Ele me escolheu, me sustentou firme, me guiou, me protegeu, me supriu, me admoestou, e cuidou de mim como qualquer um cuida das meninas de seus próprios olhos. Toda glória, honra e louvor sejam dadas ao Deus Todo-Poderoso. Em Seu nome, jamais seremos confundidos.

*Remember God before the silver cord is severed
Or the golden bowl is broken
Remember your creator
In the days of your youth
Before the days of trouble come
And you find no pleasure in them
When the keepers of the house will tremble
And the strong men will stoop
When the grinders cease because they are few
And the sound of grinding fades
Are you a judge of another man?
Is your life just vanity?
Maybe look where you will stand?
On the day of your death!
Fear God and follow his commands
For this is the duty of man
God will bring every deed of judge
Including any hidden sin*

The Silver Cord Is Severed
Mortification

RESUMO

Este trabalho tem como o objetivo geral indicar termos e suas respectivas e relações lógicas e semânticas para um tesouro de teologia protestante, e tem como objetivos específicos a coleta, com base em literatura especializada, de palavras que podem vir a ser termos, a análise e instituição dos termos e de suas relações lógicas e a apresentação de nova metodologia de coleta e análise de termos. Quanto à metodologia, este é um trabalho do tipo qualitativo. Ao longo do texto, é abordada a Teoria do Conceito da filósofa alemã Ingetraut Dahlberg. Um histórico sobre o cristianismo e do surgimento do protestantismo é apresentado. Em seguida, são estabelecidos os procedimentos metodológicos para a construção do tesouro, uma nova metodologia de coleta e análise de termos - Formulário de Cadastramento de Descritores (idealizado pela Professora Doutora Rita de Cássia do Vale Caribé) - é apresentada e testada. Os dados são apresentados e discutidos posteriormente, concluindo-se que apesar de ser apenas o início de um tratamento para a área temática, os objetivos propostos para o trabalho foram alcançados.

Palavras-chave: sistemas de organização do conhecimento; SOC's; teologia protestante; tesouro; teoria do conceito; Ingetraut Dahlberg; Rita de Cássia do Vale Caribé; Formulário de Cadastramento de Descritores.

ABSTRACT

This work has the main purpose of indicating terms and their respective logical and semantic relationships for a Protestant Theology thesaurus and has as specific purpose the collection, based on specialized literature, of words that may become terms, the analysis and institution of terms and their logical relationships and the presentation of a new methodology for collecting and analyzing terms. As for the methodology, this is a qualitative work. The Concept Theory of the German philosopher Ingetraut Dahlberg is approached throughout the text,. A background on Christianity and the rise of Protestantism is presented. Next, the methodological procedures for building the thesaurus are established, and a new methodology for collecting and analyzing terms - the Descriptors Registration Form (designed by Professor Rita de Cássia do Vale Caribé) - is presented and tested. The data are presented and discussed later, concluding that despite being just the beginning of a treatment for the thematic area, the objectives proposed for the work were achieved.

Keywords: knowledge organization systems; KOS; Protestant theology; thesaurus; concept theory; Ingetraut Dahlberg; Rita de Cássia do Vale Caribé; Descriptors Registration Form.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pormenorização das Características.....	74
Figura 2 - Os triângulos de Peirce e Dahlberg.....	83
Figura 3 - Aparência do Formulário de Cadastramento de Descritores.....	127
Figura 4 - Aparência interna de uma chave bíblica ou concordância bíblica.....	132
Figura 5 - Formulário do termo Assuero.....	138
Figura 6 - Formulário do termo Circuncisão	139
Figura 7 - Formulário do termo Ouro	140

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Abreviaturas das siglas do tesouro e seus respectivos significados.....	44
Quadro 2 - Termos compostos 1.....	54
Quadro 3 - Termos compostos 2.....	54
Quadro 4 - Termos compostos 3.....	55
Quadro 5 – Espécies de categorias e seus exemplos.....	73
Quadro 6 – Espécies de conceitos e exemplos.	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
AECID	Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento
ANSI	American National Standards Institute
ASCL	Departamento de Biblioteca, Documentação e Informação do Centro de Estudos Africanos Leiden
ASP	Academic Search Premier
ASTIA	Armed Service Technical Information Agency
ATLA	American Theological Library Association
BBC	British Broadcasting Corporation
BCE - UnB	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BN	Biblioteca Nacional
BS	British Standards
BT	Termo Genérico (<i>Broader Term</i>)
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CI	Ciência da Informação
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRG	Classification Research Group
COSATI	Committee on Scientific and Technical Information
d.C.	Depois de Cristo
DDC	Defense Documentation Center
EBSCO	Elton Bryson Stephens Corporation
EM	Empregar
EP	Empregado para
EUA	Estados Unidos da América
FCI - UnB	Faculdade de Ciências da Informação da Universidade de Brasília
GHz	GigaHertz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISO	International Organization for Standardization
KO	Knowledge Organization
KOP	Knowledge Organization Process

ITESO	Universidad Jesuita de Guadalajara
LC	Library of Congress
NA	Nota de Alcance
NE	Nota Explicativa
NISO	National Information Standards Organization
NT	Termo Específico (<i>Narrower Term</i>)
PRECIS	Preserved Context Indexing System
PVC	Policloreto de Vinila
RT	Termo Relacionado (<i>Related Term</i>)
SC	Categoria (<i>Subject Category</i>)
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SKOS	Simple Knowledge Organization Systems
SN	Nota de Escopo (<i>Scope Note</i>)
SOC's	Sistemas de Organização do Conhecimento
TEST	Thesaurus of Engineering and Scientific Terms
TE	Termo Específico
TE1	Termo Específico no Primeiro Nível de Subordinação
TE2	Termo Específico no Segundo Nível de Subordinação
TEP	Termo Específico Partitivo
TG	Termo Genérico
TG1	Termo Genérico no Primeiro Nível de Super Ordenação
TG2	Termo Genérico no Segundo Nível de Super Ordenação
TGG	Termo Genérico Genérico
TGP	Termo Genérico Partitivo
TR	Termo Relacionado
TS	Termo Superior
U.S.	United States
UF	Usado Para (<i>Used For</i>)
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	United Nations International Children's Emergency
UP	Usado Para
USE	Use
W3C	World Wide Web Consortium

XML *eXtensible Markup Language*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	20
2.2	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	24
2.2.1	Objetivo geral	24
2.2.2	Objetivos específicos	24
3	REVISÃO DE LITERATURA	25
3.1	Sistemas de Organização de Conhecimento (SOC's).....	31
3.2	Tipos de Sistemas de organização de conhecimento	32
3.2.1	Listas de cabeçalhos de assuntos	32
3.2.2	Sistemas de Classificação	33
3.2.3	Taxonomias	33
3.2.4	Ontologias	35
3.3	Tesauros	37
3.3.1	Histórico sobre os tesauros.....	37
3.3.2	Metodologias de elaboração de tesauros.....	42
3.3.3	As garantias	67
3.4	Teoria do conceito	71
3.5	Teologia protestante.....	85
3.5.1	O termo teologia	85
3.5.2	Teologia protestante: suas origens.....	86
3.5.3	Os pré-reformadores	103
3.5.4	A reforma alemã	108
3.5.5	Outras reformas	112
3.5.6	A origem protestante no Brasil.....	116
3.5.7	As doutrinas bíblicas na teologia protestante.....	118
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	121
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	128
5.1	Números, categorias e critérios	128
5.2	A experiência com o preenchimento dos formulários	134
6	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	141

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO TESAURO	149
APÊNDICE A.....	150
APÊNDICE B.....	368

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação e as suas Linguagens Documentárias surgiram da necessidade de se formalizar e se estruturar a categorização de assuntos em quaisquer tipos de acervo, desde almoxarifados, a museus e bibliotecas, auxiliando os trabalhos de catalogação e indexação, armazenamento e, principalmente, a devida recuperação de toda a coleção disponível.

Os instrumentos criados para este fim são muitos, e estão sempre em evolução. Uma delas, por exemplo, é o Tesouro, que auxilia o profissional no estabelecimento e mapeamento de termos de qualquer área das ciências, oferecendo um dicionário de termos e de suas relações hierárquicas. De fato, a utilização de um material tão eficaz pode facilitar e tornar muito mais eficiente o trabalho dentro de uma área do conhecimento.

A partir daí, surgiu o seguinte problema: quais são os tesouros disponíveis em língua portuguesa que auxiliam os profissionais das ciências da informação na indexação de obras e itens relacionados à Teologia Protestante? A resposta, como o leitor verá no decorrer deste trabalho, é: não existe.

Para se ter uma ideia da importância deste fato, a Teologia Protestante é uma área do conhecimento com uma história e uma produção acadêmica de ao menos 500 anos - muito mais extensa que Psicologia Moderna, por exemplo, que só possui entre 150 e 200 anos. De maneira alguma excita-se aqui uma discussão sobre o que tem mais relevância, mas o parâmetro apresentado neste ponto busca evidenciar como esta área tem sido negligenciada, sem qualquer juízo de valor ou atribuição de culpa. Apenas exposição do fato.

Buscando uma alternativa para tal realidade, e para que haja um pontapé inicial, esta pesquisa objetiva propor a indicação de termos e suas respectivas relações lógicas e semânticas para a construção de um tesouro de Teologia Protestante, focando na coleta de termos com base em literatura especializada, a análise e instituição dos termos e de suas relações lógicas, além da apresentação de nova metodologia de coleta e análise de termos.

A revisão de literatura apresentará a definição de Sistemas de Organização do conhecimento, apresentando alguns de seus mecanismos de controle, como lista de cabeçalhos de assunto, taxonomia, ontologia, e, finalmente, o tesouro. A sua definição, seu histórico e a abordagem na literatura ocidental, bem como sua metodologia de construção são apresentadas a seguir. As garantias observadas para tal construção, a Teoria do Conceito da filósofa alemã Ingtraut Dahlberg também o são.

Ainda na revisão de literatura, mas em novo assunto, o tema “Teologia Protestante” é abordado, bem como o surgimento do termo “teologia”, as origens do cristianismo e uma breve explanação de eventos históricos subsequentes que culminaram na Reforma Protestante e no surgimento do protestantismo.

São, então, apresentados os procedimentos metodológicos elencados e utilizados na confecção do Tesouro de Teologia Protestante com 462 termos, bem como é apresentado e testado uma nova metodologia de coleta e análise de termos - Formulário de Cadastramento de Descritores (idealizado pela Professora Doutora Rita de Cássia do Vale Caribé) - para a estruturação de tesouros.

Ao final, o tesouro será compilado e seus dados apresentados, seguindo-se à conclusão do trabalho. Boa leitura.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

O controle bibliográfico é um ideal a muito implantado no imaginário dos bibliotecários. As bibliotecas foram criadas buscando a guarda e a organização de documentos. Elas tinham o objetivo de esconder o conhecimento escrito e sagrado dos cidadãos ordinários (MARTINS, 1957, p. 74). As bibliotecas mesopotâmicas, já em 1000 a.C. apresentavam separação de itens por assunto. Placas (as bibliotecas eram compostas de placas de argila escritas) que continham o mesmo assunto eram guardadas juntas em um mesmo bloco, com um rótulo que as identificava por assunto e um catálogo que podia ser consultado (BATTLES, 2003, p 31). Estima-se que a biblioteca de Alexandria possuísse de dois a quatro prédios distribuídos pela cidade, e que, somente no prédio principal, encontravam-se mais de setecentos mil rolos (BATTLES, 2003, p 31). Mais recentemente, já na era contemporânea, com Paul Otlet e Henry La Fontaine, o sonho de confecção de um catálogo universal de toda a produção bibliográfica mundial conseguiu reunir cerca de 20 milhões de fichas até o final da década de 1930 (CAMPELLO, 2019).

Todo este esforço em guardar o registro bibliográfico traz implícita a ideia da necessidade de que essa informação (já que está guardada) possa ser encontrada sempre que se desejar. O registro bibliográfico da descrição das características dos documentos que formam os catálogos das coleções das bibliotecas e bases de dados é denominada catalogação (CUNHA; CAVALCANTI 2008, p. 70). Ao ato de busca da informação já catalogada aplica-se o termo recuperação. Segundo o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, “[...] recuperação, abrange o processo total de identificação, busca encontro e extração da informação armazenada. Nesta operação não se incluem nem a criação, nem a utilização posterior das informações ou dos dados; restituição da informação” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 326). A recuperação da informação é uma das etapas de que compõe o ciclo informacional, e que para que seja eficaz, utiliza-se de instrumentos de controle bibliográfico que são continuamente estudados, propostos, utilizados, avaliados, reestudados... seguindo-se assim um ciclo de movimentação perpétua para a melhoria dos instrumentos e dos processos.

Concomitante ou inerente ao processo de catalogação há um processo muito importante de atribuição de um assunto que descreve o documento no todo ou em parte, para que a recuperação possa ser facilitada: a indexação. A indexação é a:

Representação do conteúdo temático de um documento por meio dos elementos de uma linguagem documentária ou de termos extraídos do próprio documento (palavras-chave, frases-chave). <=> análise de conteúdo, resumo.
1.2. "Descrição do conteúdo de um documento por meio de uma linguagem documentária a fim de facilitar a memorização da informação em arquivos, fichários, bases e bancos de dados" (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 212).

A indexação se utiliza de diversos instrumentos previamente elegidos (políticas de indexação, vocabulários controlados...) para que haja um controle sobre os termos utilizados em sua ação, restringindo o número de termos para que a recuperação possa ser facilitada. Um desses instrumentos é o tesauro, que é uma proposta de sistematização de vocabulário baseado em conceitos e de suas interrelações com o objetivo de melhorar a precisão na hora de se indexar um documento (VAN DER LAAN; FERREIRA, 2000).

Para Van Der Laan, em sua tese *Tesauro e Terminologia: uma inter-relação lógica*, o tesauro é um coletivo de termos de uma linguagem de uma especialidade organizada de tal modo que evidencie as relações conceituais da área do conhecimento abordada pelo tesauro. Esses termos (ou descritores) representariam a linguagem do especialista, não devendo, portanto, e de modo geral, haver conflito entre o que o usuário utiliza para fazer a busca e o termo utilizado na indexação do documento (VAN DER LAAN, 2002, p. 18). Em suma, o tesauro apresenta uma lista de termos e descritores relacionados, previamente estudados e estabelecidos a partir de uma área do conhecimento, para atribuir ao documento o termo especificado que lhe caiba, aumentando a precisão de recuperação do que é buscado e a qualidade do trabalho do indexador.

Em assim sendo, para cada área do conhecimento é possível confeccionar tesouros, e o ideal é que todas as áreas possuam tesouros que a represente. Mas, ainda que a possibilidade e necessidade se mostrem reais, a existência de tesouros não é uma realidade para todas as áreas do conhecimento. Um exemplo é a área de Teologia.

A Teologia é a área do conhecimento que estuda os sistemas de crenças religiosas, representando, de modo sistemático, as doutrinas e pontos fundamentais e essenciais de cada religião, bem como as discussões a respeito da fé dentro de cada religião. (SILVESTRE, 2021).

De acordo com reportagem do site de notícias BBC, 16,3% da população mundial afirma não ter nenhum vínculo religioso (BBC, 2012), o que significa dizer que, à época, 83,7%

de pessoas professava alguma fé. No Brasil, segundo os dados do último censo realizado em 2010, dos 191.755.799 de pessoas, 15.335.510 afirmaram não possuir religião (IBGE, 2010), e apenas 196.099 pessoas afirmaram não ter opinião formada sobre o assunto. (IBGE, 2010).

Grande parte da Teologia no mundo é produzida pelas religiões de maiores proporções no cenário global, como o Cristianismo e o Islamismo (PEW RESEARCH CENTER, 2012).

No Brasil, um dado importante que pode ser retirado de uma reportagem do jornal *O Globo*, de 26 de março de 2017, é que de 2010 até a data da reportagem foram registrados na Receita Federal 67.951 entidades com a rubrica de “Organizações Religiosas ou Filosóficas”, cerca de 25 instituições por dia. (GLOBO, 2017). Como área do conhecimento, a Teologia foi criada com a portaria da CAPES 174/2016 e redesignada por meio da “Resolução nº 1 de abril de 2017”, apesar de ser reconhecida como área do conhecimento desde 1973. A área compunha até 2016 a área de Filosofia/Teologia, vindo estas a se separarem, tornando-se a Teologia agora uma área distinta e sendo denominada, posteriormente, a área de Ciências da Religião e Teologia. Ao final de 2016, reconhece-se nesta área oito subdivisões – Ciências da Religião Aplicada, Ciências da Linguagem Religiosa, Ciências Empíricas da Religião, Epistemologia das Ciências da Religião, História das Teologias e Religiões, Teologia Fundamental-sistemática, Teologia Prática e Tradições e Escrituras Sagradas -, além de contar com vinte e um programas, sendo três de modalidade profissional e dezoito de modalidade acadêmica. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017).

Estes dados mostram que a Teologia já é uma área do conhecimento amplamente discutida no mundo, de maneira geral, e reconhecida como matéria acadêmica no Brasil.

Investigando a existência de tesouros de Teologia, foram feitas buscas em catálogos online de acervos em sítios como a da Biblioteca Nacional (BN) do Brasil, da Library of Congress (LC) dos Estados Unidos, da Biblioteca Europeia, com todas as pesquisas acabando por não oferecer um recurso. Foram também estabelecidas tentativas de contato com o Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – do qual não houve resposta -, com o Vaticano - de onde também não houve resposta - e da Library of Congress, - onde a resposta ofertada foi a possibilidade de consulta a muitos materiais de auxílio à indexação, como enciclopédias e dicionários para a orientação da indexação, mas não um tesouro específico da área.

Muitos materiais encontrados com o nome de “Tesouro” em seus títulos e subtítulos eram, na verdade, tesouros de conhecimentos teológicos aos moldes do tesouro de Roget – um guia de estudos bíblicos, algo similar a uma Teologia Sistemática, mas não um tesouro nos moldes modernos da Ciência da Informação.

De acordo com Monteiro (2018), alguns instrumentos de indexação que incluem a área “Teologia” são a *Classificação Decimal de Dewey* (CDD), a *Classificação Decimal Universal* (CDU), a *Listas de Encabezamientos de Materia para las Bibliotecas Públicas*, o *Subject Headings* – cabeçalhos de assuntos da Library of Congress (EUA), o *Microtesauro de Religión* – Biblioteca Dr. Jorge Villalobos Padilla, S.J. del ITESO (*Universidad Jesuita de Guadalajara*) -, o *Tesauro Biblioteca Hispánica AECID* (Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento), o *African Studies Thesaurus* (Departamento de Biblioteca, Documentação e Informação do Centro de Estudos Africanos Leiden – ASCL), e o *UNESCO Thesaurus*.

Um contato também foi estabelecido com a biblioteca do Instituto Mackenzie, de cuja conversa surgiu um caminho para a o primeiro tesauro da área encontrado: o “*Religion Indexes: thesaurus*”, pertencentes à *American Theological Library Association* (ATLA), e distribuído e comercializado pela EBSCO Information Services - uma empresa americana que atua diretamente fornecendo produtos e serviços para bibliotecas. Entretanto, seu acesso para fins deste estudo tornou-se inviável devido ao seu custo que, de acordo com uma carta ao editor da revista *Library Journal* (Volume 130, Edição 4, de 1º de março de 2005 – único local onde a menção a algum preço foi encontrada) começa em US\$ 2,147, o valor de assinatura anual¹.

À exceção do último item citado, todos os outros instrumentos trabalham de forma superficial o tema Teologia, e à exceção da CDU, nenhum deles possui tradução para a língua portuguesa. Deste modo, surge um problema a elaboração de um tesauro de teologia protestante para atender à necessidade de tratamento da informação nessa área. Assim pergunta-se: quais são os termos e suas respectivas relações que compõem um tesauro conceitual para atender ao domínio teologia protestante?

¹ Disponível em: (<https://go-gale.ez54.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&id=GALE|A130213177&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w>)

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.2.1 Objetivo geral

Indicar termos e suas respectivas relações lógicas e semânticas que representem o domínio de teologia protestante.

2.2.2 Objetivos específicos

- Coletar, com base na literatura especializada, palavras da linguagem natural da área de teologia protestante;
- Analisar as palavras da linguagem natural transmutando-as em termos;
- Construir as relações lógicas e semânticas com base na análise das características de cada termo.
- Apresentar nova metodologia de coleta e análise de termos para tesouros.

3 REVISÃO DE LITERATURA

As pesquisas foram iniciadas no dia 15 de janeiro de 2021 pela internet. Os termos pesquisados foram “tesauro teológico”, “tesauro de teologia”, “*theology thesaurus*” e “*theological thesaurus*”. No buscador de internet Google, bem como na versão Google Acadêmico, foram verificadas as primeiras dez páginas de resultados da busca por cada termo - quando havia -, aplicando-se uma verificação manual de cada um desses resultados. O mesmo princípio foi aplicado no sítio da Scielo.org, e no buscador do Portal de Periódicos da Capes. Nos sítios oficiais da Library of Congress, da biblioteca Europeia e da Biblioteca Apostólica Vaticana apenas os termos em inglês foram verificados. Em todos os casos, a verificação foi feita por meio de checagem manual dos títulos e resumos.

Em geral, os resultados destas pesquisas foram infrutíferos, pois em grande parte não representavam o assunto pesquisado. Nos sítios de busca, muitas vezes os termos pesquisados apareceram como termos específicos dentro de dicionários, tesouros ou de vocabulários controlados diversos, como no tesauro da Unesco². Outro tipo de resultado muito comum foi a sugestão de sinônimos para um dos termos ou para ambos. A recuperação também forneceu como resultado sítios de compras que ofereciam livros relacionados a Tesouros ou à Teologia. Muitos tipos de Tesouros foram recuperados nas buscas, mas apenas um de Teologia: o “*Religion Indexes: Thesaurus*”, em idioma inglês.

Nos buscadores de sítios que trabalham com literatura científica (Scielo, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Capes) e nas bibliotecas (Europeana, Library of Congress e Biblioteca Apostólica Vaticana), os resultados variaram desde artigos e trabalhos contendo um ou outro item dos termos como assunto, a periódicos especializados em religião ou, quando não trazendo os próprios tesouros antigos de conhecimento cristão (Tesouros de conhecimento que traziam uma sistematização ou orientação a respeito de doutrinas e crenças cristãs) como itens recuperados, ou trabalhos que tratavam esses tesouros como tema para uma nova interpretação ou abordagem.

No dia 21 de janeiro de 2020 foi enviado um e-mail para a Library of Congress através da página <https://loc.gov/>, clicando-se na opção “*Contact*” no menu encontrado ao lado do

² Disponível em:

<http://vocabularies.unesco.org/browser/thesaurus/en/page/?uri=http://vocabularies.unesco.org/thesaurus/concept/295>

campo de busca, seguindo-se o caminho “*Ask a Librarian > Ask a General Question*” que abriu uma aba com campos para a inserção de dados como o nome de quem pergunta, bem como para o seu e-mail e para a questão em si. A pergunta efetuada foi: “*I would like to know if there is a specific theological thesaurus, or thesaurus for religion or for Christianity. And if so, what would they be and how could I find them?*”³. Quem respondeu foi Cheryl Adams, que segundo o próprio e-mail é uma especialista em referência nos assuntos de religião, filosofia e psicologia. A resposta obtida foi: “*This is in response to your inquiry concerning a theological/religion/Christian thesaurus. There are certainly many books that contain theological terms with definitions, but I don't see many that would provide synonyms in this area of study unless you were looking for something that provided the word in another language. Can you tell me more about what you are seeking? If you want online dictionaries and encyclopedias, you might want to look at [this page of options from the Religious Studies Web Guide](#). You will see that there are many options here for theology in general or for a specific religion, including Christianity. I will close this question, but should you wish to reply, it will open immediately in my box. I hope that these suggestions are helpful!*”⁴ Logo, uma segunda pergunta foi feita: “*I would like to know if there is a specific theological thesaurus, or thesaurus for religion or for Christianity. And if so, what would they be and how could I find them?*”⁵. A resposta obtida, então, foi: “*Hello - Thank you for your reply. I am still not quite clear on what you mean by thesaurus. One can [search WorldCat](#) for the following to see what you obtain for results. These seem more to be indexes than anything else. Perhaps it's worth a try. This will provide you with results from thousands of libraries. religion thesaurus; Christianity thesaurus; theology thesaurus. Hope this helps!*”⁶ Como se pode observar, a

³ Em tradução livre: “Gostaria de saber se existe um tesouro teológico específico, ou tesouro para religião ou para cristianismo. E se sim, quais seriam e como eu poderia encontrá-los?”

⁴ Em tradução livre: “Em resposta a sua pergunta sobre um tesouro teológico/religioso/cristão. Certamente existem muitos livros que contêm termos teológicos com definições, mas não vejo muitos que forneçam sinônimos nesta área de estudo, a menos que você esteja procurando por algo que forneça a palavra em outro idioma. Você pode me falar mais sobre o que você está procurando? Se você quiser dicionários e enciclopédias on-line, talvez queira consultar esta página de opções do Guia da Web de Estudos Religiosos. Você verá que há muitas opções aqui para a teologia em geral ou para uma religião específica, inclusive o cristianismo. Vou fechar esta pergunta, mas se você quiser responder, ela abrirá imediatamente na minha caixa. Espero que essas sugestões sejam úteis!” !

⁵ Em tradução livre: “Gostaria de saber se existe um tesouro teológico específico, ou tesouro para religião ou para cristianismo. E se sim, quais seriam e como poderia encontrá-los?”

⁶ Em tradução livre: Olá - Obrigado pela sua resposta. Ainda não está muito claro sobre o que você quer dizer com tesouro. Dá pra pesquisar no WorldCat para ver o que você obtém resultados. Estes parecem ser índices melhores do que quaisquer outros. Talvez valha a pena tentar. Isso fornecerá resultados de milhares de bibliotecas. tesouro

bibliotecária Cheryl não compreendeu bem o conceito de tesouro nos termos procurados por este trabalho, e então, a conversa foi aqui encerrada.

No mesmo dia, uma tentativa de contato também foi feita com a Biblioteca Apostólica Vaticana, através do sítio <https://www.vaticanlibrary.va/>, acessando-se a opção *LA BIBLIOTECA > “CONTATTI E UFFICI” > BIBLIOTECA APOSTOLICA VATICANA > contatta per email > CONTATTACI*, onde foram preenchidos os campos de e-mail e confirmação de e-mail, destinatário - opção Biblioteca Apostólica Vaticana - e encaminhada a seguinte pergunta: *“I would like to know if there is a specific theological thesaurus, or thesaurus for religion or for Christianity. And if so, what would they be and how could I find them?”*⁷. Não houve nenhuma resposta desta biblioteca.

Foi efetuada também uma tentativa de contato com o Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) através do sítio <https://www.cnbb.org.br/>, opção “fale conosco” encontrada no final da página, que abriu uma nova página com os campos assunto, nome, telefone, e-mail e o campo para a exposição da dúvida a serem preenchidos. Devido à natureza desta instituição, aqui a busca foi por bibliotecas religiosas que pudessem responder a dúvida sobre a existência e utilização de tesouros por elas. A questão feita foi a seguinte: “Existe alguma rede de bibliotecas ou uma biblioteca específica que seja vinculada à Igreja Católica no Brasil?”. Não houve resposta desta Instituição também. Algumas tentativas de contato foram feitas por telefone também através do número +55 61 2103-8300, mas não houve sucesso em encontrar alguém que pudesse satisfazer a dúvida.

A última instituição com quem foi estabelecida uma tentativa de contato foi o Instituto Mackenzie. No sítio oficial do instituto (<https://www.mackenzie.br/>) foi encontrado o telefone da unidade “Universidade - São Paulo”, + 55 61 2114-8000, por onde foi solicitado o telefone da Biblioteca George Alexander. Adquirido o telefone da biblioteca (+ 55 11 2114-8316), foi estabelecido o contato com o bibliotecário Eliézer, que gentilmente forneceu a informação de que a sua biblioteca utilizava o tesouro da *Atla Religion Database*, distribuída pela EBSCOHost, e responsável pelas versões impressas do tesouro *Religion Indexes: Thesaurus* (a última edição impressa, de 1994).

de religião; tesouro do cristianismo; tesouro de teologia. Espero que isto ajude!

⁷ Em tradução livre: “Gostaria de saber se existe um tesouro teológico específico, ou tesouro para religião ou para cristianismo. E se sim, quais seriam e como poderia encontrá-los?”

Tentativas de acesso ao *Atla Religion Database* foram estabelecidas. No dia 12 de fevereiro de 2021 foi enviado um e-mail para a Atla a respeito da possibilidade de se obter acesso à plataforma através do sítio oficial da Atla - <https://www.atla.com/> -, na opção CONTACT US. Esta opção abriu uma nova página com informações como endereço e telefone, além de campos para o envio de e-mails. Os campos preenchidos foram o de nome, o de endereço de e-mail, telefone, assunto, mensagem e tipo de consulta, com a opção “*Atla Digital Library*” selecionada. O conteúdo do e-mail foi o seguinte: *Hello! My name is Jhonathas Marques Souza and I am a library science student at the University of Brasília, in Brazil. I am also a former seminarian at the Biblical Institute of the Assemblies of God (IBAD). I am concluding my graduation, and my final work will address the theme of theological thesaurus, and I ended up researching your thesaurus. I would like to know if it is possible for me to have access to your thesaurus so that I can study it as a researcher. I would be too grateful for that possibility. I await your contact*⁸. e a resposta obtida foi: *Dear Jhonathas, Thank you for contacting Atla regarding online subscriptions to Atla's research databases.? Atla products and partner products are available on the EBSCOhost research interface for students, scholars, and researchers to access through subscribing libraries worldwide. Please note that access to Atla products and partner products is not available through the Atla website, and membership in our professional association does not include access to our products. You may have a few options to access Atla research tools. Free Access Options Many academic institutions subscribe specifically to Atla Alum products to serve their alumni. Check to see if your alma mater(s) subscribes to Atla Religion Database for Alum, Atlas for Alum, or Atlas PLUS for Alum. If you are currently enrolled as a student, contact your library to confirm if they subscribe. Access to our paid-subscription research tools may be provided through your library's website. You may have free access to Atla research tools by visiting your local college, university, or seminary library. Ahead of your visit, you may wish to contact these academic libraries that subscribe to Atla's databases to confirm their on-site guest user policy. Paid Access Options If you are a member of the clergy or administrative staff member of a church or congregation of worship, you may individually subscribe to Atlas or Atlas PLUS on the*

⁸ Em tradução livre: “Olá! Meu nome é Jhonathas Marques Souza e sou estudante de Biblioteconomia na Universidade de Brasília, no Brasil. Também sou ex-seminarista do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD). Estou concluindo minha graduação, e meu trabalho final abordará o tema tesouro teológico, e acabei pesquisando seu tesouro. Gostaria de saber se é possível ter acesso ao seu tesouro para poder estudá-lo como pesquisador. Eu ficaria muito grato por essa possibilidade. aguardo seu contato.”

EBSCOhost research interface. Subscriptions are handled directly through EBSCO, including orders, payments, licenses, and account set-up/logins. If you are interested in subscribing, contact EBSCO for pricing. For more information on access options for Atla research tools, please visit the Atla website. If you have any questions, please let me know. Best wishes, Ana. Ana Cackley⁹.

Ainda no dia 12, foi estabelecido o contato por e-mail com o setor de Referência da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE - UnB) através do bibliotecário Marcelo, para verificar o fornecimento de produtos da EBSCO. Como aqui mais de uma dúvida foi tirada em um mesmo e-mail, nas conversas com a BCE - UnB apenas o conteúdo referente à questão será registrado, não aparecendo o conteúdo integral dos e-mails. A primeira mensagem foi: *Gostaria de saber se a UnB tem acesso à base de dados EBSCO.* A resposta obtida foi: *Temos sim! mas este acesso é fornecido via Portal de Periódicos da CAPES.* Após o acesso ao portal de Periódicos da CAPES cujo endereço eletrônico é <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>, e tendo sido o login devidamente efetuado, na faceta “BUSCA”, selecionada a opção “Buscar base”, abriu-se o campo de busca por título onde foi inserido o termo “ebSCO” com a opção “Contém a palavra” marcada. Dezenove resultados foram recuperados, embora nenhum deles correspondesse à Atla. Selecionando-se a primeira opção recuperada (*Academic Search Premier - ASP (EBSCO)*), uma nova aba no navegador foi aberta, direcionando a pesquisa à página inicial do sítio da *EBSCOhost*. Nesta página foi selecionada

⁹ Em tradução livre: “Prezado Jhonathas, Obrigado por entrar em contato com a Atla sobre as assinaturas online dos bancos de dados de pesquisa da Atla.? Os produtos Atla e os produtos de parceiros estão disponíveis na interface de pesquisa do EBSCOhost para acesso de estudantes, acadêmicos e pesquisadores por meio de assinaturas de bibliotecas em todo o mundo. Observe que o acesso aos produtos da Atla e produtos de parceiros não está disponível no site da Atla, e a filiação à nossa associação profissional não inclui o acesso aos nossos produtos. Você pode ter algumas opções para acessar as ferramentas de pesquisa do Atla. Opções de acesso gratuito Muitas instituições acadêmicas se inscrevem especificamente nos produtos Atla Alum para atender seus ex-alunos. Verifique se sua universidade assina Atla Religion Database for Alum, Atlas for Alum ou Atlas PLUS for Alum. Se você estiver matriculado como aluno, entre em contato com sua biblioteca para confirmar se eles assinam. O acesso às nossas ferramentas de pesquisa de assinatura paga pode ser fornecido por meio do site da sua biblioteca. Você pode ter acesso gratuito às ferramentas de pesquisa do Atla visitando sua faculdade, universidade ou biblioteca do seminário local. Antes de sua visita, você pode entrar em contato com essas bibliotecas acadêmicas que se inscrevem nos bancos de dados da Atla para confirmar sua política de usuário convidado no local. Opções de acesso pago Se você for um membro do clérigo ou membro da equipe administrativa de uma igreja ou congregação religiosa, você pode se inscrever individualmente no Atlas ou no Atlas PLUS na interface de pesquisa do EBSCOhost. As assinaturas são tratadas diretamente pela EBSCO, incluindo pedidos, pagamentos, licenças e configuração/logins de conta. Se você estiver interessado em assinar, entre em contato com a EBSCO para saber os preços. Para obter mais informações sobre as opções de acesso às ferramentas de pesquisa do Atla, visite o site do Atla. Se você tiver alguma dúvida, por favor me avise. Felicitações, Ana. Ana Cackley.

a opção “Escolher base de dados, que abriu uma caixa de diálogo do próprio navegador com 23 opções de bases que poderiam ser acessadas, porém nenhuma correspondia à *Atla Religion Database*. Um segundo contato com a BCE - UnB foi então estabelecido: *Entrei em contato anteriormente para saber a respeito do acesso à base de dados da EBSCO. Consegui o acesso, porém não encontrei o que procurava. Quando entro na EBSCO host, ela oferece o acesso a 23 bases de dados diferentes, mas eu estou procurando o acesso à base de dados Atla, comercializados por eles. Em último grau, eu estou interessado em ter acesso ao tesouro teológico deles. Seria possível conseguir esse acesso?* E a resposta obtida foi: *É, infelizmente essa coleção da EBSCO não está acessível para nós pela CAPES. A solicitação pode ser feita via CAPES ou via departamento. Via CAPES pode entrar como sugestão de compra futura. Pelo departamento do seu curso, a solicitação de compra virá para o setor de compras da BCE, que orientará como deve ser feito o processo.*

No dia 01 de março de 2021, como uma última tentativa de se obter acesso ao tesouro da Atla, por três vezes foi requisitado uma solicitação de avaliação do produto através do site <https://www.ebsco.com/products/research-databases/atla-religion-database-atlaserials>, na opção “*Request trial*”, que abre uma página com campos a serem preenchidos para o pedido. Os campos são: Nome e sobrenome, e-mail profissional, nome da instituição, ramo (“acadêmico” selecionado), país, telefone e o campo de descrição da mensagem. A mensagem foi: *Hello! I am a library science student at the University of Brasília (UnB), in Brazil. I am concluding my graduation, and my final work will address the theme of theological thesaurus, and I ended up finding your thesaurus. I would like to know if it is possible for me to have access to your thesaurus so that I can study it as a researcher. If I get this access, I commit to dedicating a chapter in my monograph to the evaluation of your thesaurus. I would be too grateful for that possibility. I await your contact.*¹⁰ Como resposta, houve um e-mail para a confirmação do e-mail do solicitante, devidamente respondido. Porém, nenhuma outra resposta da EBSCO foi obtida.

Diante das diversas tentativas para localizar o tesouro, seguiu-se para a elaboração do tesouro de teologia protestante.

¹⁰ Em tradução livre: “Olá! Sou estudante de Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB), no Brasil. Estou concluindo minha graduação, e meu trabalho de conclusão de curso abordará o tema do tesouro teológico, e acabei encontrando o seu tesouro. Gostaria de saber se é possível ter acesso ao seu tesouro para poder estudá-lo como pesquisador. Se obtiver este acesso, comprometo-me a dedicar um capítulo da minha monografia à avaliação do seu tesouro. Eu ficaria muito grato por essa possibilidade. Aguardo seu contato.”

3.1 Sistemas de Organização de Conhecimento (SOC's)

Dentro da Ciência da Informação (CI), e, mais especificamente, dentro da Biblioteconomia, existe um campo de estudo que pretende cuidar das estruturas de organização e representação do conhecimento: a Organização do Conhecimento, ou, em inglês, *Knowledge Organization* (KO).

Apesar de a Organização do Conhecimento poder ser observada por meio de perspectivas mais amplas e até mesmo fora da Ciência da Informação, aqui ela descreve basicamente os serviços aplicados ao cuidado dispensado por um profissional a um acervo de livros ou documentos diversos, existindo aí uma divisão importante entre processos e sistemas. Os Processos de Organização do Conhecimento - *Knowledge Organization Process* (KOP) abrangem os processos de classificação, a indexação, a catalogação e a análise de assuntos, enquanto os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) - ou, em inglês, *Knowledge organization Systems* (KOS) - representam um levantamento de conceitos com relações semânticas entre termos que os representam, como os vocabulários controlados, lista de cabeçalhos de assunto, sistemas de classificação, taxonomias, tesouros etc. (HJORLAND, 2016, p. 475).

Os SOC's podem ser definidos como “sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos”, objetivando a padronização terminológica para facilitar a organização e recuperação da informação. (CARLAN; MEDEIROS, 2011, p. 54).

Alguns conceitos dentro dos SOC's são fundamentalmente importantes para que se obtenha uma compreensão sobre elas:

- Pré-coordenação: sistema de recuperação da informação em que os termos devem ser dispostos em sequência, implicando que o primeiro termo a aparecer é mais importante que o próximo, e assim sucessivamente. Não representa com nitidez a multidimensionalidade de relações entre termos, o que acaba por dificultar a combinação de termos no momento em que se exerce uma busca (LANCASTER, 2004, p. 50).
- Pós-coordenação: é um sistema de recuperação da informação que permite uma combinação aleatória entre termos; não existe prioridade ou preferência entre

um termo e outro, e a multidimensionalidade das relações entre os termos é preservada (LANCASTER, 2004, p.38, 39).

- Exaustividade: refere-se ao número de termos que representam um documento, abrangendo, de modo mais completo, o conteúdo temático de um documento. Quanto mais termos são utilizados representando estes temas, mais exaustiva será a indexação (LANCASTER, 2004, p. 27, 28).
- Especificidade: um documento deve ser indexado pelo termo mais específico, que o descreva mais completamente. Não havendo um termo que, sozinho, expresse a representação temática, ela deve ser buscada por meio da combinação de termos (LANCASTER, 2004, p. 34).

3.2 Tipos de Sistemas de organização de conhecimento

Os sistemas de organização do conhecimento fazem parte de um processo histórico que busca facilitar a classificação e a indexação. A seguir encontram-se apresentados alguns tipos de SOC's

3.2.1 Listas de cabeçalhos de assuntos

Listas de cabeçalhos de assuntos ou índices de assunto são listas de termos - formados por uma palavra ou compostos, como expressões, por exemplo - que representam os documentos. É um tipo de vocabulário controlado com uma estrutura pré-coordenada, ou seja, permitem a “criação” de indexadores combinando vários termos e expressões para descrever o conteúdo de cada documento, agrupando-os pelas suas semelhanças. (HARPRING, 2016, p. 46).

Segundo Cesarino e Pinto (1978), os cabeçalhos costumam apresentar algumas características definidas:

- Linguagem muito estruturada e coordenada que oferece possibilidades limitadas de modular uma pesquisa;
- São sistemas fechados de recuperação da informação, obedecendo termos que devem ser escolhidos de dicionários já existentes (linguagem natural);
- Exerce uma função prescritiva;

- Costumam ser linguagens não-hierárquicas;
- Oferecem pouca possibilidade de síntese, já que costumam ser enumerativos;
- Em geral, seu arranjo é alfabético;
- Linearidade - é unidimensional: só é recuperada por meio da forma exata com que a entrada do documento foi efetuada.

3.2.2 Sistemas de Classificação

São esquemas de classificação por assuntos hierarquicamente delimitados que esgotam o máximo possível um assunto. Nas palavras de Barbosa (1969), um sistema de classificação:

É um conjunto de agrupamento de assuntos coordenados e subordinados por determinadas características [...]. As classes maiores são chamadas de classes principais. Cada classe se subdivide em grupos chamados divisões, cada divisão em subdivisões, cada subdivisão, em seções, e assim por diante até que o assunto se torne extremamente específico. A apresentação gráfica dessas classes, divisões, seções etc., constitui o esquema de classificação. (BARBOSA, 1969, p. 23)

Ranganathan (2009), em seu livro *As Cinco Leis da Biblioteconomia*, ressalta que uma classificação, além da exaustividade de um tema, deve abranger o saber do passado e do presente no mais alto grau, possibilitando que um assunto qualquer possa nela ser introduzido sem que as sequências já estabelecidas sejam perturbadas. E para que essa regra seja obedecida, uma característica salutar da classificação e por ele enaltecida é a notação decimal em sistema numérico. Este esquema possibilita a expansão ou proliferação de subdivisões sem fim, sempre que necessário (RANGANATHAN, 2009, p. 252).

Os mais conhecidos e mundialmente difundidos exemplos deste sistema são a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU).

3.2.3 Taxonomias

A taxonomia é uma estrutura que organiza a informação da maneira hierárquica utilizando a relação gênero-espécie, elencando como base da estrutura sempre os termos mais genéricos, que se especificam a cada novo subnível que é criado e vinculado ao termo anterior (VITAL; CAFÉ, 2007, p. 4).

Essa estrutura tem sua origem na organização das ciências biológicas, sendo utilizada pela primeira vez pelo biólogo suíço Augustin Pyrame de Candolle em 1778, quando ele classificou e ordenou todas as espécies de plantas conhecidas, mais de 80.000 espécies. Foi empregada também pelo médico e botânico sueco Carolus Linnaeus, - ou Karl von Linné - (VITAL; CAFÉ, 2007, p. 4), que organizou com esse método organismos vivos durante o século XVIII, e seu trabalho ficou conhecido como Taxonomia de Lineu. Ele utilizou “uma nomenclatura binominal dos seres vivos, identificando de forma unívoca as espécies (filos, classes, ordens, famílias, gênero e espécies), resolvendo os problemas de comunicação produzidos pela variedade de nomes locais”. (MACULAN; LIMA; PENIDO, 2011, p. 241-242).

A respeito do significado do nome, existe uma divergência: Vital e Café (2007, p. 4) definem a etimologia do nome “taxonomia” como advindo dos substantivos gregos *taxis* = “ordem” e *onoma* = “nome”, enquanto Maculan, Lima e Penido (2011, p. 241) definem a origem do nome como advinda do verbo grego *tassein* = “para classificar” acrescido do substantivo *nomos* = “lei, ciência ou administrar”.

Apesar da origem “biológica” da taxonomia (utilizada com os segmentos filos, classes, ordens, famílias, gênero e espécies), nas Ciência da Informação, as classes se apresentam seguindo uma ordem lógica apoiada em princípios da classificação, e têm como objetivo servir de instrumento para a organização e recuperação da informação, e tem sido largamente aplicada na gestão do conhecimento no campo dos negócios e na web semântica (CAMPOS; GOMES, 2008, p. 3).

Campos e Gomes (2008, p. 3-9) estruturam princípios básicos extraídos da teoria da classificação facetada de Ranganathan, para a construção de taxonomias:

- Categorização: a temática escolhida deve ser pensada a partir das classes de maior abrangência, analisando-se o domínio a partir de características mais amplas que permitem determinar a identidade dos conceitos.
- Cânones: representam as regras e princípios para a construção das classes. Estas classes são divididas em dois tipos, a saber, *cadeias* e *renques*. As cadeias são séries verticais de conceitos adquiridos a partir da resposta a dois tipos de perguntas, que definem o seu tipo. As *cadeias genéricas* respondem à pergunta “é tipo de?”, enquanto as *cadeias partitivas* respondem às perguntas “é parte de?” - caracterizando uma *cadeia crescente* -, ou, “é todo de?” - *cadeia decrescente*. Já os renques são séries horizontais de conceitos de mesmo nível.

Podem ser partitivos ou genéricos, e respondem à pergunta “são elementos partitivos ou específicos da classe maior?”.

- Princípios: enquanto os cânones se preocupam com a construção da classe, os princípios lidam com a ordenação das classes e de seus elementos. Campos e Gomes (2008) apresentam oito tipos, que são o *Princípio do Posterior no Tempo* - recorrente em fenômenos -, o *Princípio do Posterior-na-Evolução* - que lida com processos evolutivos -, os *Princípios da Contiguidade Espacial* - que ordena os elementos de um todo em uma sequência linear -, os *Princípios para Medida Quantitativa* - que lida com a quantidade -, o *Princípio da Complexidade Crescente* - que ordena uma série horizontal em ordem crescente, se for o caso -, o *Princípio da Sequência Canônica* - que consagra a tradição -, o *Princípio da Garantia Literária* - que estabelece uma ordem decrescente de acordo com a quantidade de documentos publicados em determinado assunto -, e, finalmente, o *Princípio da Ordem Alfabética* - que deve ser preterido quando nenhum dos outros puder ser aplicado. Campos e Gomes (2008) ressaltam que os princípios a serem utilizados devem levar em consideração os propósitos, os documentos agregados, a comunidade atendida e o software disponível, não sendo exigido a utilização de todos eles ao mesmo tempo.

3.2.4 Ontologias

As ontologias são objetos de estudo de diferentes áreas do conhecimento, como a linguística, a documentação, os SOC's, a engenharia de software, a websemântica, e a Inteligência Artificial. (SANCHÉZ-CUADRADO *et. al.*, 2007, p. 563).

Ontologia é um termo que tem sua origem na filosofia, e traz consigo o significado etimológico de “o estudo do ser” (do grego *onto* = ser e *logia* = estudo). Ela se debruça sobre compreender aquilo que existe, bem como a substância da qual o que existe é feito. O filósofo alemão Edmund Husserl definiu a ontologia como a "ciência das essências", divididas em formais - as ciências que buscam as essências - e materiais - ontologias que se ocupam dos fatos (VITAL; CAFÉ, 2011, p. 118).

Porém, na Ciência da Informação, este sentido de ontologia é mudado, significando, agora, uma proposta de classificação de objetos em categorias, “na perspectiva do sujeito e da

linguagem do domínio” (VITAL; CAFÉ, 2011, p. 118). A ontologia faz associação (relação) entre termos, onde essas relações acabam por formar uma rede ou uma “teia” de conceitos, organizando o conhecimento por meio de um aspecto lógico semelhante ao pensamento humano, assim como a mente humana, de acordo com Vital e Café (2011, p. 122), que convergem com o pensamento de Almeida e Bax quando afirmam que “as ontologias permitem formas de representação baseadas em lógica” (ALMEIDA; BAX, 2003, p. 17).

[...] ontologia se refere a um artefato constituído por um vocabulário usado para descrever uma certa realidade, mais um conjunto de fatos explícitos e aceitos que dizem respeito ao sentido pretendido para as palavras do vocabulário. Este conjunto de fatos tem a forma da teoria da lógica de primeira ordem, onde as palavras do vocabulário aparecem como predicados unários ou binários. (GUARINO, 1998 apud ALMEIDA; BAX, 2003, p. 9).

Uma ontologia é formada por alguns componentes básicos: **classes** (que utilizam uma taxonomia para se estruturar), **relações** (que retratam a interação entre os conceitos de um domínio), **axiomas** (que designam sempre premissas verdadeiras) e **instâncias** (que representam os elementos individuais e específicos) (VITAL; CAFÉ, 2011, p. 119).

O vocabulário formado por predicados lógicos forma a rede conceitual que confere o caráter intensional às ontologias. A ontologia define as regras que regulam a combinação entre os termos e as relações. As relações entre os termos são criadas por especialistas, e os usuários formulam consultas usando os conceitos especificados. Uma ontologia define assim uma “linguagem” (conjunto de termos) que será utilizada para formular consultas. (ALMEIDA; BAX, 2003, p. 9).

Essa linguagem - como aparece na citação acima - possibilita a interação entre o homem e a máquina. As regras propostas por uma ontologia constroem um vocabulário comum entre pesquisadores que precisam compartilhar informações em um domínio, inclusive com termos entendidos por softwares que podem interpretar conceitos dentro de um domínio e a relação entre termos. É criado, então, uma interação entre homem e máquina, possibilitando que programas consigam responder dúvidas de usuários em um sistema de informação. (SCHIESSL, 2007, p. 176)

Porém, Schiessl (2007, p. 175) ressalta que aquilo que é definido numa ontologia está limitado à cosmovisão de quem a elabora, entre modelo e referente real, possuindo simplificações e imperfeições na representação da realidade.

3.3 Tesouros

3.3.1 Histórico sobre os tesouros

Durante o século XX, o mundo experimentou um crescimento fenomenal no que se refere à confecção, utilização, armazenamento e recuperação da informação. Uma sociedade alimentada pela disseminação da informação promovida pela utilização da prensa de tipos móveis de Gutenberg e herdeira da Revolução Industrial, de repente descobre mais um meio colossal de produção e propagação da informação: a guerra. Não apenas uma guerra, mas duas. E não apenas duas guerras locais, mas as duas maiores guerras já registradas na história da civilização humana: a primeira e a segunda guerras mundiais. Este cenário fez com que os profissionais de informação começassem a repensar tudo o que sabiam sobre esta e propusessem novas perspectivas e olhares sobre o seu objeto de trabalho - a informação. Currás (1995, p. 77) afirma que, desde então, os conceitos de informação e de documento passaram a ser enxergados como termos diferentes, significando coisas diferentes. O conteúdo informacional não deveria ser confundido com o suporte que o continha. E ainda “era necessário, pois, dividir a bibliografia em partes e ordená-las sistematicamente (CURRÁS, 1995, p. 77).

Com o advento das novas tecnologias estimuladas pelas guerras e desenvolvidas durante elas ou posteriormente, “as classificações por assunto existentes tornaram-se demasiadamente rígidas e excessivamente estáticas para enquadrar nelas novas invenções e descobertas, os novos conceitos, os novos termos que apareciam diariamente” (CURRÁS, 1995, p. 77), tornando necessária a aparição de uma nova estrutura de classificação, de maneira que os termos pudessem ser relacionados de forma lógica, transformando-se em uma linguagem mais especializada e, conseqüentemente, menos natural. Tem-se, aqui, a origem de termos como linguagem controlada, linguagem normalizada e linguagem documentária (CURRÁS, 1995, p. 77-78). Apresenta-se, então, o Tesouro, como um modelo de instrumento decorrente dessa nova necessidade.

A palavra “tesouro” é a mesma em português ou espanhol; resulta da palavra latina *Thesaurus* - aplicada sem modificações na língua inglesa - que significa “tesouro”, e é utilizada com o sentido de designar um léxico ou um “tesouro de palavras” (CAMPOS, 2001, p. 87-88; CURRÁS, 1995, p. 84).

Currás (1995) faz o levantamento de três definições primordiais sobre o termo “tesauro”:

- No *Shorter Oxford Dictionary*, 1736, tem-se que: é um tesouro, um depósito de conhecimentos, como um dicionário, uma enciclopédia ou obra semelhante (CURRÁS, 1995, p. 84).
- No *Webster's American Dictionary*: Um livro de palavras ou informações sobre determinado assunto, ou um conjunto de conceitos, especialmente um dicionário de sinônimos (CURRÁS, 1995, p. 84).
- Na obra “*Thesaurus of English Words and Phrases*”, de Peter Mark Roget, 1852, tem-se: Uma coleção de palavras e frases ordenadas, não em ordem alfabética, como em um dicionário, mas de acordo com as ideias que representam. (CURRÁS, 1995, p. 84).

A respeito deste último item, Campos (2001) ressalta que o subtítulo da obra de Roget declara a intenção do autor quanto à sua utilização: “palavras classificadas e arranjadas para facilitar a expressão das ideias e para ajudar na composição literária” (CAMPOS, 2001, p. 87-88). O conceito de *Thesaurus* como se tem hoje deriva-se, sobretudo, dessa interpretação de Roget, onde há uma ideia, devendo-se procurar por palavra ou palavras que representem mais especificamente essa ideia (CURRÁS, 1995, p. 84).

Voltando ao pós-guerra, na década de 1950, Howerton foi um dos primeiros a conceitualizar um tesauro, e o define como “uma lista autorizada, que pode conduzir o usuário de um conceito a outro, por meio de relações heurísticas ou intuitivas. Pode-se usar a lista manual ou mecanicamente, para indicar cabeçalhos de indexação” (CURRÁS, 1995, p. 85). Quanto à primeira utilização da palavra “*Thesaurus*” como o instrumento que se conhece hoje, há muita divergência. Para Currás (1995), baseada em autores como Brian Vickery e Alan Gilchrist, a primeira aparição do termo é atribuída à Howerton e Helen Brown (1957), tendo esta última apresentado o termo durante o *Dorking Conference on Classification*. Mas a própria autora informa que existem publicações que citam Joyce e Neddham, em 1956, como cunhadores do termo, ou até mesmo Farradane, em 1952 (CURRÁS, 1995, p. 85, 92).

Para Campos (2001), o termo foi primeiramente utilizado por Hans Peter Luhn, em 1950 para nomear um sistema de palavras autorizadas com estrutura de palavras cruzadas que criara baseando-se no trabalho de Peter Mark Roget (CAMPOS, 2001, p. 89-90). Estabelecendo relações entre suas “palavras/ideias”, definindo “famílias de noções” que relacionavam os assuntos entre essas palavras, e a chamando de “*Thesaurus*”. Um novo tipo de linguagem

documentária havia sido criado: um “tesauro de recuperação de informação”, que utilizava apenas um termo, e que se contrapunha às listas de cabeçalhos de assuntos (CAMPOS, 2001, p. 90).

Se até a década de 1950 procurava-se entender e estruturar uma ideia de tesauro, as próximas duas décadas foram dedicadas a produzi-los. Campos (2001) - apoiada em Lancaster (1986) - apresenta que a evolução dos tesauros se deu por meio de duas vertentes: uma vertente baseada no Unitermo - de abordagem alfabética e de grande influência na América do Norte - e a outra baseada na Teoria da Classificação Facetada - de abordagem sistemática, mais difundida na Europa - Reino Unido. Apesar de essas vertentes serem claras na observação da evolução dos tesauros, a autora ressalta que, de acordo com Lancaster (1986), não se pode determinar exatamente quem influenciou quem (CAMPOS, 2001, p. 91-92).

A vertente americana foi baseada no Sistema Unitermo de Mortimer Taube de 1951. Esse sistema utilizava representação de assuntos por palavras únicas encontradas em um documento sem nenhum tipo de controle. E já que as entradas eram feitas à mão ou datilografadas em cartões e o número de termos era exponencialmente grande, o sistema passava a não funcionar corretamente. A solução apareceu com o emprego de computadores e a criação de um tesauro para fornecer controle ao sistema Unitermo (LANCASTER, 1986, p. 31).

Em 1960 foi publicado o *Thesaurus* da Armed Service Technical Information Agency (ASTIA), passando a ser chamado de Defense Documentation Center (DDC) - posteriormente -, acompanhado no ano seguinte pelo Instituto de Engenheiros Químicos. Em 1967 foi lançado o *Thesaurus of Engineering and Scientific Terms* (TEST), que unia essas duas instituições em um só projeto (Project LEX), mantida pela primeira e auxiliada pela segunda. As diretrizes para a construção de tesauros saíram deste projeto e foram atestadas e publicadas pelo *Committee on Scientific and Technical Information* (COSATI), que pertencia ao *U.S Federal Council for Science and Technology*, e era acompanhado de uma forte recomendação de que o governo americano seguisse as diretrizes deste comitê (LANCASTER, 1986, p. 32).

Lancaster (1986) considera que o primeiro padrão nacional para a construção de tesauros (ANSI - *American National Standards Institute* - Z39.19, de 1974) teve como origem todos estes projetos anteriores, e que também serviram para impulsionar a primeira versão da *Guidelines for the Establishment and Development of Monolingual Scientific and Technical Thesauri*, de 1970 (LANCASTER, 1986, p. 32).

A vertente europeia toma forma na Indexação Alfabética de Assuntos, de Coates, na publicação de *Preserved Context Indexing System*, de 1960 e na publicação do PRECIS -

Preserved Context Indexing System -, de 1974, índice impresso da Bibliografia Nacional Britânica e fundamentada na Teoria da Classificação de Ranganathan, de 1930. Essa teoria tem por pressuposto a categorização, oferecendo uma sintaxe melhor para organizar e recuperar informação em sistemas pré-coordenados. Ela passa, então, a ser usada não somente para a notação, mas para organizar os conceitos em dado campo do conhecimento. Foi trabalhada pelo *Classification Research Group* (CRG), um grupo de pesquisadores da informação fundado em 1952 e com sede em Londres (CAMPOS, 2001, p. 95-96). Esta teoria ficou conhecida como *Thesaurofacet*, e dividia-se em duas partes que se complementavam: a Tabela de Classificação Facetada e o Tesouro Alfabético, no qual o primeiro estrutura os conceitos mais amplos.

Em 1971, Alan Gilchrist - no Reino Unido - e Gernot Wersing - na Alemanha - publicaram obras que se dedicavam a explicar teorias para a confecção de tesouros, e que foram amplamente utilizadas como base para trabalhos posteriores (CURRÁS, 1995, p. 85).

Em 1976, a Unesco, por meio do programa Unisist, publicou manuais que definiam os tesouros segundo sua função - como instrumento de controle terminológico utilizado para levar os descritores da linguagem natural para um sistema linguístico - e sua estrutura - sendo um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados, semântica e genericamente, que cobrem uma área do conhecimento (CURRÁS, 1995, p. 86). Lancaster (1986) afirma que este manual e sua revisão, em 1979, culminaram no padrão ISO 5964, de 1985, e que suas diretrizes para tesouros monolíngues e multilíngues parecem ter influenciado o padrão ISO para tesouros monolíngues de 1983, a ISO 2788 (LANCASTER, 1986, p. 33).

No British Standards (BS 5723) para a construção de tesouros, Lancaster (1986) assegura haver alguma influência dos trabalhos anteriores, e que a segunda edição do Unisist, em 1981, sofreu grande influência das experiências americanas e britânicas (LANCASTER, 1986, p. 33).

Clarke e Zeng (2011) declaram que os princípios para a construção de tesouros foram consagradas na ANSI - Z39.19 e na ISO 2788 - esta como sendo a forma básica do primeiro padrão internacional sobre construção de tesouros e sucessora do *Guidelines for the Establishment and Development of Monolingual Scientific and Technical Thesauri*, de 1970 -, ambas de 1974, corroborando o pensamento de Lancaster (1986) de que os trabalhos anteriores foram uma grande influência para sua construção (CLARKE; ZENG, 2011, p. 20).

As autoras demonstram que houve falhas nos princípios que regiam os tesouros durante a década de 1970, e isso porque algumas percepções a respeito da construção da lógica computacional ainda não estavam claras. Por exemplo, naquele período, não existia uma distinção clara entre conceitos e termos - fator crucial para aplicação em modelo de dados

quando se busca aplicar tesouros na Web Semântica (CLARKE; ZENG, 2011, p. 20). Segundo elas, um conceito é algo abstrato e inteligível pela mente humana. Mas quando se pretende comunicar este conceito, ele somente pode ser feito por meio do emprego de termos. E termos, para que estejam ordenados, necessitam estar em ordem alfabética. Essa confusão se repetia na ISO 5964, na BS 5723, na BS 6723, e na ANSI /ISO Z39.19 (CLARKE; ZENG, 2011, p. 21).

A necessidade de se obter claramente esta distinção apareceu nitidamente com a propagação da Web no final dos anos 1990. A interação coordenada de máquinas com máquinas necessitaria de ajustes mais precisos nas definições destes conceitos. Além deste aspecto, a era digital estimularia o crescimento na produção de vocabulários controlados e o surgimento de tipos de vocabulários; exigiria também a aplicação de interoperabilidade para que a Web pudesse se sustentar; exigiria ainda a troca de dados entre tesouros em diversos tipos de mídia e de formatos, para a estruturação dos mecanismos de expansão de pesquisa e de filtragem na rede. Essas necessidades de interoperabilidade foram recomendadas em um Workshop de Tesouros Eletrônicos promovidos pela NISO (*National Information Standards Organization*) em 4 e 5 de novembro de 1999 (CLARKE; ZENG, 2011, p. 23).

Como resultado direto deste Workshop, saiu em 2005 a quarta revisão do padrão ANSI/NISO com o foco em “vocabulários controlados”, e não mais somente em tesouros - incluindo-se lista de termos controlados, anéis de sinônimos, taxonomias e tesouros. O mesmo aconteceu com o Z39.19, que mudou seu nome para *Guidelines for the Construction, Format, and Management of Monolingual **Controlled** Vocabularies* (com a ênfase dada pelos autores). A ISO 2788 concentrou o foco em conceito, embora ainda descrevesse a relação entre os termos. O BS 8723 - dividido em cinco partes que foram publicadas entre 2005 e 2008 -, mesmo com o foco nos tesouros monolíngues, apresenta outros tipos de vocabulários de forma mais genérica (esquemas de classificação, taxonomias, esquemas de títulos de assuntos, ontologias e listas de autoridade), juntamente com um esquema de XML - *eXtensible Markup Language*, tipo de linguagem de software para marcação de documentos (CLARKE; ZENG, 2011, p. 23).

O *World Wide Web Consortium* (W3C) declara interesse nas funções da Web, mais especificamente na Web Semântica. Para tanto, foi criada a recomendação W3C SKOS (*Simple Knowledge Organization Systems*), que oferece suporte para a publicação de vocabulários - como tesouros - na Web, e também distingue claramente conceitos dos rótulos que os representam. Lançado em 2005, o modelo SKOS *Core - W3C Working Draft* (SKOS *Core Vocabulary Specification*) apresenta objetos primitivos que são conceitos representados por rótulos. As relações semânticas entre os conceitos estão muito próximas às relações hierárquicas associativas dos tesouros. Em 2009, essa recomendação é substituída pela W3C

Recommendation SKOS Simple Knowledge Organization System Reference, onde o SKOS Core ganha uma extensão para etiquetas (SKOS-XL), fornecendo, também, suporte para a identificação, descrição e vinculação de entidades lexicais (CLARKE; ZENG, 2011, p. 23).

Entre 2011 e 2012 foi lançado um novo padrão internacional: a ISO 25964, que atualizou e substituiu as ISO 2788 e ISO 5964, bem como partes da BS 8723 (British Standard). Teve por referência o Workshop da NISO de 1999 e o modelo de dados e esquema da BS 8723, com o seu conteúdo abrangendo: conteúdo e construção de tesouros monolíngues e multilíngues; orientação sobre análises de facetas e tesouros; orientação sobre gerenciamento de desenvolvimento e manutenção de Tesouros; requisitos funcionais de softwares para gerenciar tesouros; modelo XML gratuito hospedado pela NISO. Este é o mais amplo trabalho sobre o assunto, e busca cobrir também a interoperabilidade entre diferentes tipos de esquemas - como esquemas de classificação, taxonomia, lista de cabeçalho de assuntos, lista de autoridades e anéis de sinônimos. Este trabalho determina a utilização de um termo preferido por conceito em cada idioma – embora não determine limite de termos não preferidos -, com notação, nota de escopo e relações associativas aplicando-se ao conceito como um todo, e não ao termo preferido, podendo ser também associado um identificador específico para cada conceito, o que contribui para a interoperabilidade. (CLARKE; ZENG, 2011, p. 25).

3.3.2 Metodologias de elaboração de tesouros

Existe na literatura vários manuais para elaboração de tesouros e as normas ISO. Para efeito deste tesouro foi selecionada, devido à facilidade de acesso a norma ISO 2788. A norma ISO 25964, embora seja a mais atualizada não está disponível sem custo e seu valor é alto para um aluno de graduação.

A ISO 2788 começa o seu texto introdutório ressaltando que índice de assuntos para recuperação de documentos, para ser eficiente, necessita de uma linguagem de indexação bem construída - mesmo os sistemas de computador que necessitam de decisões humanas. Para isso, o texto elenca três tarefas principais: a determinação dos assuntos de documentos, a seleção dos termos que resumem estes assuntos, e a indicação da relação entre os conceitos apresentados por estes termos (ISO 2788, 1986, p. 1).

Dois tipos de relações entre termos são definidos: a relação sintáctica ou *a posteriori* - em que um conjunto de termos resume o assunto de um documento; e a relação *a priori* ou

tesaural – na qual os termos designados para definir o assunto do documento são estabelecidos por trabalhos alheios ao documento, mas que podem ser reconhecidos por associação, como termos retirados de dicionários e enciclopédias. Também é definindo que a ISO 2788 se ocupa especialmente das relações do segundo caso. (ISO 2788, 1986, p. 1).

O texto segue afirmando que é, antes de tudo, uma recomendação, e não uma instrução obrigatória - já que muitas das decisões a serem tomadas na construção de um tesauro dependem, discricionariamente, do problema e da estratégia particular da instituição que produz o tesauro -, e que as técnicas encontradas nessa ISO são baseadas em princípios gerais e aplicáveis a qualquer área do conhecimento (ISO 2788, 1986, p. 1-2).

Seis características do documento são, então, apontadas: a busca em se produzir uma linguagem controlada a partir da linguagem natural - não se aplicando a fórmulas e equações; a utilização baseada no conceito de “termos preferenciais”; a ressalva de que essa ISO é indicada para sistemas que levem o “fator humano” em consideração – no qual o ser humano faz parte do processo de indexação; o esclarecimento de que o seu foco está na indexação de catálogos e bibliografias - e não em índices particulares de livros; a declaração de que esta ISO tem por objetivo a construção de tesouros monolíngues; e, por último, afirmação de que as referências oficiais para a construção desse documento foram a ISO 5963 e a ISO 5964 (ISO 2788, 1986, p. 2).

Algumas definições, então, aparecem:

- **Documento:** qualquer item acessível à catalogação e à indexação, ainda que não esteja em formato físico (não-impresso).
- **Linguagem de indexação:** termos - de origem da linguagem natural - que representam, de forma resumida, os assuntos dos documentos.
- **Tesauro:** vocabulário controlado que contém uma linguagem de indexação que dispõe, de maneira organizada e clara, as relações *a priori* entre conceitos.
- **Termo de indexação:** palavra - substantivo ou frase nominal, composta ou simples - que representa um conceito.
- **Termo preferencial:** o termo mais usado para representar um conceito específico - às vezes, conhecido como “descriptor”
- **Termo não-preferencial:** termo sinônimo ou semelhante ao termo preferencial, que não é utilizado na indexação, mas disponibilizado como um ponto de entrada - às vezes, conhecido como “não-descriptor”.

- **Termo composto:** termo de indexação - composto de mais de uma palavra – constituído por um termo principal e um termo modificador - composto ou não - que visa aumentar a especificação de um conceito.
- **Rótulo de nó:** termo “artificial” que não serve para a prática da indexação, mas que indica a base lógica na divisão de uma categoria - às vezes, conhecido como “indicador de faceta” (ISO 2788, 1986, p. 2-3).

Para a indicação dos termos e suas relações, as normas indicam o uso de abreviaturas e suas respectivas traduções a partir do idioma inglês (português, francês, alemão etc.) que indicam a relação ou função do termo ou da nota em questão. Apesar do que está detalhado no quadro 1 - Abreviaturas das siglas do tesouro e seus respectivos significados -, não há uma padronização rígida quanto ao uso dessas abreviaturas:

Quadro 1 – Abreviaturas das siglas do tesouro e seus respectivos significados.

Siglas	Significado	Referência	Objetivo
NE -	Nota Explicativa	ISO 2788	Indica o significado do termo para a linguagem controlada em uso
EM -	Empregar	ISO 2788	Termo preferencial quando da escolha entre sinônimos
USE	Use	ISO 2788	Termo preferencial quando da escolha entre sinônimos
EP -	Empregado para	ISO 2788	Termo sinônimo não-preferencial
TS -	Termo Superior	ISO 2788	Indica a classe mais abrangente diretamente ligada ao termo em uso
TG -	Termo Genérico	ISO 2788	Indica um conceito com significado mais abrangente
TGP -	Termo genérico – partitivo	ISO 2788	Indica um conceito que representa um topo
TE -	Termo específico	ISO 2788	Indica um conceito específico
TEP	Termo específico partitivo	ISO 2788	Indica a parte que integra o todo
TR	Termo relacionado	ISO 2788	Indica o termo que por algum motivo se relaciona a outro

Fonte: elaboração própria a partir do texto da ISO 2788 (1986, p. 2-3).

Também Na literatura é possível se encontrar as siglas NA para “nota de alcance” e UP para “usado para” (ao invés de empregado para).

Quanto à escrita, os termos preferenciais devem ser representados em “CAIXA ALTA”, e os termos não-preferenciais, em “caixa baixa”, à exceção de nome próprio - que exige a primeira letra em caixa alta - ou de acrônimo ou abreviação que venha a exigir letras maiúsculas (ISO 2788, 1986, p. 4).

Para que exista um controle eficaz de vocabulário e, em consequência, uma indexação eficaz, num tesouro - em contramão ao que é proposto em um dicionário, por exemplo - um termo é geralmente restrito a qualquer significado único. Se o termo por si só não exprime o sentido total do conceito, uma nota de escopo deve ser vinculada ao termo, definindo o significado pretendido, ou restringindo-o deliberadamente, diferenciando-o de outros significados para o propósito da indexação (ISO 2788, 1986, p. 4).

Um conceito pode vir a ser satisfatoriamente expresso por um ou mais sinônimos. Um termo preferencial, então, deve ser eleito, e todos os demais sinônimos devem ser integrados como não-descritores, funcionando como ponto de acesso aos usuários (ISO 2788, 1986, p. 4).

Algumas categorias gerais para a representação de conceitos por termos indexados são apresentadas e das quais um construtor de tesouros deve estar ciente – pois afetam procedimentos como a escolha entre formas plurais e singulares ou a aplicação de teste para a validação de uma hierarquia:

- Entidades concretas: coisas e suas partes físicas – como PÁSSAROS, MEMBROS, MICROFORMAS e REGIÕES MONTANHOSAS -, materiais e elementos físicos de composição – como ADESIVOS, BORRACHAS e TITÂNIO.
- Entidades abstratas: ações e eventos – como GLACIAÇÃO, GOLFE, MARKETING -; características das propriedades das coisas, materiais ou ações – como VELOCIDADE, NOTÍCIAS, PERSONALIDADE e VELOCIDADE -; disciplinas ou ciências – como ARQUEOLOGIA, QUÍMICA -; unidades de medida – como HERTZ e QUILOMETROS -; ou, ainda, entidades individuais ou “classes de um”, expressas com nomes próprios – como SRI LANKA ou ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (ISO 2788, 1986, p. 4-5).

As formas dos termos devem ser observadas a partir de alguns parâmetros:

- Substantivos e frases nominais: um termo deve, preferencialmente, ser constituído de um substantivo ou de uma frase nominal que podem ser:
 - Frases adjetivas – como, por exemplo, AVES MARINHAS – ou palavras que podem ser fatoradas em um substantivo com uma diferença

modificadora com função adjetiva – como FOOTBALL (futebol) ou MOTORWAYS (rodovias). Ou;

- Frases preposicionadas – como HOSPITAL PARA CRIANÇAS

Observação: caso uma parte de um termo composto funcione como item diferencial, este deve ser considerado como fonte potencial de termos extras para o tesouro. Quando esta parte for um adjetivo, ele deve ser substantivado, como em: AVES MARINHAS TR MARES – MARES TR AVES MARINHAS, ou em ESCOLAS PARA CRIANÇAS DEFICIENTES TR CRIANÇAS DEFICIENTES – CRIANÇAS DEFICIENTES TR ESCOLAS PARA CRIANÇAS DEFICIENTES.

- Adjetivos: podem ocorrer, mas devem ser evitados tanto quanto possível.
 - Aparecem em línguas nas quais o adjetivo precede o substantivo que modifica, ocorrendo como primeiro lugar no caso de termos compostos.
 - Em línguas nas quais o substantivo precede o adjetivo, pode-se fazer uma remissiva para frases nominais que contenham o adjetivo em questão.
- Advérbios: somente devem ser utilizados quando adquiriram significado especial dentro de um jargão. Não devem ser utilizados sozinhos.
- Verbos: não devem ser usados sozinhos, no infinitivo ou no particípio, preferindo-se substantivos ou a substantivação do verbo, como em DESTILAÇÃO, ao invés de DESTILAR.
- Abreviações e acrônimos: devem ser evitados como termos preferenciais, priorizando-se, antes, a forma completa do nome. No entanto, caso a abreviação ou acrônimo seja amplamente difundida dentro de um campo coberto pelo tesouro de tal modo que o seu nome literal seja desprezado ou ignorado, ele pode ser utilizado como termo preferencial. Ex.: UNICEF UP United Nations International Children's Emergency (Fundo das Nações Unidas para a Infância) – United Nations International Children's Emergency (Fundo das Nações Unidas para a Infância) USE UNICEF.

Em línguas onde a diferença entre plural e singular pode ser representada, a escolha entre um e outro como termo indexador pode ser influenciada por fatores como:

- Indexação pré-coordenada: na pré-coordenação, a ordem, a tipografia, a pontuação ou até mesmo o número podem influenciar a relação entre palavras, podendo alterar-se o significado do termo.
- Fatores culturais: diferentes comunidades linguísticas, usando determinado idioma, tendem a estabelecer tradições ou costumes distintos visando facilitar a utilização dos indexadores – como ao se escolher entre um e outro para se evitar ambiguidade.

Em instituições nas quais a utilização das formas singular e plural podem ser igualmente empregadas, o termo preferencial, em geral, está relacionado ao tipo de conceito que o termo representa. Como já visto, os termos podem ser separados entre os que representam entidades concretas e conceitos abstratos:

- Substantivos contáveis: aqueles que respondem à pergunta “Quanto?” – e não a “Quanto?” – podem ser expressos com termos no plural. Ex.: DOCUMENTOS, PINGUINS, PARTIDOS POLÍTICOS, JANELAS. No caso da escolha de termos para a representação de partes do corpo humano, caso haja a ocorrência de mais de um exemplar, estes também poderão ser representados pelo termo no plural. Caso não haja mais de uma parte igual, o termo prevalecerá no singular. Ex.: ORELHAS, MÃOS, PULMÕES, SISTEMA DIGESTIVO, CABEÇA, NARIZ.
- Substantivos incontáveis: aqueles que respondem à pergunta “Quanto?” – e não “Quanto?” – devem ser expressos no singular. Ex.: PINTURA, QUARTZO, VAPOR. Caso a comunidade atendida pelos usuários admita que certa substância ou material pertence a uma classe com mais de um membro, a classe deve ser expressa no plural. Ex.: PLÁSTICOS, VENENOS.
- Os nomes de conceitos abstratos como, por exemplo, entidades abstratas e fenômenos, propriedades, sistemas de crenças, atividades e disciplinas, devem usar a forma singular do termo. Ex.:

Entidades abstratas e fenômenos: PERSONALIDADE, INVERNO

Propriedades: FRAGILIDADE, OPACIDADE, SOLUBILIDADE

Sistemas de crenças: CATOLICISMO, XINTOÍSMO

Atividades: CORTE, IMIGRAÇÃO, RESPIRAÇÃO

Disciplinas: FÍSICA, SOCIOLOGIA

Entretanto, quando este conceito abstrato representa uma classe com mais de um membro, o termo que representa essa classe deve ser utilizado no plural. Ex.: REAÇÕES QUÍMICAS, CIÊNCIAS FÍSICAS, CONJUNTOS.

Quando o termo singular e plural representam conceitos diferentes, ambos os termos devem aparecer no tesouro, indicando-se a diferenciação entre os termos caso necessário. Ex.: BEM (virtude) vs BENS (propriedade). Neste caso, o qualificador constitui parte do termo indexador, não constituindo nota explicativa. Mas quando a ortografia do termo no singular difere da do termo plural de tal maneira que os termos devam ser separados por termos não-relacionados, deve ser oferecida uma referência da forma não preferencial. Ex.: *Mouse* (camundongo) USE *MICE* (camundongos).

- Homógrafos ou polissêmicos: são palavras com mesma ortografia e sentidos diferentes. Quando ocorrem na indexação, devem ser acompanhados de uma frase ou palavra qualificadora que deve se diferenciar do termo principal por meio de parêntesis. O qualificador não é uma nota explicativa, e aparece no tesouro como uma unidade. Ex.: BEAMS (irradiar) (radiação), BEAMS (viga, suporte) (estruturas), CRANES (grou, garça) (pássaros), CRANES (guindaste) (equipamentos de içar).
- A ortografia mais tradicional de um termo deve ser a adotada. Acaso existam variações comumente reconhecidas, deve-se fazer uma referência da forma não preferencial para a forma preferencial. Ex.: *Rumania* (Romênia) USE *ROMANIA*. *Roumania* (Romênia) USE *ROMANIA*.

Observação: sempre que possível, o tesouro deve utilizar um glossário ou dicionário pré-estabelecido, e se a escolha entre termos de diferentes ortografias é estabelecida por razões culturais (inglês americano ou britânico, por exemplo), a fonte escolhida deve aparecer na introdução e reforçada constantemente ao longo do tesouro.

- Palavras de origem estrangeira devem ser aceitas como neologismo. Caso haja uma palavra de tradução equivalente no vernáculo, a palavra mais amplamente difundida deve ser empregada como termo preferencial, e referências devem ser estabelecidas. Ex.: *X-RAYS* (raios X) **UP** *Micro-on rays* (raios X) –*Micro-on rays* (raios X) **USE** *X-RAYS* (raios X)

- Quando há transliteração – termo original advindo de outro sistema de escrita – uma Norma Internacional deve ser eleita e obedecida ao máximo para que se aplique a transliteração.
- Gírias e jargões podem ser indexadores quando:
 - O conceito é novo e originado em um grupo social, e não existe um termo equivalente amplamente divulgado. Ex.: **BYTE** (byte), **HIPPIES** (hippies).
 - A gíria ou jargão aparece como alternativa a um termo existente já estabelecido. O termo já estabelecido será o termo preferencial, e a gíria ou jargão, caso tão utilizada como o termo preferencial, deverá aparecer como termo não-preferencial. Ex.: **ASSOCIATION FOOTBALL** (associação de futebol) **UP soccer** (futebol) – *soccer* (futebol) **USE ASSOCIATION FOOTBALL** (associação de futebol).
- Metonímia: quando um nome ou a marca de um produto é reconhecidamente tão ou mais famoso que o produto que este nome representa, o nome genérico do produto deve ser admitido como termo preferencial, e o nome comercial ou metonímico deve ser introduzido como termo não-preferencial se sua inclusão puder ser usada como ponto de acesso no índice. Ex.: **AMIDO DE MILHO UP Maisena** – Maisena **USE AMIDO DE MILHO**.
- Nomes populares e nomes científicos: quando um objeto – animado ou inanimado – possui nomes populares e científicos, a forma mais provável de ser acessada pelo usuário deve ser empregada. Em um índice geral, o termo **PINGUIM** pode servir como termo preferencial, ao passo que em um tesouro de aves marinhas este termo se torna bastante genérico, devendo ser utilizado como termo preferencial o nome científico de cada raça de pinguim.
- Nomes de lugares: quando regiões geográficas recebem mais de um nome em uma comunidade linguística, ou possuem nomes populares e nomes oficiais – como **HOLANDA** e **PAÍSES BAIXOS** -, o nome mais familiar aos usuários deve ser adotado como termo preferencial. Caso sejam igualmente disseminados, o termo oficial deve ser adotado. Referências recíprocas devem ser adotadas entre os termos preferenciais e não-preferenciais.
- Nomes próprios de instituições e pessoas: em geral são excluídos de tesouros. Mas quando ocorrem, devem seguir algumas regras:

- Nomes de instituições locais ou nacionais – que publicam seus documentos em uma única língua – devem ser empregados na sua forma não traduzida. Ex.: **ACADEMIE DES SCIENCES UP** Academia de ciências (Paris) – Academia de ciências (Paris) **USE** **ACADEMIE DES SCIENCES**.
- No caso de nomes de organizações internacionais ou instituições nacionais que publicam seus documentos em mais de uma língua, o nome mais difundido da tal organização deve ser empregado. Os outros nomes (mesmo em outras línguas) que lhe façam referência podem entrar no tesouro como termos não-preferenciais para facilitar o acesso aos usuários, quando o tesouro atende a diversas comunidades distintas. Ex.: **UNITED NATIONS UP** Nações Unidas – Nações Unidas **USE** **UNITED NATIONS**. **UN USE** **UNITED NATIONS** – **UNITED NATIONS UP UN**.
- Nomes próprios devem ser empregados em sua forma original. Entretanto, quando pessoas de feitos históricos alcançam fama internacional de modo que muitas línguas estabelecem uma forma própria de se referir a este personagem, então a forma traduzida é aceita como termo preferencial, e o nome original é referido como termo não-preferencial. Ex. **JOANA D’ARC UP** Jeanne d’Arc – Jeanne d’Arc **USE** **JOANA D’ARC**.

Notas explicativas e definições podem ser atribuídas a um termo: para delimitar o seu sentido; o seu propósito de indexação; seus significados possíveis dentro do tesouro; a data de adoção ou de elaboração ou redefinição de seu escopo; origem ou fonte do termo - em especial com neologismos; instruções dos indexadores aos usuários. Não são consideradas partes constitutivas dos termos que pretendem explicar, nem pretendem ser uma definição vernácula do termo, mas apenas indicar o uso do termo dentro de determinada linguagem de indexação. Também não são aplicadas a todos os termos do tesouro, já que a ideia de relacionar termos por meio de estrutura em um tesouro já costuma vincular sentido aos termos. Ex.: **DOCUMENTAÇÃO NE** - processo de armazenar e recuperar informação em todos os campos do conhecimento. Também devem distinguir-se tipograficamente dos termos aos quais são

anexadas Ex: MICROWAVE FREQUENCIES (frequências de microondas) NE 1 GHz to 300 GHz.

Como visto anteriormente, os termos compostos devem ser evitados tanto quanto possível; entretanto, são uma possibilidade válida dentro dos tesouros. Em um sistema pós-coordenado, os termos funcionam como chaves únicas que indicam um conceito, e quando combinados com outras chaves únicas – sempre que necessário –, indicam o assunto de determinado documento. Conceitos compostos podem, por vezes, serem expressos em mais de uma forma. Por exemplo, HOSPITAL INFANTIL poderia ser substituído por HOSPITAL PARA CRIANÇAS, ou POLUIÇÃO DO AR encontraria em POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA um termo equivalente. Quando há a necessidade de utilização de termos compostos, algumas regras devem ser observadas. Essas regras para termos compostos não servem para eleger o “melhor” termo composto, mas para determinar se esse termo deve manter sua forma pré-coordenada ou se deve ser dividida em termos simples, cada um como um termo indexador único e válido por seu próprio conceito. Em indexação são conhecidas duas técnicas de fatoração (análise de termos em elementos separados por significados):

- Fatoração semântica: nesta técnica, um termo considerado mais complexo é substituído por um ou mais termos mais simples que traduzem satisfatoriamente o conceito. Ex.: TERMÔMETROS pode ser substituído por TEMPERATURA + MEDIÇÃO + INSTRUMENTOS. Embora útil, deve ser evitada, pois só se aplica a sistemas pós-coordenados, e deve ser somente utilizada quando se deseja limitar o tamanho do vocabulário de indexação, já que esta técnica induz à perda de precisão na recuperação.
- Fatoração sintática: é aplicada a termos compostos, que podem ter as palavras que a compõem analisadas morfologicamente separadas, cada uma podendo ter seu próprio conceito. Ex.: CONSTRUÇÃO DE PRÉDIOS pode vir a ser CONSTRUÇÃO + PRÉDIOS. Neste exemplo, o primeiro termo pode se tornar um termo não preferencial, e o termo preferencial passa a ser formado por dois termos independentes entre si e com sentido próprio (construção de prédios USE CONSTRUÇÃO + PRÉDIOS).

Para se decidir se a forma de um termo deve ser fatorada ou mantida em sua forma pré-coordenada, é necessário diferenciar as partes do termo composto através de referência das

inter-relações e papéis que exercem. A maior parte dos termos compostos por adjetivação ou preposição pode ser analisada a partir dos componentes:

- Foco: em linguística, o “principal”. Componente que faz referência à classe genérica de coisas ou eventos às quais o termo se refere como um todo. Ex.: “CONCRETO” na frase adjetivada “CONCRETO REFORÇADO”, ou, “HOSPITAIS” na frase preposicionada “HOSPITAIS PARA CRIANÇAS”.
- A Diferença: em linguística, o “modificador”. Aquela parte do termo composto que adiciona o caráter qualificador, apresentando característica ou uma diferenciação lógica, especificando a conotação do Foco, o delimitando e definindo uma subclasse. Ex.: “REFORÇADO”, que especifica uma subclasse de concreto em “CONCRETO REFORÇADO”, ou, “PARA CRIANÇAS”, que especifica uma subclasse de hospitais em “HOSPITAIS PARA CRIANÇAS”.

É interessante notar que uma pequena parte de termos compostos não são passíveis da aplicação das regras supracitadas. O termo modificador realmente existe, mas não delimita o termo principal; ao contrário, ele acaba por o excluir da classe original, ao ponto de que “flores artificiais” acabam por não representar algum tipo de flor, e “ovos de chocolates” não representam, realmente, ovos. O substantivo é tido, então, como sincategorimático: o termo principal sozinho não representa o conceito de uma classe, e o termo composto deve ser entendido como uma unidade semântica única.

Há, ainda, alguns outros critérios e instruções que devem ser observados na hora de se decidir pela fatoração ou não de termos compostos. Termos compostos devem se manter como termos indexados quando:

- O termo composto é tão familiar na linguagem natural ou na área do conhecimento abrangido pelo tesouro que sua compreensão é prejudicada quando se decide pela fatoração. Ex.: PROCESSAMENTO DE DADOS; ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA.
- A aplicação da fatoração sintática conduz à ambiguidade ou à perda de significado. Ex.: ALIMENTO + PLANTAS poderia representar tanto ALIMENTO PARA PLANTAS quanto PLANTAS COMO ALIMENTO.
- Há a ocorrência de nomes próprios, incluindo termos que incorporam nomes próprios – como NAÇÕES UNIDAS ou FREUDIANOS

- Os termos diferenciais perderam seu significado original – como *LAWN TENNIS* (jogo de tênis disputado em quadra de grama), *ROUND TABLE CONFERENCE* (mesa redonda) ou *TRADE WINDS* (ventos alísios).
- Há termos que contém uma diferença que sugere uma similaridade, como uma comparação a uma coisa ou a um evento não relacionado – como *CASCADE GENERATORS* (geradores em cascata), *ESTRUTURAS EM FORMA DE ÁRVORE*, ou *WING NUT* (cavilha de orelha; borboleta).
- Os termos não podem ser expressos sem a utilização de um substantivo extra que está oculto à vista, mas implícito no contexto – como em *SAÍDAS DE EMERGÊNCIA*, isto é, para **Pessoas** ESCAPAREM do INCÊNDIO; *MOTOR À GASOLINA*, isto é, **MOTORES** que utilizam GASOLINA como COMBUSTÍVEL.
- O termo contém substantivo sincategorimático – como **MEMBROS ARTIFICIAIS** e **PEIXES FÓSSEIS**.
- O nome do *todo* pode ser modificado pelo nome de suas partes ou propriedades. Ex.: **SOLOS ÁCIDOS**, **PONTES DE CONCRETO**, **PESSOAL HABILITADO** (ISO 2788, 1986, p. 12).
- O nome de uma coisa ou material é modificado por uma ação transitiva realizada sobre ela. Ex.: **AÇO FUNDIDO**, **PLÁSTICOS PRENSADOS**, **TECIDO IMPRESSO** (ISO 2788, 1986, p. 12).
- O nome de uma coisa é modificado pelo nome de uma ação intransitiva que incide sobre ela. Ex.: **PLÁSTICOS DEGRADADOS**, **PÁSSAROS MIGRATÓRIOS**, **PAVIMENTOS MÓVEIS**. (ISO 2788, 1986, p. 12).

Termos compostos que devem ser fatorados sinteticamente são mais difíceis de serem identificados. As regras a seguir são instruções gerais, e não regras rígidas, e devem ser aplicadas quando:

- A indexação acontece em um campo especial que necessita de tratamento especial dos termos familiares aos usuários dentro da área de conhecimento abrangida pelo tesouro.
- Há o desejo de se controlar o tamanho do vocabulário controlado em questão, diminuindo-se o número de termos indexadores.

- O foco representa uma propriedade ou parte (incluindo materiais), e a diferença representa o *todo* ou o *possuído* de tal propriedade ou parte. Exemplo no quadro 2 - Termos compostos 1:

Quadro 2 - Termos compostos 1.

Os termos	Os substantivos focais	As diferenças	O resultado
MOTORES DE AVIÃO	MOTORES	AVIÃO	AVIÃO + MOTORES
FUNCIONÁRIOS DE HOSPITAL	FUNCIONÁRIOS	HOSPITAL	HOSPITAIS + FUNCIONÁRIOS
ACIDEZ DO SOLO	ACIDEZ	SOLO	SOLOS + ACIDEZ

Fonte: elaboração própria a partir do texto da ISO 2788

- O nome de uma ação transitiva é modificado pelo nome do objeto onde ocorre a ação. O termo deve, então, ser fatorado, e as partes expressas devem se transformar em substantivos separados. Exemplo no quadro 3 - Termos compostos 2:

Quadro 3 - Termos compostos 2.

Os termos	Os substantivos focais	As diferenças	O resultado
ADMINISTRAÇÃO DE ESCRITÓRIO	ADMINISTRAÇÃO	ESCRITÓRIO	ESCRITÓRIOS + ADMINISTRAÇÃO
FUNDIÇÃO DE AÇO	FUNDIÇÃO	AÇO	AÇO + FUNDIÇÃO
IMPRESSÃO TÊXTIL	IMPRESSÃO	TÊXTIL	TÊXTEIS + IMPRESSÃO

Fonte: elaboração própria a partir do texto da ISO 2788

- O nome de uma ação intransitiva não deve ser modificado pelo nome de quem executa a ação, mas os termos devem ser expressos como substantivos separados. Exemplo no quadro 4 - Termos compostos 3:

Quadro 4 - Termos compostos 3.

Os termos	Os substantivos focais	As diferenças (ações intransitivas)	O resultado
MIGRAÇÃO DE PÁSSAROS	MIGRAÇÃO	PÁSSAROS	PÁSSAROS + MIGRAÇÃO
CRESCIMENTO DE PLANTAS	CRESCIMENTO	PLANTAS	PLANTAS + CRESCIMENTO
DETERIORAÇÃO DE METAL	DETERIORAÇÃO	METAL	METAL + DETERIORAÇÃO

Fonte: elaboração própria a partir do texto da ISO 2788

É, ainda, necessário decidir se o tesauro em questão (ou qualquer sistema pós-coordenado) terá seu tamanho aumentado ou expandido: reduzir o número de termos designados para cada documento, significa que estão sendo utilizados termos pré-coordenados, portanto, aumentará o tamanho do tesauro. Por outro lado, se aumentar o número de termos de indexação para cada documento, ou seja, utilizando termos fatorados, o que significa o uso de pós-coordenação, o tesauro reduzirá o tamanho ou a quantidade de termos.

No tesauro, deve-se preferir uma entrada na ordem natural da língua - na hora de se aplicar frases nominais adjetivas e preposicionadas, e deve-se evitar termos invertidos. Ex.: AVES DE RAPINA ao invés de RAPINA, AVES DE; CALCULADORAS ELETRÔNICAS ao invés de ELETRÔNICAS, CALCULADORAS; CAIXAS DE ISOPOR ao invés de ISOPOR, CAIXAS DE. A forma invertida pode entrar como um termo não preferencial, e a devida referência ao termo principal deve ser observada. Ex.: estado, assunto de **USE** ASSUNTO DE ESTADO; rapina, aves de **USE** AVES DE RAPINA.

Todo tesauro deve distinguir de modo claro as relações básicas que conectam os termos nele contido. Existem dois tipos de relações que podem ocorrer: relações entre conceitos individuais – onde a relação hierárquica organiza de fato termos em categorias e subcategorias..., de acordo com o que significam – e relações entre categorias – deve-se observar não somente a relação entre termos, mas entre categorias e subcategorias. Ademais, ainda são observadas três classes de relações básicas:

- Relação de equivalência: aqui, termos preferenciais e não-preferenciais cuidam de representar um mesmo conceito. Devem ser distinguidos tipograficamente sempre que possível. São caracterizadas por **USE** ou **EM** – usadas como prefixo do termo preferencial – e **EP** (empregado para) ou **UP** (usado para) como sufixo dos termos não-preferenciais. Em geral,

aplica-se a termos sinônimos ou quase sinônimos. Estes termos (sinônimos) são palavras de origem e grafia diferentes, mas que, na maioria dos contextos, pretende representar um mesmo conceito – como AVES e PÁSSAROS. Embora não exaustiva, a lista a seguir apresenta algumas classes de sinônimos:

- Termos de origem linguística diferente. Ex.: POLIGLOTA; MUTILÍNGUE.
- Nomes populares e científicos. Ex.: ASPIRINA; ÁCIDO ACETIL SALICÍLICO
- Substantivos comuns e nomes comerciais. Ex.: GARRAFAS TÉRMICAS; TÉRMICAS.
- Nomes variáveis para conceitos emergentes. Ex.: AEROFLUTUANTES; VEÍCULOS FLUTUANTES.
- Termos atuais ou favorecidos *versus* termos antiquados ou depreciados. Ex.: SEM FIO; WIRELESS.
- Ortografias variáveis, incluindo ramos variantes e plurais irregulares. Ex.: ROMÊNIA; RUMÂNIA; ROUMÂNIA.
- Termos originários de diferentes culturas compartilhando uma língua comum. Ex.: LIFTS (elevadores em inglês britânico) ELEVATORS (elevadores em inglês americano).
- Abreviações e nomes completos. Ex.: PVC; CLORETO DE POLIVINILO.
- A forma fatorada e não fatorada de um termo composto. Ex.: CARVÃO + MINERAÇÃO; MINERAÇÃO DE CARVÃO.

Já os quase sinônimos são termos diferentes, mas tratados como sinônimos para efeito de efeitos de indexação, como antônimos ou paradoxos. Ex.: UMIDADE; SECURA. Tanto a amplitude da aplicação de quase sinônimos vai depender quanto a decisão de qual termo será o preferencial dependerá do tamanho do campo de assunto coberto pelo tesouro. Em regra, os quase sinônimos aplicam-se somente a temas periféricos, e não devem ser utilizados como mecanismo de redução de número de termos preferenciais no tesouro.

- Postagem ascendente: esta técnica é aplicada quando o nome de uma classe é também o nome de seus membros, e estes se apresentam como equivalentes. Neste caso, o termo genérico age como o termo preferencial. Ex.:

PEDRAS UP
Basalto, granito,
ardósia etc.

basalto **USE PEDRAS**

granito **USE PEDRAS**

ardósia **USE PEDRAS**

- Relação hierárquica: é a relação básica que mais diferencia um vocabulário controlado de um dicionário ou um glossário. É baseada em níveis de superordenação e subordinação, indicando que o termo superordenado representa a classe ou o *todo*, e os termos subordinados representam os membros ou as *partes*. São representados pelas siglas **TG** (termo genérico) – como prefixo do termo superordenado – e **TE** (termo específico) – como prefixo de um termo subordinado. Ex.:

LINHAS AÉREAS

TG SERVIÇOS DE TRANSPORTE

SERVIÇOS DE TRANSPORTE

TE LINHAS AÉREAS

Se necessário, a relação genérica pode ainda utilizar outras siglas, como **TGG** (termo genérico (genérico)) e **TEG** (termo específico (genérico)).
Ex.:

RATOS

TGG: ROEDORES

ROEDORES **TEG**

RATOS

Existem ainda três tipos de relação hierárquica:

- **Relação genérica:** identifica a conexão entre classes e categorias e seus membros. Se utiliza de um teste lógico “todos-e-alguns” para validação.

Ex.:

PÁSSAROS

Algun

PAPAGAIOS

O exemplo acima demonstra que alguns pássaros são do tipo papagaio e que todos eles, por definição, são pássaros.

- **Relação hierárquica inteiro-partitiva:** acontece quando o nome de uma parte, em qualquer contexto, sugere o nome de seu *todo possessivo*. hierarquizando, então, pelo *todo* - como termo superordenado - e a *parte* - como termo subordinado. Ex.:

- Sistemas e órgão do corpo:

SISTEMA CIRCULATÓRIO

SISTEMA CARDIOVASCULAR

ARTÉRIAS E VEIAS

- Localizações geográficas:

CANADÁ

ONTÁRIO

OTAWA

TORONTO

- Disciplinas ou campos de discurso:

CIÊNCIAS

BIOLOGIA

BOTÂNICA

ZOOLOGIA

- Estruturas sociais hierárquicas:

FORÇAS ARMADAS

DIVISÕES

BATALHÕES

REGIMENTOS

Essa hierarquia é restrita a campo de assuntos especiais. Tome-se o exemplo:

TURBINAS

COMPRESSORES

LÂMINAS

Em um tesouro especializado, o exemplo acima pode ocorrer normalmente, como em um tesouro de mecânica aeronáutica, mas em um tesouro não-especializado, o termo LÂMINAS adquire muitos significados diferentes a depender do contexto em que é aplicado.

Se necessário, a relação *inteiro-partitiva* pode ser representada pelas siglas **TGP** (termo genérico (partitivo)) e **TEP** (termo específico (partitivo)). Ex.:

SISTEMA NERVOSO CENTRAL

TGP SISTEMA NERVOSO

SISTEMA NERVOSO

TEP SISTEMA NERVOSO CENTRAL

- **Relação de exemplo:** aponta a relação entre uma categoria geral de coisas ou eventos – representada por um substantivo comum – e um caso particular dessa categoria – *classe-de-um* – representada pelo próprio nome. Ex.:

REGIÕES MONTANHOSAS

ALPES

HIMALAIA

Ao mesmo tempo que não representam partes do termo geral REGIÕES DE MONTANHAS, ALPES e HIMALAIA representam casos específicos e subordinados ao termo geral.

- **Relações poli-hierárquicas:** conceitos que pertencem a mais de uma categoria ao mesmo tempo. Ex.:

INSTRUMENTOS MUSICAIS

INSTRUMENTOS DE TECLAS INSTRUMENTOS DE SOPRO

“ORGÃOS”

Pode-se ter relações poli-hierárquicas baseadas em relações *inteiro-partitivas* ou baseadas em relações logicamente diferentes. Ex.:

BIOLOGIA

QUÍMICA

BIOQUÍMICA

- Relação associativa: ela delimita relações entre termos que não são termos de uma série equivalente, ou podem ser organizados de maneira que um termo seja hierarquicamente subordinado a outro, mas que estão tão naturalmente ligados que essa conexão deve se tornar evidente no tesauro, pois o tesauro irá indicar termos relacionados alternativos para serem utilizados na indexação. A sigla que indica esta relação de reciprocidade é **TR** (termo relacionado). Ex.:

PÁSSAROS

TR ORNITOLOGIA

ORNITOLOGIA

TR PÁSSAROS

É muito provável que um dos termos seja fortemente sugerido quando o outro termo é empregado, sendo, muitas vezes, necessário que um dos termos seja utilizado para poder definir o outro, como é necessário a utilização do termo “pássaro” para explicar a “ornitologia”.

Esta relação pode conectar dois tipos distintos de termos:

- Termos pertencentes a mesma categoria: termos *irmãos* com significados sobrepostos, como “navios” e “barcos” – no qual cada termo possui uma definição exata, mas são utilizados livremente e de modo quase alternado, para que o usuário que procura por um termo seja lembrado do outro. Se o tesouro traz consigo hierarquias organizadas, não é necessário a evidência da conexão. Mas essa evidência se torna necessária em tesouros alfabéticos ou na parte alfabética de um tesouro sistemático. Ex.:

BARCOS

TG VEÍCULOS

TR NAVIOS

NAVIOS

TG VEÍCULOS

TR BARCOS

Não se faz necessário relacionar todos os termos *irmãos*, se pertencem a um mesmo termo genérico ou se seus significados não se sobrepõem.

- Termos pertencentes a diferentes categorias: muitos termos podem aparecer associados a termos de diferentes categorias, e ao mesmo tempo, sugerirem fortemente o outro termo. Alguns grupos são aqui sugeridos:

- Uma disciplina ou campo de estudo e os objetos ou fenômenos estudados. Ex.:

SILVICULTURA

TR FLORESTAS

FLORESTAS

TR SILVICULTURA

- Uma operação ou processo e seu agente ou instrumento. Ex.:

PROCESSAMENTO DE DADOS

TR SISTEMA DE COMPUTAÇÃO

SISTEMA DE COMPUTAÇÃO

TR PROCESSAMENTO DE DADOS

- Uma ação e o produto da ação. Ex.:

TECELAGEM

TR TECIDO

TECIDO

TR TECELAGEM

- Uma ação e seu paciente. Ex.:

COLHEITA

TR PLANTAÇÃO

PLANTAÇÃO

TR COLHEITA

- Conceitos relacionados a sua propriedade. Ex.:

VENENOS

TR TOXICIDADE

TOXICIDADE

TR VENENOS

- Conceitos relacionados a suas origens. Ex.:

HOLANDÊS

TR HOLANDA

HOLANDA

TR HOLANDÊS

- Conceitos conectados por dependência causal. Ex.:

DOENÇAS

TR PATOGENIA

PATOGENIA

TR DOENÇAS

- Uma coisa e seu agente contrário. Ex.:

PLANTAS

TR HERBICIDAS

HERBICIDAS

TR PLANTAS

- Um conceito e sua unidade de medida. Ex.:

CORRENTE ELÉTRICA

TR AMPERE

AMPERE

TR CORRENTE ELÉTRICA

- Frases sincategoremáticas e seus substantivos anexos. Ex.:

MODELOS DE NAVIO

TR NAVIOS

NAVIOS

TR MODELOS DE NAVIO

- Rótulos de nó: indicadores de facetas, são algumas vezes inseridos na hierarquia para demonstrar a característica utilizada para dividir a classe – termo mais genérico - em espécies – termos mais específicos. Ex.:

CARROS

Por força motriz

CARROS A DIESEL

CARROS ELÉTRICOS

Por propósito

CARROS DE CORRIDA

CARROS ESPORTES

Força motriz e propósito, aqui, funcionam como os rótulos de nó.

Às vezes, serve como delimitador conceitual dos termos. Ex.:

LIVROS

Operações

ENCADERNAÇÃO

IMPRESSÃO

As relações entre os termos podem ser expressas de inúmeras formas. A ISO 2788 propõe três formas básicas de apresentação dessas relações em um tesauro: a exibição alfabética com notas explicativas e indicações de relações entre termos; a exibição sistemática, apoiada por um índice alfabético; e a exibição gráfica, com uma seção alfabética.

Em geral, um tesauro se apresenta com ao menos uma dessas configurações básicas, embora possa apresentar as características de mais de uma dessas formas. Um tesauro sistemático pode ser apoiado por um índice alfabético que indique as relações entre os termos, por exemplo. Nos que possuem mais de uma parte, as informações relativas a cada termo devem ser reunidas em uma das partes.

- Exibição alfabética com notas explicativas e indicações de relações entre termos: é o tesouro de mais simples confecção. Apresenta uma única lista de termos – preferenciais ou não preferenciais - em ordem alfabética. Os termos não-preferenciais apresentam referências para seus termos equivalentes. Caso haja informação auxiliar anexada para termos preferenciais, devem seguir a seguinte ordem:
 - **NE** Notas explicativas e definições.
 - **EP** Referências para termos não-equivalentes.
 - **TS** Referências para termos superiores, caso necessário.
 - **TG** Referências para termos genéricos.
 - **TE** Referências para termos específicos.
 - **TR** Referências para termos relacionados.

Exemplo:

TS CÂMERAS SUBMARINAS

TG EQUIPAMENTOS ÓTICOS

CÂMERAS

TE CÂMERAS CINEMATOGRAFICAS SUBMARINAS

TR MERGULHO

Outras abreviações podem ser úteis na hora de se indicar mais níveis de subordinação (embora níveis de recuo também possam exercer a mesma função):

TG1 = Termo genérico no primeiro (isto é, próximo) nível de super ordenação.

TG2 = Termo genérico no segundo (isto é, mais alto) nível de super ordenação.

TE1 = Termo específico no primeiro (isto é, próximo) nível de subordinação.

TE2 = Termo específico no segundo (isto é, mais baixo) nível de subordinação.

- Exibição sistemática, apoiada por um índice alfabético: um tesouro sistemático apresenta duas partes:
 - Categorias e hierarquias fornecidas de acordo com seus significados e inter-relações lógicas: esta é considerada a parte mais

importante do tesauro (apesar de haver exceções), pois contém a maior parte das informações relacionais e de definição.

- Índice alfabético que conduz o usuário à seção sistemática apropriada: considerada uma parte secundária no geral, se exaustivamente trabalhada pode acabar vindo a ter a mesma importância da parte sistemática.

A conexão é estabelecida por um sistema de códigos referenciais. Cada termo deve receber um código numérico direto e simples (sem sinais diversos - como +=%& - ou pontuação), que indique o referencial no índice alfabético.

É importante também observar que além das relações entre termos, há ainda as relações as categorias/hierarquias. Para que haja a garantia de que os termos semelhantes sejam agrupados e que os conceitos não-relacionados sejam desagrupados, é necessário que se estabeleça uma estrutura global, ou uma macro-classificação. Três maneiras de organização, então, são sugeridas:

- Organização por campos ou disciplinas: bem como acontece na classificação de classes em uma biblioteca, aqui o tesauro agrupa categorias de conceitos para que sejam destacados os principais campos de interesse do usuário.
- Organização por facetas: facetas são aspectos e características que delimitam um campo ou uma disciplina, e exigem uma disciplina mental mais rigorosa da parte de quem confecciona o tesauro.
- Abordagem combinada: ocorre quando as duas técnicas acima são aplicadas ao mesmo tesauro.
- Exibição gráfica, com uma seção alfabética: apresenta os termos e suas relações dispostas em uma figura bidimensional, agrupando os termos semelhantes em uma mesma estrutura. Em geral, os gráficos mais utilizados são a estrutura em forma de árvore e gráficos em forma de seta, e são identificadas por um número, um código ou um símbolo – o qual é repetido em todos os termos do gráfico – que indicam sua localização. O tesauro que se utiliza desta técnica deve apresentar a exibição gráfica – costumeiramente limitada aos termos preferenciais – e o índice alfabético

que - por sua estrutura mais flexível que a estrutura gráfica – trará a maior parte das informações sobre relações e definições.

3.3.3 As garantias

3.3.3.1 *Garantia literária*

Em 1911, Edward Wyndham Hulme (1859-1954) expôs que um título de classe dentro de um sistema de classificação (área do conhecimento) só era garantido quando apresentado em formato de livro, ou seja, quando havia uma publicação que a atestasse, e que o teste para a existência dessa área era o grau de precisão com que essa área era descrita (BARITÉ, 2018). Apesar disso, Hulme não se aprofundou na explanação deste conceito, o que fez com que o assunto fosse ignorado ou marginalizado por décadas, até que fosse novamente revalorizado por sua importância na aplicação de respaldo na construção de terminologias e de SOC's, principalmente as ligadas à tecnologia (BARITÉ *et. al.*, 2010, p. 124).

Guedes e Moura (2016, p. 3) baseando-se então na ideia de Wyndham Hulme, definem o princípio da garantia literária como uma “sentença teórica base da classificação bibliográfica e da definição de classes de assunto, que argumenta que as classes e subclasses derivam da literatura existente sobre determinado tema ou domínio, em vez de uma ordem filosófica preconcebida das ciências”. Ou seja, a garantia literária exige que os termos utilizados sejam conhecidos e amplamente difundidos dentro da área do conhecimento que o termo pretende representar.

Barité *et al.* (2010, p. 125) ressaltam que o surgimento deste princípio, através de Hulme, tirou a autoridade dos compiladores dos sistemas de classificação (como acontecia no princípio, com Dewey, Cutter e Brown), e concedeu-o à documentação, já que agora a validação dos termos utilizados nas SOC's depende de como estes termos são difundidos em sua literatura.

Barité (2018) afirma que um dos aspectos que podem ser percebidos na garantia literária é o quantitativo. “Qual seria o número mínimo de obras a respeito de um assunto para que sua garantia fosse atestada?” Segundo ele, Lancaster foi um dos teóricos que lançou luz a este pensamento, embora não tenha se dignado a estabelecer o significado de “mínimo”, neste contexto. Benjamim Custer sugeriu, na 16ª edição da CDD de 1958, que um número mínimo ideal de títulos para atestar um assunto seria de 20, e Beall (2003) confirmou que esse era o número de títulos considerados para o estabelecimento de uma notação com garantia de acordo com o item 2.2.2.1. das *Editorial Rules of Dewey Decimal Classification*, de abril de 1999.

Segundo Van der Laan (2002, p. 88), a forma de aquisição dessa garantia se dá por meio da “indicação das fontes utilizadas para a coleta dos descritores”. Para a autora, a garantia literária é um forte indicador de qualidade do instrumento (VAN DER LAAN, 2002, p. 88). Isso significa que apesar de Hulme e de sua garantia terem sido praticamente ignorados pelo meio acadêmico por muito tempo, hoje eles não podem ser postos de lado.

3.3.3.2 Garantia do usuário

Sobre este aspecto, Moreira e Moura (2006, p. 6) são precisos ao afirmarem que “a garantia do usuário está relacionada com o princípio de que os termos selecionados para um tesouro precisam estar de acordo com aqueles utilizados pelos usuários na tarefa de recuperação de informação”. É necessário que aquele que utiliza um vocabulário controlado possa ser capaz de reconhecer e utilizar os termos que são empregados nessas ferramentas.

Ainda segundo os autores, a preocupação com o usuário é uma prática bastante comum na construção de tesouros ao longo do tempo, narrando que Gilchrist (1971) afirmava que o leitor - que era usuário e, muitas vezes, criador - deveria ser reconhecido como uma fonte digna para a aquisição de uma linguagem mais apropriada para a indexação (MOREIRA; MOURA, 2006, p. 6).

O predecessor mais antigo dessa ideia foi Cutter, ao assinalar o princípio do uso comum, declarado como arbítrio supremo para a escolha de nomes e assuntos (CUTTER, 1876 *apud* BARITÉ, 2018). Lancaster considerou a garantia do usuário mais importante que a garantia literária porque quem cria vocabulários controlados deve conhecer as prováveis demandas dos usuários potenciais (LANCASTER, 1977, *apud* BARITÉ, 2018.).

Apesar de Hulme e de sua garantia terem sido praticamente ignorados pelo meio acadêmico por muito tempo, hoje ela não deve e já não pode ser ignorada. Van der Laan (2002) atesta que essa garantia é adquirida por meio da “indicação das fontes utilizadas para a coleta dos descritores”. No mesmo trecho, ela ainda afirma que a garantia do usuário será atestada ao se apontar a colaboração e a indicação de especialistas na área tratada pelo vocabulário controlado. E finaliza dizendo que “a garantia literária e a garantia do usuário são um forte indicador de qualidade do instrumento” (VAN DER LAAN, 2002, p. 88).

3.3.3.3 *Garantia Cultural*

O termo “garantia cultural” foi primeiramente cunhado por Joel M. Lee em 1976, onde ele a expressava como uma “aplicação prática dos valores culturais expressa na literatura produzida por uma cultura determinada” (BOCCATO; BISCHALCHIN, 2014, p. 243).

Barité (2018) ressalta a importância da garantia cultural. O autor afirma que grande parte das pesquisas têm referências locais, determinadas pela região geográfica em questão, e pelo povo que a habita, ou seja, pela cultura local. E essas referências, em muitos casos, fazem sentido apenas na região de origem ou no recorte local, como nos casos da música, dos usos e costumes locais ou na aplicação e elaboração do sistema judiciário (Direito), peculiar e muitas vezes singular em muitos lugares. (BARITÉ, 2018). Boccato e Biscalchin atestam que:

O princípio da garantia cultural pressupõe que um vocabulário controlado deva atingir o maior número possível de usuários (individuais ou em grupo) e, conseqüentemente, representar a informação a partir da perspectiva cultural de cada indivíduo/grupo. Consideramos, portanto, ser a identidade cultural um traço significativo do termo, pois na fase da coleta e seleção para a organização de termos, não só o seu significado em si deve ser relevado, mas também a história e a cultura própria que trazem consigo, e, por sua vez, com o usuário que irá buscá-lo. (BOCCATO; BISCHALCHIN, 2014, p. 243).

Porém, Barité (2018) alerta que este é um aspecto bem “arisco”, já que é possível se perder em função dele, deixando então de ser uma garantia e passando a se portar como um obstáculo, como se vê nesta passagem:

A garantia cultural orienta a garantia literária entre as formas locais de organização do conhecimento. Vários autores (Grolier 1976; González Casanova 1996; Beghtol 2002) veem que os sistemas de classificação são histórica e culturalmente condicionados e refletem as condições sociais, políticas e religiosas de seus respectivos tempos, embora essa apreciação nem sempre seja vista como uma vantagem, mas sim como um obstáculo à universalidade de seus esquemas. Por esse motivo, alguns esquemas de classificação fortemente influenciados pelos valores de uma cultura podem excluir parcial ou totalmente os valores de outras. Essas exclusões levantam a necessidade de "integrar o conhecimento além das fronteiras culturais, geográficas e linguísticas" (Beghtol 2002, 45), se pretendemos usar linguagens de indexação com o mesmo proveito em diferentes lugares, tempos e contextos¹¹. (BARITÉ, 2018)

¹¹ Texto no original: Cultural warrant guides literary warrant towards local forms of knowledge organization. Several authors (Grolier 1976; González Casanova 1996; Beghtol 2002) see that classification systems are historically and culturally conditioned and reflect the social, political and religious conditions of their respective times, although this appreciation is not always seen as an advantage but rather as an obstacle to the universality of their schemes. Due to this reason, some classification schemes strongly influenced by the values of a culture can

Em outro texto, o autor afirma que a aspiração a uma forma de classificação que se pretenda universal em sua totalidade é, na verdade, uma utopia, sendo possível em alguns campos do conhecimento - como a matemática - e impossível em outros - como nas ciências sociais. Ele conclui que a garantia cultural deveria promover o respeito, valores positivos e a tolerância entre os credos, objetivando tratar cultos, ideias, culturas e subculturas como de maneira igualitária, reconhecendo sua importância ante a aculturação associada à globalização. (BARITÉ, 2011b, p. 8-9).

3.3.3.4 *Garantia Acadêmica*

A garantia acadêmica visa observar a qualidade dos termos utilizados no vocabulário controlado. Ela é a “opinião dos especialistas”, dos profissionais e acadêmicos que lidam com os assuntos abordados por este vocabulário, e a amplitude de difusão destes termos - o quanto cada termo é realmente reconhecido pela grande maioria dos profissionais, preferindo os termos mais comumente disseminados. Se os termos utilizados forem os dos documentos compilados pelos especialistas, então as opiniões destes serão irradiadas na garantia literária (BARITÉ, 2018).

Existem ainda, segundo Barité (2018), outras teorias sobre as modalidades de garantias, como a Garantia Lógica, a Garantia Fenomenológica, a Garantia semântica, a Garantia Estrutural e muitas outras, mas a discussão delas extrapola os objetivos deste trabalho.

partially or totally exclude those of others. These exclusions raise the need "to integrate knowledge across cultural, geographic and linguistic boundaries" (Beghtol 2002, 45), if we intend to use indexing languages with the same profit in different places, times and contexts.

3.4 Teoria do conceito

Para efeito deste trabalho de conclusão de curso, a teoria do conceito consiste no referencial teórico, ou seja, a lente utilizada para análise do fenômeno. O tesouro elaborado levou em consideração a teoria do conceito no que se refere à definição das características de cada termo, portanto, se constitui em um tesouro conceitual. Para efeito de melhor entendimento, será descrito a seguir em que consiste essa teoria.

A filósofa e cientista da informação Ingetraut Dahlberg (1927-2017) desenvolveu o que chamou de “Teoria do Conceito”. Buscando os fundamentos nos processos classificatórios, argumentando sobre a capacidade do homem de atribuir significado aos símbolos (palavras na forma verbal - sons - e escrita), ela introduz o fundamento da linguagem natural - aquela que o ser humano utiliza diariamente para se comunicar com seus interlocutores - que traduz os pensamentos humanos e torna possível a comunicação de conceitos. Como resultado deste fenômeno, apareceram o vocabulário e a sintaxe, construídos lentamente no curso do tempo. A partir da linguagem natural, o homem desenvolveu outros tipos de linguagem, como linguagens especiais, artificiais ou, ainda, formalizadas, apresentadas como linguagens químicas, matemáticas, lógicas, dos sistemas de classificação etc. (DAHLBERG, 1978, p. 101).

A partir da linguagem natural é possível observar a construção de conceitos, que seguem duas vias: os conceitos gerais e os conceitos individuais. Os conceitos, por sua vez, expressam as características de um objeto. Os objetos individuais são aqueles que tomam forma no tempo-espço - “coisas, fenômenos, processos, acontecimentos, atributos etc. (DAHLBERG, 1978, p. 101) -, não se percebendo outra forma de se conhecê-los. São expressos pelos conceitos individuais, que levam em conta suas características até que o objeto possa ser distinguido dos demais. “A filosofia socrática”, por exemplo, carrega em si a característica de ser um pensamento filosófico com produção atribuída a uma única pessoa (filósofo grego Sócrates - 470 a.C. a 399 a.C. -, no caso). Ninguém a produziu antes, e somente por ele foi gerada. Um pensamento - obra - único de um único autor (DAHLBERG, 1978, p. 101-102).

Os objetos gerais, por sua vez, são expressos por conceitos gerais, ou seja, podem ser percebidos fora do tempo-espço e compartilham características de objetos individuais com outros objetos individuais. Por exemplo “a filosofia como resultado do pensamento humano”. A filosofia é um conceito geral, mas cada filósofo produziu seu próprio pensamento. Ou, as universidades como conceito geral, enquanto a UnB é um conceito individual de universidade (DAHLBERG, 1978, p. 102).

Para se determinar um conceito, é necessário que se resgate os enunciados verdadeiros sobre o objeto em questão. Cada enunciado verdadeiro representará um elemento do conceito. A soma de todos os enunciados verdadeiros constituirá o conceito. Ex: Paris é uma cidade; Paris é uma capital; Paris pertence à França; Paris possui muitas localidades e monumentos famosos; a língua predominante dos moradores de Paris é o francês. Neste exemplo, a somatória destes enunciados - entretanto, não somente destes - determinará o conceito de “Paris”, que é um conceito individual. Entretanto, o conceito de “cidade” já é um conceito geral, pois se somadas todas as suas características (possui estradas, casas, prédios, jurisdição, comércio, prefeitura, é habitada e administrada por humanos etc.), ela se aplicará a um imenso conjunto de localidades, sem distingui-las entre si; dantes, aproximando-as (DAHLBERG, 1978, p. 102).

Duas ideias podem, então, ser aqui percebidas: os elementos que compõem o conceito acabam por se tornar uma unidade estruturada; e os conceitos individuais podem ser reduzidos e ordenados a partir dos conceitos gerais. Por vezes, é impossível que um conceito geral seja compreendido e definido em sua totalidade, revelando-se que o que se conhece realmente do objeto geral em questão é apenas uma percepção rasa. No dia a dia, tais conceitos podem acabar por se chocar ou se mesclar, sem que, contudo, a imprecisão desses conceitos acabe por provocar um pandemônio. Entretanto, em se tratando de linguagens especializadas, as consequências podem ser lóbregas (DAHLBERG, 1978, p. 102).

O conceito, então, pode ser definido como a reunião e compilação de enunciados verdadeiros sobre um objeto e que é fixado por um instrumento - que no caso será algum tipo de signo linguístico verbal e/ou não-verbal (determinado independentemente das palavras) - que possa traduzir essa compilação. Cada enunciado verdadeiro é um elemento do conceito, que se identifica com uma característica do conceito, traduzindo os atributos da coisa designada. Por sua vez, os atributos podem ser divididos entre atributos necessários e atributos possíveis. “Mais uma vez convém repetir que é formulando enunciados sobre os atributos necessários ou possíveis dos objetos que se obtêm as características dos respectivos conceitos” (DAHLBERG, 1978, p. 102). Essa pormenorização dos elementos que compõem o conceito é referenciada pela autora como “análise do conceito”, obtido pelo método analítico-sintético (DAHLBERG, 1978, p. 102).

Cada enunciado apresenta (no verdadeiro sentido de predicação) um atributo predicável do objeto que, no nível de conceito, se chama característica. Muitas vezes não se trata de um atributo a que corresponde uma característica, mas de uma hierarquia de características, já que o predicado de um enunciado pode tornar-se sujeito de novo enunciado e assim sucessivamente até atingirmos

uma característica tão geral que possa ser considerada uma categoria. (Entende-se aqui por categoria o conceito na sua mais ampla extensão).

Exemplo: Um periódico é um documento que se publica periodicamente > Um documento que se publica periodicamente é um documento > Um documento é um suporte de informação > Um suporte de informação é um objeto material > Um objeto material é um objeto.

Se o conceito ainda não tem nome é possível formulá-lo pela síntese das características descobertas. Tem-se exemplo disto nos novos elementos descobertos pela química. São muitas vezes definidos pelas características que apresentam (DAHLBERG, 1978, p. 102-103).

As características podem ser do tipo simples ou do tipo complexo. Quando carregam consigo um único elemento designando a propriedade, ela é do tipo simples - como “redondo” ou “colorido”. Quando há uma combinação de elementos formando uma propriedade, então ela é do tipo complexa - como em “diluído em água”, ou “fundido em ouro”. O quadro 5 é retirado diretamente do texto baseado nas categorias aristotélicas, útil tanto na aplicação de categorias simples quanto na categoria complexa, já que é possível a combinação entre elas (DAHLBERG, 1978, p. 103).

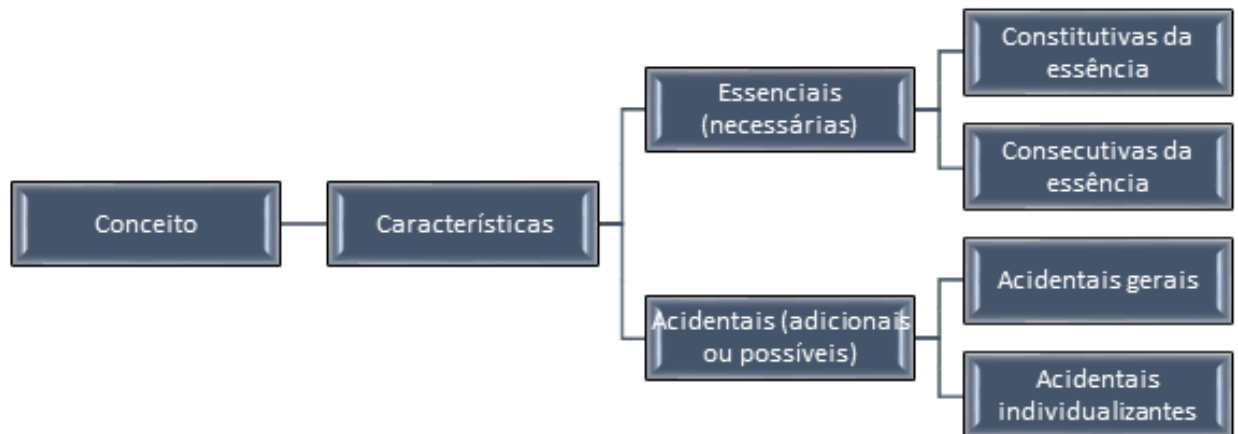
Quadro 5 – Espécies de categorias e seus exemplos.

Espécies de características	Exemplos
Matéria (substância)	de madeira, de metal, de couro, de vidro etc.
Qualidade	possuir determinada estrutura, determinada forma, ser redondo, denso, colorido etc.
Quantidade (extensão)	possuir comprimento, largura, peso etc.
Relação	ser o dobro, ser mais largo, ser causa de, ser condição de etc.
Processo (atividade)	começar, continuar, terminar, realizar algo etc.
Modo de ser	estar em pé, sentado, voando etc.
Passividade	ser cortado, pressionado etc.
Posição	estar em cima, em baixo.
Localização (lugar)	estar em Brasília, no Rio de Janeiro etc.
Tempo	em fevereiro de 1978 etc.

Fonte: elaboração própria a partir do texto de Dahlberg, 1978.

As características podem ser ainda divididas em características essenciais e acidentais, que por sua vez podem ser subdivididas em constitutivas e consecutivas da essência e acidentais gerais ou acidentais individualizantes (DAHLBERG, 1978, p. 103), como ilustrado na figura 1:

Figura 1 - Pormenorização das Características.



Fonte: elaboração própria a partir do texto de Dahlberg, 1978.

Dahlberg exemplifica esses conceitos com o objeto de natureza mineral. Sua composição química e a estrutura física das ligações químicas determinarão se um objeto é ou não um mineral, revelando as características essenciais constitutivas. A dureza, a condutividade da eletricidade e o desvio dos raios luminosos determinarão o tipo de minério em questão, e apontando para as características essenciais constitutivas. O formato, a cor e possíveis falhas indicam as características acidentais gerais. A localidade e a relação com o tempo podem definir as características acidentais individualizantes. As características gerais consecutivas dependem das características essenciais constitutivas. Já nos dois casos acidentais, os fatores que as determinam serão externos. O conhecimento das características dos conceitos fornecerá os dados necessários para ordenação classificatória - e dos índices -, para a definição dos conceitos e para a fabricação dos nomes do conceito. É importante observar que as características essenciais são mais importantes do que as acidentais (DAHLBERG, 1978, p. 103-104).

Quanto aos relacionamentos, segundo a autora eles podem ser do tipo:

- Relações lógicas:
 - Idênticas: quando as características de A coincidem com as de B;

- Hierárquicas (de implicação): quando o conceito de A está contido no conceito de B. Também conhecida como relação de gênero e espécie, ou de conceito superior e inferior, ela carrega consigo o fato de que dois conceitos carregam características idênticas, mas um dos conceitos possui uma característica a mais, como no exemplo “macieira < árvore frutífera < árvore”, onde o conceito macieira (mais específico) carrega consigo as características dos conceitos anteriores. Há também a relação coordenada entre conceitos específicos de mesmo gênero. Neste caso, o relacionamento será de “igualdade” entre os conceitos, como no caso “macieira, pereira, pessegueiro”;
- Funcionais (de intersecção): quando os dois conceitos coincidem em ao menos um elemento. Tornam-se necessários, muitas vezes, para diferenciar dois itens que parecem representar um mesmo conceito. Em geral, acontecem com conceitos que indicam processos, mas também podem apresentar a chamada “valência semântica”, dando-se atenção às palavras derivadas de um mesmo verbo ou substantivo, como com o verbo produzir - produção, produto, produtor...;
- Disjuntivo: quando o conceito A exclui o conceito B, e B exclui A. Não há elementos característicos comuns;
- De oposição (negativas): quando o conceito A possui uma característica que é negada por outra característica contida em B. Existem dois tipos desta relação: contraposição - numérico e não-numérico - e de contrariedade - branco/preto;
- Partitivas: quando o conceito A se relaciona com os conceitos que compõem as suas partes, como “árvore” que se relaciona com “raízes, tronco, galhos, folhas, flores, frutos...”, ou ainda no caso de um produto e os elementos que o compõem (DAHLBERG, 1978, p. 104-105).

A autora em seguida dirige seu texto à definição de dois conceitos necessários à sua teoria: intensão e extensão de conceitos. “A intensão do conceito é a soma total das suas características. É também a soma total dos respectivos conceitos genéricos e das diferenças específicas ou características especificadoras” (DAHLBERG, 1978, p. 105). Apesar disso, uma vez que o conceito mais específico já contém todos os conceitos gerais anteriores, a definição deste não precisa carregar a totalidade das características que a compõem, mas pode ser definido

pelo conjunto de características necessárias que a individualizam. Já a extensão resulta da soma total das características que se aplicam como verdadeiras a conceitos que compartilham características entre si na inteireza de uma intensão. Ex.:

INTENSÃO DO CONCEITO “CASA”

- Edifício feito geralmente de tijolos, madeira, pedra ou barro;
- Contendo aberturas como portas e janelas e teto;
- Possuindo cômodos para higienização pessoal, para convivência social e para descanso;

EXTENSÃO DO CONCEITO “CASA”

- Casa de alvenaria
- Casa de madeira
- Casa de taipa

No exemplo acima, os conceitos e as características possíveis que se aplicam e definem a palavra casa correspondem à intensão do conceito, enquanto todos os tipos diferentes de casa que possam existir são a extensão (DAHLBERG, 1978, p. 105).

No quadro 6 – Espécies de conceitos e exemplos - apresentam-se algumas espécies de conceitos:

Quadro 6 – Espécies de conceitos e exemplos.

	ESPÉCIES DE CONCEITO	EXEMPLOS
A	Objeto	Plantas, produtos papéis
B	Fenômeno	Crescimento, chuva, pobreza
C	Processo	Impressão, confecção
D	Propriedade	Cego/cegueira; suave/suavidade
E	Relação	Causalidade, necessidade
F	Dimensão	Espaço, tempo, posição

Fonte: elaboração própria a partir do texto de Dahlberg, 1978.

Essas espécies de conceitos podem variar e se somar para formar novas categorias, como A+B podem corresponder ao “crescimento de plantas”. Entretanto, tais categorizações podem variar de acordo com a língua utilizada, sendo necessário uma avaliação particular de cada caso (DAHLBERG, 1978, p. 105).

Apesar do grande número de possibilidades de se definir a palavra definição, ela tende a apresentar “pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais”,

fazendo com que seja necessário a obtenção estrita e correta da definição a ser construída, da maneira mais eficiente e simples possível, tornando possível a tradução exata do termo em outras línguas. A definição é o estabelecimento de limites de um conceito, onde o nome do termo conceituado aparece à direita e a conceitualização, à esquerda (DAHLBERG, 1978, p. 106).

Definição - df → delimitação e/ou fixação do conteúdo de um conceito

Conteúdo do conceito = Intensão

É necessário que as características mais gerais sejam muito bem definidas e trabalhadas, para determinar o tipo de item que representa. Os conceitos individuais somente necessitam abarcar a definição que a distingue e não a confunda com demais conceitos, bem como a linguagem é algo vivo e dinâmico, a conceitualização também o é. Porém, ao contrário da intuição, toda vez que uma característica nova de um conceito é descoberta, essa característica não deve simplesmente ser somada ao conceito, ampliando sua definição. Na realidade, o conceito deve ser repensado, reanalisado e redefinido, caso se faça necessário (DAHLBERG, 1978, p. 105).

É possível se recorrer a sinais gráficos equacionais e matemáticos seguidos da sigla “df” para indicar a intensão de se expor uma definição (DAHLBERG, 1978, p. 105).

Espécies de definições:

- Definição nominal: o termo acolhido é apenas uma “palavra” que carrega o significado geral equivalente ao utilizado na linguagem natural. Em geral, procura determinar a utilização da palavra por seus usuários. Ex.: Opacidade = df obstrução à passagem da luz; Tautologia = df indicação de uma mesma coisa através de duas ou mais expressões de mesma interpretação.
- Definição real: é a soma das características conhecidas de um objeto, que carregam, muitas vezes, as características essenciais e acidentais. Ex.: Escada rolante - df escada móvel construída com base no princípio da cadeia sem fim. Essa definição e a anterior não são necessariamente excludentes, mas podem acontecer mutuamente, ou podem ser extremamente difíceis de serem diferenciadas. Utilizando-se da diferenciação entre gênero próximo e diferença específica proposta por Aristóteles, a definição real pode ainda ser subdividida em:
 - Definição real simples: somente a diferenciação específica aparece. Ex.: homem = df mamífero bípede

- Definição real complexa: o termo mais genérico apresenta-se na definição do termo específico. Ex.: bócio = df inchaço do pescoço causada pela dilatação da glândula tireoide (termo genérico: inchaço do pescoço; termo específico: causada pela dilatação da glândula tireoide (DAHLBERG, 1978, p. 106).

É necessário que se perceba que muito do que é exposto na definição de um termo depende daquilo que é conhecido a respeito do conceito pela área que a rege e pelo conhecimento daqueles que produzirão o texto das definições a respeito do conceito em questão (DAHLBERG, 1978, p. 106).

Lídia Alvarenga (2001) é uma autora que também explorou a teoria do conceito, porém mais focada na sua aplicação à realidade das bibliotecas tradicionais e digitais. O seu artigo “*A Teoria do Conceito Revisitada em Conexão com Ontologias e Metadados no Contexto das Bibliotecas Tradicionais e Digitais*” se inicia com essa delimitação de atuação, baseada na experiência da autora. Ela afirma que Vickery (1986), citando o escritor alemão Goethe, propõe “que toda a representação do conhecimento é simbólica”, e que é o objeto de preocupação do mundo da documentação desde o princípio. Alvarenga afirma que “representar significa o ato de colocar no lugar de” (ALVARENGA, 2001, p. 1), e que a expressão autoral simbólica de um pensamento se utilizando da linguagem disponível quando se dá a produção textual - seja ela a linguagem natural ou especializada em qualquer que seja o idioma - é no primeiro nível de uma classificação (ALVARENGA, 2001, p. 1).

Procurando-se a eficiência no atendimento do usuário, o profissional bibliotecário recorre, em geral, a um segundo nível de classificação. Em seus catálogos, a informação original é substituída por uma metainformação - ou metadado -, que busca representar o documento com suas características físicas, características por assunto e pontos de acesso, o que é ideal para o contexto de armazenamento e recuperação do documento físico. Com a expansão do ambiente digital para criação e armazenamento de objetos digitais, os sistemas de representação e recuperação da informação de documentos ultrapassou os seus próprios limites, abrangendo outros campos como a ciência da computação, linguística, e outros campos do conhecimento (ALVARENGA, 2001, p. 2).

A evolução do meio digital possibilitou um crescimento exponencial de espaços o registro e a recuperação de documentos escritos, sonoros, e imagéticos, bem como para o armazenamento de dados, além de uma infinidade de alternativas de formatos para a facilitação dessa armazenagem e da recuperação dos objetos digitais (ALVARENGA, 2001, p. 3). E essa

evolução acaba por exigir ou fomentar diferentes técnicas de representação para diferentes objetos, aumentando as maneiras de se confeccionar os novos índices de recuperação (ALVARENGA, 2001, p. 4).

Apesar dessa evolução, o que mudou com a proliferação do ambiente digital foram a acessibilidade ligada a formatos, ao espaço digital, à dinamicidade e interação com os objetos - a exemplo dos hiperlinks. Quanto ao conteúdo e à essência simbólica dos documentos, não houve evolução. O registro das ideias, as ferramentas simbólicas sonoras ou gráficas para tais registros mantiveram seu ordenamento natural, e as estruturas de pensamento que organizam a informação também não sofreram alterações. Aquilo que é classificado em uma biblioteca não é o documento em si, mas o conceito que se propõem representar. Não somente a linguagem gráfica e alfabética é capaz de representar um conceito, mas imagem - móveis ou estáticas - e sons - verbais ou não verbais - ampliam as possibilidades de classificação (ALVARENGA, 2001, p. 5).

O “conceito” e sua origem e estrutura é discutida em muitas vertentes disciplinares, como a filosofia, a epistemologia, a semântica, a linguística, a biblioteconomia, a psicologia, a terminologia etc. Alvarenga (2001) define conceito como:

[...] o conjunto de enunciados oriundos de pesquisas e reflexões pertinentes à complexa região epistemológica interdisciplinar que compreende o ato de representação, comunicação e preservação de objetos e pensamentos e cujo conhecimento integra os campos da linguagem, da psicologia cognitiva, da comunicação e da ciência da informação (ALVARENGA, 2001, p. 5).

Citando Dahlberg (1992), Alvarenga apresenta a conceituação aristotélica de conceito como sendo “horos”, que era composto por três elementos: o lógos - a palavra escrita, ou o sinal gráfico -, a pragma - a realidade -, e noema - aquilo que significa. Porém, Boethius o traduziu erroneamente para o latim como “terminus”, prejudicando o entendimento de pragma e noema. Christian Von Wolff (1679 - 1754) foi quem resgatou o conceito de conceito de Aristóteles, significando conjuntamente signo e conteúdo. Ogden e Richards, em seu livro “*O significado de significado...*” apresenta um diagrama que ilustra a composição de um conceito. Em seu vértice superior, encontra-se o objeto tal como é na realidade; no vértice esquerdo, encontra-se o símbolo que o representa; e no vértice direito, todos os elementos e características que o especificam (ALVARENGA, 2001, p. 5-6).

O pensamento de Aristóteles oferece uma ligação entre a cognição humana e a fatoração de conceitos em categorias, sendo extremamente relevante para a teoria do conceito. Para ele, saber era possuir muitos conceitos, e conhecer significava:

- Formar conceitos: promover mentalmente as características que compõem as essências que se realizam na substância individual;
- Aplicar esses conceitos: entender as características, a natureza e a substância do objeto em questão, formulando um juízo;
- Embaralhar entre si esses juízos: produzir um raciocínio que represente a substância do objeto, ainda que ele esteja ausente (ALVARENGA, 2001, p. 6).

Outro pensador relevante para se entender a gênese do conceito na mente humana e no campo da organização e recuperação da informação é Jesse Shera. Ele propõe que cada nova sensação percebida pela mente - com origem na experiência e na leitura - “é classificada no cérebro humano, de acordo com o acervo de experiências passadas, ali registrado, possibilitando a ordem que levaria ao saber” (ALVARENGA, 2001, p. 6).

Primeiramente, a informação seria adquirida na forma da observação direta, e seria internalizada utilizando-se um padrão previamente adquirido e organizado de classificação, resultante das experiências passadas do indivíduo, estabelecendo um sistema de relacionamento entre saberes que promovem a ordem e o bem-estar do ser. Se ao ser apresentado a uma nova informação esse indivíduo não a pudesse classificar em seu arcabouço catalogacional pessoal, a informação se estabeleceria como incompreensível, e o conhecimento não seria produzido. Em essência, conceitos e padrões são os objetos a partir do qual uma classificação pode ser produzida e os elementos primários das quais é constituída. Sendo o documento o suporte para o registro das ideias e pensamentos, é natural que a organização e a classificação deste se dê a partir do movimento que o produz (ALVARENGA, 2001, p. 6-7).

Um conceito é uma rede de padrões de inferências, associações e relacionamentos que são predicados ou ditos de outra forma trazidos em cena através do ato da categorização “[...] a cristalização ou formalização do pensamento inferencial, nascida da percepção sensorial, condicionada pela operação do cérebro humano e delineada pela experiência humana. Ela repousa na fundamentação de todo pensamento, mas ela é pragmática e instrumental. É permanente e efêmera. Permanente porque sem ela, a cognição é impossível; efêmera porque ela pode ser rejeitada quando sua utilidade é esgotada (SHERA, 1957 apud ALVARENGA, 2001, p. 7).

Apesar deste entendimento, a autora segue apontando as dificuldades de se utilizar estes princípios no ambiente digital pois, de um lado, a atuação do profissional bibliotecário é tímida e aquém de suas capacidades e, de outro lado, os profissionais de outras áreas parecem ignorar - por desconhecimento ou falta de intimidade com a área - todo o trabalho de pesquisa que fundamenta a criação e atualização dos sistemas de classificação tradicionais, não

compreendendo, por exemplo, a classificação facetada de Ranganathan que permite uma “estruturação semântica dos conceitos de um documento” (ALVARENGA, 2001, p. 8). Enquanto isso, cada tipo de profissional (linguistas, matemáticos, cientistas da computação além de usuários, criadores e provedores de conteúdo, públicos ou comerciais) procura por seus próprios meios e por seus próprios referenciais abordar o problema da organização e acesso da informação na web (ALVARENGA, 2001, p. 8).

Quanto à produção do conceito, é necessário que, ao cunhá-lo, o criador do termo não se baseie apenas no conhecimento explícito do objeto, mas baseie-se também em uma vasta reflexão filosófica e intelectual, aplicando ferramentas como a interpretação ou a hermenêutica aos estudos dos termos - terminologia - para que a descrição do conceito vá muito além daquilo que lhe é apenas aparente, promovendo a descrição mais fiel possível, delimitando e definindo as semelhanças, diferenças e relacionamentos do termo em seu contexto proposto pela linguagem controlada em questão (ALVARENGA, 2001, p. 8).

Dois instrumentos amplamente utilizados nas ciências da informação para a formação e o estabelecimento de conceitos são as ontologias e os metadados. A palavra “ontologia” possui significados externos à ciência da informação, designando “a faceta semântica da representação dos seres, dos entes, aquilo que se convencionou chamar de assuntos, conteúdos temáticos dos registros sobre a realidade” (ALVARENGA, 2001, p. 9). Na filosofia, o termo é tratado como a ramificação desta mesma ciência que procura tratar da natureza e essência do ser enquanto ser, daquilo que define a natureza de cada ser e de todos os seres. O pensamento divergente de Kant (1724 - 1804) e Locke (1632 - 1704) demonstra o grande desafio de se conceituar a natureza de um objeto através da ontologia: se com Locke o nosso espírito é uma incerteza, com Kant a incerteza recai sobre a realidade do universo. “O tratamento da informação dependente de uma abordagem ontológica sofre, portanto, da eterna e intransponível dúvida metafísica que povoia as certezas da essência do conhecimento humano” (ALVARENGA, 2001, p. 9), o que torna árduo e penoso o trabalho da conceituação. O objeto, concreto ou abstrato, é representado por conceitos compostos de enunciados, aos quais também são atribuídos seus respectivos nomes e símbolos, que são representados por termos, determinando a relação entre ontologia, conceito e terminologia (ALVARENGA, 2001, p. 9).

A respeito do metadado, ele se preocupa em dar informações a respeito de informações - dados sobre dados -, descrevendo e atribuindo características ao objeto em questão, com foco na criação de acessos e no estabelecimento das relações do objeto. Os “padrões de metadados” são acordos pré-estabelecidos de metadados a serem especificados na descrição de documentos e de seus elementos, a fim de estabelecer uma maior facilidade na criação de programas no

tratamento e processamento desses dados pelos diversos softwares que os utilizam (BAX, 2001, p. 32-33 apud ALVARENGA, 2001, p. 10). Para o uso desta ferramenta na web, o ideal é que se pratique esse nível de descrição a priori, pelo autor no momento da produção do objeto, já que o uso constante de novas tecnologias e a competição mercadológica inibem a atribuição de metadados a posteriori (ALVARENGA, 2001, p. 10).

Para Maria Luiza de Almeida Campos (2001) a Teoria do Conceito é um dos argumentos que fornecem bases sólidas para a formação de tesouros, pois é útil tanto na determinação de relacionamentos entre termos quanto no estabelecimento dos termos em si (CAMPOS, 2001, p. 87).

Apesar de o tesouro ter surgido como uma inovação para a área da Classificação e Recuperação da Informação em relação aos cabeçalhos de assunto, suas bases teóricas não haviam sido bem fundamentadas até que a pesquisadora Ingetraut Dahlberg apresentasse sua Teoria do conceito em 1978. Aliando essa teoria à Teoria da Classificação, uma nova metodologia foi então instituída, dando origem ao chamado Tesouro Terminológico. Palavras soltas - como em um dicionário - não são mais o foco dos tesouros, mas a construção do conceito em si, sendo ele composto de um substantivo ou de um substantivo e mais tipos de palavras que se lhe acrescentem para a formação do termo. O termo perde seu sentido linguístico advindo da linguagem natural e se torna capaz de expressar um conceito pleno, com seu termo, seu referente, suas características e sua expressão verbal se tornando um conceito em si. A somatória desses itens com a finalidade de delimitar o campo de atuação de um termo é o que irá determinar a fixação do conceito e seu posicionamento no próprio sistema de conceitos. (CAMPOS, 2001, p. 99-101).

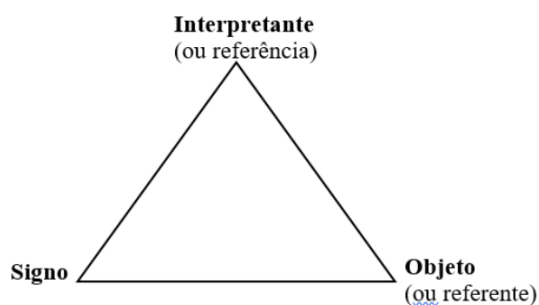
Campos (2001) observa que, para Dahlberg, a definição que um Conceito implica é a de uma “unidade de pensamento” - argumento adotado no âmbito da terminologia por Wuester e pela ISO/TC-37. Mas deixado assim, essa definição pode evocar um sentido subjetivo - já que todo pensamento está preso ao entendimento de alguém. Assim, Dahlberg propõe que a definição de conceito seja uma “unidade de conhecimento” (CAMPOS, 2001, p. 101). Observando os três passos necessários para a formação do conceito (o passo referencial, o passo predicacional e o passo representacional), tal qual Alvarenga (2001), Campos apresenta o Conceito representado como os vértices de um triângulo onde A = Referente, B = Características e C = Forma verbal. Já os lados ou segmentos B→A representarão a predicação, o lado B→C = Designação e C→A = Denotação (CAMPOS, 2001, p. 103).

Uma distinção, aqui, se faz necessária. Pereira e Marcondes (2018) nos alertam que, apesar de Dahlberg não mencionar a semiótica peirciana como inspiração, a teoria “triangular”

do conceito é inspirada, de certa maneira, no triângulo de Charles Sanders Peirce (1839-1914). No entanto, são diferentes entre si, porque Peirce destaca o significado e enaltece o objeto, - já, que na cognição do indivíduo o objeto tem ação indireta sobre ela, sobressaltando a relevância apenas do que realmente é externalizado - ao passo que Dahlberg elimina este aspecto, esquecendo a relevância do indivíduo e mantendo a forma verbal – o termo, o signo externalizado. Enquanto o conceito de Peirce é genérico e filosófico – podendo ser aplicado em muitas áreas -, a teoria do conceito é mais voltada para a Ciência da Informação, viabilizando novas teorias e novos olhares para auxiliar na organização e recuperação da informação (PEREIRA; MARCONDES, 2018, p. 147-151).

Figura 2 - Os triângulos de Peirce e Dahlberg.

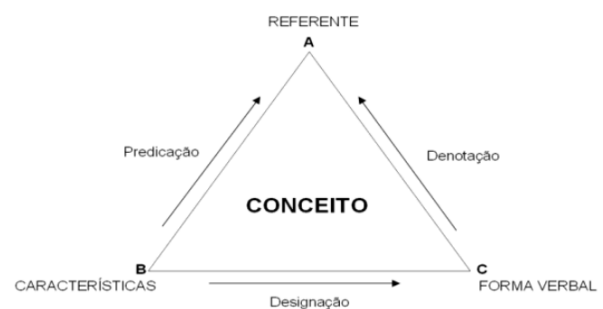
FIGURA 1 – Triângulo de Peirce.



Fonte: Coelho Netto (1980).

Fonte: PEREIRA; MARCONDES, 2018, p. 2.

FIGURA 2 – Triângulo de Dahlberg.



Fonte: Dahlberg (1978b).

Para a organização dos conceitos dentro de uma área específica do conhecimento, Campos (2001) afirma que Dahlberg se baseia na Teoria de Classificação Facetada, de Ranganathan, e a utiliza de duas formas complementares: “como recurso para o entendimento da natureza do conceito” e para a “formação das estruturas conceituais” (CAMPOS, 2001, p. 103).

As categorias possuem a propriedade de possibilitar a sistematização de todo o conhecimento da realidade e podem ser identificadas no momento da determinação do conceito, ao serem inferidas predicações verdadeiras e finais de um item de referência desta realidade observada (CAMPOS, 2001, p. 103).

As predicações são verdades que se podem inferir a respeito do objeto e que fazem parte de sua definição. As características são as propriedades do objeto que acabam por também responder por características do objeto. Elas podem ser divididas em características

essenciais/necessárias ou acidentais. Aquilo que une os semelhantes - características gerais - serão as essenciais/necessárias. Aquilo que separa os diferentes - características para distinção - será a característica accidental. Possuem ainda as funções da essência constitutiva - pertence à categoria X porque possui a particularidade A em sua substância - e da essência consecutiva - já que pertence à categoria X, se comportará de maneira B ou C também. As características accidentais podem ser gerais - por ser da categoria X, poderá apresentar G ou H - ou individualizantes - mesmo pertencendo à categoria X, somente este objeto apresenta G ou H. (DAHLBERG, 1978, p. 16 apud CAMPOS, 2001, p. 104).

As relações entre as características podem ser divididas entre quantitativas e qualitativas. Enquanto a espécie de relação quantitativa compara os dois conceitos de maneira formal - evocando relações de identidade, inclusão, interseção e disjunção - a qualitativa observa os aspectos formal e material (classificadas como relação formal/categorial, material/paradigmática ou sintagmática-funcional). A relação formal/categorial “depende completamente da espécie de item de referência que se está analisando” (CAMPOS, 2001, p. 104), e atua indicando as características essenciais dos objetos. As categorias sugeridas por Dahlberg são: fenômeno, objetos gerais, objetos materiais, quantidades, qualidades, comparações, operações, estados, processos, períodos, posições e lugares no espaço. A relação material/paradigmática atua na relação entre objetos de uma mesma categoria, e pode apresentar relações hierárquicas (que se dividem em relações de abstração - do tipo gênero-espécie) e relação lateral (relação dos conceitos no renque); relações partitivas, onde a relação acontece entre o todo e suas partes ou entre as partes e as partes; e as relações de oposição, que podem ser relação de oposição contraditória, relação de oposição contrária ou relação positiva-indiferente-negativa. A relação sintagmática-funcional atua na relação entre objetos de diferentes categorias, “a partir de um conceito que denote um processo ou uma operação, *que* leva a conceitos que suplementam essas ações, como na seguinte sequência: produção-produto-produtor-comprador” (CAMPOS, 2001, p. 105).

3.5 Teologia protestante

3.5.1 O termo teologia

Segundo o Dicionário Teológico, o termo Teologia é advindo dos termos gregos *Theos* - Deus - e *logos* - estudo. Tem-se então, que a Teologia é - em uma interpretação etimológica literal - o estudo a respeito de Deus. Mas o autor do dicionário continua: “Estudo ordenado e sistemático do supremo ser e de seu relacionamento com a humanidade. A Teologia tem como base a revelação de Deus que se acha na Bíblia Sagrada, a revelação natural e a experiência religiosa”. (ANDRADE, 1998, p. 271).

A primeira aparição deste termo de que se tem notícia se dá no livro *A República*, de Platão, datada de 379 a.C., quando do diálogo entre Adimanto e Sócrates a respeito da fundação da cidade e da representação de Deus nela (PLATÃO, 2012, p. 87). Dada sua origem e uso, o termo Teologia pode ser aplicado a outras religiões distintas do Cristianismo. Cada religião pode aplicá-la a si mesma, mas é no desenvolvimento do Cristianismo que o termo ganha força. Não obstante, em um primeiro contato com o termo, a Teologia tende a designar o estudo da relação entre Deus e o homem a partir da cosmovisão cristã (ANDRADE, 1998, p. 271). Neste mesmo trecho, por exemplo, e longe de demonstrar um esgotamento do uso do termo, Andrade apresenta 41 verbetes derivados do termo Teologia, todos aplicados à fé Cristã. Isso ao menos indica o quão aplicado, estudado e utilizado é este termo (ANDRADE, 1998, p. 271-274).

Apesar de ser tida como a ciência superior em seu contexto - sendo a Filosofia não mais que uma ferramenta -, hoje, a Teologia é tratada como uma disciplina pertencente à Filosofia, por seus estudiosos aplicarem frequentemente os métodos e ferramentas próprios da Filosofia, como os princípios filosóficos - as definições de seus termos -, a Razão e a Lógica Aristotélica, principalmente pelos apologetas - defensores da fé cristã - (MYATT; FERREIRA, 2002, p. 18). Um exemplo desses apologetas é Justino, *o Mártir* (100 - 165 a.C.), apresentado aqui por Bengt Hägglund (1920 - 2015). Nas palavras de Hägglund, “o propósito da filosofia, segundo Justino, é proporcionar conhecimento verdadeiro de Deus e da existência, e assim fazendo, promover um sentimento de bem-estar nas mentes humanas. A filosofia visa reunir Deus e o homem” (HÄGGLUND, 1999, p. 22). O autor segue buscando demonstrar como esses apologetas procuraram “intelectualizar” seu conteúdo utilizando a filosofia grega como ferramenta, ao mesmo tempo em que reclamam sua identidade afastada da filosofia. O termo “lógos”, por exemplo, é encontrado naturalmente dentro do Novo Testamento, já que a quase totalidade de

seus escritos foi concebida na língua helenística vulgar - ou seja, o Grego Koiné. Este termo é traduzido pelos termos “verbo”, “palavra” ou “estudo”, em português, mas tem um sentido ainda mais amplo. É utilizado pelos filósofos gregos para indicar o conceito de “Razão”, e representa “de maneira especial a comunicação da verdade” (HAGGLUND, 1999, p. 22). Já para a Teologia, o termo designa a força motriz primeira que faz o mundo girar, ou a verdade em seu fim último e em seu princípio natural. Isto significa que para a Teologia, a verdade é Deus, como afirma a Bíblia no primeiro versículo do Evangelho de João: “No princípio, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (THOMPSON, 1999, p. 962).

Na prática, a Teologia é discussão e sistematização das doutrinas bíblicas a partir da Bíblia e dos escritos dos chamados Pais da Igreja - cristãos reconhecidamente defensores, intérpretes e propagadores dos textos e pensamentos bíblicos - desde o século primeiro depois de Cristo e a partir daí, através do tempo, até às discussões atualmente.

3.5.2 Teologia protestante: suas origens

A Reforma Protestante foi um acontecimento grandioso e de proporções continentais, para não se dizer, proporção mundial. Ela foi a gota d’água para a sociedade política e eclesiástica da época, e o estopim para o surgimento da vida da chamada “sociedade ocidental”. Embora alguns eventos que a marcaram possam ser devidamente pontuados, os acontecimentos que a promulgaram são riquíssimos, de tal modo que se faz necessário relatar, aqui, um aviso: este capítulo não traz um texto exaustivo sobre o tema, e tampouco tem a pretensão de demonstrar o tema em todas as suas complexidades e problemáticas. Antes, é uma narrativa resumida que propõe embasar os objetivos propostos para este trabalho.

Os principais campos de mudança que culminaram nas marteladas de Martinho Lutero na catedral de Westminster naquele 31 de outubro de 1517 podem ser observados, principalmente, através de quatro vieses: eclesiástico, legal, político e social. Durante a idade média, essas quatro percepções se confundiam na instituição igreja, ou seja, estavam sempre interrelacionadas. Quem deteve, durante séculos, o total direito de legislar, ordenar reis e interpretar a Bíblia, foi o Papa (SHELLEY, 2018, p. 239).

Até 313 d.C., os Bispos da igreja eram considerados iguais entre si, pastores de um rebanho local - em geral, uma cidade - e intérpretes das Escrituras Sagradas. Mas de 313 d.C. e 590 d.C., a teoria petrina - que, baseada em textos bíblicos, afirma que o Apóstolo Pedro e seus

sucessores eclesiásticos possuíam a primazia sobre os demais Bispos - foi amplamente defendida e difundida por alguns dos Pais da Igreja, e muitos dos grandes doutrinadores como Cipriano, Tertuliano e Agostinho se colocaram sob a liderança Papal, pelo que a força deste cargo cresceu de modo a se tornar aparentemente, por certo tempo, inquestionável (CAIRNS, 2008, p. 135-136).

É importante que se perceba que a Igreja e o Governo se misturavam, de maneira que a uma Lei instaurada pela Igreja tinha consequência instantânea nos dois aspectos - espiritual e político. A Lei que mais provocou a insatisfação e determinou um ponto sem volta para a instauração de uma pretensa reforma na igreja por toda a Europa foi a Lei de Indulgências.

3.5.2.1 Os aspectos legais e espirituais

Como já sugerido no texto acima, na igreja, a lei e a doutrina estão confundidas numa mesma coisa. Por isso, falar de uma é evocar a outra. A respeito do surgimento da Lei de Indulgências, de acordo com Barrett (2017), o filósofo eclesiástico Pedro Lombardo (1096-1160) foi o grande fomentador desta doutrina, embora a interpretação dos textos de outros teólogos lhe tenha servido de fundamento. O autor afirma que Lombardo é o primeiro a propor o princípio dos sete Sacramentos: batismo, confirmação, santa comunhão - eucaristia -, penitência, unção para os enfermos, ordenação e matrimônio, sendo estes dois últimos mutuamente excludentes (BARRETT, 2017, p. 64).

A comunhão dos santos, para Lombardo, era a peça central do sistema sacramental, o rito que dava sentido a todos os outros e que unia a igreja de uma maneira como nada mais poderia. Como ele disse: O batismo apaga o fogo de [nossos] vícios, mas a eucaristia [nos] restaura espiritualmente. É por isso que é tão bem chamada de Eucaristia, que significa “boa graça”, porque nesse sacramento não só há o aumento de virtude e de graça, mas é a fonte de origem de toda a graça que é recebida inteiramente (BARRETT, 2017, p. 64).

Os sacramentos seriam, então, a maneira de alguém se manter santo e estar espiritualmente habilitado para participar da comunhão eclesiástica. Todos os sacramentos deveriam ser manifestos por meio de ações externas que as proclamassem: o batismo com água era uma ação em si mesma. A confirmação era uma profissão de fé apregoada por quem já houvera sido batizado na infância. A transubstanciação - milagre pelo qual o pão e o vinho da eucaristia são transformados no sangue e no corpo de Cristo - e seu consumo eram a ação da santa comunhão. A oração pelos enfermos se tornava manifesta por meio da extrema unção. O

matrimônio e a ordenação eram celebrados em eventos específicos. E, afinal, a penitência, era praticada como sinal de contrição interior (BARRETT, 2017, p. 64-66).

A penitência era a forma pela qual um cristão demonstrava arrependimento pelos pecados cometidos após a obtenção da graça do batismo. Ela atestava que esse arrependimento era genuíno e habilitava-o a participar novamente da eucaristia e a poder ser considerado participante da graça da salvação. A penitência tornava-se, então, premissa para a justificação (BARRETT, 2017, p. 66-67).

Mas o que acontece com o cristão que morre arrependido, porém, não tem tempo de demonstrar esse arrependimento através da penitência? Para Agostinho de Hipona (354 d.C. - 430 d.C.), de fato havia um “fogo purgatório”, ou um “fogo purificador” que, no juízo divino queimava para purificar as obras dos homens. Entretanto, não se sabe ao certo quando ou como este fogo deixou de ser apenas um instrumento de purificação e se tornou um lugar em chamas para o castigo purificador para onde as almas com pendências penitenciais eram enviadas. Hugo de São Vítor, Bernard de Clairvaux, Pedro Comestor, Thomas de Chobham, Guilherme de Auvergne, Alexandre de Hales são considerados alguns dos teólogos propagadores deste pensamento. Fato é que a Doutrina do Purgatório passou a fazer parte do universo espiritual da igreja. Durante o quarto concílio de Latrão (1215 d.C.), em um manual para sacerdotes que ouviam confissões, é possível encontrar a primeira citação oficial da igreja a respeito do purgatório (BARRETT, 2017, p. 69-73).

Agora, embora não houvesse o que se fazer pela vida dos que iam para o inferno, havia um lugar espiritual de castigo sobre o qual a igreja tinha autoridade. A igreja tem, então, não somente autoridade sobre a vida, mas também sobre a morte. Missas, ofertas, heranças, tudo se poderia ser oferecido para a libertação das almas castigadas no purgatório.

Os “frutos” da missa - os benefícios que ela trazia - eram comumente entendidos em sentido quantitativo, de modo que se acreditava que duas missas trariam o dobro de benefícios do que uma só, e isso resultou num aumento dramático no número de celebrações. Pagar um estipêndio a um padre para celebrar uma ou mais missas em favor de alguém se tornou uma das formas aceitas pela qual um pecador podia procurar expiar sua culpa, e, também, difundiu-se fazê-lo em favor de uma pessoa falecida, a fim de purgar seus pecados e assegurar sua salvação. Os muito ricos iriam deixar o dinheiro no testamento para que isso fosse feito por eles após a sua morte (BARRETT, 2017, p. 68).

As indulgências eram uma alternativa ao sacramento da penitência. Lindberg (2017) propõe que uma possível origem da prática do pagamento das indulgências para a absolvição de pecados adveio de práticas germânicas e feudais, onde no sistema judicial extra religioso era

possível se trocar uma pena por uma multa pecuniária (multa). Na igreja, isso significou que a penitência de um jejum poderia ser substituída pelo preço das refeições dispensadas, ou que a penitência de uma peregrinação poderia ser satisfeita se o penitente doasse à igreja uma quantia monetária equivalente aos custos da viagem (LINDBERG, 2017, p. 100).

Este tipo de sistema de compensação visava, inicialmente, conciliar as exigências penitenciais eclesiásticas a uma mudança social que começava a ocorrer então: a urbanização. Seu desenvolvimento, muitas vezes, impedia o cumprimento de certas penalidades, e a troca pela indulgência era uma alternativa conveniente (LINDBERG, 2017, p. 101). Um outro alicerce para a instituição das indulgências era a teoria teológica da “tesouraria da graça”. “Essa tesouraria continha os méritos acumulados de Cristo e dos Santos (principalmente os trabalhos dos monges), que por serem supérfluos àqueles que originalmente o haviam alcançado, estavam agora disponíveis a pecadores comuns da Igreja” (LINDBERG, 2017, p. 101).

3.5.2.2 *Os aspectos políticos*

O cristianismo não nasceu amigo do poder governamental. Longe disto. Seu fundador, Jesus Cristo, fora morto pela sociedade judaica da época que, vassala do império romano, pediu deste – por intermédio da pessoa de Pilatos - a aprovação para que Jesus fosse crucificado. Ao longo de seu livro *História Eclesiástica*, Eusébio de Cesaréia (260 d.C.? - 339 d.C.) narra como cada um dos doze Apóstolos de Cristo foram perseguidos e mortos pelo mesmo Império que matou seu Líder. Isso se deu porque o império romano consentia que os povos dos territórios conquistados mantivessem sua religião, desde que contribuíssem com o equilíbrio e a estabilidade do Estado. A partir do momento em que os Judeus afirmaram que a religião cristã nada tinha a ver com o judaísmo, o cristianismo passou a ser entendido como uma religião ilegal, e seus adeptos, como subversores do Estado. Isso durou até o século IV d.C., até o reinado de Constantino, o imperador cristão¹² (CAIRNS, 2008, p. 73-75).

Nesta época, o império romano - por ser demasiadamente grande - era dividido em dois territórios: o território ocidental - com a capital em Roma - e o território oriental - governado desde Bizâncio. Cada território era gerido por um imperador Augusto - o líder

¹² Embora o epíteto aplicado à Constantino, Cairns (2008) verifica que este foi apenas um favorecedor da Igreja através das políticas públicas, cabendo a Teodósio, em 380 d.C. ou 381 d.C. a promulgação de um edito oficializando o cristianismo como religião oficial e exclusiva do Império. (CAIRNS, 2008, p. 105-106).

supremo - e por um imperador César - abaixo apenas dos imperadores Augustos. Eles eram Diocleciano (Augusto do oriente), Maximiano (Augusto do ocidente), Galério (César do oriente) e Constâncio Cloro (César do ocidente). Os cristãos já haviam sido, de certa maneira, incorporados pelo império, mas por serem monoteístas, não adotavam as práticas religiosas do império, o que levou Diocleciano a expulsar os cristãos de seus exércitos e a derrubar prédios e destruir os símbolos cristãos, principalmente as Bíblias. Houve, então, revoltas por todo o império e Diocleciano, temendo uma insurreição, ordenou que todos os líderes cristãos fossem encarcerados e que os cristãos prestassem culto aos deuses romanos. A princípio, não foram decretados castigos físicos, torturas ou mortes. Porém, a resistência dos cristãos em ceder ao decreto imperial induziu os governantes a assim agirem (GONZÁLEZ, 2011, volume I, p. 103 - 106).

Em 305, Galério obrigou Diocleciano e Maximiano a abdicarem de seus tronos. Galério, então, avançou contra o império ocidental que era agora governado por Constantino e Magêncio (filhos de Constâncio Cloro, que havia morrido), mas não teve êxito. Galério voltou-se novamente para Diocleciano, que recusou-se retornar outra vez ao poder, mas aceitou dialogar na política até que Licínio se tornasse o novo Augusto Ocidental, e seu César fosse Constantino. No oriente, Galério era o Augusto, e seu César era Maximino Daza (GONZÁLEZ, 2011, volume I, p. 106 - 108).

Na prática, Constantino governava o ocidente e Maximino, o oriente - após a morte de Galério em 311 d.C. Constantino pouco se importava em perseguir os Cristãos, de modo que estes se uniram ao seu exército e o fortaleceram quando Ele usurpou para si todo o Império entre 313 d.C. a 324 d.C. Morreu convertido ao cristianismo em 337 d.C, e agora a Igreja gozava de paz e prestígio no império (GONZÁLEZ, 2011, volume I, p. 108 - 127). Como Roma era a capital do império romano, e o cristianismo fora adotado por um imperador, logo a igreja de Roma passou a ser reconhecida por importante, embora, até então, não tivesse os bispos ou os teólogos mais importantes vinculados a ela. A igreja como um todo passou a organizar-se de acordo com os padrões estabelecidos pelo Estado, e as cidades que tinham uma jurisdição política sobre uma região logo adquiriram também a jurisdição eclesiástica. Viu-se, então, dividida em cinco patriarcados, a saber, Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma (GONZÁLEZ, 2011, volume I, p. 262-263).

O século V marcou o início do declínio do império romano. Godos, Visigodos, Ostragodo, Bretões, Francos, Burgúndios, Hunos, Anglos, Saxões e Vândalos, povos bárbaros, cada um a seu turno e em locais diferentes, fizeram frente à Roma Ocidental, enfraquecendo-a

e conquistando seus territórios, esboçando o que um dia viria a ser a Europa hodierna. O império oriental sobreviveu, e adquiriu o nome de império bizantino (FERREIRA, 2013, p. 83-84).

Leão I foi o primeiro bispo de Roma a ser considerado um papa nos moldes históricos. Ele discutia a teologia, pastoreava a igreja e negociava com os bárbaros. Em duas oportunidades, ele salvou a Itália de ser destruída. Primeiramente, em torno de 452 d.C., dissuadiu Átila, o Huno, de atacar Roma, mesmo sem exército que o fizesse frente, e este decidiu por rumar para o norte. Depois, quando os Vândalos atacaram Roma, em 455 d.C., não impediu a destruição e o saque, mas negociou a proibição de incêndios e assassinatos, o que poupou o povo local da destruição. González (2008) afirma que graças a intervenções como estas, e com o fato de a igreja suplantar algumas das faltas de um Estado em declínio, foi que o bispado de Roma conseguiu se exceder em importância e autoridade ante os outros quatro patriarcados (GONZÁLEZ, 2011, volume I, p. 263).

Parte destes bárbaros haviam sido evangelizados antes de chegarem à Roma - pela doutrina pura ou por suas versões heréticas -, e aceitavam, em sua maioria, os conselhos e os poderes dos bispos cristãos. A Europa vivia de conflito em conflito entre os povos que a desejavam conquistar e, em inúmeras oportunidades, a igreja assumiu o tom e o poder conciliador entre os governos. Não bastasse isso, também crescia o mundo Árabe que, sob o nome de Maomé, começaram a expandir-se e a conquistar faixas territoriais extensas, dominando muito do território que um dia havia sido cristão.

Entretanto, no que diz respeito ao Estado, foi uma era de enfraquecimento - terras da Europa divididas em reino que guerreavam entre si, enrijecimento da hierarquia social, miscigenação étnica e cultural entre bárbaros e romanos, mudanças linguísticas e do uso e formas do Latim, retrocesso na vida e na economia urbanas. No contexto da difusão do islamismo, o cristianismo ocidental deixou de ser uma fé mediterrânea e voltada para o oriente para ser uma fé europeia e voltada para o norte (FERREIRA, 2013, p. 89).

Os reis bárbaros agora começavam a fazer política, como no caso de Clóvis I (466 d.C. - 511 d.C.), que repudiou uma vertente herética do cristianismo conhecida como arianismo e fortaleceu suas relações com a igreja e com o bispo de Roma. Os vikings foram cristianizados e seus reinos estabelecidos como Estados cristãos. (FERREIRA, 2013, p. 93-101). Na Europa, então, cada povo governava seu próprio território, mas todos levavam em consideração as observações do bispado de Roma.

As peregrinações até a Terra Santa começaram a se popularizar desde o século IV. Tornou-se costume visitar os túmulos dos santos em seus aniversários de morte. Não demorou até que a peregrinação fosse considerada uma penitência, ou uma forma de praticá-la - têm-se

documentação de que desde o século VII ela era recomendada. As peregrinações se davam à Roma ou às regiões de Jerusalém e Palestina, ou ainda onde quer que se encontrasse uma basílica importante dedicada a algum santo. Por causa da pirataria, tomava-se principalmente a rota por terra que levava à cidade de Constantinopla - atual Istambul -, e então, daí, à Anatólia, à Síria e à Jerusalém. É importante frisar que estes territórios eram então controlados pelos povos islâmicos (GONZÁLEZ, 2011, p. 363).

Os muçulmanos foram a última religião universal monoteísta a surgir, durante o início do século VII d.C., após o judaísmo e o cristianismo. Essa fé rapidamente se alastrou pelo norte da África, pelo oriente médio e pelo sul da Europa, chegando mesmo a subjugar quase todo o território da península Ibérica. Os cristãos já estavam sendo perseguidos e proibidos de difundir seu culto desde os tempos de Jesus, e os judeus foram expulsos da região hoje conhecida como Palestina e Israel - à época comandada por Roma - entre 70 d.C. e 132 d.C. Nesta região, então, desprovida de um povo religiosamente forte, os muçulmanos se instalaram, tomando para si a cidade de Jerusalém e o território judeu (CAIRNS, 2008, p. 150).

Até Constantino, era grande a dúvida dos teólogos a respeito da entrada dos cristãos em embates bélicos. Porém, a partir dele, a união dos cristãos às suas falanges criou um precedente na tradição que permitia que o cristão batalhasse. O próprio papa Leão IX marchou à frente de tropas com as quais pretendia derrotar os normandos. Cristãos também já lutavam para tentar expulsar os mouros da Espanha. Na realidade, antes mesmo das teorias teológicas se formarem e se firmarem, o cristão batalhando já era um fato (GONZÁLEZ, 2011, p. 363).

Durante meados do século XI, surgiram também as Cruzadas, que eram expedições militares financiadas e promovidas pela igreja de Roma e que visavam a proteção dos territórios dos Estados Cristãos, a segurança dos peregrinos europeus e a retomada da Terra Santa das mãos muçulmanas. Posteriormente, a igreja viu a necessidade de que os cruzados se tornassem um contingente permanente, já que os soldados costumavam debandar depois do sucesso ou fracasso de cada empreitada. A igreja possuía então um contingente militar que respondia a ela própria, alçando um *status* de Estado (CAIRNS, 2008, p. 194-195; FERREIRA, 2013, p. 119; GONZÁLEZ, 2011, p. 362).

Mas as batalhas das cruzadas acabaram por deixar um grande rastro de sangue pela Europa e pelo Oriente Médio, e os seus objetivos, quando alcançados, costumavam não ser permanentes. Os cruzados romanos, que surgiram também para socorrer a igreja bizantina diante dos turcos, chegaram mesmo a atacar Constantinopla, conquistando territórios, submetendo a igreja e o império oriental novamente ao bispado romano, enfraquecendo a igreja bizantina e instigando o que veio a ser conhecido posteriormente de “Grande Cisma do Oriente”

(causada também por divergências doutrinárias), provocando a revolta dos cristãos gregos contra os cristãos latinos (CAIRNS, 2008, p. 198). Os cristãos que habitavam em meio aos territórios muçulmanos - que, em geral, tinham a benevolência dos líderes islâmicos - passaram a ser hostilizados por causa das cruzadas e houve matança de cristãos entre os árabes (GONZÁLEZ, 2011, p. 381).

Depois de ter sido enfraquecida, a cidade de Constantinopla foi sitiada pelo império otomano, e chegou a pedir ajuda à igreja romana, mas esta só cogitava auxiliar a cidade caso a igreja e o império orientais viessem a se submeter ao papa romano. E, embora tenha tentado resistir ao cerco, a cidade foi tomada em 29 de maio de 1453, e este evento é considerado como o marco do fim da Idade Média (FERREIRA, 2013, p. 152).

O período de exercício efetivo das cruzadas (1096-1453) foi um período de mudança social e econômica - temas que serão explorados na próxima parte deste capítulo -, bem como um período de fortalecimento da identidade dos Estados-nação. A nobreza local se aliou aos seus regentes, e os fortaleceu localmente. Os reis procuravam sempre o favor do bispado romano, mas acabavam por se rebelar contra sua autoridade quando Roma interferia de modo contrário aos interesses dos reis. Ou seja, a autoridade papal era, a cada novo Papa, desafiada pelo dissabor de um regente qualquer (GONZÁLEZ, 2011, p. 454-455).

A partir do final do século XIII, a igreja começou a ter que rivalizar seu poder com os Estados-nação que mais se destacavam, como a Inglaterra e a França. Estas duas nações passaram a disputar controles territoriais em regiões continentais hoje pertencentes à França. Eduardo I da Inglaterra e Filipe IV, da França, procurando novas rendas que pudessem financiar suas dispendiosas campanhas, tiveram a ideia de tributar a igreja romana. Em 1296, o Papa Bonifácio VIII emitiu um documento que sugeria a excomunhão de qualquer líder secular que tributasse o clero e de qualquer clérigo que pagasse impostos sem o aval papal. Eduardo prometeu que, se a igreja não pagasse os impostos, toda assessoria jurídica fornecida à igreja seria retirada, e todos os seus terrenos em solo inglês seriam confiscados. Já Filipe IV proibiu a exportação de ouro, prata e joias, impedindo que uma enorme soma de dinheiro pudesse chegar a Roma. Bonifácio VIII viu-se impelido a recuar de suas decisões, mudando a sentença para que, por período excepcional, a igreja pudesse ser tributada (SHELLEY, 2018, p. 241).

Ainda assim, Bonifácio, em 1301 d.C., emitiu a *Unam Sanctam*, um documento que determinava que era "...absolutamente necessário que todos os seres humanos sejam sujeitos ao pontífice romano" (SHELLEY, 2018, p. 242), pelo que Filipe IV decidiu acusá-lo judicialmente na Itália - através de um advogado chamado Guilherme de Nogaret - de ilegitimidade no cargo,

heresia, simonia¹³ e imoralidade. Aos 86 anos de idade, Bonifácio VIII, que era francês da região de Avinhão, resolveu passar férias em sua terra natal, pelo que, sabendo Nogaret de tal fato, reuniu tropas e sequestrou o papa como prisioneiro. Ele acabou sendo resgatado pelo povo, mas morreu semanas depois (SHELLEY, 2018, p. 242).

Após a morte de Bonifácio VIII, Filipe IV empenhou seu poder em fazer com que os próximos papas fossem mais favoráveis à França. O sucessor de Bonifácio foi Bento XI - italiano, que governou por apenas 8 meses. Em seguida, Clemente V (Villandraut, França, 1264 d.C.) foi eleito, e os próximos seis papas eleitos eram de origem francesa, e governaram a igreja a partir de Avinhão, não de Roma, como de costume. Clemente V foi o responsável por transferir o papado de Roma para a França em 1305 d.C. A França havia sequestrado a igreja e a instalado em seus domínios. Esse episódio ficou conhecido “o cativo babilônico da igreja”, pois, à semelhança do povo judeu que esteve cativo por setenta anos na Babilônia, o papado ficou por 72 anos instalado em território franco (CAIRNS, 2008, p. 221; SHELLEY, 2018, p. 243).

Com o Papa longe, muitas facções italianas se apoderaram das riquezas dos territórios pertencentes ao trono de São Pedro. Além disso, as cortes italianas consumiam boa parte da riqueza material da igreja, de maneira que se tornou dispendioso manter a estrutura eclesiástica em pleno funcionamento, dando origem assim a diversos “impostos papais”. As regras eram feitas de maneira que os prelados¹⁴ enviassem muito dinheiro para Roma, como no caso de um imposto conhecido como *Anata*, que recolhia o primeiro ano das ofertas de uma jurisdição eclesiástica a cada nova nomeação. Isso fazia com que houvesse alta taxa de rotatividade entre sacerdotes em uma jurisdição, e fazia também com que jurisdições altamente rentáveis ficassem por períodos muito longos sem uma autoridade eclesiástica formal, e o que era arrecadado ia diretamente para Roma. No afã pelo dinheiro, muitos clérigos sucumbiam também à simonia (GONZÁLEZ, 2011, p. 473).

Outro aspecto importante para a cobrança de impostos foi o Grande Cisma - que não pode ser confundido com o Grande Cisma do Oriente¹⁵. Após Gregório XI ter enviado o papado

¹³ Segundo o dicionário online de língua portuguesa Priberam, Simonia é o comércio de objetos sagrados, a venda dos bens espirituais e a proposta de compra (ou a própria compra) do que é considerado sagrado.

¹⁴ Prelado, aqui, se refere à um território eclesiástico e de suas adjacências com jurisdição eclesiástica indicada pelo Papa para determinada região. Por exemplo, como uma grande catedral estabelecida em uma cidade importante é diretamente responsável por tudo o que pertence à Igreja nesta cidade e em vilas e vilarejos ao redor da cidade. Mas essa jurisdição mudava de mãos de acordo com a vontade papal.

¹⁵ O Grande Cisma faz alusão ao episódio do rompimento de unidade entre a Igreja Romana na Itália e a Igreja

de volta à Roma em 1377, seu sucessor, Urbano VI, apareceu como um tipo de “reformador”, e agradava as massas. Ele condenou a simonia, e igualou a ela o recebimento de privilégios de qualquer líder da igreja, além de ameaçá-los de excomunhão. Mas sem nenhum talento político, fez dos cardeais que o elegeram seus inimigos, que o tinham por louco, e, posteriormente, caiu em descrédito com o povo ao praticar abertamente o nepotismo, tanto nos cargos eclesiásticos quanto nos puramente governamentais. Assim, os cardeais que o elegeram proclamaram inválida a sua nomeação e suscitaram outra votação, na qual Clemente VII foi escolhido Papa. Urbano VI desprezou os cardeais que o elegeram e nomeou outros que o apoiavam. Clemente VII decretou Avinhão novamente como sede do papado. Agora, dois papas, eleitos pelo mesmo conselho, governavam a igreja independentemente um do outro. Às nações europeias foi dada a opção de escolher a que igreja servir. A Inglaterra, a Germânia, o norte da Itália e a Escandinávia resolveram servir à Roma. Espanha, Escócia, França e o sul da Itália optaram por servir Avinhão (CAIRNS, 2008, p. 221; GONZÁLEZ, 2011, p. 475-476).

Mas os impostos para manter duas cortes papais começaram a se tornar pesados. As rendas advinham da produção promovida nos terrenos papais, dos dízimos dos fiéis, das *Anatas*, do direito de suprimento - quando um papa visitava um lugar, as despesas da corte com a viagem ficavam a cargo do prelado contemplado com a visita -, do direito de espólio - quando alguém do alto clero morria, tudo o que possuía passava a ser do papa -, do dinheiro de Pedro - imposto anual para leigos -, além de muitas taxas e da vacância em prelados ricos já anteriormente mencionada (CAIRNS, 2008, p. 221). Já que era necessário o financiamento de um papado para que se pudesse combater o outro papado, o cisma, por si só, estimulava a simonia. “Por esta razão, a igreja se transformou em um sistema de impostos e exploração, mais terríveis que os piores tempos do ‘cativeiro babilônico’” (GONZÁLEZ, 2011, p. 477). González ainda diz que:

Durante o período do “cativeiro babilônico”, as vozes de protesto vinham principalmente dos países que estavam em guerra com a França, mas o Grande Cisma criou um clima universal de impaciência com as maquinações dos papas. Como eram os eruditos que constantemente punham na forma escrita seu inconformismo, vemo-nos obrigados a dirigir nossa atenção principalmente para esses testemunhos. Porém, ao fazer isso, não devemos esquecer que, para as massas, não se tratava apenas de a existência de dois papas ser um escândalo, mas também e sobretudo da exploração econômica que a ostentação e as necessidades políticas e militares dos contendentes

Romana na França entre os séculos , o que chegou a elevar até três homens à condição de Papa ao mesmo tempo (SHELLEY, 2018, p. 244-246). O Grande Cisma do Oriente foi o rompimento da comunhão entre a Igreja Ortodoxa de Constantinopla e a Igreja Romana no século XI, quando ambas se excomungaram mutuamente (FERREIRA, 2013, p. 111-112).

acarretavam. A simonia, o absentismo e o pluralismo, que incendiavam a ambição dos poderosos, resultavam em impostos cada vez mais elevados para as massas. Assim, a igreja, que em seus primeiros séculos e mesmo depois em seus melhores momentos fora defensora dos pobres, converteu-se em mais um peso que oprimia as classes já oneradas (GONZÁLEZ, 2011, p. 479).

Para tentar dar um fim a essa situação, e baseada na teoria conciliar - teoria teológica que ganhou força com Guilherme de Occam (1285-1347) e que defendia que um concílio universal formado pelos membros da igreja se sobrepunha à autoridade papal -, em 1409 foi convocado o concílio de Pisa, contando com cardeais dos dois papas da época, Bento XIII e Gregório XII, além de arcebispos, bispos, abades, ministros e grande número de doutores em direito e teólogos. Os dois papas também convocaram concílios, cada qual em sua residência, mas ambos fracassaram em seus intentos. Resolveram, pois, fugir. Bento XIII se refugiou em Peníscola - região da Península Ibérica -, e Gregório XII fugiu para Rímuni, na costa leste da Itália. Ambos os papas foram convocados a aparecer ou mandar seus representantes. Mesmo não atendendo ao concílio, foram julgados e depostos, e o cargo de papa foi considerado vago. Alexandre V, arcebispo de Milão foi eleito novo papa, e uma reforma foi introduzida na igreja pelo concílio antes que ela fosse dissolvida (GONZÁLEZ, 2011, p. 479-482).

Apesar da intenção, na prática, a Europa acabou com três papas, pois nenhum dos anteriores aceitou sua deposição e reclamavam para si a cadeira de Pedro. Todos tinham apoio para se manter reclamando o trono, mas de modo geral, Alexandre V era considerado papa legítimo. E embora tenha se empenhado para se fortalecer no cargo, acabou por não aplicar as reformas votadas no concílio e morreu apenas dez meses após sua eleição, em Bolonha. João XXIII fora eleito em seu lugar. Ele havia sido pirata antes de ser papa, e praticamente tomou a força o papado, sendo considerado dono e tirano de Bolonha. Fez guerra a Ladislau de Nápoles esperando obter seus despojos e enriquecer ainda mais, mas acabou não tendo êxito, tendo que fugir primeiramente para Roma e, posteriormente, para o reinado de Sigismundo, Imperador da Alemanha. Este o recebeu com a condição de que um novo concílio fosse convocado em Constança. Ao final do concílio, João XXIII e Gregório XII renunciaram, e Bento XIII foi abandonado por seus seguidores. Em 1417, Martinho V foi eleito novo papa, e finalmente o Grande Cisma havia terminado (GONZÁLEZ, 2011, p. 482-485).

Quando o papado começou, seu estabelecimento não era unanimidade entre os cristãos. Sempre houve movimentos práticos e doutrinários que se afastavam do papado e denunciavam seus caminhos perigosos, como o Monasticismo, que pregava que a vida de um cristão deveria ser a mais simples e humilde possível, longe das tentações de um governo mundano. Já no século IV houve grande êxodo da cristandade para os desertos africanos e do oriente médio,

onde a vida solitária, a renúncia aos bens materiais e a contemplação de Deus e da volta de Cristo eram os objetivos a serem alcançados. Logo, os mosteiros começaram a ser fundados, e a ênfase na vida em comunidade também apareceu. A oração, a santidade pessoal, o trabalho para o próprio sustento e para auxiliar os necessitados também apareciam como práticas e valores de seus adeptos. A preservação de livros antigos e a educação como valor para o crescimento espiritual, em grande parte, se deve a este movimento (FERREIRA, 2013, p. 79-80).

Houve também o rompimento entre as igrejas Ocidental e Oriental, conhecido como “O Grande Cisma do Oriente”. A Igreja Oriental (Bizantina) divergia de muitos pontos teológicos apregoados pela Igreja Ocidental (Romana). A Igreja Romana deu origem à Igreja Católica, enquanto a Igreja Bizantina deu origem à Igreja Ortodoxa. Por causa de seus envolvimento nos assuntos governamentais do antigo Império Romano, elas também divergiam politicamente. Cada vertente tinha seu líder espiritual, e estes davam personalidade às disputas políticas e teológicas. Havia ainda diferenças culturais e linguísticas, já que a Igreja Católica era romana e latina, enquanto a Igreja Ortodoxa era mais helenística nos dois aspectos. Os pontos de ruptura mais enfáticos entre as duas igrejas foram o episódio das cruzadas - já mencionada anteriormente - e a mútua exclusão, quando o papa Leão IX excomungou o patriarca Miguel I Cerulário (1000 d.C. - 1059 d.C.), e este amaldiçoou o Papa e a Igreja latina (FERREIRA, 2013, p. 111-112).

Com a cristianização de povos pagãos e bárbaros, muitos dos costumes anteriores e considerados anticristãos destes povos também influenciaram a igreja, de modo que, a partir do movimento monástico, surgiram ainda muitas ordens monásticas que procuravam sobressaltar a pureza e a santidade de uma vida com Deus e com o próximo para combater essas práticas, que, muitas vezes, acabavam por arraigar-se no coração da cristandade. Entre elas, apareceram a ordem Beneditina - esta ordem já buscava, de alguma forma, suscitar uma reforma na igreja -, a ordem Agostiniana, a ordem Franciscana, e a ordem Dominicana, dentre outras. É necessário ressaltar sobre essas ordens que, ainda que alguma dentre elas buscasse uma reforma ou mudança de postura na vida clerical, nenhuma delas buscou romper com a igreja romana, e a obediência ao Papa, em geral, acabava por se tornar uma das ênfases de cada segmento (FERREIRA, 2013, p. 115-117).

A partir de meados do século XV a igreja teve certa paz. Os ideais reformadores como a teoria conciliar não perderam força na academia, embora novamente o papado tenha assumido o poder absoluto, e os concílios então convocados serviam para servir ao papa, e não mais ao próprio concílio.

3.5.2.3 *O aspecto econômico-social*

Roma começou sua economia como uma sociedade agrária. As terras adquiridas na Península Itálica tornaram-se parte do Estado romano, e as regiões que a excediam tornavam-se províncias romanas: eram geridas por Roma, pagavam tributos, forneciam mão-de-obra, mas seus cidadãos não possuíam o direito de serem cidadãos romanos, a não ser pela compra de títulos. Com seu crescimento e seu movimento militar expansionista, muitos territórios foram conquistados, e a economia agrária foi substituída por uma economia mercantil-escravagista. O surgimento de trabalho escravo no campo deu origem a uma sociedade mais urbana. (SILVA, 2017, p. 105-107).

Com o enfraquecimento, declínio e queda do Império Romano, muitos de seus territórios e avanços administrativos foram reconquistados por povos bárbaros ou simplesmente abandonados, já que não havia mais a administração romana e nem a proteção do exército romano a regiões e estradas, por exemplo. Isso quer dizer que o viajante e o comerciante passaram a correr riscos de assaltos e pirataria, podendo ainda serem capturados como escravos, quando não simplesmente mortos. O comércio cessou rapidamente. Não apenas o comércio com outras nações como também o comércio interno. A economia falia juntamente com o império, e o dinheiro desapareceu. Aqueles que não mais trabalhavam por ter suas necessidades supridas pelo trabalho escravo já não mais o poderiam fazer. O que ocorreu, então, foi um grande êxodo urbano, e as pessoas começaram a buscar o campo para dele poderem retirar seu sustento. Cada região tinha que buscar de si mesma os recursos que produzissem alimentos e vestimentas (GONZÁLEZ, 2011, p. 315-316). Surgia, então, o Feudalismo. “O feudalismo é algo que, de uma forma ou de outra, sempre surge quando um governo central se enfraquece e não pode mais exercer um poder efetivo sobre as áreas sob o seu controle” (CAIRNS, 2008, p. 168). Com isso, o poder e as responsabilidades do poder público foram transferidos para as mãos de particulares (CAIRNS, 2008, p. 168-169).

A sociedade se dividia em quatro tipos de cidadãos - além do rei e da nobreza: os protetores - que eram cavaleiros que garantiam a segurança de um feudo e que, por isso, podiam possuir pedaços de terras -, os produtores - que eram os que lidavam com o plantio, com a caça e etc.; a base e fundamento da economia feudal -, os intercessores - a classe clerical da Igreja Universal (Católica) e os comerciantes - que eram uma classe pequena no início e que veio a se fortalecer com o passar do tempo. Geralmente, os ofícios e privilégios eram passados de geração

a geração. Aquilo que o pai fora, provavelmente seria o destino do filho. Todos trabalhavam em prol de um ideal coletivo, e todo homem estava subordinado a alguém. Não havia muito espaço para a troca social entre as classes. A ascensão social era altamente improvável, embora não fosse impossível. Em algumas cidades italianas, holandesas e alemãs foi possível observar a ascensão social de alguns cidadãos. (CAIRNS, 2008, p. 168; FERREIRA, 2013, p. 103). À percepção da estrutura social medieval, González (2008) acrescenta:

Assim surgiu o sistema feudal. Esse sistema consistia em toda uma hierarquia, baseada na posse de terra, em que cada senhor feudal, enquanto recebia homenagem de seus vassallos, devia homenagem semelhante a outro senhor que estava acima dele. As terras que o vassallo recebia de seu senhor eram os feudos, de onde vem o nome “sistema feudal” (GONZÁLEZ, 2011, p. 317).

A ordem, a justiça e a segurança dos populares de então só poderia ser mantida por meio de pequenas porções de terras protegidas por esta estratégia, até que um governo central mais forte pudesse aparecer e suprir as necessidades de cada região - até que um Estado surgisse. Nesse período, quase todas as terras estavam na posse do rei, mas como ele não podia sozinho garantir a segurança de seus territórios, distribuía-os entre os seus nobres, que forneciam um certo número de cavaleiros para que compusessem o exército real sempre que o rei empreendesse uma nova campanha. Em contrapartida, esses mesmos nobres forneciam porções de terra aos seus cavaleiros. Cada pequena propriedade era chamada de gleba, e costumava ser autossuficiente em manter um cavaleiro bem provido em todas as suas necessidades - inclusive a bélica -, exceto em relação a produtos e serviços mais escassos ou especializados, como o sal marinho, o minério de ferro e o moinho, por exemplo (CAIRNS, 2008, p. 169; FERREIRA, 2013, p. 103). Os cavaleiros eram versados no manejo de espadas, em cavalgadas, no manejo de escudos, lanças, arcos e flechas. Esse sistema sustentava uma descentralização do poder, o que acabava por criar uma cadeia hierarquizada de domínios senhoriais dependentes do rei (FERREIRA, 2013, p. 103).

A terra era a moeda de troca e a origem das riquezas, e por isso a Igreja Católica enriqueceu muito neste período. Era comum que missas, penitências e orações fossem pagas com porções de terra. Além disso, como os sacerdotes católicos não prestavam serviço militar, a Igreja costumava pagar seus tributos também com terras. Na Igreja Católica, essas terras eram geridas por abades e bispos, que se viam, muitas vezes, tentados pelas riquezas e negócios mundanos, o que desvirtuava as aspirações mais elevadas do cristianismo no coração dos sacerdotes. Bispos e abades passaram a possuir muitíssima terra e muitos vassallos a seus serviços. As propriedades eclesiásticas passaram a ser cobiçadas. As igrejas, catedrais e abadias

passaram a ter valor comercial, e homens ricos, que viam nelas grandes oportunidades para negócios e *status*, passaram a concorrer às eleições para adquirir esses tipos de construção e colocar para administrá-las homens de sua própria família previamente treinados e até educados com o ensino teológico. Além desses problemas, os sacerdotes deveriam decidir a que senhor verdadeiramente eram submissos, se ao Papa, ou ao Cavaleiro protetor de seu feudo. O clero e o senhor feudal muitas vezes não se entendiam a respeito de sagração, ritos e rituais de investidura, e a respeito da legalidade de portar e conceder os símbolos sagrados ou de poder, como anéis, cajados, pálios, espadas e cetros. Todos esses cuidados a respeito da forma e dos utensílios tiraram o foco da administração da Igreja Católica dos cuidados bíblicos e passaram a preocupá-la os assuntos seculares (CAIRNS, 2008, p. 169-170; GONZÁLEZ, 2011, p. 318). “A realidade, entretanto, era que os senhores feudais passaram a controlar tanto a nomeação quanto a investidura de clérigos, prática mais pronunciada na Alemanha, onde controlar a Igreja era a base do poder do rei - a Igreja alemã era, em essência, uma igreja estatal” (SHELLEY, 2018, p. 203). E essa se tornou uma prática disseminada em muitos pontos da Europa.

Apesar disso, Cairns (2008) assegura que o envolvimento da Igreja com o sistema feudal acabou por trazer muitos benefícios sociais. A Paz de Deus, por exemplo, era um pacto que forçava a abnegação a rixas pessoais entre os cavaleiros e os habitantes das glebas ou entre vizinhos, proibindo o roubo, a violência, o ataque a pessoas desarmadas e o saque em territórios sagrados. A Trégua de Deus - outro pacto à semelhança do primeiro -, proibía que se guerreasse do ocaso da quarta-feira até a aurora da segunda-feira, além de ser proibido também pelepas durante os dias de festas eclesiásticas. Isso reduzia a menos de 100 o número de dias anuais em que se podia batalhar (CAIRNS, 2008, p. 170).

As glebas possuíam castelos como residência para os nobres, e os camponeses habitavam as imediações dos castelos. Durante a sega, artesãos, carpinteiros, ferreiros, e trabalhadores de diversas profissões deixavam seus afazeres e se dedicavam à colheita, obtendo ajuda também das mulheres. Os trabalhadores trocavam até 100 dias de trabalho sem salário para que recebessem pequenas propriedades rurais onde cultivavam e criavam alimento para si mesmos. Como a população geral era pobre, suas casas traziam como característica a existência de apenas um cômodo, onde toda a família se reunia para se abrigar e dormir. Alguns comerciantes com mais dinheiro poderiam possuir casas mais bonitas e com divisões internas (FERREIRA, 2013, p.103).

A falta de higiene era uma característica comum, o que aliado ao frio e à falta de saneamento básico - como sistemas de esgoto ou de água potável - das cidades, propiciava o

ambiente perfeito para a proliferação de pragas e doenças. Não por acaso, a contaminação por peste bubônica - doença transmitida por pulgas contaminadas após se alimentarem do sangue de ratos que possuíam a doença e que era capaz de matar um homem adulto saudável em apenas algumas horas - varreu a Europa a partir de meados do século XIV, pondo até mesmo um hiato na guerra dos cem anos (FERREIRA, 2013, p.103; GONZÁLEZ, 2011, p. 449, 457).

Como dito anteriormente, ascensão social era quase impossível. A nobreza, o clero e o rei constituíam a parte mais elevada do poder. Dela procediam as leis que regiam a população. Além da elite, súditos com prestígio, como cavaleiros, funcionários do governo e comerciantes ricos possuíam acesso aos tribunais de justiça, aos parlamentos e aos embates políticos. A maioria pobre, porém, não conseguia acesso direto aos órgãos de justiça e de governo e aos trâmites legais do estado, e eram socialmente desamparados - exceto pela bondade, simpatia e poder de seu senhor, quando este os possuía - e, em geral, eram sumariamente castigados em caso de revoltas ou greves. Alguns poderiam até obter algum sossego em sua forma de vida, mas tudo poderia mudar rapidamente caso perdessem suas colheitas, adoecessem ou sofressem acidentes que lhes tirasse a possibilidade do trabalho (FERREIRA, 2013, p.103-104).

Durante a Idade Média também surgiu o movimento escolástico. A Escolástica, a grosso modo, foi uma tentativa de racionalização da fé. A Teologia passava a ser vista, então, através da lógica dedutiva aristotélica recentemente redescoberta (CAIRNS, 2008, p. 207). Gerberto de Aurillac (posteriormente, Papa Silvestre II) foi um dos incentivadores deste pensamento. Para ele, a autoridade eclesiástica não era mais a fonte absoluta de saber. Era necessário que outras fontes de sabedoria pudessem ser consultadas. Antes mesmo de ser Papa, ele adquiriu muitos manuscritos em latim e formou uma biblioteca considerável. Obrigou que seus alunos aprendessem latim e estudassem os clássicos romanos a partir dos originais. Pedro Abelardo adicionou ao estudo da Bíblia a dúvida. Para ele, a primeira chave para a sabedoria era o constante e frequente questionamento. Ao indagar, chegava-se à verdade. Era um novo tipo de pensamento, que tinha origem na filosofia grega (SHELLEY, 2018, p. 220-221).

Com o crescimento e disseminação deste movimento particularmente intelectual, essas novas “doutrinas” passaram a se espalhar pelas principais escolas clericais europeias, que eram as escolas vinculadas às catedrais. As escolas que mais se destacavam pelo crescimento sapiencial tornaram-se as primeiras universidades. Eram espaços de pesquisas acadêmicas, de produção de novos saberes e, também, local de inúmeros debates, e que recebiam frequentemente a intervenção real ou clerical. A educação básica era composta pelas sete artes liberais: o *trivium* - que tratava de gramática, retórica e lógica - e o *quadrivium* - que versava

sobre aritmética, geometria, astronomia e música. Após o domínio dessas artes, o estudante era iniciado em Teologia, Direito e Medicina (FERREIRA, 2013, p. 123-124).

Em contrapartida e em meio ao movimento escolástico, um movimento místico se opôs e se somou ao saber racional. Muitos cristãos se opunham ao saber puramente racional - que se fazia tendência natural a partir da filosofia - passando a pregar e salientar uma experiência profunda, passional, pessoal e imediata com Deus. Alguns rejeitavam completamente a ideia mística, e outros a somavam ao saber racional. Logo, existiam algumas vertentes distintas de pensamento:

- A racionalidade pura, que rejeitava qualquer traço de misticismo;
- A racionalidade aliada ao misticismo intuitivo, emocional e psicológico;
- A racionalidade aliada ao misticismo extático, que é o misticismo filosófico;
- O misticismo extático em detrimento à racionalidade (CAIRNS, 2008, p. 222).

O movimento místico buscou retomar a natureza piedosa da religião cristã, afastando-a de que se perdessem suas características religiosas e passasse a figurar apenas como uma escola de pensamento. Mas ao mesmo tempo permitiu que o texto bíblico pudesse ser trocado por uma autoridade interior subjetiva, e que as doutrinas bíblicas pudessem ser relativizadas (CAIRNS, 2008, p. 224). A confusão causada por essas vertentes de pensamentos aliada aos atos políticos e corruptos já apresentados exigiam que a Igreja suscitasse uma reforma.

A instituição das cruzadas se tornou um ponto chave para o decaimento da Idade Média. Obviamente, o declínio desse período não se deu instantaneamente, mas as cruzadas foram o prelúdio deste acontecimento. O vínculo pessoal entre o senhor e o vassalo se constituía no princípio mais básico do sistema feudal. O contrato por eles estabelecido era sagrado para ambas as partes e irrevogável, e seu rompimento constituía felony e traição. O principal dever do senhor era prover justiça e proteção ao vassalo, e o principal dever do vassalo era fornecer serviço militar ao seu senhor por quarenta dias anuais sem salário (SHELLEY, 2018, p. 202). Muitos nobres e muitos cavaleiros acabaram por se juntar ao movimento das cruzadas, e muitos destes jamais retornaram ao seu lugar de origem. Outros se desfaziam de suas terras para investir o dinheiro em campanhas militares. Camponeses e as classes média e alta acabavam por adquirir as glebas. Muitos senhores feudais, por sua jurisdição e riqueza, acabavam por adquirir cartas que lhes garantiam a autogestão da região. Essas classes, enriquecendo, favoreciam a monarquia dando concentração e controle de poder aos reis para que esses pudessem promover condições de segurança e ordem que eram necessárias para o

estabelecimento de seus negócios, encetando o aparecimento dos Estados-nação (CAIRNS, 2008, p. 198).

Pelos aspectos econômicos, sociais e demográficos, houve mudanças significativas com o surgimento dos cruzados. As cruzadas trouxeram a segurança de volta às estradas e às rotas marítimas, tornando possível a retomada do comércio. A riqueza que dantes era obtida apenas pela posse da terra passou a ser adquirida também através da produção manufatureira e do comércio mercantil. Os comerciantes, então, voltaram a habitar as cidades, e houve um certo êxodo rural. A nova classe rica e mercantilista ficou conhecida como burguesia, pois eram os que habitavam os burgos - fortalezas ou cidades medievais muradas. Estes, conforme enriqueciam, se tornavam capazes de fazer frente à nobreza estabelecida e, em certo aspecto, também se levantavam contra a igreja (GONZÁLEZ, 2011, p. 383).

A Europa estava lentamente se afastando de seu passado feudal. A terra era menos importante, o novo interesse era dinheiro vivo, e cada vez mais os homens no topo da estrutura do poder medieval percebiam que era necessário comandar fontes maiores de renda, o que, por sua vez, exigia uma autoridade fiscal mais ampla (SHELLEY, 2018, p. 240-241).

Earle E. Cairns (2008) afirma que com a descoberta dos textos clássicos antigos, e com a fomentação do mercado, muitos homens passaram a abandonar a visão corporativa, religiosa e medieval da vida, buscando certo individualismo. O comércio tornou-se mais importante do que a agricultura. O homem passou a ser visto como o centro da vida, ao invés de Deus. A religião passou a se tornar parte secundária e menos relevante da vida. Tornou-se mera formalidade. Essa cosmovisão começou a surgir à volta dos burgos italianos. Os burgueses, enriquecendo por meio do comércio com o oriente próximo, começaram a promover as ciências e a cultura além da Igreja, tudo o que pudesse tornar a vida mais confortável e aprazível. O governo centralizado promovia a ordem e a segurança. A prensa de tipos móveis surgia e disseminava a informação como nunca se vira antes. A Renascença surgia, e a Idade Média conhecia seu crepúsculo.

3.5.3 Os pré-reformadores

John Wycliffe (1328 d.C - 1384 d.C.) foi aluno e catedrático em Oxford a maior parte da sua vida, e é um dos grandes nomes da reforma, mesmo vivendo cerca de um século e meio antes do evento de Wittenberg. Era reconhecidamente um homem erudito e estudioso ávido, bem como um cristão sincero. Ele suscitou a implementação de uma reforma na igreja,

eliminando os clérigos sabidamente imorais do seio da Igreja. Ele exigia que houvesse, por parte do sacerdote, a santidade e pureza indicadas nas Escrituras para todo pastor que se disponibilizava ao serviço. Também defendia que tais sacerdotes perdessem a tutela sobre as posses e territórios clericais, pois se não podiam administrar suas vidas, menos ainda poderiam tutorar aquilo que Deus lhes concedera para cuidar já que, na visão de Wycliffe, todas as posses da Igreja pertenciam a Cristo, e o sacerdote era seu mordomo. Descontente com o rumo que a liderança papal tomava, com as brigas, com o Cativo Babilônico da Igreja, com o Cisma, começou a discordar abertamente das decisões dos papas e dos dogmas da Igreja, defendendo que Cristo, e não o Papa, era o líder da Igreja, e que a fonte de autoridade da Igreja era não o Papa, mas a Bíblia, e que a Igreja Católica deveria mudar sua estrutura e adequá-la de acordo com os textos neotestamentários. Ele também era contra a teoria da transubstanciação, afirmando que Cristo, percebido pela fé, estava espiritualmente presente no símbolo da comunhão, e não na substância dos elementos. Este último pensamento se fazia deveras perigoso, pois retirava do corpo eclesiástico o poder sobre a salvação do homem por não possuírem mais o corpo e o sangue reais de Cristo. (CAIRNS, 2008, p. 225-226; GONZÁLES, 2008, p. 487-488). Ele era também contra o celibato, pois se tornava em “uma abominação que produzia imoralidade, aberrações sexuais, abortos e infanticídios” (GONZÁLES, 2008, p. 492).

Por discordar de uma autoridade estrangeira em solo inglês - no tempo do fortalecimento dos Estados-nação -, Wycliffe era ouvido e celebrado pelos nobres ingleses que desejavam não mais pagar tributo ao Papa e se apossar de toda a riqueza da Igreja em seu território. Porém, com o amadurecimento de suas ideias, passou também a condenar a sede Estatal de governar o “corpo de Cristo”, e os nobres que dantes o apoiavam, optaram por dele se afastar. Suas ideias foram, então, condenadas em Londres em 1382, pelo que fugiu para Lutterworth (CAIRNS, 2008, p. 226).

Dois de seus grandes feitos foram a primeira tradução do Novo Testamento da Bíblia para a língua inglesa - já que, até então, o latim era considerado uma língua sacra e todas as bíblias eram lidas apenas em latim -, desafiando as diretrizes católicas - pois, para a Igreja Católica, apenas o Papa tem autoridade para interpretar a Bíblia -, e entregando ao povo a Bíblia em sua língua natural; e a promoção de um grupo de pregadores leigos conhecidos como os Lollardos - murmuradores -, que difundiriam suas ideias pelas próximas décadas e basilariam os ideais da Reforma Anglicana na Inglaterra. Não se pode provar o contato direto de Wycliffe com os Lollardos, mas fato é que suas ideias eram por estes apregoadas, e, com o passar do tempo, tornaram-se extremamente populares entre os cristãos mais pobres, pois promoviam mais igualdade entre os homens (GONZÁLES, 2008, p. 491-492).

Wycliffe morreu em 31 de dezembro de 1384, vítima de uma embolia. Foi enterrado em solo sagrado como católico. O Concílio de Constança (1414 d.C. - 1418 d.C.), entretanto, o excomungou, e seus ossos foram exumados e queimados, e suas cinzas jogadas no rio Swift. Quanto aos Lollardos, seus ensinamentos foram considerados heréticos. Seus simpatizantes na nobreza acabaram por se retratar com a Igreja Católica e o movimento foi praticamente extinto. Contudo, o movimento sobreviveu e acabou por se juntar aos reformadores, posteriormente (GONZÁLES, 2008, p.488).

Na região da Boêmia - atual República Tcheca - um grande Ícone pré-reformador também apareceu: John Huss (137? d.C. - 1415 d.C.). Bem como no restante da Europa, a simonia, a avareza e a imoralidade clerical eram notáveis, e a necessidade de uma reforma eclesiástica se tornava evidente, facilmente cooptando, para si, simpatizantes. Como em todas as outras situações, o nacionalismo e a situação política estatal possuem grande importância para a projeção de Huss. Carlos IV (1316 d.C. 1378 d.C.) foi rei da Boêmia, da Germânia e da Itália, e vendo a situação do sacerdócio em seu reino - na Boêmia, a Igreja chegou a ser dona de metade do território nacional, enquanto a coroa somente possuía um sexto - passou a apreciar os movimentos reformadores que lhe pareciam benéficos tanto na esfera estatal quanto na esfera religiosa. Ele mesmo introduziu em seu reino um pregador - Conrado de Waldhausen - das ideias de Wycliffe em seus domínios.

John Huss nasceu por volta de 1370 no vilarejo boêmio de Husinec. Ingressou na Universidade de Praga em 1387 e passou a pregar uma reforma na Igreja Católica em 1402, quando assumiu a capela de Belém - nesse mesmo ano, tornou-se reitor da Universidade de Praga. Ele era um reformador prático, e não doutrinário. Buscava o arrependimento sincero e real da classe eclesiástica bem como de qualquer outro cidadão, e não se voltava muito para os aspectos acadêmicos, doutrinários e puramente teológicos a respeito do tema. Era considerado muito eloquente em sua pregação, de tal forma que o rei Venceslau IV - filho de Carlos IV - e sua esposa o escolheram como confessor pessoal. Era visto com suspeita por parte da nobreza que temia sua influência, mas recebia o apoio real, do restante da nobreza e era muito popular entre os cidadãos comuns (GONZÁLES, 2008, p. 494).

Apesar do rei ser um só, os povos que por ele eram regidos, não o eram. Havia rivalidade entre germânicos e tchecos. Os germânicos existiam em menor número, mas possuíam muito mais poder e riqueza, e menosprezavam os tchecos - tendo-os por bárbaros. Na universidade, os germânicos possuíam três votos, e os tchecos, apenas um. Os sentimentos nacionalistas afloravam, e os germânicos se afastavam dos tchecos também nas doutrinas e filosofias. Os alemães defendiam a filosofia nominalista, e os tchecos, a filosofia realista.

Através de um aluno de Huss que esteve na Inglaterra, os escritos de Wycliffe chegaram à Praga, e contagiaram os tchecos, ao passo que os alemães se propunham a refutá-lo. Academicamente, os escritos de Wycliffe passaram a nortear os princípios reformadores pregados por Huss e pelos estudantes tchecos, que se viram obrigados, a certa altura, a defender os escritos do reformador inglês na academia - ainda que não intencionassem fazê-lo -, pelo que foram acusados de heresia pelos alemães. Os nobres inimigos de Huss logo acharam uma desculpa para se verem livres de sua pregação e de sua influência, e endossaram os estudantes alemães. O rei Venceslau - que necessitava politicamente do apoio da universidade -, aproveitando que havia maioria tcheca na universidade, trocou o esquema de votação, dando aos germânicos apenas um voto, e três aos tchecos. Os germânicos abandonaram a universidade e se mudaram para Leipzig, onde fundaram uma nova universidade e condenaram a Universidade de Praga por heresia (GONZÁLES, 2008, p. 494-495).

Como as teorias de Wycliffe já haviam sido condenadas, transformaram o movimento boêmio em apenas uma extensão desta doutrina, e Huss foi proibido pelo Papa Alexandre V de pregar fora da universidade ou dos centros religiosos - mosteiros, catedrais, paróquias... Huss não pôde obedecer a esta ordem e continuou sua pregação do Evangelho como dantes o fazia. Apegou-se às ideias de Wycliffe e de Guilherme de Occam sobre a autoridade infalível da Igreja estar apenas nas Escrituras - embora não fosse contra o papado nem a Igreja, desejando apenas uma reforma - e, sendo convocado à Roma e não comparecendo, foi excomungado em 1411 da Igreja Católica pelo cardeal Collonna - era a época dos três papados concomitantes - mas não deixou sua cátedra, nem sua Igreja, nem sua cidade, porquanto o rei e boa parte da população lhe eram favoráveis (GONZÁLES, 2008, p. 495).

Outro ponto eclesiástico com o qual não concordava era a respeito da venda de indulgências. Huss afirmava que o Único que poderia tirar almas do purgatório seria o próprio Deus, não alcançando as indulgências suas pretensas finalidades, e existindo apenas para a promoção da simonia. Insistindo em sua fé, John Huss foi novamente excomungado em 1412, pelo mesmo motivo da excomunhão anterior: não se apresentou à Roma. Recebendo promessa de salvo-conduto, ele acabou por se apresentar ao Concílio de Constança onde foi julgado e condenado por heresia. Ao final, apelou a Jesus Cristo e recebeu a morte como sentença. Morreu queimado em uma fogueira em 6 de julho de 1415, perto de outra fogueira que havia queimado seus escritos (GONZÁLES, 2008, p. 496-498).

Os chamados “hussitas” revoltaram-se em toda a Boêmia, e não aceitaram a supremacia do Concílio de Constança. O nacionalismo uniu o povo, e tiveram forças para desafiar Roma. A Igreja Católica investiu algumas vezes contra eles - belicamente falando -

mas sofreu derrotas em todas as frentes. No tempo da reforma, os hussitas se aliaram aos protestantes (GONZÁLES, 2008, p. 498-501).

Em 1490, Jerônimo Savonarola (1452 d.C - 1498 d.C.) passou a compor a Ordem dos Pregadores de São Domingos - ou seja, era um monge dominicano. Sua eloquência diante de assuntos bíblicos e sua vida recatada e de santidade fizeram com que assumisse muita responsabilidade dentro da Ordem e, assim, tanto a reputação quanto o seu nome receberam atenção. Fez sua fama ao expor as escrituras a frades e pares na Igreja de São Marcos, em Florença, na Itália, e veio para a cidade a convite de Lourenço de Médici - um alto nobre da cidade. Pregou por meio ano, tempo durante o qual muita gente aparecia para ouvi-lo falar. Os temas centrais eram o retorno de Cristo e a santidade. E ao expor seus conhecimentos, passava a atacar o modo de vida do clero e da alta nobreza da cidade, que se consumiam em avareza e luxúria sem se importar com o testemunho cristão. Ele era um pré-reformador, porém, defendia uma reforma local (GONZÁLES, 2008, p. 528).

Em uma pregação, na Quaresma de 1491, ele condenou todos os atos de corrupção em todos os níveis sociais, pelo que Lourenço de Médici gritou para que ele se calasse e até incitou outro pregador para que publicamente o aviltasse. A isto, Savonarola respondeu que não se poderia calar a Palavra de Deus. Houve desavença, então, entre eles. Sua competência fez com que Jerônimo assumisse a Igreja de São Marcos, e era costume que o prior eleito visitasse cordialmente Lourenço, para lhe agradecer a boa vontade para com a casa de São Marcos. Ele se recusou. Como representante maior da Igreja em Florença, vendeu todas as riquezas e posses da Igreja e distribuiu seus lucros entre os pobres. Também exigiu santidade de seus monges, e chegou a aplicar a mesma receita em igrejas próximas que a ele pediram intervenção (GONZÁLES, 2008, p. 528).

Com a saída dos Médici da cidade, o governo foi praticamente entregue nas mãos de Savonarola, que cuidou dos pobres, livrou a cidade de ataques, e fez acordo com o rei Carlos VIII da França que estava às portas para atacá-los. Implementou um governo parlamentar. Fazendo-se aliado do Estado francês, acabou por desagradar ao Papa e a outros Estados italianos que acabavam de se unir à Alemanha e aos monarcas espanhóis no que ficou conhecido como “A Santa Aliança” - uma frente militar unida contra o rei da França. Savonarola não quis se unir a eles, antes promovendo a paz com a França, pelo que Alexandre VI, o sumo pontífice da época, se desagradou dele. Alexandre enviou a Savonarola algumas cartas de excomunhão, mas ele sempre as rejeitava por acusarem o monge de heresias que jamais havia pregado. O Papa ordenou, então, ao monge, que se calasse. Ele o obedeceu. Mas seu silêncio se limitou à pregação, pois sua pena passou a imprimir suas ideias, e a prensa móvel de Gutenberg, a

distribuí-la a distâncias muito maiores. Em uma última tentativa, o Papa ameaçou interditar Florença, prender todo e qualquer florentino que estivesse na jurisdição de Roma e das cidades-estado que participavam da “Santa Aliança” e a confiscar toda mercadoria em seu poder. Desta maneira, Florença passou a não mais apoiar seu monge, e ele se viu só com seus frades, monges e alguns amigos (GONZÁLES, 2008, p. 529-533).

Um frade franciscano irreconciliável com Savonarola o desafiou a atravessar duas gigantes piras incendiadas para que aquele que a atravessasse fosse considerado homem de Deus, e que o outro saísse da cidade. Savonarola não aceitou, mas um outro frade dominicano aceitou desafio em seu lugar como representante de Savonarola, que não o consentiu. No dia marcado, houve chuva tão intensa que as piras não puderam resistir acesas, ao que declararam que não havia ganhador. Então, declararam a Savonarola como perdedor. Os comerciantes da cidade que temiam as ordens do Papa acerca do confisco de seus produtos se juntaram aos clérigos católicos que já haviam sido ofendidos por Savonarola e o tomaram no mesmo dia, maltratando-o em sua captura e torturando-o por muitos dias. Houve três julgamentos: dois do parlamento florentino, e um do legado papal - Alexandre VI já havia ordenado que sua comitiva (o legado) o condenasse antes mesmo de que estes houvessem saído de Roma. Savonarola foi condenado como “herege e cismático” nos três julgamentos juntamente com dois de seus colaboradores mais chegados, e foram entregues para serem enforcados e queimados pelo povo da Florença - já que a Igreja, em si, condenava seus rebeldes, mas não cumpria as sentenças, entregando-os ao povo - no dia 23 de maio de 1498 (GONZÁLES, 2008, p. 533).

3.5.4 A reforma alemã

Martinho Lutero (1483 d.C - 1546 d.C.) foi um monge agostiniano que nasceu em Eisleben, na Alemanha, e era filho de camponeses. Seu pai era mineiro, e investiu o que pode em sua educação para que Lutero se tornasse advogado - ofício ao qual se recusou dedicar-se, pelo que o pai se irou e permaneceu muito tempo sem aceitar vê-lo. Enviou-o aos 18 anos para a Universidade de Erfurt, onde aprendeu a lógica aristotélica. Porém, aos 21 anos, Lutero decidiu tornar-se monge e ingressou no monastério agostiniano de Erfurt. Lutero conhecia a sua miséria e não desejava enriquecer, mas temia a morte e o inferno. O tema da salvação da alma era o que corroía a alma de Lutero. Buscando alcançar a Salvação, sobre este tema se debruçou com sinceridade de mente e de atitudes. Praticava a penitência e a confissão de forma tal que, às vezes, voltava ao confessionário logo depois de dele haver saído. (GONZÁLES,

2011, p. 28-31). Sobre a honestidade da busca e das ações de Lutero, González (2008) afirma que “são poucas as pessoas que duvidam da sinceridade de Lutero”, havendo muitos católicos que admitem a nobreza dos intentos de Lutero, e muitos historiadores protestantes que, apesar de seus feitos, não romantizam ou o transformam em um ícone sobrenatural (GONZÁLEZ, 2011, p. 28).

Obteve seu diploma de bacharel em artes em 1502, e de mestre em artes em 1505. Em 1508 lecionou por um semestre na Universidade de Wittenberg, e seus estudos mais o atormentaram. Lutero temia o Deus vingativo que conhecera durante toda a sua vida, e temia a expressão “justiça de Deus” que, para ele, continha toda a maldade e rigor de Deus para com o homem. Ao mesmo tempo, o monge agostiniano contemplava não somente a própria maldade, mas a maldade de quem dizia ser servo de Deus. Ficou escandalizado ao visitar Roma entre 1510 e 1511. Viu a grande avareza e corrupção em que estavam envolvidos os seus irmãos romanos. Procurava visitar muitas igrejas na região, vendo sempre a opulência de suas posses e a leviandade de seus atos, inclusive com os atos da missa, que eram encurtadas para que se pudesse cobrar por muitas missas em um único dia (CAIRNS, 2008, p. 259-260).

Lutero se debruçava sobre as Escrituras, e em tudo ouvia a seus superiores, buscando sempre a solução para a sua angústia. Concluiu seu doutorado em Teologia em 1512 e foi transferido para Wittenberg. Lecionava em vernáculo, para que os mais leigos pudessem entender o que dizia. Passou a estudar hebraico e grego para poder ler a Bíblia nos idiomas originais, e percebia que, cada vez mais, a autoridade bíblica se impunha sobre qualquer autoridade terrena. Estudando e lecionando sobre a Epístola aos Romanos, Lutero descobriu a passagem que dizia que “o justo viverá pela fé”. Não instantaneamente, não rapidamente, e não sem muito julgamento de consciência, ele acabou por descobrir que não era qualquer obra que o homem praticava que o redimia de seus pecados, mas a justificação daquele que cria era obra de Cristo, uma dádiva concedida aos que tinham fé. Isso lhe deu a paz de espírito e de consciência que ele buscava. A partir de então, três pontos doutrinários foram cunhados por ele: *sola scriptura* (somente a Bíblia, revelando sua total autoridade), *sola fide* (somente a fé, revelando que a salvação somente pode ser encontrada através da fé), *sola gratia* (somente a graça, revelando que o homem não pode justificar-se a si mesmo, mas quem opera a salvação no homem é a graça de Cristo). Até aqui, Lutero não tinha a intenção de reformar a Igreja ou mesmo romper com ela. (CAIRNS, 2008, p. 260; FERREIRA, 2013, p. 161; GONZÁLEZ, 2011, p. 31-32).

Lutero passou a pregar suas novas descobertas com alegria, porém não percebeu que sua nova compreensão ia contra muito da estrutura social, política e doutrinária da Igreja. Lutero

compilou 95 teses com as quais proporia o debate acadêmico a respeito de suas descobertas e que pretendia que alcançassem toda a Igreja, mas não obteve êxito. Ele criticava abertamente o escolasticismo, e sua doutrina justificação pela fé acabava com o mercado das indulgências e com a prática das penitências - que eram duas grandes fontes de arrecadação monetária da Igreja (GONZÁLEZ, 2011, p. 33).

Durante este tempo, a casa dos Hohenzollern queria ter a hegemonia sobre a Alemanha. Alberto de Brandemburgo - que pertencia aos Hohenzollern - adquiriu para si duas sedes episcopais, e desejava obter a mais importante da Alemanha, que ficava em Mainz, e pediu ao Papa o controle sobre esta sede, ao que Leão X - o pontífice da época - lhe exigiu dez mil ducados - tinha a intenção de terminar a basílica de São Pedro, mas não tinha dinheiro para financiar a construção. Como era uma grande soma na época, Alberto propôs que se vendessem indulgências em todo o território alemão, de maneira que metade do que fosse arrecadado fosse para o bolso do Papa, e a outra metade ficaria como pagamento aos Bancos que emprestaram os dez mil ducados. No fim, Alberto não gastaria nada, e Leão X teria total controle do dinheiro arrecadado (GONZÁLEZ, 2011, p. 33).

Na região de Wittenberg, quem apareceu como vendedor de indulgências foi Johann Tetzel, laicista de Alberto. Ele foi consagrado a arcebispo na ordem dominicana, e fazia propagandas de suas indulgências que visavam enganar o leigo, mas não podia enganar um sacerdote. Prometia que as indulgências que vendia tornavam o homem mais santo do que no dia de seu batismo, ou que tornavam o homem mais puro que Adão antes do pecado original. Irritado com a atitude de Tetzel, Martinho Lutero chamou suas 95 teses com o nome de “Debate para o esclarecimento do valor de indulgências” e o fixou com martelo e prego na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg em 31 de outubro de 1517. Estava escrito em latim, e por causa da disseminação da prensa móvel, em duas semanas suas teses haviam se espalhado por toda a Alemanha, e em dois meses, por toda a Europa, de maneira que causou grande comoção social, além de enfurecer os líderes eclesiásticos e a nobreza com quem a Igreja negociava. A princípio, Lutero estava apenas rebatendo as palavras de Tetzel, mas logo se viu no papel de Reformador da Igreja. Lutero recebeu apoio de muitos reis europeus que não mais desejavam servir Roma e suas exuberâncias, nem prestar respeito a homens que faziam a si mesmos deuses, como Frederico III da Saxônia. À Lutero aderiram muitos movimentos reformadores que já existiam, e que agora explodiam diante de seus escritos. Lutero tornou-se pregador dos ideais da Reforma na Alemanha, e contava com Filipe Melanchton como sistematizador da Teologia da Reforma (CAIRNS, 2008, p. 260-261; FERREIRA, 2013, p. 161; GONZÁLEZ, 2011, p. 33-34).

Maximiliano I, rei do império Romano-Germânico encolerizou-se com Lutero e pediu ajuda de Leão X. Lutero também enviou uma carta respeitosa a Alberto de Brandemburgo com uma cópia das 95 teses, e este também pediu auxílio ao Papa. Este, julgando que se tratava de rixa entre agostinianos e dominicanos, pediu que a Ordem Agostiniana julgasse as teses de Lutero, e Lutero acabou tendo apoio de muitos de sua Ordem. O Papa decidiu, então, que na assembleia nacional dos potentados alemães e presidida por Maximiliano em Augsburg, deveria se cuidar dos assuntos relacionados a Lutero. Este, porém, descobrindo que sairia de lá preso caso não se retratasse, decidiu fugir da cidade e retornar a Wittenberg (GONZÁLEZ, 2011, p. 35-36).

Em 1520, querendo abrir diálogo com o povo alemão, Lutero publicou três panfletos: O “*Apelo à Nobreza Germânica*”, onde negava que a autoridade máxima da Igreja era o Papa, sugeria que os príncipes deveriam intervir na Igreja sempre que uma reforma se fizesse necessária, que o Papa não deveria se envolver nos assuntos civis de um povo e que todo cristão munido de uma Bíblia poderia interpretar as escrituras; em “*O Cativo Babilônico*”, no qual criticava o sistema de sacramentos da Igreja e toda a sua doutrina salvífica, ressaltando a importância apenas do batismo e da eucaristia; em “*Sobre a Liberdade do Homem Cristão*”, Lutero dava a todos os crentes a responsabilidade de ser um sacerdote de Cristo, tirando os homens das amarras teológicas da Igreja Católica. Com esses três escritos, Lutero aguçou o povo para que houvesse uma reforma eclesiástica nacional. Leão X, então, excomungou Lutero e mandou que se queimasse todos os seus escritos, e que seus pensamentos não fossem mais propagados. Em resposta, Lutero queimou em público a Bula papal que recomendava sua excomunhão (CAIRNS, 2008, p. 262-263).

O rei do império Romano-Germânico Carlos V, substituto de Maximiliano I - que morrera em 1519 -, convocou então uma assembleia imperial na qual Lutero deveria comparecer, mas este se recusou novamente, afirmando que somente se retrataria se fosse convencido, pelas Escrituras, de que estava errado. Seus amigos, temendo sua morte, o sequestraram de Wittenberg e o levaram para Wartburg, onde permaneceu até 1522. Lá, ele traduziu o Novo Testamento para o alemão. Até 1534 ele completou a tradução de toda a Bíblia, e sua tradução serviu como instrumento consolidador da gramática e da escrita alemã (CAIRNS, 2008, p. 263-264).

O movimento luterano passou por fases de maior apoio, e de menor apoio conforme o tempo se passou. Muitos de seus apoiadores o abandonaram, ou o deixaram por se sentirem abandonados. O caso mais trágico foi com os camponeses. Eles utilizavam os argumentos de Lutero a respeito da teologia salvífica para protestar contra seus senhores, e pediram a ele seu

apoio. Lutero escreveu “*Admoestação à Paz*”, em que pedia um tratamento mais digno aos camponeses, enquanto a estes, recomendava a paciência. Porém, vendo que movimentos sociais poderiam contaminar sua teologia e reverter a ordem social, escreveu “*Contra o bando assassino e salteador*”, onde pedia que os príncipes não permitissem o caos revolucionário. A consequência foi o massacre de cem mil camponeses. Considerando-o traidor, os camponeses do sul da Alemanha o abandonaram e novamente se vincularam à Igreja Católica (CAIRNS, 2008, p. 265).

Lutero casou-se com Catarina de Bora em 1525. Muitos monges, por esta causa, também o abandonaram, embora Lutero pregasse o fim do celibato entre os sacerdotes clericais, recomendando o casamento a todos. Em “*Sobre os Votos Monásticos*”, ele recomenda que monges e freiras repudiem seus votos, abandonem a clausura e constituam famílias (CAIRNS, 2008, p. 264-265).

Ainda assim, o reformador alemão possuía muitos seguidores, e dentre estes, muitos príncipes de muitas cidades. Lutero teve, então, que recomendar uma liturgia a seus seguidores, já que a liturgia católica não mais os amparava. Esses príncipes se juntaram a uma assembleia na cidade de Speyer, em 1526, e fizeram com que, até que um novo concílio geral se reunisse, cada príncipe escolheria a religião de sua cidade, o que espalhou o movimento luterano por toda a Alemanha. Porém, quando o concílio geral se reuniu na mesma cidade em 1529, a permissão foi revogada e os laços da Alemanha com a Igreja Católica foram reafirmados, instituindo-se que apenas a fé católico-romana era a única fé reconhecida por lei. Os príncipes luteranos protestaram. Estes foram designados “protestantes” por seus concorrentes, e é esta a origem da nomenclatura “protestante” que é aplicada a todos os cristãos de fé reformada ainda hoje (CAIRNS, 2008, p. 265-266).

Filipe Melancton, com a permissão de Lutero, compilou em 1530 a confissão de Augsburgo, que veio a se tornar o primeiro credo oficial da Igreja Luterana. (CAIRNS, 2008, p. 266) Lutero faleceu em 18 de fevereiro de 1546, aos 62 anos, sem motivo oficial declarado.

3.5.5 Outras reformas

Na Suíça, a principal veia reformadora veio através de Ulrico Zuínglio. Zuínglio nasceu em 1º de janeiro de 1484 em Wildhaus, Toggenburg, filho de uma próspera família camponesa, o que lhe proporcionou uma educação universitária primeiramente na Universidade de Viena, e posteriormente, na Universidade de Basileia, onde conquistou seu bacharel e seu

mestrado em artes, em 1504 e 1506, respectivamente. Zuínglio não estava, a princípio, interessado na teologia, mas gostava da filosofia humanista e das ciências humanas em geral. Serviu por dez anos como sacerdote da paróquia de Glarus desde seu diploma de mestrado, e foi capelão do exército suíço pelo mesmo período. Os escritos de Erasmo de Rotherdan levaram-no a abandonar a escolástica e a se dirigir diretamente à Bíblia e aos seus idiomas originais. Condenava a venda de indulgências e os abusos da Igreja Católica. Como fervoroso patriota, também condenava a utilização do exército suíço em guerras estrangeiras, bem como ao serviço de jovens suíços como mercenários (CAIRNS, 2008, p. 270-271; LINDBERG, 2017, p. 106).

Em 1518 assumiu a catedral de Zurique. O que levava Lutero às reflexões teológicas fora sua angústia pessoal. Já Zuínglio foi impelido pelo surto de peste bubônica que varreu um quarto da cidade de Zurique, tomando inclusive seu irmão. Ele passou a pensar a respeito da providência divina sobre a vida, ao mesmo tempo que se desagradava das ações da Igreja romana em Zurique. Ainda neste período ele teve contato com os escritos de Lutero, o que o levou a se converter à fé reformada. Em meio ao caos de seu povo, ele via a Igreja exigindo pagamento dos dízimos, ao que ele respondeu que não havia base bíblica para tal cobrança, e que o dízimo era uma questão de voluntariedade. As palavras de Zuínglio tiveram grande impacto nas finanças da Igreja Católica (CAIRNS, 2008, p. 271; LINDBERG, 2017, p. 107).

Durante a Quaresma de 1522, visitando a casa de um impressor chamado Cristóvão Froschauer, Zuínglio permitiu que os trabalhadores que ali estavam fossem alimentados com salsichas, o que causou um escândalo local. Zuínglio debateu então a respeito do ocorrido com a explanação do tema da liberdade cristã, segundo o qual cada cristão deveria decidir sobre o jejum da Quaresma, já que a Bíblia em si não a recomendava, mas que o que realmente importava era a fé do cristão. Além desse ocorrido, ele também passou a condenar o celibato clerical, chegando a tomar por esposa uma viúva chamada Anna Reinhard em 1524 (LINDBERG, 2017, p. 107).

Todas essas ações de Zuínglio levava o povo de Zurique a se questionar sobre o real poder e autoridade da Igreja. Zuínglio defendia a teoria da *sola scriptura* já vista aqui, e o bispo de Constança defendia que apenas a Igreja teria autoridade para interpretar o texto sagrado. Uma Dieta (assembleia) na cidade de Baden acusou Zuínglio de heresia e culpou a cidade de Zurique por permitir que tal sacerdote pregasse em público. As autoridades católicas da cidade resolveram fazer uma discussão pública - e não um debate acadêmico, como fizera Lutero - sobre o assunto, no qual todos desafiaram Zuínglio em um debate, e os cidadãos de Zurique decidiriam qual fé adotar na cidade e em suas jurisdições. Em janeiro de 1523, Zuínglio, em

posse de 67 teses que havia compilado, e utilizando não mais que as versões hebraica, grega e latina da Bíblia, defendeu a partir das Escrituras a Salvação somente pela fé - *sola fide* -, a autoridade total apenas de Cristo - *solus Christus* -, o direito ao casamento para qualquer sacerdote e o fim de qualquer prática clerical que não possuísse fundamentação bíblica. O povo decidiu pela argumentação de Zuínglio - em parte, pela sua pregação, e em parte, por questões políticas, já que a autoridade da Igreja Católica seria seriamente afetada com essa decisão. Monges e freiras foram autorizados a contrair matrimônio, e as cerimônias católicas que exigiam pagamento para serem exercidas, como batismo e a vigília fúnebre, passaram a ser desempenhadas sem o ônus monetário (CAIRNS, 2008, p. 271; LINDBERG, 2017, p. 107-108).

O questionamento também surgiu a respeito das imagens, dos santos, dos crucifixos e das relíquias e ornamentos da Igreja. Zuínglio se pôs contra todas essas práticas. Porém, ele era comedido em seus atos. Alguns achavam que ele deveria, ao invés de uma reforma, promover uma revolução, e passaram a vandalizar todos os símbolos católicos. Estes se separaram do movimento reformador e fundaram o movimento anabatista - uma forma mais radical de protestantismo que propunha rebatizar os cristãos que aderiam a seu movimento, mas que foram severamente perseguidos por não se encaixarem na esfera social comum e, em geral, acabavam por serem mortos por afogamento (LINDBERG, 2017, p. 107-108).

O protestantismo cresceu muito na Suíça, e com ela a desavença entre protestantes e católicos. Alianças entre cidades que professavam a mesma fé foram celebradas, e uma guerra entre adeptos das duas fés acabou por acontecer. Em 10 de outubro de 1531, na Segunda Guerra de Kappel, Zuínglio foi morto em batalha, esquartejado e queimado. A Confederação Suíça ficou gravemente dividida, e muitas cidades voltaram a aderir ao catolicismo. Seu sucessor, Heinrich Bullinger, tomou seu lugar à frente da Reforma e da Catedral de Zurique. Ele continuou promovendo habilmente a Teologia Protestante. Em 1536 foi assinado a Primeira Confissão Helvética, que lançou as bases teológicas da Reforma Protestante na Suíça (LINDBERG, 2017, p. 109).

Enquanto a Reforma na Suíça alemã se deu em Zurique, na Suíça francófona, o centro do movimento ocorreu em Genebra, e o principal nome dela foi João Calvino. Calvino era francês e nasceu em 10 de julho de 1509 em Noyon, Picardia. Seu pai conseguiu que a Igreja local financiasse seus estudos, de onde obteve sua educação em latim e retórica. Ele desejava que Calvino cursasse Direito - o que chegou mesmo a fazer-, mas abandonou o curso assim que seu pai faleceu em 1531. Na primeira vez em que foi perseguido, foi acusado de co-autoria de um sermão que fora pregado desafiando teólogos em Paris, e fugiu para não ficar na cadeia.

Posteriormente, em 1534, propagandas que atacavam a liturgia católica foram espalhadas pelas principais cidades francesas. Em resposta, O rei Francisco I (1494-1547) ordenou que centenas de protestantes suspeitos fossem capturados, e executou nove deles. A tolerância que havia na França para com os protestantes, então, se transformou em perseguição. Em 1536 foi produzida a primeira versão das “Institutas da Religião Cristã”, e que se tornou a base da sistematização da teologia protestante (LINDBERG, 2017, p. 111-112).

Calvino, a caminho de Estrasburgo, pousou por uma noite em Genebra, mas foi convencido a ficar por um influente pregador da época, Guilherme Farel (1489 - 1565), que no mesmo ano conseguiu expulsar os católicos de Genebra e tornou a cidade em um Estado protestante. Calvino e Farel pregaram e trabalharam nos fundamentos da fé reformada por dois anos na cidade, até que, em 1538, acusados de arianismo, foram expulsos da cidade, passando a habitar a cidade de Basileia. Em seguida, Calvino foi convidado para ser pastor em uma igreja de refugiados advindos da França na cidade de Estrasburgo. Com uma oportunidade ímpar de escolher seus próprios ministros, de implementar uma forma de culto própria e de continuar trabalhando nos escritos da fé reformada, ele aceitou a oferta. Em Estrasburgo, Calvino também contraiu matrimônio com Idelette de Bure (LINDBERG, 2017, p. 112-113).

Calvino foi chamado para ministrar em Genebra novamente em 1541, após redigir o documento conhecido como “*Resposta a Sadoleto*” - Sadoleto, Cardeal católico, havia desafiado a Cidade de Genebra a adotar novamente a fé católica, acusando-os de abandonar a tradição católica e bíblica, ao que, a obra citada respondia satisfatoriamente. Aplicou a estrutura eclesiástica que preparara em Estrasburgo à sociedade genebrina, composta de quatro cargos: pastores, mestres, anciãos e diáconos. Os pastores cuidariam da ordem sacramental, da pregação do Evangelho e da disciplina eclesiástica. Os mestres se aplicavam ao estudo Bíblico, revendo todas as doutrinas e combatendo as heresias. O Conselho dos Doze Anciãos Leigos aconselhava os pastores em suas decisões. E, por fim, os diáconos cuidavam de aplicar a caridade e cuidar dos pobres (LINDBERG, 2017, p. 113-114).

O nome de Calvino é um dos grandes nomes da teologia protestante, sendo ele um sistematizador e conciliador das doutrinas bíblicas, tendo ainda buscado a união entre todas as várias vertentes reformistas.

Na Inglaterra, a reforma seguiu vias diferentes para se estabelecer. Desde Wycliffé, as coisas não andavam muito fáceis para a Igreja Católica, e timidamente o movimento dos Lollardos iam ganhando adeptos com o passar do tempo. A partir do final do século XV, a Igreja Romana foi oficialmente perdendo privilégios legais, e o Estado Inglês ia se afastando da influência Católica. Mas apesar dos conflitos teológicos que pudessem existir entre as

diversas interpretações, o que levou os ingleses à reforma foi uma ocasião pontual, legal, moral e religiosa. Henrique VIII (1491 - 1547) já havia conseguido a permissão do Papa para se casar com a viúva de seu irmão. Mas ela lhe deu alguns abortos e uma filha, pelo que o rei, vendo no casamento uma reprovação da parte de Deus, se desagradou da esposa e desejou o divórcio. Mas o Papa não cederia ao seu pedido, pois Catarina era Nobre de casa de Habsburgo - realeza espanhola -, e ele não se disporia contra os Habsburgo a favor de Henrique. Então, Henrique, através do Parlamento, desvinculou a Inglaterra da Igreja Romana e propôs uma Igreja autônoma (LINDBERG, 2017, p. 117).

A Igreja inglesa, na prática, se mantinha católica, mas não obedecia mais às diretrizes romanas. O protestantismo na Igreja da Inglaterra chegou aos poucos, mas só se tornou forte com a sucessão de Henrique por Eduardo VI (1537 - 1553), seu filho, pois os nobres que o auxiliavam em seu reinado - tinha apenas 10 anos quando começou a reinar, e morreu aos 16 - eram deliberadamente protestantes. Como a religião se fundia ao Estado, os parâmetros da Igreja deveriam passar pela aprovação do Parlamento. A fama da Igreja “protestante” inglesa era a de uma Igreja corrupta. Sucedendo seu irmão, Maria, a sanguinária (1516 - 1558), sucessora de Eduardo, tentou estabelecer o catolicismo como religião oficial do império britânico novamente, e queimou à fogueira muitos nobres que se alinhavam a seu irmão. Maria foi politicamente impopular, e praticamente tudo que fazia neste âmbito provocava o efeito contrário. Ao queimar seus nobres na fogueira, reacendeu o desejo de reforma no coração do povo. Com sua morte e a morte de seu principal aliado católico no mesmo dia, o ideal católico que carregavam perdeu força, e a protestante Elizabeth I ascendeu ao trono. Ao contrário de sua irmã, Elizabeth era hábil na política, e sob seu reinado a Liturgia Anglicana se fortaleceu. A Igreja anglicana apresentava uma fé reformada, mas uma práxis litúrgica muito semelhante com a católica. Muitos protestantes se opuseram aos ritos anglicanos, pois queriam a total separação entre a Igreja Católica e a fé protestante. Esse movimento, mais tarde, veio a ser chamado de Puritanismo (LINDBERG, 2017, p. 118-119).

3.5.6 A origem protestante no Brasil

O Brasil já nasceu com uma fé Católica, já que era colônia portuguesa e o catolicismo era a fé oficial do Reino de Portugal. À época de seu descobrimento, a reforma protestante já estava em ebulição, mas ainda não havia explodido com força total. A primeira tentativa de se instalar uma região protestante aconteceu em 1555, quando um colonizador francês chamado

Villegaignon se instalou no Rio de Janeiro. Ele veio com uma comitiva, fugindo da perseguição francesa contra os protestantes. Mas na colônia havia brigas e facções internas, por questões religiosas, administrativas, comerciais e pelo fato de que Villegaignon não admitia mulheres na colônia, pelo que o desentendimento acabou por adiantar o fracasso social. Havia católicos e calvinistas entre os colonos. Villegaignon era católico, e o vice-almirante, calvinista. Tal se deu a discórdia que Villegaignon perseguiu e matou os calvinistas. Mas os franceses acabaram completamente expulsos em 1567. Apesar do episódio, o primeiro compilado de fé protestante com 17 pontos foi confeccionado nesse tempo, e regado, posteriormente, com o sangue dos calvinistas (CAIRNS, 2008, p. 405-406).

A segunda tentativa de chegada do protestantismo ocorreu com a colonização holandesa entre 1624 e 1654 no nordeste brasileiro. Os holandeses desembarcaram em Salvador em 1624, mas se mudaram para Pernambuco em 1630. Eles dominaram a região entre o Maranhão e Sergipe, e tinham a preocupação missionária consigo. E apesar de sua influência nessa região, portugueses e crioulos se uniram e expulsaram os holandeses do Brasil, fazendo com que a fé protestante fosse proibida nas terras brasileiras por mais de 150 anos. A presença protestante só apareceria, então, em 1808, quando Dom João VI, fugindo das tropas de Napoleão, desembarcava nas terras de aquém-mar. A Inglaterra exigiu que o Reino Português no Brasil abrisse seus portos para o mercado mundial. Uma das cláusulas do acordo comercial era que Portugal concordaria que casas de adoração para estrangeiros protestantes fossem construídas. Portugal permitiu, desde que os edifícios não possuíssem aparência de templo, nem que o símbolo da cruz fosse por eles utilizados. Permitiu, ainda, o direito de culto aos estrangeiros e cemitérios protestantes, mas proibiu o proselitismo (CAIRNS, 2008, p. 407).

Com a imigração de mão-de-obra estrangeira, o Brasil passou a acolher europeus que fugiam da Europa em busca de melhores oportunidades. O país recebeu um milhão de italianos e meio milhão de portugueses. Também recebeu colonizadores alemães, que eram, em grande maioria, protestantes. Vieram esperando melhores condições de vida e se instalaram em São Leopoldo-RS, mas estes não pensavam em trabalhos missionários. Esse interesse só apareceu por volta de 1940. Todos estes movimentos migratórios foram relativamente bem absorvidos pelos brasileiros. O protestantismo chegara no Brasil, mas não se desenvolvia, apenas o suficiente para conservar a fé dos que a trouxeram (CAIRNS, 2008, p. 409).

Muitos trabalhos de missionários individuais ou de pares foram fundados, vez após vez, até que o protestantismo conseguisse ganhar espaço nas terras brasileiras. Um médico escocês, Robert Reid Kalley (1809 - 1888) foi o primeiro a conseguir os meios para implantar uma Igreja Protestante plena em território nacional. Ele chegou ao país em 1855, e a Missão

Evangelizadora do Brasil e Portugal foi fundada em 1890, dois anos após sua morte. Robert sofria perseguições da população da época, e a situação se complicou a ponto de Dom Pedro II ter que intervir a favor do médico. Ele e sua esposa, Sarah, foram os responsáveis por compilar o primeiro hinário protestante, do qual todas as denominações posteriormente implantadas se serviriam. Robert Reid Kalley “foi um instrumento para a modificação de leis referentes à liberdade de culto e à separação entre Igreja e Estado” (CAIRNS, 2008, p. 415).

3.5.7 As doutrinas bíblicas na teologia protestante

A Teologia é, em si, uma ciência enorme em termos descritivos. Existem certamente milhões de pensadores e escritores que se debruçaram sobre os temas bíblicos através dos tempos e outros tantos que continuam a fazê-lo, bem como dezenas de milhões de escritos confeccionados sobre o assunto. Cada novo movimento, cada nova denominação, cada nova estratégia, cada nova necessidade de adaptação pode trazer consigo uma infinidade de conceitos e interpretações, termos e palavras que definem e orientam os fiéis em sua crença. A Teologia Protestante é, em essência, um grande recorte do tema, mas nem por isso o trabalho com seus termos é minimizado.

De modo geral, os autores apresentam seus escritos que versam sobre um certo tema ou um certo número de temas que se sobressaíram em detrimento aos demais durante a história da Igreja. Serão listados, a seguir, alguns destes temas por assunto. Entretanto, os títulos ou termos dos temas podem mudar de autor para autor - carregando, ainda assim, a natureza dos conceitos. Por fim, em absoluto, a lista aqui apresentada encerra a natureza dos temas. A lista é, antes de mais nada, uma representação resumida dos temas daquilo que se pode encontrar no debate teológico.

Angeologia - doutrina bíblica que pretende estudar os seres celestes - anjos -, sua existência, caráter, características substanciais - natureza -, bem como sua função, organização - hierarquização -, origem e destino de sua classe (ANDRADE, 1998, p. 39).

Antropologia - Estudo sistemático acerca da natureza, origem, estrutura substancial e social do ser humano. Na Teologia, isso se aplica principalmente ao aspecto espiritual da substância e do relacionamento com Deus (ANDRADE, 1998, p. 45).

Apologética - “Disciplina que visa proporcionar uma defesa da verdade da fé cristã, a fim de convencer os incrédulos” (GRUDEM, 2009, p. 1959)

Bibliologia - “Divisão da teologia sistemática que versa sobre a origem, formação, inspiração, autoridade e confiabilidade das Sagradas Escrituras, como a infalível Palavra de Deus” (ANDRADE, 1998, p. 69).

Cristologia - Estudo doutrinário que toma a pessoa de Jesus Cristo, tal como relatado na Bíblia, como seu objeto, bem como sua origem, divindade, aspectos físicos e espirituais, função messiânica e salvífica, apresentados através de ferramentas como a lógica e a hermenêutica (ANDRADE, 1998, p.103).

Demonologia - Parte da Teologia que se ocupa da origem, natureza, função, ordenação e destino dos demônios, além da diferença que apresentam em relação aos anjos (ANDRADE, 1998, p. 113)

Doutrina de Deus - Estudo teológico que apresenta a Deus e seus atributos substanciais, como onipotência, onisciência e onipresença, sua obra e seu relacionamento com o homem. Não está limitado à Bíblia, sendo baseado também nos escritos posteriores à Bíblia. É a Teologia em essência (ANDRADE, 1998, p. 117).

Eclesiologia - Estudo que procura determinar a origem, a função, a liturgia, os ritos, a estrutura da Igreja a partir dos textos bíblicos, bem como a sua história através do tempo (FERREIRA, 2007, p. 915).

Epistemologia religiosa - É o estudo filosófico e teológico sobre o conhecimento teológico e as formas de se poder obtê-lo (ANDRADE, 1998, p. 137).

Escatologia - estudo das coisas que ainda acontecerão, de acordo com os escritos bíblicos. Carrega temas como a Vinda de Cristo, o Arrebatamento, A Grande tribulação, o Milênio, a Tanatologia e o Juízo Final (ANDRADE, 1998, p. 138).

Hamartiologia - É a área da Teologia que se ocupa de estudar o pecado e o mal a partir da Bíblia, sua origem, as consequências deles, da violência e dos vícios, bem como a determinação do homem em praticar o mal (FERREIRA, 2007, p.423).

Hermenêutica - Ciência que tem por objetivo alcançar o significado real do texto escrito. Ela está aliada a outras ciências, como a filologia, a linguística, a gramática etc. (ANDRADE, 1998, p. 173).

Homilética - é a arte da exposição bíblica através dos sermões, que habilita o usuário à utilização da boa oratória (ANDRADE, 1998, p. 178).

Missiologia - Ciência que se dedica ao entendimento da ordenança da Grande Comissão - ordenança bíblica ao proselitismo -, bem como ao caráter transcultural desta tarefa, entendendo cada diferente cultura e elaborando estratégias para que as missões sejam bem-sucedidas (ANDRADE, 1998, p. 215).

Ontologia - É a ciência que determina o estudo do ser enquanto ser. “Isto é: do ser concebido como possuindo uma natureza comum e inerente a todos e a cada um dos seres em particular” (ANDRADE, 1998, p. 227).

Pneumatologia - É o estudo dos seres etéreos. Na Teologia, é aplicada à doutrina que estuda as origens, a substância, a pessoa e a função do Espírito Santo. Também pode ser denominada Paracletologia (ANDRADE, 1998, p. 240).

Soteriologia - Estudo sistemático que se ocupa do tema da Salvação, bem como da regeneração, adoção, justificação e santificação a partir da obra vicária de Cristo (ANDRADE, 1998, p. 266).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia científica pretende definir e limitar qual o tipo de pesquisa será utilizado para verificar as hipóteses sugeridas pelo autor de um trabalho científico, fornecendo as ferramentas necessárias para que se garanta a integridade das informações coletadas, já que o resultado da pesquisa será gravemente prejudicado se houver falha na coleta de dados (BERTUCCI, 2008, p. 45).

Segundo Bertucci (2008, p. 46-47), alguns aspectos a serem observados a respeito da metodologia são:

- Quanto ao tipo
 - Pesquisa exploratória
 - Pesquisa descritiva
 - Pesquisa explicativa
- Quanto à técnica
 - Estudo de caso
 - Levantamento (bibliográfico, documental...)
- Unidade de análise
- Instrumentos de coleta de dados
 - Coleta documental (dados primários e secundários)
 - Entrevista
 - Observação direta
 - Aplicação de questionário
- Variáveis/ dimensões da pesquisa
- Critérios elencados para a análise de dados
 - Pesquisa quantitativa
 - Pesquisa qualitativa
- Etapas de desenvolvimento
 - Preparação
 - Coleta
 - Sistematização dos dados
 - Tratamento dos dados

Esses pontos de observação acima são meramente ilustrativos, e apresentam a esquematização de Bertucci (2008) quanto às possíveis variáveis a serem observadas na efetivação de uma pesquisa. Este exemplo apresenta um resumo do que se costuma encontrar na esquematização de outros autores. Embora Bertucci seja mais sucinta, outros autores apresentam um esquema mais exaustivo, como no caso de Roberto Jarry Richardson (1985) e Antônio Carlos Gil (2002). A próxima seção deste capítulo detalhará as etapas de desenvolvimento desta pesquisa, enquanto o tópico atual trata da natureza da pesquisa.

Bertucci (2008) afirma que um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) não é exatamente um trabalho científico nos moldes de trabalhos apresentados pelas comunidades acadêmicas em seus vários domínios; antes, são trabalhos monográficos de cunho pedagógico que promovem a prática e o rigor científico no discente (BERTUCCI, 2008, p. 47-48).

No aspecto “tipo de pesquisa”, este trabalho apresenta o tipo “descritivo”. De acordo com Gil (2002), uma pesquisa descritiva tem como objetivo principal descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o “estabelecimento de relações entre variáveis”. São, ainda, incluídas pesquisas que visam o levantamento de opiniões de determinada população ou que pretendem descobrir associação entre variáveis (GIL, 2002, p. 42). Richardson (1985) afirma que este tipo de pesquisa se propõe a “fazer afirmações para descrever aspectos de uma população ou analisar a distribuição de determinadas características ou atributos”, não buscando o porquê de um fenômeno poder ser observado, mas a sua natureza, ou substância primordial (RICHARDSON, 1985, p. 146).

Quanto ao critério para a análise de dados, esta pesquisa apresenta o critério “qualitativo”. Para Richardson (1985, p. 79-80), este tipo de abordagem se justifica por ser uma forma adequada de se entender a natureza de um fenômeno social. Esse critério pode “descrever a complexidade de determinado problema”, fenômeno ou situação. É aplicado em casos em que a mera observação de quantificação não resultará em uma conclusão objetiva ou significativa.

Como já visto na justificativa para a promoção deste trabalho, não há - em língua portuguesa - um tesouro que aborde o tema de teologia protestante. Então, para que a realização da pesquisa fosse possível, o autor desta pesquisa construiu como fonte primária um tesouro de 462 termos, cujas palavras foram colhidas de índices de livros históricos, atlas bíblico, dicionário bíblico, dicionário teológico, chave-bíblica, Bíblia, enciclopédia bíblica e afins - materiais estes que são amplamente difundidos e comercializados na área de teologia protestante e citados nas Referências Bibliográficas do Tesouro deste documento, cujos itens são melhor apresentados no item 5.1 deste trabalho. O tesouro foi criado com a ferramenta online de construção de tesouros *MultiTes Pro*. Foram estabelecidas as relações de equivalência,

associativas e hierárquicas entre os termos, definidas as categorias, respeitadas as instruções para a criação de tesouros já elencadas no item 3.3.2 - Metodologia de elaboração de Tesouros -, e no item 3.3.3 - As Garantias e os Sistemas de Organização do conhecimento - deste trabalho. Bem como o item 3.4 que trata sobre a teoria do conceito que se constitui em referencial teórico deste estudo. Apesar de o item 3.3.2 - Metodologia de elaboração de Tesouros apresentar uma referência própria de siglas a serem utilizadas na elaboração do tesouro, a ferramenta *MultiTes Pro* trabalha preferencialmente com suas siglas próprias do inglês. Ainda que a equivalência com as siglas da ISO 2788 sejam mantidas, as siglas utilizadas foram as do idioma nativo do programa (a língua inglesa), a saber:

- **SC** (*subject category*) para “categoria”
- **SN** (*scope note*) para “nota de escopo”
- **UF** (*used for*) para “usado para”
- **USE** (*use*) para “use”
- **BT** (*broader term*) para “termo genérico”
- **NT** (*narrower term*) para “termo específico”
- **RT** (*related term*) para “termo relacionado”

Como exemplo de preenchimento foram escolhidas, de forma aleatória, 12 palavras dos 462 termos apresentados no tesouro, e foi utilizado o formulário denominado “Formulário de Cadastramento de Descritores”, idealizado pela doutora, em Ciência da Informação Rita de Cássia do Vale Caribé, e utilizado na disciplina Linguagens Documentárias na Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UNB) para a aplicação e demonstração pormenorizada dos aspectos da Teoria do Conceito, formulada pela filósofa alemã Ingetraut Dahlberg e apresentada no 3.4 desta pesquisa. A imagem deste formulário pode ser verificada na Figura 2 - Aparência do Formulário de Cadastramento de Descritores - deste trabalho. Todos os formulários utilizados foram apresentados no Apêndice B desta pesquisa.

A seguir descreve-se o conteúdo de um formulário: Cada formulário ampara os dados referentes a um único descritor. O formulário está dividido em seis seções, que tratam das etapas de tratamento dos dados. São eles: coleta, análise, termo, tipos de relações, notas, e fontes consultadas.


- Na seção coleta, há os seguintes campos:
 - **Palavra:** neste campo é inserida a palavra, retirada da linguagem natural, extraída dos documentos consultados.

- **Definição da palavra:** *ipsis litteris*, como a palavra extraída da linguagem natural é definida a partir de cada fonte consultada.
 - **Fonte:** assinalação com numerais inteiros que mostram qual a fonte utilizada na coleta da definição da palavra - esta fonte já está devidamente cadastrada e numerada na seção “fontes consultadas”, no final do formulário.
 - **Área de assunto:** define se a palavra pertence à área núcleo ou periférica do domínio abordado pelo tesouro.
 - **Domínio:** campo de atuação da palavra dentro da área principal (área temática).
 - **Categoria:** Termo mais genérico e hierarquicamente superior, que pode ser inferido no momento da coleta da palavra ou no momento da análise.
 - **Faceta:** subdivisão de uma categoria; aspecto mais detalhado de uma categoria que pode ser inferido na etapa da coleta de dados ou identificado no momento da sua análise.
 - **Data da coleta:** data de aquisição da palavra.
 - **Responsável pela coleta:** o responsável pelo preenchimento do formulário da palavra adquirida.
- Na seção análise, é registrado todo o processo de reflexão a partir das definições nominais coletadas das fontes de informação. A partir da análise das definições são identificadas as características que compõem a definição do conceito. É a partir do processo de análise que a palavra é transmutada em termo. De acordo com Dahlberg (1978), conceito consiste numa unidade de conhecimento; compreende a totalidade de afirmações verdadeiras, suas características, sobre um dado item de referência representado sob a forma verbal. Neste quesito o formulário contém os seguintes campos:
 - **Características essenciais (necessárias)** - aquilo que agrupa por semelhança, que são subdivididas em:
 - **Características constitutivas da essência:** condições necessárias para a determinação do objeto.
 - **Características consecutivas da essência:** pelo objeto apresentar tais características, ele também apresentará x característica ou comportamento.

- **Características acidentais (adicionais ou possíveis)** - aquilo que agrupa pelas diferenças.
 - **Características acidentais gerais:** variedade de cores que um mesmo objeto pode apresentar, por exemplo. Desde que a cor não consista em uma característica essencial.
 - **Características acidentais individualizantes:** um traço tão diferenciado no objeto que separa o item em questão dos demais itens da mesma espécie, tornando-o único.
- **Definição real:** neste campo, a definição real será elaborada a partir das definições nominais coletadas e da análise das características. Assim, a definição do termo será apresentada considerando as características verdadeiras e relevantes do objeto considerando o domínio, a área temática que o tesouro atende.
 - **Conceito simples:** incluir neste campo o conceito a que chegou após a análise, registrando caso seja um conceito simples.
 - **Conceito composto:** incluir neste campo o conceito a que chegou após a análise, registrando caso seja um conceito composto. Esses dois registros se fazem necessários uma vez que pode haver necessidade de fatoração de conceito composto em conceitos simples.
- Na seção termo, há os seguintes campos - a serem preenchidos conforme a necessidade. Neste campo será registrado o descritor a que se chegou após todas as etapas anteriores. Para facilitar optou-se por especificar:
 - **Descritor de assunto ou temático:** como o próprio nome já registra refere-se ao assunto.
 - **Descritor onomástico:** refere-se aos nomes de pessoas e instituições caso seja necessário para sua identificação no tesouro. Neste tesouro se faz necessário esse tipo de descritor uma vez que há nomes de personalidades relevantes como Jesus, Marcos dentre outros.
 - **Descritor cronológico:** consiste nos descritores que denotam tempo.
 - **Descritor geográfico ou identificador de lugar:** consiste nos descritores que denotam lugar. Neste tesouro há diversos lugares que são essenciais para indexação de documentos.

- **Descritores auxiliares ou secundários:** este campo está presente no Formulário de Cadastramento de Descritores, mas não foi utilizado em nenhuma das situações de coleta e análise de termos.
- Na seção tipos de relações serão analisadas as relações lógicas e semânticas que serão utilizadas para definir os conceitos. Há os seguintes campos:
 - **Relações de equivalência:**
 - **Termo sinônimo ou quase:**
 - **Termo antigo:**
 - **Termo homógrafo:**
 - **Termo em outro idioma:**
 - **Relações hierárquicas:**
 - **Termo genérico:**
 - **Termo específico:**
 - **Relações partitivas:**
 - **Termo genérico partitivo:**
 - **Termo específico partitivo:**
 - **Relações associativas:**
 - **Termo relacionado:**
- Na seção notas, está destinada ao registro de diferentes tipos de notas de acordo com a necessidade do tesauro. Há os seguintes campos:
 - **Nota de escopo:**
 - **Nota de explicação:**
 - **Nota de indexação:**
- Na seção fontes consultadas, há os seguintes campos:
 - **Item:** os itens serão numerados para que tenha seu correspondente na seção de coleta.
 - **Referência bibliográfica:** elaborada de acordo com a norma ABNT 6023/2018, podendo ser uma fonte impressa ou digital.

Figura 3 - Aparência do Formulário de Cadastramento de Descritores

		UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Faculdade de Ciência da Informação - FCI Disciplina: Linguagens documentárias							
Formulário de cadastramento de descritores									
Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Análise									
Características Essenciais (necessárias)									
Características constitutivas da essência									
Características consecutivas da essência									
Características acidentais (adicionais ou possíveis)									
Características acidentais gerais									
Características acidentais individualizantes									
Definição real									
Conceito									
Conceito simples									
Conceito composto									
Termo									
Descritor de assunto ou temático									
Descritor onomástico									
Descritor cronológico									
Descritor geográfico ou identificador									
Descritores auxiliares ou secundários									
Tipos de relações									
Relações de equivalência		Termo sinônimo ou quase							
		Termo antigo							
		Termo homógrafo							
		Termo em outro idioma							
Relações hierárquicas		Termo genérico							
		Termo específico							
Relações partitivas		Termo genérico partitivo							
		Termo específico partitivo							
Relações associativas		Termo relacionado							
Notas									
Nota de escopo									
Nota de explicação									
Nota de indexação									
Nota ????									
Fontes consultadas									
Item	Referência bibliográfica								
1									
2									
3									
4									

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Números, categorias e critérios

Para a presente pesquisa foi compilado um tesouro de Teologia Protestante que se encontra disposto em sua totalidade no Apêndice A, ao final deste trabalho. Como dito anteriormente, o tesouro conta com 462 termos, sendo 415 termos descritores e 47 termos não descritores. A representação dos termos descritores foi destacada em caixa alta, enquanto os termos não descritores foram evidenciados em caixa baixa. Os termos foram expostos e distribuídos em 34 categorias, sendo elas:

- 001 Doutrinas ortodoxas
- 002 Doutrinas heréticas
- 003 Doutrinas conflitantes
- 004 Dogmas e ritos
- 005 Atos e manifestações Divinos
- 006 Atos e manifestações não Divinos
- 007 Atos e manifestações profanos
- 008 Localidades geográficas
- 009 Localidades espirituais
- 010 Povos
- 011 Seres humanos
- 012 Seres espirituais santos
- 013 Seres espirituais profanos
- 014 Literatura sacra e suas porções
- 015 Literatura apócrifa
- 016 Literatura auxiliar
- 017 Nomes e títulos Divinos
- 018 Títulos humanos
- 019 Nomes e títulos demoníacos
- 020 Períodos
- 021 Eventos
- 022 Atributos Divinos

- 023 Atributos humanos
- 024 Atributos do pecado
- 025 Técnicas de estudo e interpretação
- 026 Objetos e edificações simples
- 027 Objetos e edificações sagrados
- 028 Elementos naturais
- 029 Elementos manufaturados
- 030 Expressões
- 031 Entidades pagãs
- 032 Unidades monetárias
- 033 Animais
- 034 Vegetação

Uma nota com uma explicação foi atribuída a algumas das categorias para esclarecimento e detalhamento do significado da categoria em questão.

É necessário notar que, como um tesouro de Teologia leva em consideração a Bíblia como uma fonte primária de informação, e sendo esta fonte um livro histórico e milenar, é parte de sua constituição natural a existência de muitos nomes próprios, o que é evidenciado por uma ocorrência muito densa de termos onomásticos.

Na constituição das categorias, algumas delas podem causar estranheza por sua aparente redundância, como no exemplo das categorias 020 PERÍODOS e 021 EVENTOS. A categoria 020 PERÍODOS representa períodos de movimentos cíclicos, que sempre voltam a acontecer ou que podem se repetir, como as estações do ano, festas anuais ou o ocaso e a aurora. Também demarca um período específico de medida do tempo, como meses e anos. Já a categoria 021 EVENTOS não marca a passagem do tempo, mas o acontecimento que marca ou define um tempo, como uma grande catástrofe natural ou uma guerra.

A coleta das palavras obedeceu aos critérios da representatividade da área temática, da aleatoriedade, da relevância temática e, de certa forma, da variedade de categorias - não seria desejável, em um universo tão amplo quanto a teologia, por exemplo, a existência de um tesouro com mais de 400 termos que apresentasse apenas 3 categorias – além da observância às garantias literária, do usuário, cultural e acadêmica. Ou seja, desde que o termo representasse fielmente a área - sendo nela vista como pertinente - a palavra era acolhida.

Esta coleta se deu a partir de literatura especializada e que possuía facilidade de acesso e de disponibilidade. O autor desta pesquisa a acolheu e a utilizou materiais utilizados em cursos teológicos e disponíveis nas bibliotecas destes cursos.

O acolhimento de palavras e a devida análise e estabelecimento de termos acabavam, por vezes, por suscitar a necessidade do estabelecimento de novos termos que com o primeiro se relacionavam. Por assim dizer, e parafraseando a Bíblia, “*um abismo chamava outro abismo*”. Um termo acabava por evocar outro termo. Talvez dois milhares de termos estabelecidos não satisfizessem a necessidade tesauro, e por se tratar de um trabalho de graduação, viu-se a necessidade e possibilidade de se interromper a produção do tesouro com 462 termos.

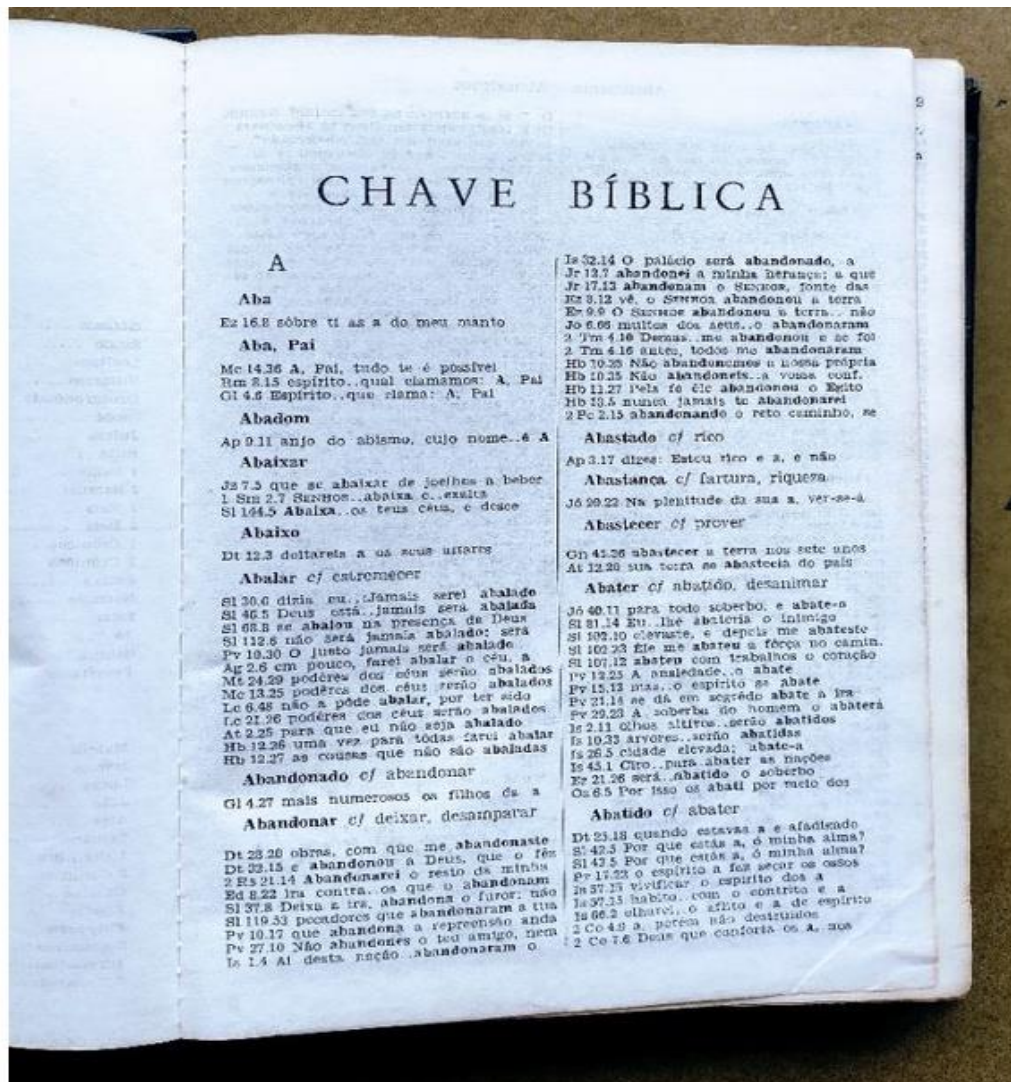
Os materiais utilizados aqui são apresentados separadamente nas Referências Bibliográficas do Tesouro deste trabalho. Como se apresentam em formas diversas com as quais o leitor pode não estar familiarizado, se faz necessário explicar sua natureza:

- Índices de livros: em geral, ao final dos livros de história do cristianismo, é apresentada uma lista com os termos mais relevantes, acrescidos da numeração das páginas onde aparecem. A utilização destes termos aqui encontrados é de alta relevância, pois representam o que há de mais importante na obra sobre o assunto temático.
- Atlas: é um tipo de livro especializado em mapas. Obviamente, contém descrições e definições de palavras que representam ou apresentam as localidades evidenciadas em seus mapas. Porém, o atlas está muito mais interessado em apresentar, de modo didático, as regiões mapeadas e disponibilizadas.
- Chave Bíblica ou Concordância Bíblica: de todos os materiais utilizados, talvez o mais diferente para um leigo seja a Concordância Bíblica. Ele é um índice alfabético de palavras encontradas na Bíblia, e de todas as suas localizações. As palavras são representadas, em sua grande maioria, por substantivos no singular - exceto quando sua utilização em língua portuguesa exige o contrário, como com o verbete “bodas” - por verbos no infinitivo e por adjetivos no masculino e singular - já que, em língua portuguesa, o gênero masculino também compreende o gênero neutro no vernáculo. Após a apresentação da palavra, seguem-se linhas contendo o seu endereço (nomes dos livros abreviados, capítulos e versículos) e uma porção do texto bíblico de onde a

palavra foi extraída, para elucidar o contexto, como se vê exemplificado na Figura 4 - Aparência interna de uma chave bíblica ou concordância bíblica. A concordância bíblica utilizada neste trabalho está presente na Bíblia de Referência Thompson com versículos em cadeia temática, compilado por THOMPSON (1999).

- Dicionário: foram utilizados aqui dois tipos de dicionários. Um do tipo bíblico e outro, do tipo teológico. A diferença entre um e outro é que o do tipo bíblico pretende representar apenas as palavras que podem ser encontradas na Bíblia, enquanto a do tipo teológico pretende representar mais especificamente a área da teologia como ciência e seus termos e domínios usualmente estabelecidos e empregados na literatura teológica.
- Enciclopédia bíblica: funciona como um dicionário, porém é enriquecida com gravuras, tabelas, sistematizações, mapas, comentários, legendas, desenhos, ou outros artifícios quaisquer que aumentem e engrandecem o entendimento do leitor.
- Teologia sistemática: depois da Bíblia, este é o principal material para o estabelecimento de conceitos e interpretação dos textos sagrados. Ela contém a visão dos autores sobre as diversas áreas e aspectos da Bíblia, bem como da sociedade histórica e da sociedade atual, estabelecendo as cosmovisões teológicas e iniciando os debates teológicos. Aqui, as áreas da teologia como a Ontologia, a Hamartiologia, Pneumatologia, Cristologia e áreas afins são apresentadas e discutidas.

Figura 4 - Aparência interna de uma chave bíblica ou concordância bíblica.



Fonte: <https://cf.shopee.com.br/file/55b2f30890472c09e63ce425646e9f13>. Acesso em 17 de fev de 2023.

Alguns termos, embora à primeira vista possam parecer hierarquicamente vinculados, na verdade não se encontram diretamente ligados, como no exemplo dos termos “PECADO”, “PECADO MORTAL” e “PECADO VENIAL”. Neste tesouro, o termo PECADO não possui um relacionamento genérico (**BT**) atribuído a ele e é um termo que designa uma realidade dentro do campo Teologia Protestante. Já os termos PECADO MORTAL e PECADO VENIAL não fazem parte da Teologia Protestante, sendo por esta interpretados como heresia. Logo, os termos PECADO MORTAL e PECADO VENIAL são dispostos direta e hierarquicamente abaixo do termo HERESIA, e não do termo PECADO. HERESIA, como um tipo de pecado, passa a ser um termo específico (**NT**) do termo PECADO, tendo-se, então:

PECADO

HERESIA **NT1**

PECADO MORTAL **NT2**

PECADO VENIAL **NT2**

Buscou-se também inserir neste tesouro termos homógrafos e homófonos, como no caso dos termos ANÁTEMA (estado), ANÁTEMA (processo), ÉFODE (pessoa) e ÉFODE (vestimenta). No caso da palavra ANÁTEMA, ela é mutuamente um substantivo, um adjetivo e um vocativo. No tesouro, apenas os aspectos de substantivo e adjetivo foram utilizados. Como substantivo, o termo ANÁTEMA representa a excomunhão de alguém do vínculo com a Igreja - ANÁTEMA (processo). Como adjetivo, ela designa e evidencia o estado de excomunhão daquele que foi amaldiçoado - ANÁTEMA (estado). Já com a palavra ÉFODE, os dois termos representam um substantivo. O termo ÉFODE (pessoa) representa um personagem histórico, enquanto o termo ÉFODE (vestimenta) representa uma roupa ritualística.

A apresentação de termos sinônimos também foi uma preocupação presente na construção do tesouro, já que a captação de os sinônimos acaba por abranger de forma mais ampla e representar da melhor maneira a área temática.

Sobre o termo **SIMÃO, O ZELOTE**, apesar da recomendação explícita do item 3.3.2 deste trabalho (No tesouro, deve-se preferir uma entrada na ordem natural da língua - na hora de se aplicar frases nominais adjetivas e preposicionadas, e deve-se evitar termos invertidos.), o termo acima é encontrado na literatura assim exposto, pelo qual foi acolhido.

5.2 A experiência com o preenchimento dos formulários

Como já explicado anteriormente, todos os formulários utilizados com todas as análises aplicadas encontram-se no Apêndice B deste documento. Porém, para uma análise de preenchimento comentado dos formulários, apenas três deles serão aqui exibidos, elegidos pelo requisito da aleatoriedade, mas tomando-se o cuidado de os três formulários não apresentarem apenas o mesmo tipo de descritor utilizado. Ao final das análises, a Figura 5 - Formulário do termo Assuero, a Figura 6 - Formulário do termo Circuncisão e a Figura 7 - Formulário do termo Ouro serão disponibilizadas

ASSUERO:

- **Seção Coleta:** Aqui, apenas a Pequena enciclopédia bíblica de Orlando Boyer apresentou o verbete com alguma definição. A palavra crua - Assuero -, então, fica no campo “Palavra”, e sua definição em “definição nominal”. O campo “Fonte” representa o item descrito na seção “fontes consultadas”, aqui assinalada como “2”. Assuero é um personagem central na história do livro bíblico de Ester, e por isso aparecesse como “palavra da área de assunto núcleo”. Ele é um personagem histórico, achado não apenas na Bíblia, mas também em outras fontes. E, obviamente, foi um ser humano. Então, na descrição da coleta, nos campos “Domínio”, “Categorias” e “Facetas” temos respectivamente “história”, “personagens” e “seres humanos”.
- **Seção Análise:** Sobre as características constitutivas da essência - aquilo que ele necessita para ser ele – foi elencado “Homem; Persa; Rei dos Persas entre 486 a.C. e 465 a.C.”. Por ele ter estas características que o constituem, as características consecutivas da essência foram “Humano; Personagem histórico; estrangeiro”. Suas características acidentais gerais foram “Personagem bíblico e extra bíblico”. Ou seja, ele existe além dessas percepções, mas também se encaixa nelas. Nos próximos campos é onde o pesquisador vai definir, de acordo com tudo que foi levantado até então, o que o objeto realmente representa para o tesouro. Em sua definição real, dois conceitos foram detalhados: O conceito simples “Rei dos persas entre 486 a.C. e 465 a.C.” e o conceito composto “Marido de Ester”.

- **Seção *Termo*:** Aqui, a palavra apresentada na seção coleta passa agora a definir o termo, e é colocado dentro do campo que o representa. Neste caso, como o termo apresenta o nome de uma pessoa, ele será identificado no campo “descriptor onomástico”.
- **Seção *Tipo de Relações*:** Nesta seção, outros termos que podem ser confundidos com o termo aqui elencado, ou que com ele se relacionam de alguma forma dentro da área temática são expostos. Nas relações de equivalência, temos como termo sinônimo ou quase sinônimo a palavra Xerxes – que se vier a compor o tesouro será um termo não-descriptor. O campo “termo antigo” apresenta o seu nome em persa “Jshāyār Shah”. O campo “Termo em outro idioma” apresenta as variações “Ahasuerus (Ing.) e Asuero (Esp.)”. Nas relações Hierárquicas, seu termo genérico é “Rei”, já que ele realmente foi um rei. E, finalmente, ele também pode ser relacionado a outros termos, como “Ester; Mordecai; Hamã; Pérsia; Artaxerxes”.
- **Seção *Notas*:** Aqui somente o campo “nota de escopo foi utilizado”, e apresenta aquilo que o pesquisador quer que o usuário entenda quando o termo do tesouro for utilizado. No caso, “Rei persa entre 486 a.C. e 465 a.C e marido de Ester.”
- **Seção *Fontes consultadas*:** Nesta seção, as fontes oficiais das referências bibliográficas são elencadas em ordem alfabética e disponibilizadas. Optou-se por descrever aqui todas as fontes consultadas, ainda as que não trazem nenhuma definição sobre o termo, para guiar e facilitar o entendimento de qualquer outro pesquisador que venha a ter contato com o formulário posteriormente.

CIRCUNCISÃO:

- **Seção *Coleta*:** Aqui, tem-se duas fontes para a palavra – um dicionário e a pequena enciclopédia. No campo “Palavra” vem o verbete “Circuncisão” sem significado, e as definições encontradas aparecem em “definição nominal”. O campo “Fonte” representa o item descrito na seção fontes consultadas, aqui assinaladas como “1” e “2”. A circuncisão é um rito judaico apresentado no Antigo Testamento e símbolo da aliança entre Deus e Abraão, e por isso aparece como “palavra da área de assunto núcleo”. O objeto aqui representa

uma ação ritualística, então, na descrição da coleta, nos campos “Domínio”, “Categorias” e “Facetas” temos respectivamente “Teologia”, “Dogmas e Ritos” e “Dogmas e ritos judaicos”.

- **Seção *Análise*:** A circuncisão é uma operação de retirada do prepúcio, mas para ser diferenciada da operação, necessita estar inserida num contexto religioso, por isso, no campo características constitutivas da essência foi colocado “Ação cerimonial judaica”. Por ser o prepúcio uma característica masculina, logo em características consecutivas da essência foi assinalado “Apenas homens a recebem” Em sua definição real, no campo “conceito simples” foi assinalado seu significado real, ou seja, a “Remoção física do prepúcio”.
- **Seção *Termo*:** O termo apresentado é apresentado no campo “descriptor temático”.
- **Seção *Tipo de Relações*:** O campo “termo antigo” apresenta o termo em latim “Circuncisio, onis (Lat)”. Nas relações hierárquicas, seu termo genérico é “dogmas e ritos” Porém, este não é um termo estabelecido no tesauro, podendo vir a ser modificado. E, finalmente, ele também pode ser relacionado a outros termos, como “Prepúcio; ritual; neófito; santificação; lei, pentateuco”.
- **Seção *Notas*:** mais uma vez, aqui, somente o campo “nota de escopo foi utilizado”, apresentando aquilo que o pesquisador quer que o usuário entenda quando o termo do tesauro for utilizado. No caso, “Processo pelo qual se corta fora o prepúcio (pele peniana que recobre a glândula). No N.T., é também empregado este termo em sentido metafórico, representando o ato de limpar o coração das impurezas do pecado; ato de contrição”.
- **Seção *Fontes consultadas*:** Mantem-se, aqui, a mesma estrutura e justificativa de preenchimento dos campos citados na análise anterior.

OURO:

- **Seção *Coleta*:** A palavra crua - Ouro - é apresentada no campo “Palavra”, e sua definição em “definição nominal”. O campo “Fonte” é assinalado como “2” e “5”, assinalando a enciclopédia e um dicionário. Ouro é um mineral metálico, por isso aparece como “palavra da área de assunto periférico”. Por ser um

mineral, ele pertence ao “Domínio” da Geologia, categorizado neste tesouro por “Objetos e edificações” e entrando na “Faceta” elementos naturais.

- **Seção *Análise*:** Sobre as características constitutivas da essência, o que ele é em suma é um “Metal precioso amarelo brilhante”. Por ser precioso e resistente, suas características consecutivas da essência foram “Utilizado como moeda de troca ou como garantia de riqueza; sinônimo de realeza ou do que é divino; Utilizado como material para a fabricação de joias ou imagens de ídolos.”. Suas características acidentais gerais foram “Refinamento; região; qualidade”, enquanto as características acidentais individualizantes são apresentadas como localidades singulares, como “Ouro de Ofir, ouro de Havilá, ouro de Sabá, ouro de Társis”. Em sua definição real, estabeleceu-se conceito simples “Metal precioso amarelo brilhante”.
- **Seção *Termo*:** Aqui, o termo “Ouro” é identificado no campo “descriptor temático”.
- **Seção *Tipo de Relações*:** Nas relações de equivalência, temos como termo sinônimo ou quase sinônimo a palavra Oiro. O campo “termo antigo” apresenta o seu nome “Aurum”, do latim. O campo “Termo em outro idioma” apresenta as variações “Gold (Ing); Oro (Esp)”. Nas relações hierárquicas, seu termo genérico é “Metal precioso”. E, finalmente, ele também pode ser relacionado a outros termos, como “Real; joia; pedras preciosas; riqueza; ídolo; dinheiro; prata; Arca da Aliança; Boi de Ouro; Ofir; Havilá; Sabá; Társis; Tabernáculo; Templo; Acã; Jesus; Ferrugem”.
- **Seção *Notas*:** Aqui novamente somente o campo “nota de escopo foi utilizado” apresentando aquilo que o pesquisador quer que o usuário entenda quando o termo do tesouro for utilizado. No caso, “Metal precioso amarelo brilhante, utilizado como adorno e sinônimo de riqueza e realeza”.
- **Seção *Fontes consultadas*:** Observam-se, aqui, os mesmos preceitos de preenchimento e utilização já apresentadas nas duas análises anteriores.

Figura 6 - Formulário do termo Circuncisão


		UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Faculdade de Ciência da Informação - FCI Disciplina: Linguagens documentárias							
Formulário de cadastramento de descritores									
Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Circuncisão	[Do lat. circum, ao redor; e, caedere, cortar: cortar ao redor] Remoção da pele que cobre a glândula peniana. Apesar de praticada também por outros grupamentos humanos, como os árabes, por exemplo, entre os israelitas adquiriu ela um significado todo especial. Através da circuncisão, o indivíduo habitava-se a fazer parte do povo eleito. Em seus ensinos, o apóstolo mostrou que a verdadeira circuncisão não é externa. Mas a que	1	X		Teologia	Dogmas e Ritos	Dogmas e ritos judaicos		Jhonathas Marques Souza
	Cerimônia religiosa de judeus e muçulmanos, que consiste em cortar o prepúcio dos neófitos. Moisés vos deu a c, Jo 7.22. Cristo foi constituído ministro da c, Rm 15.8. A c em si não é nada, 1 Co 7.19. Nem a c tem qualquer valor, Gl 5.6. Nós é que somos a c, Fp 3.3. C não é por intermédio de mãos, Cl 2.11. C nem incircuncisão, Cl 3.11. // A Aliança da Circuncisão, Gn. 17.10, 23-25; Jo 7.22; At 7.8 // A maneira de executar a	2							
Análise									
Características Essenciais (necessárias)									
Características constitutivas da essência					Ação cerimonial judaica;				
Características consecutivas da essência					Apenas homens a recebem				
Características acidentais (adicionais ou possíveis)									
Características acidentais gerais									
Características acidentais individualizantes									
Definição real									
Conceito									
Conceito simples					Remoção física do prepúcio				
Conceito composto									
Termo									
Descritor de assunto ou temático					Circuncisão				
Descritor onomástico									
Descritor cronológico									
Descritor geográfico ou identificador									
Descritores auxiliares ou secundários									
Tipos de relações									
Relações de equivalência		Termo sinônimo ou quase							
		Termo antigo			Circuncisio, onis (Lat)				
		Termo homógrafo							
		Termo em outro idioma							
Relações hierárquicas		Termo genérico			Dogmas e ritos				
		Termo específico							
Relações partitivas		Termo genérico partitivo							
		Termo específico partitivo							
Relações associativas		Termo relacionado			Prepúcio; ritual; neófito; santificação; lei, pentateuco				
Notas									
Nota de escopo		Processo pelo qual se corta fora o prepúcio (pele peniana que recobre a glândula). No N.T., é também empregado este							
Nota de explicação									
Nota de indexação									
Nota ????									
Fontes consultadas									
Referência bibliográfica									
Item									
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Editora das Assembleias de Deus,								
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico.								
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo : Didática Paulista, 2007. p.								
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa Editora das								
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São Paulo - SP:								
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo : Vida, 1999. p.								
7									

Figura 7 - Formulário do termo Ouro

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Faculdade de Ciência da Informação - FCI Disciplina: Linguagens documentárias		Formulário de cadastramento de descritores		Coleta					
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto Núcleo	Assunto Periférico	Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
Ouro	Metal preciosa amarela brilhante. É o mais maleável e mais dúctil das metais. Conhecida desde a mais alta antiguidade. G2.11. Abreção rica em a, Gn.13.2. Jólar de a, Gn.24.53; Êx.3.22; 1Pe.3.3; 1Tm.2.9. Cular de a, Gn.41.42. ídalar de a, Êx.20.23; Sl.115.4; Lz.2.20; 40.19; Dn.5.4; At.17.24; Ap.9.20. O da Tabernáculo, Êx.25; da Templo, 1Pe.6.20-25. Entro a dorpa tirada dar mo dlanitar, Nm.31.22. Ac-d tamau uma barra de a, Jr.7.21.	2		X	Geologia	Objetos e Edificações	Elementar Natural		Jhenathar Marques Sousa
	Ouro da aura ora camum entre ar hebreu. Vários partes da templo, dar ornatar e dar uton/itar oram cabotar darto preciosa metal (O), e multar usar dar ricas, bon cama arrou aramentar pozarir e inofanar darrou carcar, oram do aura. Ofir (), Parvaim, Sabao Rama 6za mensionar dar cama lugar que produziam aura. Era abundante nar tempor antigo, mas não era empregada na fabrica de moeda, nem usada cama	5							
Análise									
Características Essenciais (necessárias)					Metal preciosa amarela brilhante;				
Características constitutivas da essência					Utilizada como moeda de troca ou como garantia de riqueza; zinâmima de riqueza ou				
Características acidentais (adicionar ou puzir/veir)					Refinamento; reação; qualidade				
Características acidentais gerais					Ouro de Ofir, aura de Havilá, aura de Sabá, aura de Tázir.				
Características acidentais individualizantes									
Definição real									
Conceito									
Conceito simples					Metal preciosa amarela brilhante				
Conceito composto									
Termo									
Descritor de assunto ou temática					Ouro				
Descritor anamórfico									
Descritor cronológico									
Descritor geográfico ou identificador									
Descritor auxiliar ou secundário									
Tipos de relações									
Relação de equivalência	Termo zinâmima ou quare	Ouro							
	Termo antiga	Aurum (Lat)							
	Termo homógrafa								
Relação hierárquica	Termo em outro idioma	Gold (Ing); Ora (Esp)							
	Termo genérica	Metal preciosa							
Relação partitiva	Termo específica								
	Termo específica partitiva								
Relação associativa	Termo relacionada	a; dinheiro; prata; Arca de Aliança; Bai de Ouro; Ofir; Havilá; Sabá; Tázir; Td							
Notas									
Nota de exemplo					Metal preciosa amarela brilhante, utilizada como moeda zinâmima de riqueza e realeza.				
Nota de explicação									
Nota de indexação									
Nota 2222									
Fontes consultadas									
Referência Bibliográfica									
Item									
1	ANDRADE, Claudianar C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus,								
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblica.								
3	CÁHARRGO, Helvan José de. Atlas bíblica. São Paulo: Diastica Paulista, 2007. p.								
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das								

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Procurou-se evidenciar, aqui, uma área do conhecimento por vezes menosprezada e esquecida: a teologia protestante. Grandes são os nomes e a importância dos teólogos cristãos na história da humanidade. E igualmente grandes são os seus escritos e seus pensamentos. A Teologia em geral foi escrita por pessoas que, além de religiosos e estudiosos da área, foram inventores, químicos, físicos, matemáticos, linguistas, embaixadores, políticos, reis... Suas diversas contribuições são incontáveis, e em incontáveis áreas.

O cristianismo apresenta 2000 anos de história e de debate teológico, e é validado pelos escritos judeus que datam de, ao menos, 600 a.C., e seu debate, muito mais antigo. A teologia protestante, sozinha, perfaz 505 anos desde seu grande marco na catedral de Wittenberg. A falta de um material próprio de indexação para assuntos nesta área demonstra o quão atrasado estamos na conquista da possibilidade de recuperação da informação teológico-protestante plena e eficaz no Brasil e em países lusófonos. Muito trabalho e esforço ainda devem ser empregados por parte da comunidade acadêmica para a elaboração de uma ferramenta realmente eficaz para a indexação e recuperação desses materiais em língua portuguesa.

A revisão de literatura abrangeu a historicidade da construção e aplicação dos métodos mais utilizados no mundo ocidental para a compilação de tesouros. Não somente a historicidade desta ferramenta foi apresentada, mas a sua diferenciação de outras ferramentas das chamadas SOC's, suas metodologias de elaboração e o pensar filosófico sobre o estabelecimento de um termo. Além disso, foi também mapeado a história do cristianismo e do nascimento do protestantismo em poucas palavras, não com o objetivo de se estabelecer uma vertente da história, mas como um breve histórico de como surgiu o campo de atuação do tesouro em questão. Foi ainda apresentado um breve panorama das subdivisões da teologia na perspectiva protestante.

Em relação ao objetivo geral e aos objetivos específicos, a produção do trabalho foi satisfatória. Como visto no capítulo anterior, um Tesouro de Teologia Protestante foi confeccionado a partir de literatura especializada e amplamente comercializada, produzindo um total de 462 termos. Logicamente é um número aquém do desejado para toda uma área do conhecimento, mas como o início de uma pesquisa que pode e muito ser ampliada, é satisfatória. Também as relações entre os termos puderam ser estabelecidas através da utilização do

programa de construção e manutenção de tesouros *MultiTes Pro*, não tendo a ocorrência de termos orfãos.

A análise de palavras e seu estabelecimento como termos através da nova metodologia sugerida pela Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé certamente foi uma conquista para a área dos Sistemas de Organização do Conhecimento, porque através do entendimento da Teoria do Conceito de Dahlberg e da elaboração Formulário de Cadastramento de Descritores para coleta e análise de termos empregados, percebe-se a minúcia de detalhes empregados na coleta de palavra e no estabelecimento de cada termo. Através do Formulário de Cadastramento de Descritores e dos dados coletados, é possível que outro pesquisador, que não fez o processo de coleta, possa reanalisar e reinterpretar quantas vezes necessário os dados sem prejuízo ao que já foi produzido, podendo este corrigir ou ampliar o entendimento a respeito do termo. É quase que uma fotografia do pensamento do coletor/analista do termo que fica impresso no formulário. Logicamente, para tal, se faz necessário que o novo pesquisador esteja afeito à área afim para que ele tenha acesso a essa “fotografia”.

Obviamente, muitos desafios foram estabelecidos. Em primeiro lugar, como o formulário foi construído no programa Excel, lidar com o tamanho das células sem deformar o formulário foi uma tarefa que se mostrou impossível de alcançar, principalmente por causa de campos como os da definição nominal, que apresentam muitos dados para uma célula só. Os campos Domínio, Categoria, e Faceta se apresentam como muito relevantes, mas não possuem representação equivalente quando os dados são transferidos para o *MultiTes Pro*, obrigando o pesquisador a escolher qual das opções será estabelecida. No caso deste trabalho, a melhor forma apresentada foi manter as categorias fracionadas para a melhor disposição tesimal. Como já citado, outro desafio observado é que um termo evoca outro, sendo uma ótima premissa no campo teórico, mas um grande desafio para um pesquisador que trabalha sozinho.

O estabelecimento dos Formulários de Cadastramento de Descritores é um grande ganho para as Ciências da Informação e para os profissionais de indexação e recuperação da informação, e com certeza é a maior conquista desta pesquisa. Possivelmente, a construção de um aplicativo ou de um site próprio para a criação do formulário possa ser uma das possibilidades para melhorar a sua utilização e aplicação, mas a sua disseminação se faz urgente e necessária.

Entretanto, como já anunciado, este não é um trabalho que pretende cobrir toda a área de conhecimento em Teologia Protestante sozinho, nem é um trabalho que quer por si mesmo estabelecer uma única e padronizada metodologia de pesquisa, coleta e análise de termos, mas é apenas um pontapé inicial. Toda a rigorosidade metodológica e sinceridade acadêmica

possível foi aplicada na confecção deste trabalho por parte de seu autor e de sua orientadora. A metodologia apresentada aqui evidencia apenas um caminho a seguir, uma direção àquele que tem dúvida.

A Deus pertence os caminhos da vida, e a Ele pertence o conhecer, na totalidade, os frutos que este trabalho oferecerá às gerações futuras. *Soli Deo Gloria.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maurício B; BAX Marcello P. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. **Ciências da Informação**. Brasília, v. 32, n. 3, p. 7-20, set./dez. 2003
- ALVARENGA, Lúcia. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação** - v.2 n.6 dez 2001
- ANDRADE, Claudionor Côrrea de. **Dicionário teológico**. 9.ed. Rio de Janeiro – RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2001.
- BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Ibict, 1969. 441 p.
- BARITÉ, Mário et. al. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um Século. **TransInformação**, Campinas, 22(2):123-138, maio/ago., 2010
- BARITÉ, Mário. La garantía cultural como justificación en sistemas de organización del conocimiento: aproximación crítica. **Palabra Clave (La Plata)**. ISSN 1853-9912 Volumen 1, número 1, octubre de 2011.
- BARITÉ, Mário. Literary Warrant. **Knowledge Organization**. 45 No.6 (2018)
- BARRETT, Matthew. **Teologia da reforma**. Tradução: Francisco Nunes. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- BATTLES, Matthew. A conturbada história das bibliotecas. Tradução: João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo – SP: Editora Palmeta do Brasil, 2003.
- BBC Brasil. **Após cristãos e muçumanos, sem-religião são 3º maior grupo no mundo**. 2012. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/12/121218_religioes_mundo_mm Acesso em: 1 de fev. de 2021.
- BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para a elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC): ênfase na elaboração de TCC de pós graduação Lato Sensu**. São Paulo – SP: Atlas, 2008.
- BOCCATO, Vera Regina Casari; BISCALCHIN, Ricardo. As dimensões culturais no contexto da construção de vocabulários controlados multilíngues. **Revista Interamericana de Bibliotecología**. Medellín (Colombia) Vol. 37, número 3/set-dez 2014.
- CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. Tradução: Israel Belo de Azevedo; Valdemar Kroker. 3.ed. São Paulo – SP: Vida Nova, 2008.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Introdução ao controle bibliográfico**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CAMPOS Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração**. Niterói – RJ; EdUFF, 2001

CAMPOS Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Taxonomia e classificação: o princípio de categorização. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** - v.9 n.4 agosto de 2008.

CARLAN, Eliana; MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 53-73, ago./dez.2011.

CESARINO, M. A. N.; PINTO, M. C. M. F. Cabeçalho de assunto como linguagem de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 7, n. 2, 1978.

CLARKE, S. G. D.; ZENG, M. L. From ISO 2788 to ISO 25964: the evolution of thesaurus standards towards interoperability and data modeling. **Information Standards Quarterly**, [s. l.], v. 23, n. 1, 2011. DOI: 10.3789/isqv24n1.2012.04

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília - DF: Briquet De Lemos, 2008.

CURRÁS, Emília. **Tesauros, linguagens terminológicas**. Tradução: Antônio Felipe Corrêa da Costa. Brasília: IBICT, 1995.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.101-107, 1978.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo – SP: Vida Nova, 2013.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GLOBO, O. **Desde 2010, uma nova organização religiosa surge por hora**. 2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/desde-2010-uma-nova-organizacao-religiosa-surge-por-hora-21114799>. Acesso em: 1 de fev. de 2021.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. Tradução: Hans Udo Fuchs; Key Yuasa. São Paulo – SP: Vida Nova, 2011. 1 v. em 2

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradução: Hans Udo Fuchs; Key Yuasa. São Paulo – SP: Vida Nova, 2011. 2 v em 2

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. Tradução: Miguel Messias; José Luis Martinez; Omar Diaz de Arce. São Paulo – SP: Vida Nova, 2009.

GUEDES, Roger de Miranda; MOURA, Maria Aparecida. O princípio da garantia semântica e os estudos da linguagem. **XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)**. Salvador, 2016.

HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Tradução: Mário Rehfeldt; Gládis Knak Rehfeldt. 6.ed. Porto Alegre – RS: Concórdia Editora LTDA, 1999.

HARPRING, Patricia. **Introdução aos vocabulários controlados**: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais. São Paulo: ACAM Portinari, 2016.

HJØRLAND, Birger. “Knowledge Organization (KO).” **Knowledge Organization** 43 N° 6: (2016)

IBGE. **Censo 2010**. 2010. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques> >. Acesso em: 1 de fev. de 2021.

IBGE. **Censo 2010**: Amostra – Religião. 2010. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107> > Acesso em: 1 de fev. de 2021.

ISO 2788. **Documentação**: diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngues. 2.ed., 1986.

LANCASTER, F.W. Indexação e resumos: teoria e prática. Tradução: Antonio Agenor Briquet de Lemos. 2.ed. Brasília, DF : Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LANCASTER, F. W. **Vocabulary control for information retrieval**. 2.ed. Arlington: Information resource, 1986.

LINDBERG, Carter. **História da reforma**. Tradução: Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos; LIMA, Gercina Angela Borém de Oliveira; PENIDO, Patrícia. Taxonomia facetada como interface para facilitar o acesso à informação em bibliotecas digitais. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.16, n.1, p. 234-249, jan./jun., 2011.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. São Paulo – SP: Editora Anhembi Limitada, 1957.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Relatório da avaliação quadrienal 2017 - Ciências da Religião e Teologia**. 2017. Disponível em < <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/20122017-ciencias-da-religiao-relatorio-de-avaliacao-2017-final-pdf> >. Acesso em: 1 de fev. de 2021.

MONTEIRO, Mayra Suellem Oliveira. **A prática da indexação na biblioteca da Faculdade Católica de Belém**: importância do uso de um tesouro especializado em teologia. Belém – PA: 2018.

MOREIRA, Manoel Palhares; MOURA, Maria Aparecida. Construindo tesouros a partir de tesouros existentes: a experiência do TCI - Tesouro em Ciência da Informação.

DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.7 n.4 ago 2006.

PEREIRA, Durval Vieira; MARCONDES, Carlos Henrique. Semiótica e teoria do conceito: uma breve análise sobre suas relações. Contido em: **Produção, Tratamento, Disseminação E Uso Recursos Informacionais Heterogêneos: diálogos interdisciplinares**. Maria Luiza de Almeida Campos ... [et al.] (Org.). - Niterói : IACS/UFF. 2018. p. 147-151

PEW RESEARCH CENTER. **O cenário religioso global**. 2012. Disponível em <<https://www.pewforum.org/2012/12/18/global-religious-landscape-exec/>>. Acesso em: 1 de fev. de 2021.

PLATÃO. **A república**. Organização: Daniel Alves Machado – Brasília: Editora Kiron, 2012

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Tradução: Tarcisio Zandonade. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry, **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 4012.

SÁNCHEZ-CUADRADO, S. et al. De repente, ¿todos hablamos de ontologías?. El profesional de la información. v. 16, n. 6, p. 562-568. 2007

SCHIESSL, José Marcelo. Ontologia: o termo e a ideia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**. n. 24, p. 172-181, 2º sem.2007.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a igreja cristã desde as origens até o século XXI. Tradução: Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SILVESTRE, Armando Araújo. Teologia – Estudo das religiões e de Deus. Disponível em <<https://www.infoescola.com/religiao/teologia/>>. Acesso em: 1 de fev. de 2021.

SILVA, Lorena Pantaleão. **Antiguidade clássica**: Grécia, Roma e seus reflexos nos dias atuais. Curitiba: Intersaberes, 2017.

THOMPSON, Frank Charles (comp). **Bíblia de referência Thompson com versículos em cadeia temática**. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo – SP: Editora Vida, 1999.

VAN DER LAAN, Regina Helena. **Tesouro e terminologia**: uma inter-relação lógica. Porto Alegre, 2002

VAN DER LAAN, Regina Helena; FERREIRA, Gloria Isabel Sattamini. Tesouro e terminologia. Contido em: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, (19.: 2000 : Porto Alegre, RS). Anais. Porto Alegre, 2000

VITAL, Luciane Paula; CAFÉ, Ligia Maria Arruda. Práticas de elaboração de taxonomias: análise e recomendações. **VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador, 2007.

VITAL, Luciane Paula; CAFÉ, Ligia Maria Arruda. Proposta para o desenvolvimento de taxonomias em portais corporativos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.2, p.115-130, abr./jun. 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO TESAURO

ANDRADE, Claudionor Côrrea de. **Dicionário teológico**. 9.ed. Rio de Janeiro – RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2001.

BOYER, Orlando. **Pequeno dicionário bíblico**. Rio de Janeiro – RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2009.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. Tradução: Israel Belo de Azevedo; Valdemar Kroker. 3.ed. São Paulo – SP: Vida Nova, 2008.

CAMARGO, Nelson José de (org). **Atlas Bíblico**. São Paulo – SP: Didática Paulista, 2007.

HORTON, Stanley M. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. 9.ed. Rio de Janeiro – RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.

SANTOS, João Batista Ribeiro. **Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus**. São Paulo – SP: Didática Paulista, 2006.

THOMPSON, Frank Charles (comp). **Bíblia de referência Thompson com versículos em cadeia temática**. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo – SP: Editora Vida, 1999.

APÊNDICE A

TESAURO DE TEOLOGIA PROTESTANTE

Siglas:

SC (*subject category*) para “categoria”

SN (*scope note*) para nota de escopo

UF (*used for*) para “usado para”

USE (*use*) para “use”

BT (*broader term*) para “termo geral”

NT (*narrower term*) para “termo específico”

RT (*related term*) para “termo relacionado”

N.T. para “Novo Testamento”

A.T. para “Antigo Testamento”

a.C. para “antes de Cristo”

d.C. para “depois de Cristo”

Categorias:

001 DOCTRINAS ORTODOXAS

SN: práticas geralmente aceitas como corretas pela maioria das vertentes protestantes.

002 DOCTRINAS HERÉTICAS

SN: práticas geralmente aceitas como errôneas pela maioria das vertentes protestantes.

003 DOCTRINAS CONFLITANTES

SN: práticas geralmente aceitas como corretas por certas vertentes protestantes e rejeitadas por outras vertentes.

004 DOGMAS E RITOS

SN: ações e rituais religiosos praticados para iniciação, permanência e exclusão de adeptos em qualquer religião.

005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

SN: atos praticados apenas por Deus.

006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

SN: atos não-profanos praticados por homens ou anjos que não estejam associados ao pecado.

007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

SN: atos praticados por homens ou demônios que representem pecado e rebelião contra Deus.

008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

SN: a morada dos seres espirituais de qualquer origem que tenham, de acordo com as doutrinas ortodoxas protestantes.

010 POVOS

011 SERES HUMANOS

012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

SN: as várias divisões dos textos sagrados e suas apresentações.

015 LITERATURA APÓCRIFA

SN: literatura pretensamente religiosa, mas rejeitada como divinamente inspirada

016 LITERATURA AUXILIAR

SN: traduções ou compilados que interpretam ou reafirmam os preceitos bíblicos.

017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

SN: nomes pelos quais os membros da Santa Trindade são conhecidos ao longo do texto bíblico.

018 TÍTULOS HUMANOS

SN: profissões, vocações ou posições ocupadas pelos membros da humanidade ao longo do texto bíblico ou da história do cristianismo.

019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

SN: nomes pelos quais os personagens malignos são conhecidos ao longo do texto bíblico.

020 PERÍODOS

SN: épocas, divisão para contagem de tempo ou a celebração de eventos cíclicos, como plantação, colheita e a celebração de festas anuais.

021 EVENTOS

SN: acontecimentos únicos, instituição de eras ou episódios que marcaram, marcam e marcarão a história da humanidade.

022 ATRIBUTOS DIVINOS

SN: características inerentes à Santa Trindade. Muitas vezes, exclusivas.

023 ATRIBUTOS HUMANOS

SN: características inerentes à humanidade.

024 ATRIBUTOS DO PECADO

SN: características inerentes à demônios ou que pervertem a natureza do homem.

025 TÉCNICAS DE ESTUDO E INTERPRETAÇÃO

SN: técnicas de estudo e interpretação dos textos bíblicos.

026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

028 ELEMENTOS NATURAIS

SN: substâncias materiais ou energias encontradas de forma natural na natureza.

029 ELEMENTOS MANUFATURADOS

030 EXPRESSÕES

SN: expressões bíblicas utilizadas no protestantismo.

031 ENTIDADES PAGÃS

SN: personagens sobrenaturais de quaisquer crenças fora do cristianismo protestante.

032 UNIDADES MONETÁRIAS

033 ANIMAIS

034 VEGETAÇÃO

ABADOM

UF: Apoliom

BT1: DEMÔNIO

BT2: ESPÍRITO

RT: ABISMO

BELIAL

BESTA

DEMONOLOGIA

SATANÁS

SN: Nome hebraico para um dos demônios do abismo. Em grego, Apoliom.

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

ABEDE-NEGO

RT: BABILÔNIA

DANIEL

FORNO

NABUCODONOSOR

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Nome babilônico. Um dos três amigos de Daniel, cativos na Babilônia. Desafiou Nabucodonosor com seus amigos, e foi jogado numa fornalha, mas sobreviveu intacto. Seu nome hebreu era Azarias.

SC: 011 SERES HUMANOS

ABEL

RT: ADÃO

CAIM

DEUS

EVA

OVELHA

SETE

SN: Segundo filho de Adão e Eva. Era pastor de ovelhas, e foi assassinado por seu irmão Caim.

SC: 011 SERES HUMANOS

ABISMO

RT: ABADOM

ANTICRISTO

APOCALIPSE

BESTA

DEMÔNIO

SN: Prisão de demônios que será aberto durante a Grande Tribulação.

SC: 009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

ABLUÇÃO

BT1: CONSAGRAÇÃO

BT1: SANTIFICAÇÃO

SN: Ritual de purificação física, que consiste, basicamente, na lavagem do corpo - banho - e na troca das vestes por vestes limpas.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

ABNER

RT: COMBATE

GUERRA

LUTA

NAÇÃO DE ISRAEL

SAUL

SN: Filho de Ner, primo de Saul e comandante em chefe de seu exército.

SC: 011 SERES HUMANOS

ABOMINAÇÃO

BT1: PECADO

RT: ANÁTEMA (ESTADO)

ANÁTEMA (PROCESSO)

IMUNDÍCIA

LAGARTO

LEÃO

MUNDO

PORCO

PRAGA

SN: Aversão de Deus a um ato ou objeto. Aquilo que é contaminado, ou aquilo que é oferecido por quem está contaminado.

SC: 024 ATRIBUTOS DO PECADO

ABRAÃO

BT1: PATRIARCA

RT: CIRCUNCISÃO

DÍZIMO

ESAÚ

HEBREUS

HEBROM

ISAQUE

ISRAEL

LABÃO

LÓ

MOISÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NOÉ

SN: Patriarca descendente de Sem, filho de Noé. Pai dos hebreus - através de Isaque - e dos árabes - através de Ismael. Filho de Terá. Marido de Sara. Pai de Isaque e Ismael. Avô de Israel e Esaú. Nascido em Ur dos Caldeus. É considerado o pai da Fé.

SC: 011 SERES HUMANOS

ABSALÃO

RT: DAVI

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Terceiro filho do rei Davi. Matou seu irmão mais velho após este violentar sua irmã Tamar. Se voltou contra seu pai, tentando lhe roubar o trono. Se deitou com dez das esposas de seu pai. Posteriormente, acabou morto por Joabe.

SC: 011 SERES HUMANOS

ABSINTO

RT: APOCALIPSE

SN: Família de plantas aromáticas e amarguíssimas. Utilizado como figura de linguagem para se referir a remorso, aflição, amargura e sofrimento punitivo.

SC: 034 VEGETAÇÃO

ACABE

BT1: REI

RT: BAAL

ELIAS

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Sétimo rei de Israel. Filho de Onri, e esposo de Jezabel - da cidade de Tiro. Foi rei impiedoso, inimigo dos servos de Deus e adorador de Baal. Elias é citado em seu reinado. Morreu em guerra.

SC: 011 SERES HUMANOS

ADÃO

RT: ABEL

CAIM

CASAMENTO

DEUS

ÉDEN

EVA

PECADO

SETE

SN: Primeiro homem criado e pai de todos os homens. O ápice da criação divina, criado no sexto dia a partir do barro. Marido de Eva, e pai de Caim, Abel e Sete. Viveu 930 anos, e deixou muitos filhos e filhas. Responsável por administrar o Jardim do Éden, foi expulso do jardim juntamente com sua mulher após se entregarem ao pecado original.

SC: 011 SERES HUMANOS

ADOÇÃO

RT: DEUS

GRAÇA

JESUS CRISTO

SALVAÇÃO

SOTERIOLOGIA

SN: Aceitação legal de filiação de um filho que não era seu. Na Teologia, é o ato pelo qual Deus torna os homens seus filhos quando estes creem na divindade de Jesus Cristo e aceitam sua graça redentora.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

ADOCIANISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

SN: Falsa doutrina do século VIII que ensina que Jesus foi adotado e incorporado à Deidade, negando sua natureza eterna e sua encarnação.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

Adonai

USE: DEUS

SN: Meu Senhor. Forma singular do nome de Deus. O mesmo que Yahweh.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

ADORAÇÃO

BT1: SANTIFICAÇÃO

RT: ALELUIA

ANTICRISTO

BAAL

BEIJO

CHORO

CONSAGRAÇÃO

DAGON

DEUS

DÍZIMO

ÉFODE (VESTIMENTA)

ESPÍRITO SANTO

FESTA DA LUA NOVA

GLÓRIA

HENOTEÍSMO

JESUS CRISTO

MONASTICISMO

OFERTA

ÓSCULO

POLITEÍSMO

SANTA TRINDADE

SN: Culto ou veneração e engrandecimento que se presta à divindade. Ato de curvar-se diante de um superior, como um juiz, um soldado ou um rei.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

ADVOGADO

RT: ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SN: Termo empregado a Jesus Cristo ou ao Espírito Santo, já que ambos intercedem a Deus Pai por aqueles que os servem.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

ÁGAPE

RT: DEUS

ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SN: O amor em sua forma mais pura e primordial. Um amor tão grande que só pode ser expresso pelo próprio Deus. O homem não tem como retribuir ou "amar" com este amor.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

ÁGORA

RT: AREÓPAGO

EVANGELHO

PAULO

SN: Praça onde aconteciam os debates e o comércio das Pólis gregas no mundo antigo, e onde o Paulo se apresentava para pregar o Evangelho.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

AGOSTINHO DE HIPONA

BT1: TEÓLOGO

RT: CALVINISMO

ERA PATRÍSTICA

JOÃO CALVINO

TEOLOGIA

TOMÁS DE AQUINO

SN: Um dos pais da Igreja. Teólogo e filósofo cristão que viveu entre os séculos IV e V. Bispo da cidade de Hipona, território africano sob jurisdição romana. Foi um dos primeiros a aliar os estudos bíblicos à cosmovisão do pensamento grego.

SC: 011 SERES HUMANOS

ÁGUA

RT: BATISMO

DILÚVIO

JOÃO BATISTA

LIBAÇÃO

PEDRO

SANTIFICAÇÃO

SN: Líquido incolor, inodoro e insípido. Contido no vapor, no gelo e na neve, além de sua forma líquida. Elemento natural que rega o campo, mata a sede e produz vida. É o elemento do batismo e da purificação.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

ALAMOTE

RT: ALAÚDE

HARPA

SN: Instrumento musical desconhecido, podendo fazer alusão a instrumentos de corda ou de sopro.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

ALAÚDE

RT: ALAMOTE

HARPA

SN: Instrumento musical de corda, à semelhança de uma viola.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

ALELUIA

RT: ADORAÇÃO

AMÉM

SN: Expressão hebraica que significa "louvai a Javé", ou "adorai ao Senhor".

SC: 030 EXPRESSÕES

ALFA

RT: DEUS

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SN: Primeira letra do alfabeto grego. Título atribuído a Deus significando que Ele é o primeiro, e nada havia antes dEle.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

ALIANÇA

RT: ARCA DA ALIANÇA

DEUS

DÍZIMO

ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SN: Pacto entre dois seres, humanos ou não. Na Bíblia, quando uma das partes é Deus, é utilizada geralmente em caráter perpétuo. Mas pode também estar sujeito à fidelidade da contraparte.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

ALJAVA

RT: BATALHA

COMBATE

GUERRA

LUTA

SN: Tipo de sacola ou mochila na qual se guardava comida ou os utensílios de guerra, como as flechas, por exemplo.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

ALMA

RT: ANGÚSTIA

DICOTOMISMO

ESPÍRITO

NEOPLATONISMO

PARAÍSO

PURGATÓRIO

SEIO DE ABRAÃO

SN: Substância imaterial, incorpórea, infinita e invisível. Lar do intelecto e das volições humanas. Origem das emoções, do entendimento e da razão do ser. Parte do homem que carrega a sua personalidade. A consciência em si.

SC: 023 ATRIBUTOS HUMANOS

ALTAR

RT: DEUS

HOLOCAUSTO

IMPIGEM

LIBAÇÃO

MAR DE BRONZE

OFERTA

SACERDOTE

SANTIFICAÇÃO

SN: Mesa, plataforma ou local elevado onde o sacerdote deitava a oferta sacrificial para ser queimada. Sua constituição designa que a localidade onde está foi santificada por Deus.

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

Altíssimo

USE: DEUS

SN: Um dos nomes de Deus. Aquele que se põe acima de tudo e de todos.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

AMALEQUITAS

RT: ARÁBIA

BATALHA

GUERRA

HEBREUS

SINAI

SN: Povo nômade bíblico que habitava as regiões do deserto do Sinai, do Neguebe e das regiões do deserto de Sur, à oeste de Cades. Povo anterior aos hebreus, e que com estes travaram muitas batalhas pela dominação das regiões cananeias.

SC: 010 POVOS

AMÉM

RT: ALELUIA

EVANGELHO

SN: Termo hebraico que significa "que assim seja". É utilizado para selar uma mensagem, um desejo, um pacto, uma oração.

SC: 030 EXPRESSÕES

AMILENISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: APOCALIPSE

MILÊNIO

PÓS-MILENISMO

PRÉ-MILENISMO

SN: Doutrina que nega a literalidade de Apocalipse 20, que determina um reinado futuro e terreno de Cristo que duraria mil anos, considerando mais o texto como uma alegoria espiritual.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

AMORREUS

RT: GUERRA

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Povo de origem semita que habitava as regiões mesopotâmicas. Povo inimigo de Israel durante seu estabelecimento em Canaã, passou a ser povo vassalo e de convivência, pois não foram completamente destruídos.

SC: 010 POVOS

ANÁTEMA (ESTADO)

BT1: PECADO

RT: ABOMINAÇÃO

ANÁTEMA (PROCESSO)

IMUNDÍCIA

SN: Que está amaldiçoado; separado daquilo que é santo.

SC: 024 ATRIBUTOS DO PECADO

ANÁTEMA (PROCESSO)

RT: ABOMINAÇÃO

ANÁTEMA (ESTADO)

IGREJA

IMUNDÍCIA

INFERNO

PECADO

SN: Banir da comunhão da Igreja. Excomungar. Disciplinar.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

Ancião de Dias

USE: DEUS

SN: Um dos nomes de Deus, que indica sua sabedoria (Dn 7.9,13,22).

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

ANDRÉ

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

RT: BARTOLOMEU

EVANGELHO

FILIFE

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

MATEUS

MATIAS

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Do grego, varonil. O primeiro dos doze apóstolos de Jesus Cristo, irmão de Simão Pedro. Pescador, natural de Betsaida, foi primeiramente discípulo de João Batista. Segundo a tradição, morreu crucificado em uma cruz em formato de X.

SC: 011 SERES HUMANOS

ANGEOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: ANJO

ARCANJO

DEMONOLOGIA

ESPÍRITO

GABRIEL

QUERUBIM

SERAFIM

SN: O estudo da natureza e obra dos anjos.

SC: 001 DOCTRINAS ORTODOXAS

ANGÚSTIA

RT: ALMA

INFERNO

PATRIPASSIANISMO

PECADO

PRAGA

SN: Aflição demasiada do corpo, da mente ou do espírito. Tristeza, remorso ou desespero excessivo. Agonia e sofrimento.

SC: 007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

ANIMISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

SN: Crença pagã de que árvores, pedras e outros objetos naturais são habitados por espíritos.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

ANJO

NT1: ARCANJO

NT1: GABRIEL

NT1: QUERUBIM

NT1: SERAFIM

BT1: ESPÍRITO

RT: ANGEOLOGIA

DEUS

LÓ

SANTA TRINDADE

SN: Mensageiro. Um enviado por Deus com determinada missão. Em geral, personagem sobrenatural de natureza espiritual enviado a consolar, direcionar, avisar e defender o povo de Deus. São seres celestiais distintos da Santa Trindade. Sua aparição é, por vezes, antropomórfica, mesmo quando revestidos de glória.

SC: 012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

ANO

RT: DIA

FESTA DA LUA NOVA

FESTA DAS COLHEITAS

MÊS

MILÊNIO

SN: Período de 360 dias nos anos solares e de 354 dias nos anos lunares. Para que os anos não se afastassem do que hoje é medido como 365 dias e 8 horas, periodicamente era inserido um décimo-terceiro mês.

SC: 020 PERÍODOS

ANTICRISTO

UF: Homem da iniquidade

RT: ABISMO

ADORAÇÃO

BESTA

CÓLERA

DEMÔNIO

DEMONOLOGIA

DEUS

FALSO PROFETA

INFERNO

INIMIGO

JESUS CRISTO

SATANÁS

SN: O contraponto de Cristo, o escolhido de Satanás que seduzirá e enganará o mundo. Será o maior líder mundial da história e exigirá adoração incondicional, proibindo o culto a tudo que se chama "Deus".

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

Antiga serpente

USE: SATANÁS

SN: Um dos títulos de Satanás.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

ANTIGO TESTAMENTO

UF: Velho Testamento

NT1: DECÁLOGO

BT1: BÍBLIA

RT: CIRCUNCISÃO

DANIEL

INTERTESTAMENTÁRIO

NOVO TESTAMENTO

PENTATEUCO

SALOMÃO

SN: É a somatória dos diversos escritos sacros judaicos, que é composto pela Torá (Pentateuco), pelo Neviin (Profetas) e pelo Ketuvim (Escritos). É composto por 39 livros.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

ANTROPODICEIA

BT1: SALVAÇÃO

RT: JESUS CRISTO

PECADO

SOTERIOLOGIA

SN: A justificação da humanidade. Satisfação da dívida pelo pecado.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

ANTROPOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: CRIAÇÃO

DEUS

ESPÍRITO

PECADO

SOTERIOLOGIA

SN: Em teologia, representa o conceito bíblico dos seres humanos, incluindo criação, pecado e relacionamento com Deus.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

APEDREJAMENTO

RT: MOISÉS

PECADO

SN: Método de execução de pessoas que transgrediam certas leis mosaicas, como a prática de adultério, rebelião ou o sacrifício de crianças.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

APOCALIPSE

BT1: NOVO TESTAMENTO

BT2: BÍBLIA

RT: ABISMO

ABSINTO

AMILENISMO

ARCA DA ALIANÇA

BÍBLIA

IGREJA

JOÃO

PROFETA

SN: Revelação. Último livro do N.T. e, conseqüentemente, da Bíblia. De autoria do apóstolo João, foi escrito quando este estava exilado na Ilha de Patmos. Contém as revelações sobre os acontecimentos das últimas coisas e sobre o estado da Igreja em meio aos acontecimentos.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

Apoliom

USE: ABADOM

SN: Nome grego de Abadom.

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

APOLOGÉTICA

BT1: TEOLOGIA

SN: Defesa da fé cristã, usualmente segundo princípios intelectuais.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

APOSTASIA

BT1: PECADO

RT: BLASFÊMIA

HAMARTIOLOGIA

SN: É o pecado de abandono consciente da fé cristã aliado à pregação de valores contrários aos valores cristãos.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

APÓSTOLO

NT1: ANDRÉ

NT1: BARTOLOMEU

NT1: FILIPE

NT1: JOÃO

NT1: JUDAS TADEU

NT1: MATEUS

NT1: MATIAS

NT1: PAULO

NT1: PEDRO

NT1: SIMÃO, O ZELOTE

NT1: TIAGO

NT1: TIAGO (FILHO DE ALFEU)

NT1: TOMÉ

RT: DIDAQUÊ

DISCÍPULO

EVANGELHO

IGREJA

JESUS CRISTO

SN: O enviado. Discípulos comissionados por Jesus Cristo a proclamar seu Evangelho pelo mundo.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

ARÁBIA

RT: AMALEQUITAS

BABILÔNIA

MAR VERMELHO

OFIR

SINAI

SN: Região que abrange a península e o deserto do Sinai, a Idumeia e a região do monte Seir. Nos tempos bíblicos, eram habitados pelos povos edomitas, moabitas, amalequitas, midianitas, amonitas e horeus.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

ARADO

RT: BOI
GADO
MADEIRA
VACA
SN: Instrumento agrícola utilizado para lavrar a terra.
SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

ARÃO

BT1: SUMO-SACERDOTE
BT2: SACERDOTE
RT: ARCA DA ALIANÇA
BEZERRO
CAJADO
DEUS
LEVITA
MAR VERMELHO
MOISÉS
NAÇÃO DE ISRAEL
OURO
SACERDOTE
SINAI
TRIBO DE LEVI
SN: Irmão mais velho de Moisés. Era da tribo de Levi, e foi consagrado como o primeiro Sumo-sacerdote. Filho de Anrão e Joquebede, foi casado com Eliseba, e era pai de Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Foi porta-voz de seu irmão. Foi responsável pela fabricação do bezerro de ouro, ídolo após o qual Israel se prostituiu contra seu Deus.
SC: 011 SERES HUMANOS

ARCA DA ALIANÇA

RT: ALIANÇA
APOCALIPSE
ARÃO
CAJADO
CÉU
DAGON
DECÁLOGO
DEUS
EBENÉZER
MADEIRA
MOISÉS
NAÇÃO DE ISRAEL
OURO
QUERUBIM
SACERDOTE

SN: Baú fabricado de madeira nobre e recoberto com ouro. Trazia em sua tampa duas imagens de querubins alados, um de frente para o outro. Continha as tábuas de pedra onde o Deus mesmo escreveu os dez mandamentos, uma porção do maná e o cajado de Arão, que florescera. A Arca não era apenas um repositório, mas marcava a presença do próprio Deus em meio ao seu povo. Não podia ser tocado por qualquer pessoa - apenas pelos sacerdotes -, e ficava guardado no Santo dos Santos, primeiramente no Tabernáculo e, posteriormente, no Templo. Sua localização não é conhecida, mas no livro de Apocalipse ela é vista nos céus.

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

ARCANJO

BT1: ANJO
BT2: ESPÍRITO

RT: ANGEOLOGIA

CÉU

ESPÍRITO

QUERUBIM

SERAFIM

SN: O primeiro entre os anjos.

SC: 012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

AREÓPAGO

RT: ÁGORA

PAULO

SN: Tribunal supremo ateniense, onde o apóstolo Paulo foi apresentado e onde pregou aos cidadãos. Era uma praça ao ar livre, onde 31 membros, como juízes, se assentavam em bancos cavados na rocha para julgar.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

ARIANISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: DEUS

ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SN: Heresia do século IV que pregava que Jesus Cristo era um ser criado antes do Universo, não participando da Deidade como parte da Santa Trindade.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

ARMINIASMO

BT1: TEOLOGIA

SN: Conjunto de doutrinas compiladas e difundidas por Jacobus Armínio (1560-1609).

SC: 003 DOCTRINAS CONFLITANTES

ARREPENDIMENTO

RT: DEUS

PECADO

SN: Mudança das atitudes básicas do homem para com Deus, que envolve abandonar o pecado e se voltar para o Reino de Deus.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

Artaxerxes

USE: ASSUERO

SN: Rei persa.

SC: 011 SERES HUMANOS

ASER

BT1: PATRIARCA

RT: BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE ASER

ZEBULOM

SN: Oitavo filho de Israel. Um dos patriarcas da Nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

ASSÍRIA

RT: ASSUERO

BABILÔNIA

DIÁSPORA

ESTER

JONAS

NAÇÃO DE ISRAEL

NÍNIVE

SN: Império grande e poderoso, localizado na região do rio Tigre, na Mesopotâmia. Tinha por capital Nínive. Em 722 a.C., dizimaram o Reino do Norte, isto é, Israel, deixando apenas Samaria como sua província. Teve seu fim em 612 a.C., quando a coalizão dos medos e dos babilônicos conquistaram sua capital.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

ASSUERO

UF: Artaxerxes

BT1: REI

RT: ASSÍRIA

ESTER

SN: Rei persa entre 486 a.C. e 465 a.C e marido de Ester.

SC: 011 SERES HUMANOS

ATEÍSMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

SN: Crença que defende a inexistência de Deus ou de qualquer divindade.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

BAAL

RT: ACABE

ADORAÇÃO

ELIAS

SN: Senhor; dono; marido. Nome do deus da fertilidade dos cananeus e dos fenícios.

SC: 031 ENTIDADES PAGÃS

BABEL

RT: BABILÔNIA

CÉU

DEUS

GLOSSOLALIA

SN: Antiga torre mencionada no livro de Gênesis cujos edificadores pretendiam que tocasse o céu. Foi destruída por Deus e, na ocasião, Deus também repartiu o idioma único e os homens foram repartidos por suas línguas.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

BABILÔNIA

RT: ABEDE-NEGO

ARÁBIA

ASSÍRIA

BABEL

DANIEL

DIÁSPORA

ESCRIBA

MAR DE BRONZE

NABUCODONOSOR

NAÇÃO DE ISRAEL

SINAGOGA

SN: Império localizado entre os rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia. Fazia fronteira ao norte com a Assíria, a leste com Elão, a sul e oeste com o deserto da Arábia e a sudeste com o Golfo Pérsico. Foram conquistados pelos Assírios, mas conseguiram sua independência em 626 a.C., com o Rei Nabopolassar. Seu filho, Nabucodonosor, foi seu rei mais ilustre. Durante o governo de Nabucodonosor e de seu filho, o Reino do Sul foi subjugado e seus nobres e a população mais economicamente ativa foi levada cativa para a Babilônia. O império perdeu seu poder quando invadido e conquistado pelo rei persa Ciro II, em 539 a.C.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

BALAÚSTRE

RT: MADEIRA

PALÁCIO

PÁTIO

SALOMÃO

SN: Passagem para caminhar. Salomão construiu balaústres de madeira de sândalo para o Templo e para o seu palácio.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

BALUARTE

RT: DEUS

SN: Muro externo de defesa; lugar seguro. Seu uso é frequentemente interpretado com sentido metafórico, simbolizando a proteção e a firmeza de Deus.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

BARTIMEU

RT: JESUS CRISTO

SN: Filho de Timeu. Um cego mendigo a quem Jesus Cristo restaurou a visão.

SC: 011 SERES HUMANOS

BARTOLOMEU

UF: Natanael

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

RT: ANDRÉ

EVANGELHO

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

MATEUS

MATIAS

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Filho de Tolmai. Um dos doze discípulos e Apóstolo de Jesus Cristo.

SC: 011 SERES HUMANOS

BARUQUE

RT: ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Livro Apócrifo. Contém seis capítulos, onde os cinco primeiros são atribuídos ao profeta Baruque e o último, ao profeta Jeremias.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

BATALHA

RT: ALJAVA

AMALEQUITAS

COMBATE

CRUZADAS

DAVI

EBENÉZER

GUERRA

JARRETAR

LUTA

SN: Combate. Momento de encontro de dois ou mais exércitos para pelegarem por seus ideais.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

BATISMO

BT1: SACRAMENTO

BT1: SANTIFICAÇÃO

RT: ÁGUA

EBIONISMO

JOÃO BATISTA

LIMBO

NEÓFITO

PENTECOSTALISMO

PURGATÓRIO

SALVAÇÃO

SANTA CEIA

SN: Ritual de iniciação onde o neófito é aspergido ou mergulhado em água, assumindo assim a profissão pública da fé cristã.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

BEBIDA FORTE

RT: NAZIREADO

VINHO

SN: Bebida fermentada. Bebida alcoólica.

SC: 029 ELEMENTOS MANUFATURADOS

BEIJO

UF: ósculo

RT: ADORAÇÃO

BÍBLIA

CHORO

SN: Carinho com os lábios com que alguém acariciava ou adorava. Na Bíblia é encontrado como ato de sedução, adoração, saudação, despedida, aproximação com a morte ou, quando concedido frivolamente, como traição e falsidade.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

BELÉM

RT: DAVI

JERUSALÉM

JESSÉ

JESUS CRISTO

TRIBO DE JUDÁ

SN: Cidade localizada 8 quilômetros ao sul de Jerusalém, na região de Efrata, na Tribo de Judá. Cidade onde Davi foi ungido rei e onde Jesus Cristo nasceu.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

BELIAL

RT: ABADOM

DEMÔNIO

DEMONOLOGIA

SATANÁS

SN: Inútil; ímpio. Considera-se o nome de uma das potestades malignas e infernais. Por vezes, sinônimo de Satanás.

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS
019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

BENÇÃO

BT1: DEMÔNIO

BT2: ESPÍRITO

RT: BENIGNIDADE

DEUS

GRAÇA

PNEUMATOLOGIA

PROVIDÊNCIA

SN: Favor divino. Meio de felicidade. Presente de Deus.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

BENIGNIDADE

RT: BENÇÃO

BONDADE

DEUS

GRAÇA

SANTIFICAÇÃO

SN: Qualidade do que é bom. Amor leal; favor de Deus. Em Deus, representa o bem infinito. No homem, representa a busca pela santidade e o abandono do mal.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

022 ATRIBUTOS DIVINOS

BENJAMIN

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE BENJAMIM

ZEBULOM

SN: Décimo segundo filho de Israel. Era o caçula. Sua mãe, Raquel, morreu em ocasião de seu parto. Um dos patriarcas da Nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

BESTA

RT: ABADOM

ABISMO

ANTICRISTO

BÍBLIA

DEMÔNIO

DEMONOLOGIA

FALSO PROFETA

SATANÁS

SN: Animal irracional e feroz. Na Bíblia, faz referência a uma casta demoníaca no fim dos tempos. Pode também simbolizar poderes políticos e religiosos. São, provavelmente, o Anticristo e seu Falso Profeta.

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

BEZERRO

BT1: GADO

RT: ARÃO

BOI

DEUS

HOLOCAUSTO

NAÇÃO DE ISRAEL

OFERTA

OURO

PECADO

VACA

SN: Animal puro. Bovídeo novo, ainda não maduro. Vitelo. Novilho. Arão levou o povo de Israel a pecar contra Deus lhe construindo um bezerro de ouro para que Deus fosse substituído como divindade israelita.

SC: 033 ANIMAIS

BÍBLIA

UF: Cânon

NT1: ANTIGO TESTAMENTO

NT2: PENTATEUCO

NT3: DECÁLOGO
NT1: NOVO TESTAMENTO
NT2: APOCALIPSE
NT2: EVANGELHOS SINÓTICOS
RT: APOCALIPSE
BEIJO
BESTA
BISPO
CREDO
CREDO DOS APÓSTOLOS
CREDO NICENO
CRISTOLOGIA
DEUS
ECLESIOLOGIA
ECUMENISMO
EISEGESE
ESCRIBA
ESPÍRITO SANTO
EVANGELHO
EVANGELICALISMO
EVANGELISTA
EXEGESE
FALSO PROFETA
FIDELIDADE
GNOSTICISMO
HERESIA
HERMENÊUTICA

ILUMINAÇÃO

ILUMINISMO

JESUS CRISTO

LEÃO

LEI DA SEMEADURA

LIBAÇÃO

LIBERALISMO

MANUSCRITO

MAR SALGADO

NEO-ORTODOXIA

PENTATEUCO

PERSEVERANÇA

PRÉ-MILENISMO

REFORMA PROTESTANTE

SALOMÃO

SANTA TRINDADE

TEOLOGIA

SN: Livro sagrado dos cristãos que narra a história do relacionamento entre Deus e o homem. No protestantismo, contém 66 livros contendo a totalidade das Escrituras, que são divinamente inspirados.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

BISPO

RT: BÍBLIA

EVANGELHO

PRESBÍTERO

TEOLOGIA

SN: O mesmo que pastor. Líder eclesiástico local. Com o decorrer dos séculos, os bispos de uma cidade famosa e prestigiada tornavam-se doutrinadores e intérpretes das doutrinas bíblicas.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

BLASFÊMIA

BT1: PECADO

RT: APOSTASIA

DEUS

ESPÍRITO SANTO

HAMARTIOLOGIA

HERESIA

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SN: Calúnia. Linguagem ofensiva que procura denegrir a honra de alguém, especialmente quando é dirigida à Deus, Jesus Cristo ou ao Espírito Santo.

SC: 007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

BOI

BT1: GADO

RT: ARADO

BEZERRO

HOLOCAUSTO

OFERTA

VACA

SN: Macho da espécie dos bovídeos. No plural, pode significar gado. Animal considerado puro, era utilizado nos trabalhos no campo, como na lavragem da terra e no Tabernáculo e no Templo como holocaustos e ofertas.

SC: 033 ANIMAIS

BONDADE

RT: BENIGNIDADE

DEUS

ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SN: Qualidade do que é bom. Tudo o que Deus é, faz, promove e deseja.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

CAFARNAUM

RT: GALILEIA

JESUS CRISTO

NAZARÉ

SN: Cidade da região da Galileia e que banhada pelo Mar da Galileia. A cerca de 35 quilômetros de Nazaré, foi onde Jesus Cristo iniciou seu ministério.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

CAIM

RT: ABEL

ADÃO

DEUS

EVA

SETE

SN: Filho primogênito de Adão e Eva. Irmão de Abel e Sete. Primeiro homicida. Lavrador, teve sua oferta recusada por Deus. A oferta de seu irmão foi aceita, pelo qual lhe matou por inveja. Recebeu de Deus um sinal para que qualquer que o visse não o matasse, sob pena de maldição.

SC: 011 SERES HUMANOS

CAJADO

RT: ARÃO

ARCA DA ALIANÇA

CETRO

GADO

MADEIRA

OVELHA

SN: Bordão de pastor feito de madeira e com a extremidade superior arqueada. Bastão.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

CALVÁRIO

UF: Gólgota

RT: LAMÁ SABACTÂNI

SN: Lugar da caveira. Monte onde Jesus Cristo foi crucificado.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

CALVINISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: AGOSTINHO DE HIPONA

JOÃO CALVINO

PREDESTINAÇÃO

SN: A compilação dos ensinamentos do reformador francês João Calvino (1509-1564). É a escola na qual se baseia a fé e interpretação bíblica das igrejas reformadas.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

cânon

USE: BÍBLIA

SN: No protestantismo, os 66 livros aceitos pela comunidade cristã como contendo a totalidade das Escrituras.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

CASAMENTO

BT1: SACRAMENTO

RT: ADÃO

DEUS

DOTE

ÉDEN

EVA

SN: União legítima de matrimônio entre um homem e uma mulher. Instituído por Deus no Jardim do Éden, na ocasião da união de Adão e Eva para a multiplicação de filhos.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

CEDRO

RT: MADEIRA

REI

SN: Tipo de pinheiro oriundo de regiões altas e secas. Símbolo de nobreza, força e vigor.

SC: 034 VEGETAÇÃO

CEIFA

RT: FESTA DAS COLHEITAS

SN: Corte; sega; colheita.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

CELEBRAR

RT: CONSUBSTANCIAÇÃO

FESTA DA LUA NOVA

FESTA DAS COLHEITAS

PÁSCOA

SN: Realizar solenidade de comemoração. Momento de alegria, dança e festa, por lembrança ou esperança.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

CÉSAR

BT1: REI

RT: IMPÉRIO ROMANO

JESUS CRISTO

NOVO TESTAMENTO

PAULO

SN: Título do principal imperador romano. Há referência a quatro césaes no N.T.: Cláudio, Tibério, Augusto e Nero.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

CETRO

RT: CAJADO

MADEIRA

OURO

PEDRAS PRECIOSAS

PRATA

SN: Bastão de comando utilizado para designar a autoridade real. Símbolo de autoridade e poder, era confeccionado de madeira ou metal precioso (ou ambos) e poderia ser adornado com pedras preciosas.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

CÉU

RT: ARCA DA ALIANÇA

ARCANJO

BABEL

DEUS

PARAÍSO

QUERUBIM

SEIO DE ABRAÃO

SERAFIM

SN: Região das nuvens; espaço onde se firmam os astros; as próprias mansões celestiais, isto é, o lugar onde Deus habita.

SC: 009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

CHORO

RT: ADORAÇÃO

BEIJO

ÓSCULO

SN: Emoção forte, geralmente de lamento, queixa, arrependimento ou saudade. Com frequência, acompanhado de lágrimas e gritos. Pode significar alegria extrema, também, a depender do contexto.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

CIRCUNCISÃO

BT1: SANTIFICAÇÃO

RT: ABRAÃO
 ANTIGO TESTAMENTO
 CONSAGRAÇÃO
 DEUS
 NAÇÃO DE ISRAEL
 NEÓFITO
 NOVO TESTAMENTO
 PÁSCOA
 PECADO
 PENTATEUCO

SN: Processo pelo qual se corta fora o prepúcio (pele peniana que recobre a glândula). No N.T., é também empregado este termo em sentido metafórico, representando o ato de limpar o coração das impurezas do pecado; ato de contrição.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

CÓLERA

BT1: PECADO
 RT: ANTICRISTO
 HAMARTIOLOGIA
 INIMIGO
 SATANÁS

SN: Impulso violento e raivoso contra um inimigo ou um desafeto.

SC: 007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

COMBATE

RT: ABNER
 ALJAVA
 BATALHA

CRUZADAS

EBENÉZER

GUERRA

JARRETAR

LUTA

SN: Luta corporal entre pessoas ou exércitos. Batalha; luta.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

COMUNHÃO

NT1: COMUNHÃO ABERTA

NT1: COMUNHÃO FECHADA

BT1: SACRAMENTO

RT: CONSUBSTANCIAÇÃO

IGREJA

JESUS CRISTO

PÃO

SALVAÇÃO

SANTA CEIA

TEOLOGIA

VINHO

SN: Participação em comum em crenças ou ideias. Em teologia, é também a disposição dos elementos da Santa Ceia (pão e vinho) para a participação da comunidade em celebração à morte e ressurreição de Jesus Cristo.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

COMUNHÃO ABERTA

BT1: COMUNHÃO

BT2: SACRAMENTO

RT: IGREJA

SACRAMENTO

SANTA CEIA

TEOLOGIA

SN: Disposição de servir a Santa Ceia a todos os crentes, independentemente de serem membros da igreja local.

SC: 001 DOCTRINAS ORTODOXAS

COMUNHÃO FECHADA

BT1: COMUNHÃO

BT2: SACRAMENTO

RT: IGREJA

SACRAMENTO

SANTA CEIA

TEOLOGIA

SN: Limitação do oferecimento da Santa Ceia apenas aos membros da igreja local.

SC: 001 DOCTRINAS ORTODOXAS

CONSAGRAÇÃO

NT1: ABLUÇÃO

RT: ADORAÇÃO

CIRCUNCISÃO

JEJUM

MONASTICISMO

NAZIREADO

OFERTA

SANTIFICAÇÃO

SN: Separação para o uso ou o serviço do Senhor. Período de santificação.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

CONSUBSTANCIAÇÃO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: CELEBRAR

COMUNHÃO

JESUS CRISTO

PÃO

SANTA CEIA

VINHO

SN: A crença de que a substância do corpo de Jesus Cristo está espiritualmente manifesta no elemento pão, e que a substância de seu sangue está manifesta no elemento vinho durante a celebração da Santa Ceia.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

COSMOGONIA

NT1: CRIAÇÃO

NT1: CRIACIONISMO FIAT

NT1: CRIACIONISMO PROGRESSIVO

BT1: TEOLOGIA

SN: Qualquer teoria que proponha as origens do universo físico.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

CREDO

NT1: CREDO DOS APÓSTOLOS

NT1: CREDO NICENO

RT: BÍBLIA

DIDAQUÊ

HERESIA

SN: Declaração ou documento redigido que reúne e condensa os principais ensinamentos da Bíblia, que não devem ser desprezados por nenhuma vertente cristã, sob pena de se tornar uma seita herética.

SC: 016 LITERATURA AUXILIAR

CREDO DOS APÓSTOLOS

BT1: CREDO

RT: BÍBLIA

CREDO NICENO

SANTA TRINDADE

SN: Credo da Igreja Romana que trata da Santa Trindade.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

CREDO NICENO

BT1: CREDO

RT: BÍBLIA

CREDO DOS APÓSTOLOS

SN: Credo eclesiástico produzido no Concílio de Nicéia em 325 d.C. e revisado pelo Concílio de Constantinopla.

SC: 016 LITERATURA AUXILIAR

CRIAÇÃO

BT1: COSMOGONIA

BT2: TEOLOGIA

RT: ANTROPOLOGIA

CRIACIONISMO FIAT

CRIACIONISMO PROGRESSIVO

MUNDO

TEOLOGIA

SN: Período inicial e momento do estabelecimento da Terra, do Universo e de tudo o que há neles, seus elementos, seus limites, suas regras e sua vida biológica.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

020 PERÍODOS

021 EVENTOS

CRIACIONISMO FIAT

BT1: COSMOGONIA

BT2: TEOLOGIA

RT: CRIAÇÃO

CRIACIONISMO PROGRESSIVO

DEUS

TEOLOGIA

SN: Criação instantânea mediante ordem direta de Deus.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

CRIACIONISMO PROGRESSIVO

BT1: COSMOGONIA

BT2: TEOLOGIA

RT: CRIAÇÃO

CRIACIONISMO FIAT

DEUS

TEOLOGIA

SN: É a ideia de que os seis dias estabelecidos por Deus para a criação do mundo na realidade são longos períodos de tempo, como até eras inteiras.

SC: 003 DOCTRINAS CONFLITANTES

Cristo

USE: JESUS CRISTO

SN: Nome grego que significa "o Ungido". Equivalente a "Messias", em hebraico.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

CRISTOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: BÍBLIA

JESUS CRISTO

SN: O estudo a respeito do que as Escrituras dizem sobre a vida, a Pessoa, o ministério e a obra de Jesus Cristo.

SC: 001 DOCTRINAS ORTODOXAS

CRUZADAS

RT: BATALHA

COMBATE

GUERRA

PALESTINA

SN: Empreendimentos militares financiados pela Igreja Católica afim de se reconquistar a Terra Santa das mãos dos árabes. Ocorreram entre os séculos XI e XIV.

SC: 021 EVENTOS

DÃ

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE DÃ

ZEBULOM

SN: Quinto filho de Israel. Primeiro filho de Bila. Um dos patriarcas da Nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

DAGON

RT: ADORAÇÃO

ARCA DA ALIANÇA

INIMIGO

MAR

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Deus nacional filisteu, metade homem, metade peixe. Equivalente ao tritão grego.

SC: 031 ENTIDADES PAGÃS

DANIEL

BT1: PROFETA

RT: ABEDE-NEGO

ANTIGO TESTAMENTO

BABILÔNIA

GABRIEL

NABUCODONOSOR

SN: Judeu exilado na Babilônia durante o cativeiro do Reino do Sul. Foi o maior sábio babilônico, e intérprete de sonhos. Seus amigos com ele exilados eram Sadraque, Mezaque e Abede-Nego. A ele é atribuído o livro de Daniel, no A.T.

SC: 011 SERES HUMANOS

DARICOS

BT1: DINHEIRO

RT: DRACMA

OURO

SN: Moeda de ouro persa, ou unidade de medida de peso. Seu nome é provavelmente uma homenagem ao rei persa Dario I.

SC: 032 UNIDADES MONETÁRIAS

DAVI

BT1: PROFETA

BT1: REI

RT: ABSALÃO

BATALHA

BELÉM

DEUS

GUERRA

HARPA

JERUSALÉM

JESSÉ

JOSÉ

MICAL

NAÇÃO DE ISRAEL

SALOMÃO

SAUL

SN: Segundo rei de Israel. O "homem segundo o coração de Deus". Belemita, filho de Jessé e neto de Obede, era o caçula de oito irmãos. Grande guerreiro, é conhecido pela batalha contra o gigante Golias. Foi pastor, harpista de Saul e chefe de exército antes de se tornar rei.

SC: 011 SERES HUMANOS

DECÁLOGO

UF: os dez mandamentos

BT1: PENTATEUCO

BT2: ANTIGO TESTAMENTO

BT3: BÍBLIA

RT: ARCA DA ALIANÇA

DEUS

MOISÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

SINAI

SN: As primeiras dez leis escritas que Deus entregou a Moisés que, por sua vez, entregou à Nação de Israel. Gravadas pelo próprio Deus em tábuas de pedra, foi confeccionado no cume do monte Sinai.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

DEIDADE

RT: DEUS

ESPÍRITO SANTO

EUTIQUIANISMO

INERRÂNCIA

JESUS CRISTO

LIBAÇÃO

MONARQUIANISMO

PANTEÍSMO

PNEUMATOLOGIA

SANTA TRINDADE

SN: a natureza divina de Deus, ou aquilo que torna Deus divino.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

022 ATRIBUTOS DIVINOS

DEMÔNIO

NT1: ABADOM

NT1: BELIAL

NT1: SATANÁS

BT1: ESPÍRITO

RT: ABISMO

ANTICRISTO

BESTA

DEMONOLOGIA

FALSO PROFETA

INFERNO

JESUS CRISTO

TOBIAS

SN: Espíritos imundos. Provavelmente anjos caídos. Aliados de Satanás contra os homens. São considerados demônios todas as castas e potestades que não tem comunhão com Deus.

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

DEMONOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: ABADOM

ANGEOLOGIA

ANTICRISTO

BELIAL

BESTA

DEMÔNIO

FALSO PROFETA

SATANÁS

SN: O estudo a respeito da origem, natureza e obra dos demônios.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

DESTINO

RT: FÉ

INFERNO

SN: O lugar para onde se dirige alguém ou algo.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

destruidor

USE: SATANÁS

SN: Um dos nomes de Satanás.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

DEUS

UF: Adonai

Altíssimo

Ancião de Dias

Elohim

Jeová

Jeová El Elyon

Jeová Elohim Yisra'el

Jeová Jireh

Jeová Kadesh

Jeová Nissi

Jeová Raah

Jeová Rafá

Jeová Sabaote

Jeová Shalom

Jeová Shamá

Jeová Tsidkenu

Yahweh

BT1: ESPÍRITO

BT1: REI

RT: ABEL

ADÃO
ADOÇÃO
ADORAÇÃO
ÁGAPE
ALFA
ALIANÇA
ALTAR
ANJO
ANTICRISTO
ANTROPOLOGIA
ARÃO
ARCA DA ALIANÇA
ARIANISMO
ARREPENDIMENTO
BABEL
BALUARTE
BENÇÃO
BENIGNIDADE
BEZERRO
BÍBLIA
BLASFÊMIA
BONDADE
CAIM
CASAMENTO
CÉU
CIRCUNCISÃO
CRIACIONISMO FIAT

CRIACIONISMO PROGRESSIVO

DAVI

DECÁLOGO

DEIDADE

DISPENSAÇÃO

DÍZIMO

EBIONISMO

ÉDEN

ÉFODE (VESTIMENTA)

EGITO

ESPÍRITO SANTO

EVA

EVANGELHO

FÉ

FIDELIDADE

GLÓRIA

HUMILDADE

IMPIGEM

INERRÂNCIA

JESUS CRISTO

JONAS

LAMÁ SABACTÂNI

LIBAÇÃO

MINISTRO

MONASTICISMO

NAZIREADO

NEO-ORTODOXIA

NEOPLATONISMO

OFERTA

ONIPOTÊNCIA

ONIPRESENÇA

ONISCIÊNCIA

PÁSCOA

PATRIPASSIANISMO

PECADO MORTAL

PECADO VENIAL

PERSEVERANÇA

PIETISMO

PREDESTINAÇÃO

PRESCIÊNCIA

PROFETA

PROPICIAÇÃO

PROVIDÊNCIA

QUERUBIM

REGENERAÇÃO

SALVAÇÃO

SANTA TRINDADE

SANTIFICAÇÃO

SATANÁS

SERVO

SINAI

SUMO-SACERDOTE

URIM E TUMIM

SN: Ser existente por si mesmo, autossuficiente, infinito, supremo, criador e conservador do universo. Nele se encontram Deus Pai, Deus Filho - Jesus Cristo - e Deus Espírito - Espírito Santo. Deus é a Santa Trindade. Três Pessoas, uma mesma mente, um único Deus.

SC: 012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

DIA

RT: ANO

FESTA DA LUA NOVA

FESTA DAS COLHEITAS

MÊS

MILÊNIO

PÁSCOA

SN: Na Bíblia, o dia é o período medido entre dois crepúsculos. Era medido contendo 12 horas na parte com luz solar, e com 4 vigílias, no período sem Sol.

SC: 020 PERÍODOS

diabo

USE: SATANÁS

SN: Acusador; falsa testemunha. Principal título de Satanás na Bíblia.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

DIAMANTE

BT1: PEDRAS PRECIOSAS

RT: ÉFODE (VESTIMENTA)

ÔNIX

OURO

PENDENTE

PRATA

SN: Gema preciosa. Carbono puro cristalizado. O mais brilhante, mais duro e mais límpido dos minerais. Uma das doze pedras preciosas no Éfode sacerdotal.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

DIÁSPORA

RT: ASSÍRIA

BABILÔNIA

ESCRAVO

ESCRIBA

ESTER

MAR DE BRONZE

NAÇÃO DE ISRAEL

SINAGOGA

SN: Processo de dispersão dos israelitas de sua terra. Exílio sofrido pelas nações de Israel e Judá sob jugo Babilônico e Medo-persa. Aplica-se também a toda comunidade judaica que não habita o atual Estado de Israel.

SC: 020 PERÍODOS

DICOTOMISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: ALMA

SN: Teoria que divide a natureza humana em corpo físico e alma.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

DIDAQUÊ

RT: APÓSTOLO

CREDO

SN: Manual de vida cristã escrito por volta do final do século primeiro, e alegadamente tendo a autoridade dos doze Apóstolos.

SC: 016 LITERATURA AUXILIAR

DILÚVIO

RT: ÁGUA

NOÉ

SN: Inundação total de toda a superfície seca da Terra por águas torrenciais que jorraram dos céus e das fontes do abismo por quarenta dias e quarenta noites nos tempos de Noé.

SC: 021 EVENTOS

DINHEIRO

NT1: DARICOS

NT1: DRACMA

RT: ESMOLA

OFERTA

OURO

PRATA

SN: Todo tipo de moeda. As primeiras moedas eram cunhadas em ouro ou prata, tendo um peso exato para ser confeccionada. Os termos siclo e talento na Bíblia, por exemplo, são tanto uma unidade de medida quanto uma unidade monetária. Era utilizado para facilitar a compra e venda de mercadorias, pagamento de dívidas e de impostos, ou empregado em oferta e caridade.

SC: 032 UNIDADES MONETÁRIAS

DISCÍPULO

NT1: ANDRÉ

NT1: BARTOLOMEU

NT1: FILIPE

NT1: JOÃO

NT1: JUDAS ISCARIOTES

NT1: JUDAS TADEU

NT1: MATEUS

NT1: PEDRO

NT1: SIMÃO, O ZELOTE

NT1: TIAGO

NT1: TIAGO (FILHO DE ALFEU)

NT1: TOMÉ

RT: APÓSTOLO

IGREJA

JESUS CRISTO

JOÃO BATISTA

MATIAS

SN: Aprendiz. Todos os que desejam aprender e obedecer aos ensinamentos de Jesus Cristo.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

DISPENSACÃO

RT: DEUS

SN: Período de tempo no qual Deus se revela de modo distinto e particular ao ser humano. Etapas da revelação de Deus.

SC: 021 EVENTOS

DITEÍSMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

SN: O ensino de que existem dois deuses como entidades máximas, em oposição ao monoteísmo.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

DÍZIMO

RT: ABRAÃO

ADORAÇÃO

ALIANÇA

DEUS

OFERTA

SN: A décima parte do patrimônio ou da renda do adorador. É uma oferta voluntária a Deus, com origem em Abraão, e não possui caráter mercantilista. É um ato de firmamento de aliança e de adoração do homem com Deus.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

DOCETISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

SN: Vertente gnóstica. Prega que Jesus Cristo era Deus, mas não encarnou nem morreu realmente quando foi crucificado.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

DOTE

RT: CASAMENTO

OFERTA

SN: Espécie de compensação monetária entregue ao pai da noiva pelo noivo ou sua família pela saída da mulher do seio familiar.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

DRACMA

BT1: DINHEIRO

RT: DARICOS

PRATA

SN: Moeda grega de prata, equivalente em valor ao denário romano.

SC: 032 UNIDADES MONETÁRIAS

dragão

USE: SATANÁS

SN: Um dos nomes de Satanás.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

DUALISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

SN: Teoria que afirma que o bem e o mal são realidades fundamentais do universo, sempre em movimento e conflito.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

EBENÉZER

RT: ARCA DA ALIANÇA

BATALHA

COMBATE

GUERRA

ISRAEL

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Lugar de peregrinação de Israel. Região de Canaã onde os exércitos israelitas se reuniram para combater os filisteus, e de onde a Arca da Aliança foi tomada por estes, nos tempos do Profeta Samuel.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

EBIONISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: BATISMO

DEUS

ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

JOSÉ

MARIA

SN: Doutrina que afirmava que Jesus Cristo era humano e filho de José e Maria, mas que somente se tornou filho de Deus ao descer sobre Ele o Espírito Santo em ocasião de seu batismo. Eram também legalistas.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

ECLESIÁSTICO

RT: BARUQUE

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Livro apócrifo atribuído a Jesus Ben Sirac, no século II a.C.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

ECLESIOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: BÍBLIA

IGREJA

SN: O estudo da Igreja em todos os seus aspectos e práticas a partir dos ensinamentos bíblicos.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

ECUMENISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: BÍBLIA

IGREJA

SN: Tentativa de promoção de diálogo entre as muitas vertentes do cristianismo.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

ÉDEN

RT: ADÃO

CASAMENTO

DEUS

EVA

PECADO

QUERUBIM

SATANÁS

SN: Em hebraico, deleite. Jardim plantado por Deus e administrado por Adão e Eva antes de consumarem o pecado original.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

ÉFODE (pessoa)

RT: HEBREUS

JOSÉ DO EGITO

MANASSÉS

TRIBO DE MANASSÉS

SN: Pai do príncipe Haniel, da tribo de Manassés (Nm 34.23).

SC: 011 SERES HUMANOS

ÉFODE (vestimenta)

RT: ADORAÇÃO

DEUS

DIAMANTE

HOLOCAUSTO

ÔNIX

PEDRAS PRECIOSAS

SACERDOTE

SANTIFICAÇÃO

SUMO-SACERDOTE

URIM E TUMIM

SN: Vestimenta ritualística sacerdotal com que o sacerdote se apresentava a Deus e lhe oferecia sacrifícios.

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

EFRAIM

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE EFRAIM

ZEBULOM

SN: Segundo filho de José do Egito e Azenate; neto de Israel. Um dos patriarcas da nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

EGITO

RT: DEUS

ESCRAVO

IMPÉRIO ROMANO

ISRAEL

JESUS CRISTO

JOSÉ DO EGITO

MAR VERMELHO

MOISÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAZARÉ

NILO

PALESTINA

PÁSCOA

PATRIARCA

PRAGA

SN: País situado no nordeste da África, a sudoeste da Palestina. Sua civilização cresceu e se fortaleceu nos arredores do rio Nilo, principalmente no Delta do Nilo, onde o chão era mais regado por causa dos braços do rio. Nação que recebeu primeiramente José e sua família, mas que, depois, escravizou seus descendentes por 430 anos. O país também foi o palco das dez pragas do Egito, lançadas contra a terra pela desobediência de Faraó em libertar o povo de Deus da escravidão. Também foi o refúgio de Jesus Cristo durante a infância, quando Herodes procurara matá-lo.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

EISEGESE

BT1: TEOLOGIA

RT: BÍBLIA

EXEGESE

HERMENÊUTICA

SN: Atribuição de sentido pessoal à interpretação do texto bíblico. Antônimo de exegese.

SC: 025 TÉCNICAS DE ESTUDO E INTERPRETAÇÃO

ELEIÇÃO

BT1: SOTERIOLOGIA

BT2: TEOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: JESUS CRISTO

PREDESTINAÇÃO

SALVAÇÃO

SN: Selo da escolha divina sobre o salvo. Pressupõe a predestinação.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

ELIAS

BT1: PROFETA

RT: ACABE

BAAL

ELISEU

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Profeta tesbita, morador de Gileade. Nos tempos do rei Acabe, profetizou uma seca de três anos e meio, e assim foi. Enfrentou sozinho 850 profetas de Baal, e, com ajuda do povo, os dilacerou. Não morreu, mas foi assunto ao céu por um redemoinho. Eliseu profetizou em seu lugar.

SC: 011 SERES HUMANOS

ELIFAZ

RT: ELIÚ

SN: O primeiro dos amigos de Jó que o vieram consolar.

SC: 011 SERES HUMANOS

ELISEU

BT1: PROFETA

RT: ELIAS

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Profeta substituto de Elias. Recebeu como herança a capa de Elias, e a porção dobrada de seus milagres.

SC: 011 SERES HUMANOS

ELIÚ

RT: ELIFAZ

SN: O último dos amigos de Jó a consolá-lo.

SC: 011 SERES HUMANOS

Elohim

USE: DEUS

SN: A forma plural do nome de Deus em hebraico. É aplicado ao próprio Deus, a entidades pagãs, anjos e seres espirituais poderosos para demonstrar que tudo que se chama Deus está somente nEle.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Emanuel

USE: JESUS CRISTO

SN: Deus conosco. Um dos nomes de Jesus Cristo.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

ENOQUE

RT: BARUQUE

ECLESIÁSTICO

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Livro apócrifo, cuja escrita é atribuída a Enoque, ancestral de Noé.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

EPISTEMOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

SN: O estudo do conhecimento humano ou de como utilizá-lo para se chegar à verdade.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

EPÍSTOLA

RT: JOÃO

JUDAS TADEU

NOVO TESTAMENTO

PAULO

PEDRO

TIAGO

SN: Carta. 21 dos 27 livros do N.T. são epístolas, sendo 13, do Apóstolo Paulo.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

ERA DA IGREJA

RT: IGREJA

JESUS CRISTO

SN: Período entre a ressurreição de Jesus Cristo e sua segunda vinda.

SC: 020 PERÍODOS

ERA PATRÍSTICA

RT: AGOSTINHO DE HIPONA

IGREJA

SN: Os sete primeiros séculos da história eclesiástica.

SC: 020 PERÍODOS

ESAÚ

RT: ABRAÃO

INIMIGO

ISAQUE

ISRAEL

LABÃO

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Filho de Isaque e Raquel e neto de Abraão e Sara. Irmão mais velho de Israel. Deu origem aos Edomitas, povo inimigo da Nação de Israel. Foi casado com Ada, Basemate, Oolíbama.

SC: 011 SERES HUMANOS

ESCATOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: TRIBULAÇÃO

SN: Estudo sistemático acerca das coisas futuras ou das últimas coisas. Se ocupa do arrebatamento, da grande tribulação, do milênio, do julgamento final e do estado eterno.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

ESCRAVO

RT: DIÁSPORA

EGITO

ESTER

GRILHÃO

JUDAS ISCARIOTES

MINISTRO

NABUCODONOSOR

NAÇÃO DE ISRAEL

SALVAÇÃO

SERVO

SN: Cativo que está completamente sujeito à vontade de seu senhor. Geralmente negociados como mercadoria, eram adquiridos por não quitação de dívidas, ou por terem sido vencidos em batalha.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

ESCRIBA

RT: BABILÔNIA

BÍBLIA

DIÁSPORA

FARISEU

JESUS CRISTO

MANUSCRITO

PALÁCIO

PAULO

PENTATEUCO

PERGAMINHO

SINAGOGA

TORÁ

SN: Conselheiro real, responsável pela produção dos documentos reais oficiais;
Mestres e sábios da Torá, responsáveis por preservar os textos sacros e manter
as tradições no período pós-exílico.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

ESDRAS III

RT: BARUQUE

ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Livro apócrifo.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

ESDRAS IV

RT: BARUQUE
ECLESIAÍSTICO
ENOQUE
ESDRAS III
JUDITE
MACABEUS I
MACABEUS II
MACABEUS III
MACABEUS IV
SABEDORIA DE SALOMÃO
TOBIAS
SN: Livro apócrifo.
SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

ESMOLA

RT: DINHEIRO
OFERTA
SN: O que de valor se dá por caridade aos necessitados.
SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

ESPÍRITO

NT1: ANJO
NT2: ARCANJO
NT2: GABRIEL
NT2: QUERUBIM
NT2: SERAFIM
NT1: DEMÔNIO

NT2: ABADOM

NT2: BELIAL

NT2: SATANÁS

NT1: DEUS

NT1: ESPÍRITO SANTO

NT1: SANTA TRINDADE

NT1: SATANÁS

RT: ALMA

ANGEOLOGIA

ANTROPOLOGIA

ARCANJO

HADES

JESUS CRISTO

PARAÍSO

QUERUBIM

SERAFIM

TEOLOGIA

SN: Substância incorpórea da qual todos os seres espirituais são constituídos.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

023 ATRIBUTOS HUMANOS

espírito deste século

USE: SATANÁS

SN: Um dos nomes de Satanás.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

ESPÍRITO SANTO

BT1: ESPÍRITO

RT: ADORAÇÃO

ADVOGADO

ÁGAPE

ALIANÇA

ARIANISMO

BÍBLIA

BLASFÊMIA

BONDADE

DEIDADE

DEUS

EBIONISMO

EVANGELHO

EVANGELICALISMO

FÉ

GLÓRIA

GLOSSOLALIA

ILUMINAÇÃO

INERRÂNCIA

JESUS CRISTO

MONARQUIANISMO

PENTECOSTALISMO

PNEUMATOLOGIA

REGENERAÇÃO

SANTA TRINDADE

SN: A terceira pessoa da Santíssima Trindade. Deus. O Espírito de Deus. Foi enviado por Jesus Cristo como o "Consolador", como substituto dEle para ser o auxiliador do homem em Sua ausência.

SC: 012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

ESTER

UF: Hadassa

BT1: RAINHA

RT: ASSÍRIA

ASSUERO

DIÁSPORA

ESCRAVO

SN: Jovem judaica cativa e órfã, prima de Mordecai e esposa de Assuero. Foi escolhida rainha da Pérsia no lugar de Vasti. Ela e seu primo promoveram a sobrevivência do povo judeu em meio ao exílio.

SC: 011 SERES HUMANOS

EUNUCO

RT: PALÁCIO

RAINHA

SN: Homem fisicamente castrado. Geralmente, era utilizado para serviço nos palácios, como cuidar do harém real.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

EUTIQUIANISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: DEIDADE

JESUS CRISTO

SN: Teoria que afirma que a natureza física de Jesus Cristo foi absorvida pela natureza divina, de modo que Cristo agora possui apenas uma natureza.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

EVA

RT: ABEL

ADÃO

CAIM

CASAMENTO

DEUS

ÉDEN

PECADO

SATANÁS

SETE

SN: A primeira mulher. Esposa de Adão, e mãe de Caim, Abel e Sete. No Éden, tentada pela serpente, foi a responsável por dar do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal ao seu marido, com o qual ambos pecaram e deram origem ao pecado.

SC: 011 SERES HUMANOS

EVANGELHO

BT1: NOVO TESTAMENTO

BT2: BÍBLIA

RT: ÁGORA

AMÉM

ANDRÉ

APÓSTOLO

BARTOLOMEU

BÍBLIA

BISPO

DEUS

ESPÍRITO SANTO

EVANGELHOS SINÓTICOS

EVANGELISTA

FALSO PROFETA

FILIPE

IGREJA

JESUS CRISTO

JOÃO

JOÃO MARCOS

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

LUCAS

MATEUS

MATIAS

PAULO

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Boas notícias. A Palavra de Deus e a mensagem do Seu Livro e de Seu Reino.
Cada um dos quatro primeiros livros do N.T.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

EVANGELHOS SINÓTICOS

BT1: NOVO TESTAMENTO

BT2: BÍBLIA

RT: EVANGELHO

JOÃO MARCOS

LUCAS

MATEUS

PEDRO

SN: Os três primeiros livros do N.T. São sinóticos, pois os Evangelhos de Mateus e Lucas, muito provavelmente, tiveram o Evangelho de Marcos como referência para serem escritos.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

EVANGELICALISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: BÍBLIA

ESPÍRITO SANTO

REGENERAÇÃO

SALVAÇÃO

SN: Teoria que afirma a inspiração e a autoridade bíblica, enfatizando a necessidade de conversão pessoal e a necessidade de regeneração pelo Espírito Santo.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

EVANGELISTA

NT1: JOÃO

NT1: JOÃO MARCOS

NT1: LUCAS

NT1: MATEUS

RT: BÍBLIA

EVANGELHO

IGREJA

JESUS CRISTO

NOVO TESTAMENTO

SN: Os escritores dos quatro evangelhos canônicos, a saber: O Evangelho Segundo São Mateus, O Evangelho Segundo São Marcos, O Evangelho Segundo São Lucas e O Evangelho Segundo São João.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

EXEGESE

BT1: TEOLOGIA

RT: BÍBLIA

EISEGESE

HERMENÊUTICA

SN: Processo de explicar um texto bíblico aplicando-se as regras da hermenêutica.

SC: 025 TÉCNICAS DE ESTUDO E INTERPRETAÇÃO

FALSO PROFETA

RT: ANTICRISTO

BESTA

BÍBLIA

DEMÔNIO

DEMONOLOGIA

EVANGELHO

HERESIA

IGREJA

INFERNO

INIMIGO

JESUS CRISTO

SATANÁS

SN: Qualquer um que, fingindo disseminar o Evangelho, lança a mão de argumentos heréticos e invencionices próprias para espalhar o engano. Na Bíblia, faz alusão direta também ao último grande líder religioso que se levantará a favor do Anticristo e contra a Igreja de Jesus Cristo.

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

FARISEU

RT: ESCRIBA

JESUS CRISTO

PAULO

TORÁ

SN: Membro da divisão mais prestigiada e ortodoxa do judaísmo nos tempos de Jesus Cristo, e tinham por texto sagrado a Torá.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

FÉ

RT: DESTINO

DEUS

ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

SANTA CEIA

SANTA TRINDADE

SN: Crença inequívoca na Santa Trindade, em Seus planos e em Seus propósitos. É a esperança além de qualquer prova física ou racional de que aquilo que foi determinado por Deus irá se cumprir.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

FERMENTO

RT: PÃO

PÁSCOA

SN: Pão velho altamente levedado introduzido em novas massas para a fermentação. Era proibido na Páscoa. No sentido figurado, geralmente aparece como contaminação ou falta de sinceridade.

SC: 029 ELEMENTOS MANUFATURADOS

FESTA DA LUA NOVA

RT: ADORAÇÃO

ANO

CELEBRAR

DIA

MÊS

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Dia de festividade. Banquetes eram servidos em toda a Nação de Israel, e o comércio e o Trabalho eram proibidos nesse dia. O Templo ficava aberto para a adoração.

SC: 020 PERÍODOS

FESTA DAS COLHEITAS

RT: ANO

CEIFA

CELEBRAR

DIA

MÊS

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Durava uma semana e celebrava o período final das colheitas e das ceifas. Era celebrado no décimo quinto dia do mês de Ethanim.

SC: 020 PERÍODOS

FIDELIDADE

RT: BÍBLIA

DEUS

PERSEVERANÇA

SN: Caráter daquilo que é fiel. Deus mantém a Sua fidelidade a Si mesmo. O homem, procura ser fiel a Deus e à Sua Palavra.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

022 ATRIBUTOS DIVINOS

FILACTÉRIO

RT: NAÇÃO DE ISRAEL

TORÁ

SN: Tira de couro com uma bolsinha (espécie de pochete atual) que todo judeu utilizava amarrado na cabeça ou nos braços, que continham porções das escrituras sacras para o estudo e a memorização.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

FILIFE

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

RT: ANDRÉ

BARTOLOMEU

EVANGELHO

GALILEIA

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

MATEUS

MATIAS

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Um dos doze discípulos e Apóstolo de Jesus Cristo. Da região de Betsaida, na Galileia.

SC: 011 SERES HUMANOS

FOME

RT: JEJUM

SN: Grande apetite por falta de comida. Período de escassez de comida por seca ou por roubo do plantio. Pode ser sinônimo de necessidade extrema de algo.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

FORNO

RT: ABEDE-NEGO

HOLOCAUSTO

METAL PRECIOSO

OFERTA

OLARIA

PALHA

PÃO

PÁSCOA

SN: O mesmo que fornalha. Braseiro para cozer pão e comida em geral, além de mercadorias como louça, telha, fundição de metais...

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

GABRIEL

BT1: ANJO

BT2: ESPÍRITO

RT: ANGEOLOGIA

DANIEL

JESUS CRISTO

MARIA

SN: Anjo mensageiro, responsável por atender e responder as indagações de Daniel. Também foi o anjo responsável por avisar Maria sobre sua gravidez do Messias, e por aparecer ao sacerdote Zacarias.

SC: 012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

GADARA

RT: GALILEIA

JESUS CRISTO

SN: Cidade da Transjordânia a 10 quilômetros a sudeste do mar da Galileia. Era a capital da região grega da Pereia, uma das cidades de Decápolis. Região onde Jesus Cristo expulsou demônios de ao menos uma pessoa.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

GADE

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE GADE

ZEBULOM

SN: Sétimo filho de Israel. Um dos patriarcas da Nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

GADO

NT1: BEZERRO

NT1: BOI

NT1: OVELHA

NT1: PORCO

NT1: VACA

RT: ARADO

CAJADO

HOLOCAUSTO

OFERTA

PALHA

SN: Animais criados para o trabalho agrícola, consumo doméstico ou para fins comerciais. Na antiguidade, terra e gado eram as medidas da riqueza de alguém.

SC: 033 ANIMAIS

GALILEIA

RT: CAFARNAUM

FILIPPE

GADARA

JESUS CRISTO

JORDÃO

MAR

NAZARÉ

PALESTINA

TRIBO DE NAFTALI

SN: Província romana na região da tribo de Naftali, situada ao norte da palestina. Lugar de peregrinação de Jesus Cristo.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

Geena

USE: INFERNO

SN: O mesmo que Inferno. Fazia referência a um monte em que o lixo de Jerusalém era queimado, que ardia constantemente. Mas, é - nos textos bíblicos - a representação do Inferno.

SC: 009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

GENTIO

RT: PAULO

SN: Todo aquele que não era judeu. O estrangeiro. Paulo é considerado o "Apóstolo aos gentios", já que os doze discípulos de Jesus Cristo eram Apóstolos aos judeus.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

GLÓRIA

RT: ADORAÇÃO

DEUS

ESPÍRITO SANTO

HUMILDADE

JESUS CRISTO

SANTA TRINDADE

SERAFIM

SN: Aquilo que foi pesado (no sentido de julgado pela balança) e foi achado digno de honra e louvor. Aquilo que por suas virtudes e obras carrega a fama.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

GLOSSOLALIA

RT: BABEL

ESPÍRITO SANTO

PENTECOSTALISMO

SN: Dom concedido pelo Espírito Santo de se falar em variedade de línguas, tendo origem na descida do Espírito Santo no dia de pentecostes narrado em Atos 2.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

Gnosticismo

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: BÍBLIA

SN: Princípio filosófico que lê as Escrituras à luz da filosofia grega, mesclando ambas as crenças. Nega a humanidade de Jesus Cristo, pois para o gnóstico, a matéria é má, e Deus, sendo bom, não pode encarnar.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

Gólgota

USE: Calvário

SN: Monte onde Jesus Cristo foi crucificado.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

GRAÇA

RT: ADOÇÃO

BENÇÃO

BENIGNIDADE

PECADO

PECADO MORTAL

PECADO VENIAL

SALVAÇÃO

SN: "Favor imerecido". A generosidade de Deus ofertada ao homem - como perdão de pecados, justificação e salvação - por meio da redenção mediante o sacrifício de Jesus Cristo na cruz.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

GRILHÃO

RT: ESCRAVO

GUERRA

SN: Espécie de algema grossa com que eram manietados e amarrados os prisioneiros em uma prisão.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

GUERRA

RT: ABNER

ALJAVA

AMALEQUITAS

AMORREUS

BATALHA

COMBATE

CRUZADAS

DAVI

EBENÉZER

GRILHÃO

JARRETAR

LUTA

SN: Estado de atenção bélica, onde dois ou mais povos ou nações interagem entre si com armamentos e forças militares, por disputas das mais variadas. Uma guerra não tem duração prévia estipulada, podendo ser motivo de vários embates e estratégias mil.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

Hadassa

USE: ESTER

SC: 011 SERES HUMANOS

HADES

RT: ESPÍRITO

INFERNO

PARAÍSO

SN: No N.T., é a tradução para o grego da palavra hebraica she'ol. Lugar de tormento e agonia.

SC: 009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

HAMARTIOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: APOSTASIA

BLASFÊMIA

CÓLERA

HERESIA

PECADO

SN: Do grego (hamartia+lógos = pecado+estudo). É o estudo da natureza do pecado e de seus resultados.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

HARPA

RT: ALAMOTE

ALAÚDE

DAVI

SN: Instrumento de corda, provavelmente o mais antigo do tipo. Refere-se provavelmente à Lira.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

HEBREUS

RT: ABRAÃO

AMALEQUITAS

ÉFODE (PESSOA)

ISAQUE

ISRAEL

MOISÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

PAULO

SN: O termo mais antigo para se designar os descendentes de Abraão, da linhagem de Isaque e Israel. Deriva-se, provavelmente, de Héber.

SC: 010 POVOS

HEBROM

RT: ABRAÃO

ISAQUE

ISRAEL

TRIBO DE JUDÁ

SN: Monte da região da Tribo de Judá. Nele habitaram Abraão, Isaque e Israel, quando andavam em suas peregrinações. Local também onde estão seus túmulos. Seu primeiro nome foi Quiriate-arba.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

HENOTEÍSMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: ADORAÇÃO

SN: A adoração a um só deus sem a negação da existência de outros deuses.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

HERESIA

NT1: ADOCIANISMO

NT1: ANIMISMO
NT1: ARIANISMO
NT1: ATEÍSMO
NT1: CONSUBSTANCIAÇÃO
NT1: DITEÍSMO
NT1: DOCETISMO
NT1: DUALISMO
NT1: EBIONISMO
NT1: ECUMENISMO
NT1: EUTIQUIANISMO
NT1: GNOSTICISMO
NT1: HENOTEÍSMO
NT1: ILUMINISMO
NT1: LIBERALISMO
NT1: LIMBO
NT1: MONARQUIANISMO
NT1: MONISMO
NT1: NEO-ORTODOXIA
NT1: NEOPLATONISMO
NT1: PANTEÍSMO
NT1: PATRIPASSIANISMO
NT1: PECADO MORTAL
NT1: PECADO VENIAL
NT1: PELAGIANISMO
NT1: POLITEÍSMO
NT1: PURGATÓRIO
BT1: PECADO

RT: BÍBLIA

BLASFÊMIA

CREDO

FALSO PROFETA

HAMARTIOLOGIA

JOÃO BATISTA

TEOLOGIA

TEÓLOGO

SN: Teorias, maneiras de pensar ou opiniões que contrariem os ensinamentos bíblicos.

SC: 007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

HERMENÊUTICA

BT1: TEOLOGIA

RT: BÍBLIA

EISEGESE

EXEGESE

SN: Teoria do entendimento do significado de um trecho bíblico, incluindo análises textuais, contextualização, interpretação, além de consulta aos costumes dos povos da época e o contexto cultural do autor, partindo sempre das informações que a própria Bíblia oferece a respeito do assunto.

SC: 025 TÉCNICAS DE ESTUDO E INTERPRETAÇÃO

HISSOPO

RT: HOLOCAUSTO

PÁSCOA

SN: Planta aromática, provavelmente a "manjerona". Era utilizada pelos israelitas na Páscoa, quando com um pequeno feixe de suas folhas, o sangue dos sacrifícios era passado nos umbrais das portas.

SC: 034 VEGETAÇÃO

HOLOCAUSTO

RT: ALTAR

BEZERRO

BOI

ÉFODE (VESTIMENTA)

FORNO

GADO

HISSOPO

IMPIGEM

LIBAÇÃO

OVELHA

PROPICIAÇÃO

VACA

SN: Sacrifício em que se queimavam inteiramente as vítimas.

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

homem da iniquidade

USE: ANTICRISTO

SN: O mesmo que Anticristo.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

HUMILDADE

RT: DEUS

GLÓRIA

JESUS CRISTO

SANTIFICAÇÃO

SN: Virtude com que se expressa a franqueza da dependência e da falta de mérito. No caso de Deus, são as obras mais degradantes que Ele pratica apesar de sua santidade, honra e glória, como o fato de Jesus Cristo, sendo Deus, entregar a sua vida para morrer como um criminoso qualquer.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

023 ATRIBUTOS HUMANOS

IGREJA

RT: ANÁTEMA (PROCESSO)

APOCALIPSE

APÓSTOLO

COMUNHÃO

COMUNHÃO ABERTA

COMUNHÃO FECHADA

DISCÍPULO

ECLESIOLOGIA

ECUMENISMO

ERA DA IGREJA

ERA PATRÍSTICA

EVANGELHO

EVANGELISTA

FALSO PROFETA

JERUSALÉM

JESUS CRISTO

MARTINHO LUTERO

MID-TRIBULACIONISMO

PLURALISMO

PÓS-MILENISMO

PÓS-TRIBULACIONISMO

PRÉ-MILENISMO

PRÉ-TRIBULACIONISMO

PRESBÍTERO

PROSELITISMO

REFORMA PROTESTANTE

SACRAMENTO

SANTA CEIA

SN: Comunidade que reconhece a divindade e a humanidade de Jesus Cristo. Esta comunidade nasce com Ele como pedra fundamental, e é difundida por seus Apóstolos e Discípulos.

SC: 021 EVENTOS

ILUMINAÇÃO

RT: BÍBLIA

ESPÍRITO SANTO

SN: Obra de revelação, esclarecimento e entendimento das verdades bíblicas concedidas pelo Espírito Santo.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

ILUMINISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: BÍBLIA

SN: Teoria consolidada a partir do século XVIII que incentiva a crença de que a verdade poderá ser encontrada apenas através da razão, da experiência e da observação. Nega a revelação sobrenatural das Escrituras e encoraja o abandono desta.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

IMPÉRIO ROMANO

RT: CÉSAR

EGITO

MAR DO OCIDENTE

NOVO TESTAMENTO

PALESTINA

SN: O maior império do mundo antigo. Conquistou e dominou vastos territórios ao redor do Mar Mediterrâneo, dominando toda a Europa Ocidental, incluindo a região da Grã-Bretanha e a Península Ibérica. Governou todo o Oriente Médio, Palestina e toda a costa norte da África até o estreito de Gibraltar. Era o principal império nos tempos em que o N.T. foi compilado.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

IMPIGEM

RT: ALTAR

DEUS

HOLOCAUSTO

IMUNDÍCIA

LEVITA

PRAGA

SACERDOTE

SN: Doença de pele que impedia um levita de servir como sacerdote, ou que impedia um animal de ser ofertado como sacrifício no altar do Senhor.

SC: 007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

IMUNDÍCIA

BT1: PECADO

RT: ABOMINAÇÃO
ANÁTEMA (ESTADO)
ANÁTEMA (PROCESSO)
IMPIGEM
LAGARTO
LEÃO
MUNDO
PORCO
PRAGA
SATANÁS

SN: Lixo, impureza. Tudo aquilo que suja ou contamina.

SC: 024 ATRIBUTOS DO PECADO

INERRÂNCIA

RT: DEIDADE
DEUS
ESPÍRITO SANTO
JESUS CRISTO
SANTA TRINDADE

SN: Atributo divino segundo o qual não existe o mínimo erro na verdade, sendo Deus a revelação primária e final de toda a verdade.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

INFERNO

UF: Geena
RT: ANÁTEMA (PROCESSO)
ANGÚSTIA

ANTICRISTO

DEMÔNIO

DESTINO

FALSO PROFETA

HADES

PARAÍSO

PECADO MORTAL

SATANÁS

SN: Destino último e eterno daqueles que não foram dignos do céu. Lago de fogo. Lugar de tormento eterno construído para Satanás e seus demônios, e que também comportará o pecador que não se arrepende.

SC: 009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

INIMIGO

RT: ANTICRISTO

CÓLERA

DAGON

ESAÚ

FALSO PROFETA

JARRETAR

SATANÁS

SN: Aquele que lhe deseja mau.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

INTERTESTAMENTÁRIO

RT: ANTIGO TESTAMENTO

JESUS CRISTO

SN: Período de quatrocentos anos entre a atribuição de data do último texto do A.T. e o nascimento de Jesus Cristo.

SC: 020 PERÍODOS

ISAÍAS

BT1: PROFETA

RT: NAÇÃO DE ISRAEL

OSEIAS

SN: Filho de Amós, foi estadista e profeta em Israel durante os reinados de Ozias, Jotão, Acaz e Ezequias.

SC: 011 SERES HUMANOS

ISAQUE

BT1: PATRIARCA

RT: ABRAÃO

ESAU

HEBREUS

HEBROM

ISRAEL

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Filho de Abraão e Sara, herdeiro da promessa de seu pai, apesar de ser o segundo filho de Abraão. Foi marido de Rebeca, e pai de Jacó e Esaú.

SC: 011 SERES HUMANOS

ISRAEL

UF: Jacó

BT1: PATRIARCA

RT: ABRAÃO

ASER

BENJAMIN

DÃ

EBENÉZER

EFRAIM

EGITO

ESAÚ

GADE

HEBREUS

HEBROM

ISAQUE

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LABÃO

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

ZEBULOM

SN: Filho de Isaque e Raquel e neto de Abraão e Sara. Irmão de Esaú. Seu primeiro nome foi Jacó, mas teve seu nome mudado para Israel pelo próprio Deus. De seus doze filhos descenderam todas as tribos da nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

ISSACAR

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE ISSACAR

ZEBULOM

SN: Nono filho de Israel. Um dos patriarcas da nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

Jacó

USE: ISRAEL

SN: Primeiro nome de Israel, antes do Senhor trocá-lo.

SC: 011 SERES HUMANOS

JARRETAR

RT: BATALHA

COMBATE

GUERRA

INIMIGO

LUTA

SN: Cortar os nervos ou tendões da perna para inutilizar animais - geralmente cavalos - e impedi-los de andar. Era comum utilizar esta ação durante as guerras, para combater a força bélica inimiga.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

Jebus

USE: JERUSALÉM

SN: O primeiro nome de Jerusalém.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

JEJUM

BT1: SANTIFICAÇÃO

RT: CONSAGRAÇÃO

FOME

SN: Abstinência total ou parcial de alimentos para promover a santificação. Era também comum praticar o jejum em um período de luto ou de tristeza intensa.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

Jeová

USE: DEUS

SN: Em hebraico, "Eu sou o que sou". O mesmo que Yahweh.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová El Elyon

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "Deus Altíssimo".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Elohim Yisra'el

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Senhor é o Deus de Israel".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Jireh

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "Deus proverá".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Kadesh

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Senhor que santifica".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Nissi

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Senhor é a minha bandeira".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Raah

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Senhor é meu pastor", ou "O Senhor é o meu guia".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Rafá

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Deus que sara".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Sabaote

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Senhor dos Exércitos".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Shalom

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Senhor é Paz".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Shamá

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "Deus está aqui".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

Jeová Tsidkenu

USE: DEUS

SN: Do hebraico, "O Senhor é a nossa justiça".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

JERICÓ

RT: JERUSALÉM

JOSUÉ

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Cidade 32 quilômetros a noroeste de Jerusalém. A cidade foi conquistada por Josué quando todo o povo de Israel a sitiou por sete dias e gritou ao sétimo dia, derrubando suas muralhas.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

JERUSALÉM

UF: Jebus

RT: BELÉM

DAVI

IGREJA

JERICÓ

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Cidade capital dos Jebuseus, conquistada por Davi. Capital do antigo reino de Israel, e posteriormente, da Judeia. É, hoje, cidade sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

JESSÉ

RT: BELÉM

DAVI

SN: Nascido em Belém, filho de Obede, neto de Boaz e Rute e pai do rei Davi. Teve oito filhos.

SC: 011 SERES HUMANOS

JESUS CRISTO

UF: Cristo

Emanuel

Messias

Nazareno

Salvador

BT1: REI

BT1: SUMO-SACERDOTE

BT2: SACERDOTE

RT: ADOÇÃO

ADORAÇÃO

ADVOGADO

ÁGAPE

ALFA

ALIANÇA

ANDRÉ
ANTICRISTO
ANTROPODICEIA
APÓSTOLO
ARIANISMO
BARTIMEU
BARTOLOMEU
BELÉM
BÍBLIA
BLASFÊMIA
BONDADE
CAFARNAUM
CÉSAR
COMUNHÃO
CONSUBSTANCIAÇÃO
CRISTOLOGIA
DEIDADE
DEMÔNIO
DEUS
DISCÍPULO
EBIONISMO
EGITO
ELEIÇÃO
ERA DA IGREJA
ESCRIBA
ESPÍRITO
ESPÍRITO SANTO

EUTIQUIANISMO

EVANGELHO

EVANGELISTA

FALSO PROFETA

FARISEU

FÉ

FILIPE

GABRIEL

GADARA

GALILEIA

GLÓRIA

HUMILDADE

IGREJA

INERRÂNCIA

INTERTESTAMENTÁRIO

JOÃO

JOÃO BATISTA

JOSÉ

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

LAMÁ SABACTÂNI

LEI DA SEMEADURA

LIBERALISMO

LUCAS

MARIA

MATEUS

MATIAS

MILÊNIO
MINISTRO
MIRRA
MONARQUIANISMO
NAZARÉ
NOVO TESTAMENTO
OURO
OVELHA
PECADO
PEDRO
PELAGIANISMO
PENHOR
PÓS-MILENISMO
PÓS-TRIBULACIONISMO
PRÉ-MILENISMO
PRÉ-TRIBULACIONISMO
PROPICIAÇÃO
PROSELITISMO
RABI
REGENERAÇÃO
SALVAÇÃO
SANTA CEIA
SANTA TRINDADE
SIMÃO, O ZELOTE
SOTERIOLOGIA
TIAGO
TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

TRIBO DE JUDÁ

SN: O Filho de Deus, e Deus encarnado. Filho de José e Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão. Primo de João Batista. Sua genealogia consta nos Evangelhos de Mateus e Lucas. Concebido de concepção virginal, nasceu em Belém - cidade da tribo de Judá -, fugiu ao Egito e, ao retornar, foi criado em Nazaré. Com seus doze discípulos, ensinou e sarou o povo por onde andou. Fez milagres e expulsou demônios. Espalhou o Evangelho e constituiu a Igreja, sendo Ele a sua pedra de esquina. Único ser humano nascido sem pecado. Viveu por 33 anos, até ser morto pela nata da sociedade judaica da época, com consentimento de Pilatos, governador romano e de Herodes, governador da Judeia. Seu crime, segundo seus acusadores, foi arrogar a si mesmo o título de Messias e de Filho de Deus. Foi crucificado e morto, tendo ressuscitado ao terceiro dia. Possui o único nome pelo qual todo ser humano pode adquirir salvação. Ele é a verdade em fim último.

SC: 011 SERES HUMANOS

012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

JOÃO

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

BT1: EVANGELISTA

BT1: PROFETA

RT: ANDRÉ

APOCALIPSE

BARTOLOMEU

EPÍSTOLA

EVANGELHO

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO MARCOS

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

LUCAS

MATEUS

MATIAS

NOVO TESTAMENTO

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Irmão de Tiago, filho de Zebedeu e de Salomé. Um dos doze discípulos e Apóstolos de Jesus Cristo. Junto a seu irmão, foram chamados de "Boanerges" - filhos do trovão. É considerado o "discípulo amado". Provavelmente o mais íntimo de Jesus Cristo. É também o autor das 3 epístolas de João e do livro de Apocalipse. Foi condenado à morte em óleo fervente mas sobreviveu, sendo exilado na ilha de Patmos, onde recebeu as revelações de Apocalipse. Foi libertado e voltou à cidade de Éfeso, onde morreu - provavelmente com cem ou mais anos de idade.

SC: 011 SERES HUMANOS

JOÃO BATISTA

BT1: PROFETA

RT: ÁGUA

BATISMO

DISCÍPULO

HERESIA

JESUS CRISTO

JORDÃO

MINISTRO

PECADO

SN: Primo mais velho de Jesus, Filho de Zacarias e Isabel. Ele veio antes de Jesus Cristo, anunciando a vinda do Reino de Deus e batizando os arrependidos nas águas do Jordão. Ele próprio batizou Jesus Cristo. Era profeta respeitado. Habitava sozinho no deserto, e se alimentava de mel silvestre e gafanhotos. Vestia-se de peles de animais e possuía um cinto de couro. Repreendia os falsos religiosos que buscavam glória para si e pervertiam a religião. Esteve preso no governo de Herodes, pois denunciava seu casamento ilícito com sua cunhada, estando seu irmão ainda vivo. A pedido de Herodias, cunhada e esposa de Herodes, teve a cabeça decepada e servida em uma bandeja. Seu corpo foi resgatado por seus discípulos e enterrado.

SC: 011 SERES HUMANOS

JOÃO CALVINO

BT1: TEÓLOGO

RT: AGOSTINHO DE HIPONA

CALVINISMO

TEOLOGIA

TOMÁS DE AQUINO

SN: Um doutrinador e sistematizador da fé cristã pós-reforma. Francês de nascimento, estabeleceu-se em Genebra.

SC: 011 SERES HUMANOS

JOÃO MARCOS

BT1: EVANGELISTA

RT: EVANGELHO

EVANGELHOS SINÓTICOS

JOÃO

LUCAS

MATEUS

PEDRO

SN: Evangelista responsável por compilar o Evangelho de Marcos. Filho de Maria, e primo de Barnabé.

SC: 011 SERES HUMANOS

JONAS

BT1: PROFETA

RT: ASSÍRIA

DEUS

MAR

MAR DO OCIDENTE

NÍNIVE

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Profeta nascido na cidade de Gate-Hefer, na Tribo de Zebulom. Foi chamado para profetizar aos Assírios em Nínive, mas recusou-se, e fugiu da presença de Deus. Pegando um navio para Társis, foi jogado ao mar e engolido por um enorme peixe. Arrependido, orou a Deus e foi vomitado na praia do Mar Mediterrâneo.

SC: 011 SERES HUMANOS

JORDÃO

RT: GALILEIA

JOÃO BATISTA

MAR SALGADO

NAÇÃO DE ISRAEL

NILO

PALESTINA

SN: Rio de 260 quilômetros de extensão que corta todo o território da Palestina de norte a sul, passando pelo mar da Galileia e desaguando no Mar Morto. Violento, nasce quase ao nível do mar e desagua a 425 metros abaixo do nível do mar.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

JOSÉ

RT: DAVI

EBIONISMO

JESUS CRISTO

MARIA

NAÇÃO DE ISRAEL

NAZARÉ

SN: Carpinteiro de profissão, foi o pai humano de Jesus Cristo. Casado com Maria, era de descendência direta dos reis Israelitas.

SC: 011 SERES HUMANOS

JOSÉ DO EGITO

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

ÉFODE (PESSOA)

EFRAIM

EGITO

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE MANASSÉS

ZEBULOM

SN: Um dos patriarcas da nação de Israel. Filho de Israel e Raquel. Pai de Efraim e Manassés. Marido de Azenate. Governou o Egito ao lado de Faraó após ter sido vendido como escravo por seus irmãos. Sua herança foi dobrada entre seus irmãos, pelo que gerou duas tribos a partir dos nomes de seus filhos.

SC: 011 SERES HUMANOS

JOSUÉ

RT: JERICÓ

PALESTINA

TRIBO DE EFRAIM

SN: Filho de Num, da Tribo de Efraim. Sucessor direto de Moisés. Seu primeiro nome foi Oseias. Se destacou como grande líder militar, e conduziu o povo de Israel na conquista dos territórios palestinos.

SC: 011 SERES HUMANOS

JUDÁ

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE JUDÁ

ZEBULOM

SN: Quarto filho de Israel. Um dos patriarcas da nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

JUDAS ISCARIOTES

BT1: DISCÍPULO

RT: ANDRÉ

BARTOLOMEU

ESCRAVO

EVANGELHO

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS TADEU

MATEUS

MATIAS

PEDRO

PRATA

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Filho de Simão. Um dos doze discípulos de Jesus Cristo. Foi o responsável por trair Jesus e o vender aos líderes religiosos judeus por trinta moedas de prata, que era o preço de um escravo. Arrependido, saiu para se enforcar, mas acabou se jogando de um precipício, tendo o ventre rompido e as vísceras derramadas. Seu ministério foi substituído pelo de Matias.

SC: 011 SERES HUMANOS

JUDAS TADEU

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

RT: ANDRÉ

BARTOLOMEU

EPÍSTOLA

EVANGELHO

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS ISCARIOTES

MATEUS

MATIAS

NOVO TESTAMENTO

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Um dos doze discípulos e Apóstolos de Jesus Cristo. Irmão de Jesus, escreveu a Epístola de Judas.

SC: 011 SERES HUMANOS

JUDITE

RT: BARUQUE

ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Livro apócrifo, incluído no A.T. católico.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

JÚPITER

RT: MERCÚRIO

SN: Deus dos deuses no panteão romano. Equivalente ao Zeus grego.

SC: 031 ENTIDADES PAGÃS

LABÃO

RT: ABRAÃO

ESAU

ISRAEL

SN: Da família de Abraão. Filho de Betuel; neto de Naor. Irmão de Rebeca, e pai de Leia e Raquel. Tio de Israel e Esaú.

SC: 011 SERES HUMANOS

LAGARTO

RT: ABOMINAÇÃO

IMUNDÍCIA

PECADO

PORCO

SN: Gênero de répteis sáurios, das regiões frias e temperadas. Animal Imundo.

SC: 033 ANIMAIS

LAMÁ SABACTÂNI

RT: CALVÁRIO

DEUS

JESUS CRISTO

SN: Expressão hebraica que significa "por que me desamparaste". Frase dita por Jesus Cristo na cruz e direcionada a Deus, que faz referência ao início do Salmo 22.

SC: 030 EXPRESSÕES

LÂMPADA

RT: LANTERNA

SN: Vaso ou recipiente para armazenamento de azeite que embebiam porções de algodão torcido como pavio, e que alimentavam as chamas. Luzeiro, candeeiro.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

LANTERNA

RT: LÂMPADA

SN: Caixa guarnecida de vidro pelos lados, na qual se inseria uma chama ao abrigo do vento.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

LEÃO

RT: ABOMINAÇÃO

BÍBLIA

IMUNDÍCIA

PECADO

TRIBO DE JUDÁ

SN: O mais forte dos quadrúpedes carnívoros. Felino de grande porte. O segundo animal mais citado nas Escrituras. Símbolo de poder. É também o símbolo da Tribo de Judá. O consumo de sua carne era proibido.

SC: 033 ANIMAIS

LEI DA SEMEADURA

BT1: TEOLOGIA

RT: BÍBLIA

JESUS CRISTO

SN: Aquilo que o homem planta, ele colhe. Ao homem é facultado agir, mas não pode fugir das consequências de suas ações. Jesus Cristo define a lei da sementeira como "isto é a lei e os profetas".

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

LEVI

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE LEVI

ZEBULOM

SN: Terceiro filho de Israel. Um dos patriarcas da Nação de Israel. Único dos filhos de Israel a não receber herança de terra, pois Deus mesmo seria a herança dessa tribo.

SC: 011 SERES HUMANOS

LEVITA

RT: ARÃO

IMPIGEM

MOISÉS

SACERDOTE

TRIBO DE LEVI

SN: Todo aquele da Tribo de Levi que possui função sacerdotal. Todo homem que cuidava da manutenção do Tabernáculo ou do Templo, ou das questões associadas, como sacrifícios, limpeza, manutenção, louvor, funcionamento...

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

LIBAÇÃO

RT: ÁGUA

ALTAR

BÍBLIA

DEIDADE

DEUS

HOLOCAUSTO

VINHO

SN: Derramamento de vinho, sangue ou licor em homenagem ou honra de qualquer nome ou divindade. Na Bíblia, o líquido era jogado sobre a oferta de sacrifício para ser queimada junto do holocausto.

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

LIBERALISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: BÍBLIA

JESUS CRISTO

SN: Movimento herético do final do século XIX que procurava desvincular da Bíblia qualquer elemento sobrenatural, atribuindo ao texto apenas a interpretação crítica, científica e humanista. Todo elemento miraculoso é desprezado. Apenas o Jesus histórico é admitido. A Palavra de Deus passa a ser apenas uma vertente filosófica, fonte de especulações, e não de revelações.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

LIMBO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: BATISMO

PECADO

SN: Segundo a teologia católico-romana, é o local sobrenatural onde as crianças menores que morreram sem serem batizadas permanecem eternamente, visto não haverem pecado, porém contaminados pelo pecado original.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

LÓ

RT: ABRAÃO

ANJO

SN: Sobrinho de Abraão. Acompanhou seu tio na primeira parte de sua peregrinação. Foi salvo da destruição de Sodoma e Gomorra por dois anjos. Sua mulher tornou-se uma estátua de sal.

SC: 011 SERES HUMANOS

LUCAS

BT1: EVANGELISTA

RT: EVANGELHO

EVANGELHOS SINÓTICOS

JESUS CRISTO

JOÃO

JOÃO MARCOS

MATEUS

NOVO TESTAMENTO

PAULO

SN: Companheiro de viagem de Paulo, é o autor do Evangelho de Lucas e do livro de Atos dos Apóstolos.

SC: 011 SERES HUMANOS

Lúcifer

USE: SATANÁS

SN: Nome atribuído a Satanás, como se fora seu nome antes de cair dos céus. Apesar de ainda ser associado a Satanás, este nome na realidade é um epíteto aplicado ao rei da Babilônia que caiu do seu estado de glória e elevação.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

LUTA

RT: ABNER

ALJAVA

BATALHA

COMBATE

GUERRA

JARRETAR

SN: Embate. Peleja. Estado de conflito entre entes ou com a própria mente.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

MACABEUS I

RT: BARUQUE

ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Livro apócrifo que narra a resistência dos judeus às campanhas gregas e romanas.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

MACABEUS II

RT: BARUQUE

ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS III

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Literatura paralela e apócrifa dos acontecimentos do livro de Macabeus I.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

MACABEUS III

RT: BARUQUE

ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS IV

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Literatura apócrifa que narra a perseguição dos judeus egípcios pelo Faraó Ptolomeu IV Filópator.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

MACABEUS IV

RT: BARUQUE

ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

SABEDORIA DE SALOMÃO

TOBIAS

SN: Literatura apócrifa, é uma homilia sobre a soberania da razão sobre as paixões, utilizando os mártires de Macabeus III como exemplo.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

MADEIRA

RT: ARADO

ARCA DA ALIANÇA

BALAÚSTRE

CAJADO

CEDRO

CETRO

OFERTA

SN: Parte lenhosa das plantas. Utilizada em construções, edificações e na fabricação de utensílios.

SC: 034 VEGETAÇÃO

MANASSÉS

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

ÉFODE (PESSOA)

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE MANASSÉS

ZEBULOM

SN: Um dos patriarcas da nação de Israel. Filho primogênito de José do Egito e Azenate. Neto de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

MANUSCRITO

RT: BÍBLIA

ESCRIBA

PERGAMINHO

SN: Livro escrito à mão. Até o início do século II eram produzidos em formato de rolos. A partir de então, o formato códex prevaleceu. Em geral, porções das Escrituras encontradas deste período antes da criação da prensa de tipos móveis de Guttenberg no século XV.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

MAR

RT: DAGON

GALILEIA

JONAS

MAR DO OCIDENTE

MAR SALGADO

MAR VERMELHO

SN: Para os israelitas, qualquer grande massa de água era chamada de mar. A palavra era aplicada ao Mar da Galileia, que é um lago. Semelhantemente, ao Mar Morto, que também é um lago. O Mar Mediterrâneo; O Mar Vermelho.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

MAR DE BRONZE

UF: Mar de Fundição

RT: ALTAR

BABILÔNIA

DIÁSPORA

SACERDOTE

SALOMÃO

SN: Grande bacia de bronze fundido que ficava na entrada do Templo, defronte o Altar, que servia para o asseio das mãos dos sacerdotes. Construído por Hiran, nos dias de Salomão, tinha quatro metros e meio de diâmetro e era sustentado por doze touros de bronze, cada três olhando para um ponto cardinal. Foi destruído pelos babilônicos, e seus pedaços carregados para o exílio.

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

mar de fundição

USE: MAR DE BRONZE

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

MAR DO OCIDENTE

UF: Mar Mediterrâneo

RT: IMPÉRIO ROMANO

JONAS

MAR

NILO

PALESTINA

SN: O Mar Mediterrâneo.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

Mar Mediterrâneo

USE: MAR DO OCIDENTE

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

Mar Morto

USE: MAR SALGADO

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

MAR SALGADO

UF: Mar Morto

RT: BÍBLIA

JORDÃO

MAR

SN: É o nome do Mar Morto na Bíblia. Lago de sal onde deságua o rio Jordão.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

MAR VERMELHO

RT: ARÁBIA

ARÃO

EGITO

MAR

MOISÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

SINAI

SN: Separa o Egito da Arábia, estando dividido em dois braços na parte setentrional pela península do Sinai. O braço ocidental é o Golfo de Suez, e o braço oriental, o Golfo de Ácaba.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

MARFIM

RT: PENDENTE

SN: Osso extraído das presas ou chifres de grandes mamíferos, como rinocerontes, hipopótamos, elefantes morsas.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

MARIA

RT: EBIONISMO

GABRIEL

JESUS CRISTO

JOSÉ

NAZARÉ

TIAGO

SN: Mãe de Jesus Cristo, de Tiago, de José, de Judas e de Simão. Esposa de José. Prima de Isabel. Foi uma das seguidoras de Cristo como o Messias.

SC: 011 SERES HUMANOS

MARTINHO LUTERO

BT1: TEÓLOGO

RT: IGREJA

PIETISMO

REFORMA PROTESTANTE

TEOLOGIA

SN: Monge agostiniano, responsável por propor uma reforma na Igreja Católica com noventa e cinco teses por ele redigidas. Ícone máximo da Reforma Protestante que se sucedeu após ele afixar suas teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517.

SC: 011 SERES HUMANOS

MATEUS

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

BT1: EVANGELISTA

RT: ANDRÉ

BARTOLOMEU

EVANGELHO

EVANGELHOS SINÓTICOS

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO

JOÃO MARCOS

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

LUCAS

MATIAS

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Um dos doze discípulos e Apóstolo de Jesus Cristo. Era recebedor de alfândega. Foi o autor do Evangelho de Mateus.

SC: 011 SERES HUMANOS

MATIAS

BT1: APÓSTOLO

RT: ANDRÉ

BARTOLOMEU

DISCÍPULO

EVANGELHO

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

MATEUS

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo, mas não um dos doze discípulos. Ele foi integrado à comitiva após a morte de Judas Iscariotes.

SC: 011 SERES HUMANOS

MERCÚRIO

RT: JÚPITER

SN: No panteão romano, era o deus do comércio, dos viajantes, dos ladrões e mensageiro dos deuses. Equivalente romano ao deus grego Hermes.

SC: 031 ENTIDADES PAGÃS

MÊS

RT: ANO

DIA

FESTA DA LUA NOVA

FESTA DAS COLHEITAS

MILÊNIO

PÁSCOA

SN: Na Bíblia, o mês era lunar, e o seu começo era marcado pela lua nova.

SC: 020 PERÍODOS

Messias

USE: JESUS CRISTO

SN: Palavra hebraica que significa "Ungido". Revela os três aspectos do ministério de Jesus, como Rei, como Sacerdote e como Profeta. Unicamente aplicado à pessoa de Jesus Cristo. Sua forma grega é transcrita por "Cristo".

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

METAL PRECIOSO

NT1: OURO

NT1: PRATA

RT: FORNO

PENDENTE

SN: Minério purificado no fogo, de corpo simples, dotado de brilho, bom condutor de calor e eletricidade.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

MICAL

BT1: RAINHA

RT: DAVI

SAUL

SN: Filha de Saul, irmã de Merabe, Jônatas, Abinadabe e Malquisua. Foi esposa de Davi e de Palti.

SC: 011 SERES HUMANOS

MID-TRIBULACIONISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: IGREJA

PÓS-TRIBULACIONISMO

PRÉ-TRIBULACIONISMO

TRIBULAÇÃO

SN: Teoria que afirma que o arrebatamento da Igreja se dará na metade da Grande Tribulação.

SC: 003 DOCTRINAS CONFLITANTES

MILÊNIO

RT: AMILENISMO

ANO

DIA

JESUS CRISTO

MÊS

PÓS-MILENISMO

PRÉ-MILENISMO

SN: Mil anos. Designa um período futuro onde Jesus Cristo reinará em toda a terra por mil anos.

SC: 021 EVENTOS

MINISTRO

RT: DEUS

ESCRAVO

JESUS CRISTO

JOÃO BATISTA

RABI

SACERDOTE

SN: Aquele que está incumbido de uma função. Servo de boa posição diante de seu senhor.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

MIRRA

RT: JESUS CRISTO

OLIVEIRA

SN: Goma ou resina odorífera, medicinal, produzido pelo balsamodendro. Componente do óleo de unção. Utilizado como remédio. Foi ofertado como presente a Jesus Cristo pelos Reis Magos na ocasião de seu nascimento.

SC: 029 ELEMENTOS MANUFATURADOS

MOISÉS

BT1: PROFETA

RT: ABRAÃO

APEDREJAMENTO

ARÃO

ARCA DA ALIANÇA

DECÁLOGO

EGITO

HEBREUS

LEVITA

MAR VERMELHO

NAÇÃO DE ISRAEL

PÁSCOA

SINAI

TORÁ

TRIBO DE LEVI

SN: Libertador, estadista, historiador, poeta, profeta, moralista e legislador hebreu. Da tribo de Levi, filho de Anrão e Joquebede, irmão de Arão e Miriã. Esposo de Zípora, e pai de Gérson e Eliézer. Principal hebreu depois de Abraão. Foi criado como filho da filha de Faraó.

SC: 011 SERES HUMANOS

MONARQUIANISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: DEIDADE

ESPÍRITO SANTO

JESUS CRISTO

SN: Doutrina do século II que ressaltava tanto a unicidade de Deus que acabou por negar a divindade de Jesus Cristo e do Espírito Santo.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

MONASTICISMO

RT: ADORAÇÃO
CONSAGRAÇÃO
DEUS
SANTIFICAÇÃO
TEOLOGIA

SN: Abandono da vida social natural para a vivência de uma reclusa a fim de que o viver seja ofertado a Deus, através da abnegação, do serviço, da oração e da obediência.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

MONISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

SN: Teoria que prega que não existe divisão na constituição do homem, sendo este uma unidade estrita da existência.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

MUNDO

RT: ABOMINAÇÃO

CRIAÇÃO

IMUNDÍCIA

PAULO

PECADO

SN: O universo inteiro. A criação física. É também sinônimo de tudo o que é perecível e corrompido.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

NABUCODONOSOR

BT1: REI

RT: ABEDE-NEGO

BABILÔNIA

DANIEL

ESCRAVO

PALESTINA

SN: Filho e sucessor de Nabopolassar, foi o mais poderoso dos reis da Babilônia. Conquistou a Palestina, e escravizou o Reino do Sul. No seu reinado, Daniel se estabeleceu como o maior sábio da Babilônia.

SC: 011 SERES HUMANOS

NAÇÃO DE ISRAEL

NT1: TRIBO DE ASER

NT1: TRIBO DE BENJAMIM

NT1: TRIBO DE DÃ

NT1: TRIBO DE EFRAIM

NT1: TRIBO DE GADE

NT1: TRIBO DE ISSACAR

NT1: TRIBO DE JUDÁ

NT1: TRIBO DE LEVI

NT1: TRIBO DE MANASSÉS

NT1: TRIBO DE NAFTALI

NT1: TRIBO DE RÚBEN

NT1: TRIBO DE SIMEÃO

NT1: TRIBO DE ZEBULOM

RT: ABEDE-NEGO

ABNER

ABRAÃO

ABSALÃO

ACABE

AMORREUS

ARÃO

ARCA DA ALIANÇA

ASER

ASSÍRIA

BABILÔNIA

BENJAMIN

BEZERRO

CIRCUNCISÃO

DÃ

DAGON

DAVI

DECÁLOGO

DIÁSPORA

EBENÉZER

EFRAIM

EGITO

ELIAS

ELISEU

ESAÚ

ESCRAVO

FESTA DA LUA NOVA

FESTA DAS COLHEITAS

FILACTÉRIO

GADE

HEBREUS

ISAÍAS

ISAQUE

ISRAEL

ISSACAR

JERICÓ

JERUSALÉM

JORDÃO

JOSÉ

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

MAR VERMELHO

MOISÉS

NAFTALI

OSEIAS

OVELHA

PÁSCOA

REI

RÚBEN

SACERDOTE

SALOMÃO

SAUL

SIMEÃO

SINAGOGA

SINAI

SUMO-SACERDOTE

SN: Os descendentes de Abraão, Isaque e Israel, que foram escravizados no Egito e libertos por Moisés. Eram divididos em doze tribos territoriais, e uma não territorial (Tribo de Levi). Depois da saída do Egito, habitou as terras cananeias.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

NAFTALI

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE NAFTALI

ZEBULOM

SN: Um dos patriarcas da nação de Israel. O sexto filho de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

Natanael

USE: BARTOLOMEU

SN: O mesmo que Bartolomeu.

SC: 011 SERES HUMANOS

NAZARÉ

RT: CAFARNAUM

EGITO

GALILEIA

JESUS CRISTO

JOSÉ

MARIA

SN: Cidade da Galileia onde moraram José e Maria, e onde Jesus Cristo foi criado após voltar com seus pais do Egito.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

nazareno

USE: JESUS CRISTO

SN: Um dos títulos de Jesus Cristo. Jesus Nazareno ou Jesus de Nazaré. Este título foi profetizado, e ele o recebeu por ter sido criado na cidade de Nazaré.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

NAZIREADO

BT1: SANTIFICAÇÃO

RT: BEBIDA FORTE

CONSAGRAÇÃO

DEUS

VINHO

SN: Voto de nazireu. Consagração de alguém ao Senhor por certo tempo. O nazireu não podia cortar nem o cabelo nem a barba. Não podia provar bebida forte, nem vinho, nem nada que viesse da vinha. Não podia tocar nenhum defunto. Se fosse contaminado, o voto deveria ser refeito.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

NEO-ORTODOXIA

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: BÍBLIA

DEUS

REFORMA PROTESTANTE

SN: Teologia que adota a os métodos críticos destrutivos dos teólogos liberais para interpretação bíblica, embora dissemine as doutrinas da Reforma e mantenha a crença de que Deus se manifesta através das Escrituras. Prega também que a Bíblia não é inerrante.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

NEÓFITO

RT: BATISMO

CIRCUNCISÃO

SN: Pessoa que se converteu a pouco tempo a uma religião.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

NEOPLATONISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: ALMA

DEUS

SN: Concebia o mundo como uma emanção de Deus e acreditava que a alma do homem pudesse ser reunida com a essência de Deus nas experiências extáticas.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

NILO

RT: EGITO

JORDÃO

MAR DO OCIDENTE

SN: É o maior rio do mundo em extensão territorial. A civilização egípcia cresceu às suas margens. O rio nasce oficialmente no lago Vitória, em Uganda, e deságua no Mar Mediterrâneo através de dois canais: o canal de Roseta (braço ocidental) e o canal de Damietta (braço oriental).

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

NÍNIVE

RT: ASSÍRIA

JONAS

NINRODE

TOBIAS

SN: Capital do império Assírio, à beira do rio Tigre.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

NINRODE

RT: NÍNIVE

SN: Caçador e edificador de cidades, era filho de Cuxe e bisneto de Noé. Edificou Nínive, Rebote-Ir, Calá e Resém.

SC: 011 SERES HUMANOS

NOÉ

BT1: PATRIARCA

RT: ABRAÃO

DILÚVIO

SN: Neto de Matusalém, filho de Lameque, pai de Sem, Cão e Jafé. Avô de Canaã. Foi o responsável pela construção da Arca na qual sobreviveu ao dilúvio com sua esposa, seus filhos e suas noras. Oito humanos ao todo, e muitos animais. Viveu 950 anos.

SC: 011 SERES HUMANOS

NOVO TESTAMENTO

NT1: APOCALIPSE

NT1: EVANGELHO

NT1: EVANGELHOS SINÓTICOS

BT1: BÍBLIA

RT: ANTIGO TESTAMENTO

CÉSAR

CIRCUNCISÃO

EPÍSTOLA

EVANGELISTA

IMPÉRIO ROMANO

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS TADEU

LUCAS

PAULO

TIAGO

SN: Parte da Bíblia que contém os livros escritos sobre e a partir do nascimento de Jesus Cristo. Ao contrário do Antigo Testamento (que foi escrito em hebraico), o Novo Testamento foi escrito em sua quase totalidade no dialeto vulgar da

língua grega, o Grego Koinè, e com algumas expressões pontuais escritas em aramaico. Contém 27 livros, sendo divididos em: Evangelhos sinóticos e Evangelho de João; Atos dos Apóstolos; Epístolas Paulinas; Epístolas Gerais; e Apocalipse.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

OFERTA

RT: ADORAÇÃO

ALTAR

BEZERRO

BOI

CONSAGRAÇÃO

DEUS

DINHEIRO

DÍZIMO

DOTÉ

ESMOLA

FORNO

GADO

MADEIRA

OURO

OVELHA

PÃO

PECADO

PEDRAS PRECIOSAS

SANTIFICAÇÃO

VACA

VINHO

SN: Aquilo que se oferece. Presente. Dádiva. Dom. Esmola. Sacrifício. Na A.T., Deus exigia como uma das formas de adoração ofertas pelo pecado, ofertas para consagração e santificação e ofertas pacíficas do seu povo. Eram aceitos como ofertas metais e pedras preciosas, madeiras nobres, animais puros, azeite, vinho, pães, cereais, e às vezes até o filho primogênito, como no caso do profeta Samuel.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

OFIR

RT: ARÁBIA

OURO

PALESTINA

SN: Região com localidade incerta, podendo representar o sul da Palestina, a costa oriental da África, a Índia ou a parte meridional da Arábia. O ouro dessa região é de excelente qualidade.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

OLARIA

RT: FORNO

PALHA

SN: Casa onde se fabrica utensílios de barro, tais como vasos, pratos.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

OLIVEIRA

RT: MIRRA

SN: Gênero de plantas oleáceas que produz a azeitona. O óleo da azeitona é um dos produtos e alimentos mais mencionados na Bíblia e mais utilizados.

SC: 034 VEGETAÇÃO

ONIPOTÊNCIA

RT: DEUS

ONIPRESENÇA

ONISCIÊNCIA

SN: Atributo de quem detém a totalidade do poder. O Todo-Poderoso.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

ONIPRESENÇA

RT: DEUS

ONIPOTÊNCIA

ONISCIÊNCIA

SN: Qualidade de quem está em todos os lugares ao mesmo tempo. O mesmo que ubiquidade.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

ONISCIÊNCIA

RT: DEUS

ONIPOTÊNCIA

ONIPRESENÇA

PRESCIÊNCIA

SN: Que detém todo o conhecimento. O mesmo que Onissapiência.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

ÔNIX

BT1: PEDRAS PRECIOSAS

RT: DIAMANTE

ÉFODE (VESTIMENTA)

PENDENTE

SACERDOTE

URIM E TUMIM

SN: Gema preciosa branca, levemente avermelhada. Uma das pedras preciosas utilizadas nas estolas sacerdotais.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

ONTOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: SOTERIOLOGIA

SN: Parte da filosofia que se ocupa da natureza do ser que é inerente a todos os seres humanos.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

os dez mandamentos

USE: DECÁLOGO

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

ÓSCULO

USE: BEIJO

SN: O mesmo que beijo.

SC: 006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

OSEIAS

BT1: PROFETA

RT: ISAÍAS

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Filho de Beri, foi profeta da Nação de Israel durante os reinados de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias. Contemporâneo de Isaías, Amós e Miqueias. Autor do livro de Oseias.

SC: 011 SERES HUMANOS

OURO

BT1: METAL PRECIOSO

RT: ARÃO

ARCA DA ALIANÇA

BEZERRO

CETRO

DARICOS

DIAMANTE

DINHEIRO

JESUS CRISTO

OFERTA

OFIR

PENDENTE

PRATA

SN: Metal precioso amarelo brilhante, utilizado como adorno e sinônimo de riqueza e realeza.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

OVELHA

BT1: GADO

RT: ABEL

CAJADO

HOLOCAUSTO

JESUS CRISTO

NAÇÃO DE ISRAEL

OFERTA

PERGAMINHO

PORCO

PRESBÍTERO

SN: Fêmea do carneiro. Animal extremamente estimado entre os israelitas. Seus rebanhos forneciam os mais diversos produtos, como carne, o couro, a gordura e a lã. Era o principal animal utilizado nos sacrifícios do Tabernáculo e do Templo. Como metáfora, é muito utilizado na comparação com Jesus Cristo, pois é mansa e não resiste depois de capturada.

SC: 033 ANIMAIS

PALÁCIO

RT: BALAUÍSTRE

ESCRIBA

EUNUCO

PÁTIO

REI

SN: Construções ou fortalezas para o abrigo da realeza ou de famílias nobres, e de seus serviçais.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

PALESTINA

RT: CRUZADAS

EGITO

GALILEIA

IMPÉRIO ROMANO

JORDÃO

JOSUÉ

MAR DO OCIDENTE

NABUCODONOSOR

OFIR

SN: Faixa de terra localizada em parte do que hoje representa os territórios de Israel, Faixa de Gaza, Líbano e Cisjordânia. Banhado pelo Mar Mediterrâneo a Oeste, é a chamada "Terra Santa", que é um território sagrado para judeus, cristãos e muçulmanos.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

PALHA

RT: FORNO

GADO

OLARIA

SN: Erva seca, utilizada na alimentação do gado, como liga para a feitura de tijolos ou como combustível para fogueiras e fornos.

SC: 034 VEGETAÇÃO

PALMEIRA

NT1: TAMAREIRA

SN: Na Bíblia, refere-se à tamareira. A árvore das tâmaras.

SC: 034 VEGETAÇÃO

PANTEÍSMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: DEIDADE

SN: Crê que a natureza e sua energia é a forma natural de Deus. Deus é tudo, e tudo é Deus.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

PÃO

RT: COMUNHÃO
CONSUBSTANCIAÇÃO
FERMENTO
FORNO
OFERTA
PÁSCOA
SANTA CEIA
VINHO

SN: Alimento produzido a partir da farinha obtida pela laceração de grãos ou cereais - geralmente do trigo ou da cevada. Seu preparo pode variar com muitíssimos métodos e ingredientes, mas sempre contem a farinha como base e sempre é levada ao fogo para ser cozida.

SC: 029 ELEMENTOS MANUFATURADOS

PARAÍSO

UF: Seio de Abraão
RT: ALMA
CÉU
ESPÍRITO
HADES
INFERNO
SEIO DE ABRAÃO

SN: Lugar para onde a alma dos justos vai esperar pelo julgamento após a morte.

SC: 009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

PÁSCOA

RT: CELEBRAR
 CIRCUNCISÃO
 DEUS
 DIA
 EGITO
 FERMENTO
 FORNO
 HISSOPO
 MÊS
 MOISÉS
 NAÇÃO DE ISRAEL
 PÃO

SN: Festa do instituída por Deus através de Moisés como lembrança pela morte dos primogênitos do Egito e da libertação do povo israelita. Comemorado no mês de Abibe, o primeiro mês para os Hebreus. No décimo quarto dia do mês, no seu ocaso, dever-se-ia matar um cordeiro ou um cabrito macho de um ano, sem defeito. Seu sangue deveria ser aspergido nos umbrais das portas com hissopo. Sua carne deveria ser assada, e seus ossos não poderiam ser quebrados. Pães sem fermento e salada de ervas amargas deveriam ser seu acompanhamento. A comida deveria ser suficiente para alimentar uma família ou mais de uma família pequena. O que sobrasse do cordeiro deveria ser queimado no fogo pela manhã. Todo participante homem deveria estar circuncidado, mesmo o estrangeiro. Todos deveriam comer apressadamente, vestidos com roupas de peregrinação, alforje, cinto cingindo os lombos, com sandálias nos pés e cajados nas mãos. A festa durava sete dias, e neles nenhum pão poderia ser comido com fermento, nem fermento poderia ser encontrado na casa dos israelitas.

SC: 020 PERÍODOS

PÁTIO

RT: BALAUÍSTRE
 PALÁCIO

SN: Área de passagem e de ajuntamento de pessoas em grandes construções, como palácios, no Tabernáculo ou no Templo.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

PATRIARCA

NT1: ABRAÃO

NT1: ASER

NT1: BENJAMIN

NT1: DÃ

NT1: EFRAIM

NT1: GADE

NT1: ISAQUE

NT1: ISRAEL

NT1: ISSACAR

NT1: JOSÉ DO EGITO

NT1: JUDÁ

NT1: LEVI

NT1: MANASSÉS

NT1: NAFTALI

NT1: NOÉ

NT1: RÚBEN

NT1: SIMEÃO

NT1: ZEBULOM

RT: EGITO

SN: Termo grego que significa "pai de uma nação". É aplicada a Noé, Abraão, Isaque, Israel, aos 12 filhos de Israel e aos 2 filhos de José do Egito.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

PATRIPASSIANISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: ANGÚSTIA

DEUS

SN: Doutrina que afirma que Deus Pai sofreu na cruz.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

PAULO

BT1: APÓSTOLO

RT: ÁGORA

AREÓPAGO

CÉSAR

EPÍSTOLA

ESCRIBA

EVANGELHO

FARISEU

GENTIO

HEBREUS

LUCAS

MUNDO

NOVO TESTAMENTO

TRIBO DE BENJAMIM

SN: O Apóstolo aos gentios. Seu primeiro nome foi Saulo. Hebreu, filho de hebreus, ou seja, de sangue puro. Da Tribo de Benjamim. Cidadão romano de nascimento, nascido em Tarso, na Cilícia. Fariseu convicto, foi aluno de Gamaliel. Foi perseguidor de cristãos antes de sua conversão. É o maior escritor do Novo Testamento, e maior missionário do mundo antigo.

SC: 011 SERES HUMANOS

PECADO

NT1: ABOMINAÇÃO

NT1: ANÁTEMA (ESTADO)

NT1: APOSTASIA

NT1: BLASFÊMIA

NT1: CÓLERA

NT1: HERESIA

NT2: ADOCIANISMO

NT2: ANIMISMO

NT2: ARIANISMO

NT2: ATEÍSMO

NT2: CONSUBSTANCIAÇÃO

NT2: DITEÍSMO

NT2: DOCETISMO

NT2: DUALISMO

NT2: EBIONISMO

NT2: ECUMENISMO

NT2: EUTIQUIANISMO

NT2: GNOSTICISMO

NT2: HENOTEÍSMO

NT2: ILUMINISMO

NT2: LIBERALISMO

NT2: LIMBO

NT2: MONARQUIANISMO

NT2: MONISMO

NT2: NEO-ORTODOXIA

NT2: NEOPLATONISMO

NT2: PANTEÍSMO

NT2: PATRIPASSIANISMO

NT2: PECADO MORTAL

NT2: PECADO VENIAL

NT2: PELAGIANISMO

NT2: POLITEÍSMO

NT2: PURGATÓRIO

NT1: IMUNDÍCIA

RT: ADÃO

ANÁTEMA (PROCESSO)

ANGÚSTIA

ANTROPODICEIA

ANTROPOLOGIA

APEDREJAMENTO

ARREPENDIMENTO

BEZERRO

CIRCUNCISÃO

ÉDEN

EVA

GRAÇA

HAMARTIOLOGIA

JESUS CRISTO

JOÃO BATISTA

LAGARTO

LEÃO

LIMBO

MUNDO

OFERTA

PECADO MORTAL

PECADO VENIAL

PELAGIANISMO

PORCO

PRAGA

PROPICIAÇÃO

PURGATÓRIO

SANTIFICAÇÃO

SATANÁS

SN: Transgressão das leis divinas. A partir de Adão e Eva, por causa do fruto proibido, todo ser humano é pecador. Jesus Cristo é perdoador de pecados.

SC: 007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

PECADO MORTAL

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: DEUS

GRAÇA

INFERNO

PECADO

PECADO VENIAL

SN: Na teologia católica romana, é o pecado que acarreta na perda da graça divina e que condena ao inferno aquele que tiver morrido sem haver pago a devida penitência. Este termo não se encontra hierarquicamente abaixo do termo "Pecado" porque esta divisão não se encontra na Teologia Protestante.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

PECADO VENIAL

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: DEUS

GRAÇA

PECADO

PECADO MORTAL

PURGATÓRIO

SN: Na teologia católica romana, um tipo de pecado menor, cometido por descuido ou sem a intenção, e que não afasta o homem da graça de Deus. Este termo não se encontra hierarquicamente abaixo do termo "Pecado" porque esta divisão não se encontra na Teologia Protestante.

SC: 002 DOCTRINAS HERÉTICAS

PEDRAS PRECIOSAS

NT1: DIAMANTE

NT1: ÔNIX

RT: CETRO

ÉFODE (VESTIMENTA)

OFERTA

PENDENTE

SN: Mineral ou material petrificado que pode ser lapidado e polido, utilizado em joias e adornos. O éfode sacerdotal possuía doze pedras preciosas em seu peitoral.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

PEDRO

UF: Simão Pedro

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

RT: ÁGUA

ANDRÉ

BARTOLOMEU

EPÍSTOLA

EVANGELHO

EVANGELHOS SINÓTICOS

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO

JOÃO MARCOS

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

MATEUS

MATIAS

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Filho de Jonas. Seu primeiro nome foi Simão. Um dos doze discípulos e Apóstolo de Jesus Cristo. Contado entre os três principais discípulos, juntamente com Tiago e João, com quem presenciou a transfiguração de Jesus Cristo. Único discípulo a andar sobre as águas com Cristo. Autor das epístolas de 1 e 2 Pedro. Negou conhecer Jesus Cristo durante sua crucificação.

SC: 011 SERES HUMANOS

PELAGIANISMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: JESUS CRISTO

PECADO

SALVAÇÃO

SN: Doutrina que ensina que a vontade humana é a chave para a salvação de si mesmo, desprezando o pecado original e afirmando que a obra vicária de Jesus Cristo é concedida àqueles que alcançam a redenção através do próprio mérito.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

PENDENTE

RT: DIAMANTE

MARFIM

METAL PRECIOSO

ÔNIX

OURO

PEDRAS PRECIOSAS

PRATA

SN: Joias, brincos, argolas, ou qualquer pingente pendurado por uma corrente e utilizado para enfeite. Em geral, eram feitos e gemas e metais preciosos.

SC: 029 ELEMENTOS MANUFATURADOS

PENHOR

RT: JESUS CRISTO

SALVAÇÃO

SN: Contrato pelo qual um empréstimo monetário é concedido sob a apreensão de um objeto de valor que garanta o crédito. Em sentido espiritual, o sangue e a morte de Jesus Cristo são o penhor que garante a Salvação ao homem.

- SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS
006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

PENTATEUCO

- NT1: DECÁLOGO
BT1: ANTIGO TESTAMENTO
BT2: BÍBLIA
RT: BÍBLIA
CIRCUNCISÃO
ESCRIBA
TORÁ
SN: Os cinco primeiros livros da Bíblia, de Gênesis a Deuteronômio, e que, no judaísmo, compõe a Torá.
SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

PENTECOSTALISMO

- BT1: TEOLOGIA
RT: BATISMO
ESPÍRITO SANTO
GLOSSOLALIA
SN: Movimento iniciado no começo do século XX e que enfatiza a restauração da manifestação do batismo com o Espírito Santo, tendo como evidência o falar em outras línguas e a restauração dos dons do Espírito Santo.
SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

PERGAMINHO

- RT: ESCRIBA
MANUSCRITO

OVELHA

SN: Couro de animal curtido e tratado para receber tintura de escrita. Com ela se confeccionavam livros em formato de rolos. O seu nome provavelmente advém da cidade de Pérgamo.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

PERSEVERANÇA

RT: BÍBLIA

DEUS

FIDELIDADE

SN: Insistência em se manter fiel e obediente às doutrinas bíblicas e ao próprio Deus, se preciso, até a morte.

SC: 023 ATRIBUTOS HUMANOS

PIETISMO

RT: DEUS

MARTINHO LUTERO

REFORMA PROTESTANTE

SN: Movimento pós Reforma, do século XVII, que se iniciou entre os luteranos alemães. Enfatizavam a experiência religiosa, a comunhão com Deus e as missões.

SC: 021 EVENTOS

PLURALISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: IGREJA

SN: Ideia de que vários grupos religiosos devem ter liberdade para agir na sociedade, e que muitas interpretações devem ser encorajadas e aceitas dentro da igreja.

SC: 001 DOCTRINAS ORTODOXAS

PNEUMATOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: BENÇÃO

DEIDADE

ESPÍRITO SANTO

SN: Estudo sobre a pessoa, a divindade, os dons ofertados e as obras do Espírito Santo

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

POLITEÍSMO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: ADORAÇÃO

SN: A crença e a adoração a muitos deuses.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

PORCO

BT1: GADO

RT: ABOMINAÇÃO

IMUNDÍCIA

LAGARTO

OVELHA

PECADO

SN: Mamífero paquiderme, doméstico e comestível. Ao contrário da ovelha, era considerado o animal mais imundo pelos israelitas. Nenhum israelita poderia comer porco. Era abominação.

SC: 033 ANIMAIS

PÓS-MILENISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: AMILENISMO

IGREJA

JESUS CRISTO

MILÊNIO

PRÉ-MILENISMO

SN: Interpretação de que o Milênio é a era da Igreja ou uma extensão dela, onde Jesus Cristo governa soberano, mas sem estar fisicamente presente.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

PÓS-TRIBULACIONISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: IGREJA

JESUS CRISTO

MID-TRIBULACIONISMO

PRÉ-TRIBULACIONISMO

SALVAÇÃO

TRIBULAÇÃO

SN: Doutrina segundo a qual a Igreja será arrebatada somente após a Grande Tribulação. Como o arrebatamento pode acontecer a qualquer momento, a Igreja já estaria vivendo a tormenta do Sermão Profético de Jesus Cristo.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

PRAGA

RT: ABOMINAÇÃO

ANGÚSTIA

EGITO

IMPIGEM

IMUNDÍCIA

PECADO

SN: Moléstia que ataca homens e animais. Castigo divino contra alguém. Doença mortalmente contagiosa.

SC: 007 ATOS E MANIFESTAÇÕES PROFANOS

PRATA

BT1: METAL PRECIOSO

RT: CETRO

DIAMANTE

DINHEIRO

DRACMA

JUDAS ISCARIOTES

OURO

PENDENTE

SN: Metal precioso branco, brilhante e sonoro. O mais dúctil e mais maleável depois do ouro. Utilizada na fabricação de pratos, vasos, joias, enfeites pessoais e engastes. Utilizado ainda na fabricação de moedas e de ligas metálicas dos mais variados tipos.

SC: 028 ELEMENTOS NATURAIS

PRÉ-MILENISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: AMILENISMO

BÍBLIA

IGREJA

JESUS CRISTO

MILÊNIO

PÓS-MILENISMO

TRIBULAÇÃO

SN: Ensina que Jesus Cristo voltará pessoalmente no fim da era da Igreja e antes da Grande Tribulação e do Milênio. Enfatiza a interpretação literal da Bíblia.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

PRÉ-TRIBULACIONISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: IGREJA

JESUS CRISTO

MID-TRIBULACIONISMO

PÓS-TRIBULACIONISMO

SALVAÇÃO

TRIBULAÇÃO

SN: Doutrina segundo a qual Jesus Cristo virá arrebatá-la Igreja antes da Grande Tribulação.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

PREDESTINAÇÃO

BT1: SOTERIOLOGIA

BT2: TEOLOGIA

RT: CALVINISMO

DEUS

ELEIÇÃO

PRESCIÊNCIA

SALVAÇÃO

TEOLOGIA

SN: Doutrina que afirma que alguns eventos ou todos eles foram previamente determinados por Deus, inclusive a salvação e a perdição eternas.

SC: 003 DOUTRINAS CONFLITANTES

PRESBÍTERO

RT: BISPO

IGREJA

OVELHA

SN: Ancião. Semelhante ao Bispo. Líder eclesiástico de uma comunidade local, responsável por trabalhos de caridade e de auxílio espiritual pessoal. Não eram responsáveis por compilar doutrinas teológicas, mas sim por conduzir as ovelhas à conduta exemplar.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

PRESCIÊNCIA

RT: DEUS

ONISCIÊNCIA

PREDESTINAÇÃO

SN: Conhecimento prévio que Deus tem das coisas e eventos antes de ocorrerem.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

príncipe deste mundo

USE: SATANÁS

SN: Um dos nomes de Satanás.

SC: 019 NOMES E TÍTULOS DEMONÍACOS

PROFETA

NT1: DANIEL

NT1: DAVI

NT1: ELIAS

NT1: ELISEU

NT1: ISAÍAS

NT1: JOÃO

NT1: JOÃO BATISTA

NT1: JONAS

NT1: MOISÉS

NT1: OSEIAS

RT: APOCALIPSE

DEUS

SN: Pessoa devidamente vocacionada e autorizada a falar por Deus e no lugar de Deus. Porta-voz oficial de Deus, manifestava a vontade de Deus através da sua vida, dos seus escritos e de sua oratória. Profetizava os juízos de Deus e revelava o que havia de acontecer.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

PROPICIAÇÃO

BT1: TEOLOGIA

RT: DEUS

HOLOCAUSTO

JESUS CRISTO

PECADO

SN: Forma de expiação que satisfaz a ira de Deus contra o pecado, através do sacrifício de Jesus Cristo na cruz.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

PROSELITISMO

BT1: TEOLOGIA

RT: IGREJA

JESUS CRISTO

SN: Esforço concentrado, metódico e persistente em se fazer seguidores. No cristianismo, o proselitismo é uma ordenança. O cristão é obrigatoriamente e necessariamente um proselitista.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

PROVIDÊNCIA

RT: BENÇÃO

DEUS

SN: Os cuidados e as orientações da parte de Deus.

SC: 022 ATRIBUTOS DIVINOS

PURGATÓRIO

BT1: HERESIA

BT2: PECADO

RT: ALMA

BATISMO

PECADO

PECADO VENIAL

SN: Segundo a doutrina católica romana, é um lugar de sofrimento e purificação das almas dos batizados que ficam lá até que sejam purificados de seus pecados veniais, caso não tenham pagado a devida penitência antes de morrer.

SC: 002 DOUTRINAS HERÉTICAS

QUERUBIM

BT1: ANJO

BT2: ESPÍRITO

RT: ANGEOLOGIA

ARCA DA ALIANÇA

ARCANJO

CÉU

DEUS

ÉDEN

ESPÍRITO

SANTIFICAÇÃO

SERAFIM

SN: Classe angelical mencionada pela primeira vez no Jardim do Éden, responsáveis por zelar pela santidade divina e por sustentar o trono de Deus.

SC: 012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

RABI

RT: JESUS CRISTO

MINISTRO

SN: Do hebraico, "mestre". Termo geralmente aplicado a Jesus Cristo durante seu ministério terrestre.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

RAINHA

NT1: ESTER

NT1: MICAL

RT: EUNUCO

REI

SN: Mulher regente de um reino. A esposa do rei.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

REFORMA PROTESTANTE

RT: BÍBLIA

IGREJA

MARTINHO LUTERO

NEO-ORTODOXIA

PIETISMO

TEOLOGIA

SN: Movimento de tentativa de reforma da Igreja Católica para o retorno à soberania das Sagradas Escrituras como base da fé prática. Como movimento, foi um acontecimento plural e que durou séculos. Como evento, tem seu marco na afixação das noventa e cinco teses de Martinho Lutero nas portas da igreja do castelo de Wittenberg.

SC: 021 EVENTOS

REGENERAÇÃO

BT1: SOTERIOLOGIA

BT2: TEOLOGIA

BT1: TEOLOGIA

RT: DEUS

ESPÍRITO SANTO

EVANGELICALISMO

JESUS CRISTO

SALVAÇÃO

SANTA TRINDADE

SN: Obra do Espírito Santo que dá nova vida ao pecador arrependido e que confessa ser Jesus Cristo o seu único Deus.

SC: 001 DOCTRINAS ORTODOXAS

REI

NT1: ACABE

NT1: ASSUERO

NT1: CÉSAR

NT1: DAVI

NT1: DEUS

NT1: JESUS CRISTO

NT1: NABUCODONOSOR

NT1: SALOMÃO

NT1: SAUL

RT: CEDRO

NAÇÃO DE ISRAEL

PALÁCIO

RAINHA

SN: Chefe soberano de um reino. Jesus Cristo é reconhecido como Rei dos reis. Antes de haver um rei humano sobre a nação de Israel, o próprio Deus era pessoalmente seu rei.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

RÚBEN

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

SIMEÃO

TRIBO DE RÚBEN

ZEBULOM

SN: Primogênito de Israel e Leia. Um dos patriarcas da nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

SABEDORIA DE SALOMÃO

RT: BARUQUE

ECLESIAÍSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

TOBIAS

SN: Livro apócrifo. Possui 19 capítulos e sua escrita é atribuída a um judeu, morador de Alexandria nos últimos anos do século I.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

SACERDOTE

NT1: SUMO-SACERDOTE

NT2: ARÃO

NT2: JESUS CRISTO

RT: ALTAR

ARÃO

ARCA DA ALIANÇA

ÉFODE (VESTIMENTA)

IMPIGEM

LEVITA

MAR DE BRONZE

MINISTRO

NAÇÃO DE ISRAEL

ÔNIX

SANTIFICAÇÃO

TRIBO DE LEVI

URIM E TUMIM

SN: Ministro divinamente designado, da Tribo de Levi, responsável pelos trabalhos no templo, pelos trabalhos espirituais e pela manutenção da santificação e da saúde religiosa dos israelitas.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

SACRAMENTO

NT1: BATISMO

NT1: CASAMENTO

NT1: COMUNHÃO

NT2: COMUNHÃO ABERTA

NT2: COMUNHÃO FECHADA

NT1: SANTA CEIA

RT: COMUNHÃO ABERTA

COMUNHÃO FECHADA

IGREJA

SANTIFICAÇÃO

SN: Ritos religiosos de iniciação e de manutenção da comunhão e da santificação entre os membros da Igreja. Na teologia protestante, ao contrário da teologia católica romana que admitem sete ritos, apenas dois são admitidos: o batismo e a Santa Ceia.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

SALOMÃO

BT1: REI

RT: ANTIGO TESTAMENTO

BALAÚSTRE

BÍBLIA

DAVI

MAR DE BRONZE

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Filho de Davi e de Bete-Seba, foi o herdeiro do trono da Nação de Israel. Foi o terceiro rei. É considerado pelas Escrituras o homem mais sábio e o mais rico de toda a existência.

SC: 011 SERES HUMANOS

SALVAÇÃO

NT1: ANTROPODICEIA

RT: ADOÇÃO

BATISMO
COMUNHÃO
DEUS
ELEIÇÃO
ESCRAVO
EVANGELICALISMO
GRAÇA
JESUS CRISTO
PELAGIANISMO
PENHOR
PÓS-TRIBULACIONISMO
PRÉ-TRIBULACIONISMO
PREDESTINAÇÃO
REGENERAÇÃO
SANTA CEIA
SOTERIOLOGIA
TEOLOGIA

SN: Livramento de um perigo eminente ou de um estado de escravidão. Na Teologia, se aplica à obra de redenção do ser humano para a comunhão com Deus através da morte de Jesus Cristo.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

Salvador

USE: JESUS CRISTO

SN: Aquele que salva. O que resgata e põe em segurança. Título atribuído a Jesus Cristo.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

SANTA CEIA

BT1: SACRAMENTO

RT: BATISMO

COMUNHÃO

COMUNHÃO ABERTA

COMUNHÃO FECHADA

CONSUBSTANCIAÇÃO

FÉ

IGREJA

JESUS CRISTO

PÃO

SALVAÇÃO

VINHO

SN: Reunião onde pão e vinho são servidos aos cristãos batizados para reafirmarem sua fé na salvação do Filho de Deus. É um mandamento.

SC: 004 DOGMAS E RITOS

SANTA TRINDADE

BT1: ESPÍRITO

RT: ADORAÇÃO

ADVOGADO

ÁGAPE

ALFA

ALIANÇA

ANJO

ARIANISMO

BÍBLIA

BLASFÊMIA

BONDADE

CREDO DOS APÓSTOLOS

DEIDADE

DEUS

ESPÍRITO SANTO

FÉ

GLÓRIA

INERRÂNCIA

JESUS CRISTO

REGENERAÇÃO

SN: A Deidade. A união de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo em uma única divindade. Três pessoas, um único Deus.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

SANTIFICAÇÃO

NT1: ABLUÇÃO

NT1: ADORAÇÃO

NT1: BATISMO

NT1: CIRCUNCISÃO

NT1: JEJUM

NT1: NAZIREADO

RT: ÁGUA

ALTAR

BENIGNIDADE

CONSAGRAÇÃO

DEUS

ÉFODE (VESTIMENTA)

HUMILDADE

MONASTICISMO

OFERTA

PECADO

QUERUBIM

SACERDOTE

SACRAMENTO

SOTERIOLOGIA

SUMO-SACERDOTE

SN: Tornar santo. O mesmo que "separar", no sentido de aquilo que se separa para Deus. É tanto um ato divino para com o homem, separando o homem para Si, como um ato humano, quando o homem se abstém do pecado e se foca na adoração para se aproximar de Deus.

SC: 005 ATOS E MANIFESTAÇÕES DIVINOS

006 ATOS E MANIFESTAÇÕES NÃO DIVINOS

SATANÁS

UF: Antiga serpente

Destruidor

Diabo

Dragão

Espírito deste século

Lúcifer

Príncipe deste mundo

BT1: DEMÔNIO

BT2: ESPÍRITO

RT: ABADOM

ANTICRISTO

BELIAL

BESTA

CÓLERA

DEMONOLOGIA

DEUS

ÉDEN

EVA

FALSO PROFETA

IMUNDÍCIA

INFERNO

INIMIGO

PECADO

SN: Do hebraico, adversário. Inimigo do bem e de tudo o que Deus representa. Arqu-inimigo da raça humana. Suas principais obras são: matar, roubar e destruir.

SC: 013 SERES ESPIRITUAIS PROFANOS

SAUL

BT1: REI

RT: ABNER

DAVI

MICAL

NAÇÃO DE ISRAEL

TRIBO DE BENJAMIM

SN: O primeiro rei de Israel. Filho de Quis, um lavrador. Da tribo de Benjamim. Casado com Ainoã e Rizpa. Pai de Jônatas, Abinadabe, Melquisua, Merabe e Mical. Primo de Abner, chefe de seu exército. Perseguiu Davi.

SC: 011 SERES HUMANOS

Seio de Abraão

USE: PARAÍSO

SN: O mesmo que paraíso. O lugar para onde os judeus acreditavam que iam as almas dos justos após a morte. Ainda não seria o céu, mas um lugar separado.

SC: 009 LOCALIDADES ESPIRITUAIS

SERAFIM

BT1: ANJO

BT2: ESPÍRITO

RT: ANGEOLOGIA

ARCANJO

CÉU

ESPÍRITO

GLÓRIA

QUERUBIM

SN: "Seres ardentes". Casta de seres angélicos que refletiam a glória de Deus de tal maneira que pareciam estar em chamas.

SC: 012 SERES ESPIRITUAIS SANTOS

SERVO

RT: DEUS

ESCRAVO

SN: Aquele que não tem a sua liberdade intacta nem age segundo o seu querer, pois tem sobre si um senhor que lhe tem autoridade sobre sua vontade.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

SETE

RT: ABEL
ADÃO
CAIM
EVA
SN: Terceiro filho de Adão e Eva.
SC: 011 SERES HUMANOS

Simão Pedro

USE: PEDRO
SC: 011 SERES HUMANOS

SIMÃO, O ZELOTE

BT1: APÓSTOLO
BT1: DISCÍPULO
RT: ANDRÉ
BARTOLOMEU
EVANGELHO
FILIPE
JESUS CRISTO
JOÃO
JUDAS ISCARIOTES
JUDAS TADEU
MATEUS
MATIAS
PEDRO
TIAGO
TIAGO (FILHO DE ALFEU)

TOMÉ

SN: Um dos doze discípulos e Apóstolo de Jesus Cristo.

SC: 011 SERES HUMANOS

SIMEÃO

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

NAFTALI

RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

ZEBULOM

SN: Segundo filho de Israel. Um dos patriarcas da nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

SINAGOGA

RT: BABILÔNIA

DIÁSPORA

ESCRIBA

NAÇÃO DE ISRAEL

TORÁ

SN: Assembleia religiosa judaica, reunida para a leitura e a explanação dos textos da Torá. Se difundiu grandemente após a dispersão dos israelitas ao serem conquistados pelos babilônicos, pois não podiam adorar no Templo. Com o tempo, passou a significar as casas de oração onde as reuniões aconteciam.

SC: 026 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SIMPLES

SINAI

RT: AMALEQUITAS

ARÁBIA

ARÃO

DECÁLOGO

DEUS

MAR VERMELHO

MOISÉS

NAÇÃO DE ISRAEL

SN: Região montanhosa e peninsular que divide o golfo de Suez e o golfo de Ácaba. No monte Sinai, Deus foi consultado por Moisés e recebeu o Decálogo.

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

SOTERIOLOGIA

NT1: ELEIÇÃO

NT1: PREDESTINAÇÃO

NT1: REGENERAÇÃO

BT1: TEOLOGIA

RT: ADOÇÃO

ANTROPODICEIA

ANTROPOLOGIA

JESUS CRISTO

ONTOLOGIA

SALVAÇÃO

SANTIFICAÇÃO

SN: Estudo sistemático das verdades bíblicas que abrangem a salvação e seus aspectos, como a justificação, eleição, adoção, regeneração, santificação e predestinação com base na obra vicária de Cristo.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

SUMO-SACERDOTE

NT1: ARÃO

NT1: JESUS CRISTO

BT1: SACERDOTE

RT: DEUS

ÉFODE (VESTIMENTA)

NAÇÃO DE ISRAEL

SANTIFICAÇÃO

TRIBO DE LEVI

SN: O principal entre os sacerdotes. Representava toda a Nação de Israel quando se apresentava diante de Deus, e fazia por eles a purificação e a intercessão. Ele vestia o Éfode. Jesus Cristo é o Sumo-sacerdote por excelência.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

TAMAREIRA

BT1: PALMEIRA

SN: Palmeira centenária que produz a Tâmara.

SC: 034 VEGETAÇÃO

TEOLOGIA

NT1: AMILENISMO

NT1: ANGEOLOGIA

NT1: ANTROPOLOGIA

NT1: APOLOGÉTICA

NT1: ARMINIASMO

NT1: CALVINISMO

NT1: COSMOGONIA

NT2: CRIAÇÃO

NT2: CRIACIONISMO FIAT

NT2: CRIACIONISMO PROGRESSIVO

NT1: CRISTOLOGIA

NT1: DEMONOLOGIA

NT1: DICOTOMISMO

NT1: ECLESIOLOGIA

NT1: EISEGESE

NT1: ELEIÇÃO

NT1: EPISTEMOLOGIA

NT1: ESCATOLOGIA

NT1: EVANGELICALISMO

NT1: EXEGESE

NT1: HAMARTIOLOGIA

NT1: HERMENÊUTICA

NT1: LEI DA SEMEADURA

NT1: MID-TRIBULACIONISMO
NT1: ONTOLOGIA
NT1: PENTECOSTALISMO
NT1: PLURALISMO
NT1: PNEUMATOLOGIA
NT1: PÓS-MILENISMO
NT1: PÓS-TRIBULACIONISMO
NT1: PRÉ-MILENISMO
NT1: PRÉ-TRIBULACIONISMO
NT1: PROPICIAÇÃO
NT1: PROSELITISMO
NT1: REGENERAÇÃO
NT1: SOTERIOLOGIA
NT2: ELEIÇÃO
NT2: PREDESTINAÇÃO
NT2: REGENERAÇÃO
RT: AGOSTINHO DE HIPONA
BÍBLIA
BISPO
COMUNHÃO
COMUNHÃO ABERTA
COMUNHÃO FECHADA
CRIAÇÃO
CRIACIONISMO FIAT
CRIACIONISMO PROGRESSIVO
ESPÍRITO
HERESIA

JOÃO CALVINO

MARTINHO LUTERO

MONASTICISMO

PREDESTINAÇÃO

REFORMA PROTESTANTE

SALVAÇÃO

TEÓLOGO

TOMÁS DE AQUINO

TRIBULAÇÃO

SN: Do grego, "o estudo a respeito de Deus". É utilizado como termo para designar tudo aquilo que se estuda sobre uma religião específica.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

TEÓLOGO

NT1: AGOSTINHO DE HIPONA

NT1: JOÃO CALVINO

NT1: MARTINHO LUTERO

NT1: TOMÁS DE AQUINO

RT: HERESIA

TEOLOGIA

SN: Especialista nas coisas de Deus. Seu papel é ordenar sistematicamente tudo o que entendeu e aprendeu sobre os assuntos da Bíblia Sagrada, gerando uma doutrina para explicar a relação de Deus com o homem, visando a edificação do cristão.

SC: 018 TÍTULOS HUMANOS

TIAGO

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO
RT: ANDRÉ
BARTOLOMEU
EPÍSTOLA
EVANGELHO
FILIPE
JESUS CRISTO
JOÃO
JUDAS ISCARIOTES
JUDAS TADEU
MARIA
MATEUS
MATIAS
NOVO TESTAMENTO
PEDRO
SIMÃO, O ZELOTE
TIAGO (FILHO DE ALFEU)
TOMÉ
SN: Irmão de João, filho de Zebedeu e de Salomé. Um dos doze discípulos e Apóstolos de Jesus Cristo. Junto a seu irmão, foram chamados de "Boanerges" - filhos do trovão.
SC: 011 SERES HUMANOS

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

BT1: APÓSTOLO
BT1: DISCÍPULO
RT: ANDRÉ
BARTOLOMEU

EVANGELHO

FILIPE

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

MATEUS

MATIAS

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TOMÉ

SN: Um dos doze discípulos e Apóstolo de Jesus Cristo.

SC: 011 SERES HUMANOS

TOBIAS

RT: BARUQUE

DEMÔNIO

ECLESIÁSTICO

ENOQUE

ESDRAS III

ESDRAS IV

JUDITE

MACABEUS I

MACABEUS II

MACABEUS III

MACABEUS IV

NÍNIVE

SABEDORIA DE SALOMÃO

SN: Livro não canônico do Antigo Testamento. Conta a história de um judeu em Nínive, que durante uma viagem, se casa com sua prima e tem que enfrentar um demônio chamado Asmodeu, que matara os sete primeiros maridos de sua prima.

SC: 015 LITERATURA APÓCRIFA

TOMÁS DE AQUINO

BT1: TEÓLOGO

RT: AGOSTINHO DE HIPONA

JOÃO CALVINO

TEOLOGIA

SN: Frade dominicano do século XIII responsável pela sistematização da Escolástica.

SC: 011 SERES HUMANOS

TOMÉ

BT1: APÓSTOLO

BT1: DISCÍPULO

RT: ANDRÉ

BARTOLOMEU

EVANGELHO

FILIFE

JESUS CRISTO

JOÃO

JUDAS ISCARIOTES

JUDAS TADEU

MATEUS

MATIAS

PEDRO

SIMÃO, O ZELOTE

TIAGO

TIAGO (FILHO DE ALFEU)

SN: Um dos doze discípulos e Apóstolo de Jesus Cristo.

SC: 011 SERES HUMANOS

TORÁ

RT: ESCRIBA

FARISEU

FILACTÉRIO

MOISÉS

PENTATEUCO

SINAGOGA

SN: Denominação judaica para o livro sagrado do judaísmo, que é composta pelos cinco primeiros livros do A.T. Equivalente ao Pentateuco.

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

TRIBO DE ASER

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: ASER

ISRAEL

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE BENJAMIM

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: BENJAMIN

ISRAEL

PAULO

SAUL

TRIBO DE ASER

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE DÃ

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: DÃ

ISRAEL

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE EFRAIM

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: EFRAIM

ISRAEL

JOSÉ DO EGITO

JOSUÉ

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dois clãs que tiveram os filhos de José do Egito, filho de Jacó, como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE GADE

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: GADE

ISRAEL

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE ISSACAR

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: ISRAEL

ISSACAR

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE JUDÁ

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: BELÉM

HEBROM

ISRAEL

JESUS CRISTO

JUDÁ

LEÃO

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE LEVI

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: ARÃO

ISRAEL

LEVI

LEVITA

MOISÉS

SACERDOTE

SUMO-SACERDOTE

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas. O único clã que não recebeu porções territoriais entre seus irmãos, pois o Senhor seria a sua herança. Tribo responsável por manter o funcionamento do templo e dos atos religiosos em todo o Israel.

SC: 010 POVOS

TRIBO DE MANASSÉS

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: ÉFODE (PESSOA)

ISRAEL

JOSÉ DO EGITO

MANASSÉS

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dois clãs que tiveram os filhos de José do Egito, filho de Jacó, como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE NAFTALI

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: GALILEIA

ISRAEL

NAFTALI

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE RÚBEN

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: ISRAEL

RÚBEN

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE SIMEÃO

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: ISRAEL

SIMEÃO

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBO DE ZEBULOM

BT1: NAÇÃO DE ISRAEL

RT: ISRAEL

JONAS

TRIBO DE ASER

TRIBO DE BENJAMIM

TRIBO DE DÃ

TRIBO DE EFRAIM

TRIBO DE GADE

TRIBO DE ISSACAR

TRIBO DE JUDÁ

TRIBO DE LEVI

TRIBO DE MANASSÉS

TRIBO DE NAFTALI

TRIBO DE RÚBEN

TRIBO DE SIMEÃO

ZEBULOM

SN: Um dos dez clãs que tiveram os filhos de Jacó como seus patriarcas, e que receberam territórios terrestres na região de Canaã como herança. Funcionavam como "Estados territoriais autônomos".

SC: 008 LOCALIDADES GEOGRÁFICAS

010 POVOS

TRIBULAÇÃO

RT: ESCATOLOGIA

MID-TRIBULACIONISMO

PÓS-TRIBULACIONISMO

PRÉ-MILENISMO

PRÉ-TRIBULACIONISMO

TEOLOGIA

SN: Palavra utilizada para fazer referência ao episódio da Grande Tribulação.

SC: 001 DOUTRINAS ORTODOXAS

URIM E TUMIM

RT: DEUS

ÉFODE (VESTIMENTA)

ÔNIX

SACERDOTE

SN: Pedras ou objetos que os sacerdotes utilizavam em suas vestes e que empregavam para conhecer a vontade de Deus.

SC: 027 OBJETOS E EDIFICAÇÕES SAGRADOS

VACA

BT1: GADO

RT: ARADO

BEZERRO

BOI

HOLOCAUSTO

OFERTA

SN: Animal puro. Fêmea dos bovídeos.

SC: 033 ANIMAIS

velho testamento

USE: ANTIGO TESTAMENTO

SC: 014 LITERATURA SACRA E SUAS PORÇÕES

VINHO

RT: BEBIDA FORTE

COMUNHÃO

CONSUBSTANCIAÇÃO

LIBAÇÃO

NAZIREADO

OFERTA

PÃO

SANTA CEIA

SN: Sumo da uva, fermentado ou não. Um dos elementos da Santa Ceia.

SC: 029 ELEMENTOS MANUFATURADOS

Yahweh

USE: DEUS

SN: Pronunciado por vezes como Javé ou Jeová, e representado pelo tetragrama YHWH. É a forma nominal com que Deus se apresenta a Moisés e ao povo de Israel em ocasião do processo de libertação da escravidão dos israelitas pelos egípcios.

SC: 017 NOMES E TÍTULOS DIVINOS

ZEBULOM

BT1: PATRIARCA

RT: ASER

BENJAMIN

DÃ

EFRAIM

GADE

ISRAEL

ISSACAR

JOSÉ DO EGITO

JUDÁ

LEVI

MANASSÉS

NAFTALI

RÚBEN

SIMEÃO

TRIBO DE ZEBULOM

SN: Um dos patriarcas da nação de Israel.

SC: 011 SERES HUMANOS

APÊNDICE B**FORMULÁRIOS DE CADASTRAMENTO DE DESCRITORES UTILIZADOS**

	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Faculdade de Ciência da Informação - FCI Disciplina: Linguagens documentarias
---	--

Formulário de cadastramento de descritores

Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Ágora	lugar em que o Apóstolo	5		X	Arquitetura e Urbanismo	Objetos e Edificações	Objetos e Edificações Simples		Jhonathas Marques Souza
	Ágora (ἀγορά; "assembleia", "lugar de reunião", derivada de ἀγείρω, "reunir") é um termo grego que significa a reunião de qualquer natureza, geralmente empregada por Homero como uma reunião geral de pessoas. A ágora parece ter sido uma parte essencial da constituição dos primeiros estados gregos.[1] Normalmente era um espaço livre com edificações, onde os cidadãos costumavam ir, configuradas pela presença de	7							

Análise	
Características Essenciais (necessárias)	
Características constitutivas da essência	Mercado público; comércio; mercado local das cidades-estado helênicas na
Características consecutivas da essência	Trânsito de pessoas; tráfego de mercadorias; câmbio monetário; lugar de interação
Características acidentais (adicionais ou possíveis)	
Características acidentais gerais	
Características acidentais individualizantes	Ágora de Atenas (At 17.15-17)
Definição real	
Conceito	
Conceito simples	Assembleia helênica local
Conceito composto	

Termo	
Descritor de assunto ou temático	Ágora
Descritor onomástico	
Descritor cronológico	
Descritor geográfico ou identificador	
Descritores auxiliares ou secundários	

Tipos de relações		
Relações de equivalência	Termo sinônimo ou quase	Fórum; praça; mercado
	Termo antigo	Hágorá (gre.)
	Termo homógrafo	
	Termo em outro idioma	
Relações hierárquicas	Termo genérico	Objetos e Edificações
	Termo específico	
Relações partitivas	Termo genérico partitivo	
	Termo específico partitivo	
Relações associativas	Termo relacionado	Areópago; Pólis; Atenas; Grécia; Mundo antigo; Paulo; Evangelho

Notas	
Nota de escopo	Praça onde aconteciam os debates e o comércio das pólis gregas no mundo antigo, e onde o Paulo se apresentava para
Nota de explicação	
Nota de indexação	
Nota ????	

Fontes consultadas		
Item	Referência bibliográfica	
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das Assembléias de Deus,	
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico.	
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo : Didática Paulista, 2007. p.	
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das	
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São Paulo - SP:	
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo : Vida, 1999. p.	
7	ÁGORA. Wikipédia, a enciclopédia livre, 2022. Disponível em:	



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Disciplina: Linguagens documentárias

Formulário de cadastramento de descritores

Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Anátema	[Do gr. anathema, "amaldiçoado seja"; do lat. anathema sit] Fórmula usada para se executar a excomunhão nas sinagogas e nas igrejas primitivas; enfatiza uma maldição mais acentuada. Ela é a própria de Deuterônimo 28 onde são encontradas as imprecações contra os israelitas que abandonavam a fé em Deus.	1	X		Ontologi a	Atributos	Atributos do Pecado		Jhonathas Marques Souza
	O vocábulo traduzido anátema, no AT, nas versões A e B, e traduzido na Revisão, amaldiçoado, condenado, destruição, maldição, Dt. 7.26; 13.17; Js 6.18; etc. No NT, encontra-se esta palavra em At 23.12,21 (ARA); Rm 9.3; 1 Co 12.3; 16.22 e Gl 1.8,9. É a expressão acentuada de maldição.	2							
	(hebraico: herem; grego: anáthema) – voltado à maldição ou à destruição completa (Js 6.22-23.25; 1 Co 12.3); podia ser dons para o templo sem que a pessoa pudesse pagá-los. Deve-se diferenciar entre "despojo" e "anátema"; no antigo Israel ambos são restos de guerra. No Novo Testamento, pode ser alguém que não compartilha da mesma doutrina (Gl 1,8).	5							

Análise	
Características Essenciais (necessárias)	
Características constitutivas da essência	Condição de quem se afasta de Deus e deliberadamente pratica o que Deus
Características consecutivas da essência	Perda da comunhão com Israel ou com a Igreja; Separação daquilo que é Santo;
Características acidentais (adicionais ou possíveis)	
Características acidentais gerais	O termo em sua origem hebraica pode significar despojo de guerra
Características acidentais individualizantes	
Definição real	
Conceito	
Conceito simples	Amaldiçoado
Conceito composto	

Termo	
Descritor de assunto ou temático	Anátema (estado)
Descritor onomástico	
Descritor cronológico	
Descritor geográfico ou identificador	
Descritores auxiliares ou secundários	

Tipos de relações		
Relações de equivalência	Termo sinônimo ou quase	Maldição
	Termo antigo	Hebraico: herem; Grego: Anáthema; Latim: Anathema sit
	Termo homógrafo	Anátema (processo)
	Termo em outro idioma	Anatema (Esp.); Anathema (Ing.)
Relações hierárquicas	Termo genérico	Atributos do pecado
	Termo específico	
Relações partitivas	Termo genérico partitivo	
	Termo específico partitivo	
Relações associativas	Termo relacionado	abominação; impureza; profano; pecado

Notas	
Nota de escopo	Que está amaldiçoado; separado daquilo que é santo.
Nota de explicação	A grafia em português do vocábulo "anátema" representa tanto a forma substantiva quanto a forma adjetiva da palavra
Nota de indexação	
Nota ????	

Fontes consultadas		
Item	Referência bibliográfica	
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das Assembléias de Deus,	
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico.	
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo : Didática Paulista, 2007. p.	
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das	
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São Paulo - SP:	
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo : Vida, 1999. p.	



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Disciplina: Linguagens documentárias

Formulário de cadastramento de descritores

Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Anátema	[Do gr. anathema, "amaldiçoado seja"; do lat. anathema sit] Fórmula usada para se executar a excomunhão nas sinagogas e nas igrejas primitivas; enfatiza uma maldição mais acentuada. Ela é a própria de Deuterônimo 28 onde são encontradas as imprecações contra os israelitas que abandonavam a fé em Deus.	1	X		Dogmas e Ritos	Penalidades	Processo de exclusão		Jhonathas Marques Souza
	O vocábulo traduzido anátema, no AT, nas versões A e B, e traduzido na Revisão, amaldiçoado, condenado, destruição, maldição, Dt. 7.26; 13.17; Js 6.18; etc. No NT, encontra-se esta palavra em At 23.12,21 (ARA); Rm 9.3; 1 Co 12.3; 16.22 e Gl 1.8,9. É a expressão acentuada de maldição.	2							
	(hebraico: herem; grego: anáthema) – voltado à maldição ou à destruição completa (Js 6, 22-23, 25; 1 Co 12, 3); podia ser dons para o templo sem que a pessoa pudesse pagá-los. Deve-se diferenciar entre "despojo" e "anátema"; no antigo Israel ambos são restos de guerra. No Novo Testamento, pode ser alguém que não compartilha da mesma doutrina (Gl 1,8).	5							

Análise

Características Essenciais (necessárias)	
Características constitutivas da essência	Processo de rejeição de comunhão com aqueles que deliberadamente praticam o
Características consecutivas da essência	Melo de se repudiar e proibir a comunhão com Israel ou com a Igreja; Ato no qual se
Características acidentais (adicionais ou possíveis)	
Características acidentais gerais	O termo em sua origem hebraica pode significar despojo de guerra
Características acidentais individualizantes	
Definição real	
Conceito	
Conceito simples	Ritual de maldição
Conceito composto	

Termo

Descritor de assunto ou temático	Anátema (processo)
Descritor onomástico	
Descritor cronológico	
Descritor geográfico ou identificador	
Descritores auxiliares ou secundários	

Tipos de relações

Relações de equivalência	Termo sinônimo ou quase	Amaldiçoar; Excomunhão; Disciplinar
	Termo antigo	Hebraico: herem; Grego: Anáthema; Latim: Anathema sit
	Termo homógrafo	Anátema (estado)
Relações hierárquicas	Termo em outro idioma	Anatema (Esp.); Anathema (Ing.)
	Termo genérico	
Relações partitivas	Termo específico	
	Termo genérico partitivo	
Relações associativas	Termo relacionado	abominação; impureza; profanação; pecado; danação

Notas

Nota de escopo	Banir da comunhão da igreja; excomungar; disciplinar
Nota de explicação	A grafia em português do vocábulo "anátema" representa tanto a forma substantiva quanto a forma
Nota de indexação	
Nota ????	

Fontes consultadas

Item	Referência bibliográfica
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico.
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo : Didática Paulista, 2007. p.
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo : Vida, 1999. p.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Disciplina: Linguagens documentárias

Formulário de cadastramento de descritores

Coleta

Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Assuero	1. No livro de Ester: Rei dos persas e esposo de Ester, Et 1.2,13; 2.16,17. É o mesmo Xerxes dos gregos. // 2. No livro de Esdras (cap. 4,6), é, talvez, Xerxes. // 3. No Livro de Daniel: outro Assuero, pai de Dario e Rei dos medos, Dn 3.1.	2	X		História	Personagens	Seres Humanos		Jhonathas Marques Souza

Análise

Características Essenciais (necessárias)	
Características constitutivas da essência	Homem; Persa; Rei dos Persas entre 486 a.C. e 465 a.C.;
Características consecutivas da essência	Humano; Personagem histórico; estrangeiro
Características acidentais (adicionais ou possíveis)	
Características acidentais gerais	Personagem bíblico e extra bíblico
Características acidentais individualizantes	Monarca do mundo antigo; Casado com Ester (ou Hadassa)
Definição real	
Conceito	
Conceito simples	Rei dos persas entre 486 a.C. e 465 a.C.
Conceito composto	Marido de Ester

Termo

Descritor de assunto ou temático	
Descritor onomástico	Assuero
Descritor cronológico	
Descritor geográfico ou identificador	
Descritores auxiliares ou secundários	

Tipos de relações

Relações de equivalência	Termo sinônimo ou quase	Xerxes I
	Termo antigo	Jshāyār Shah (em persa)
	Termo homógrafo	
Relações hierárquicas	Termo em outro idioma	Ahasuerus (Ing.); Asuero (Esp.)
	Termo genérico	Rei
Relações partitivas	Termo específico	
	Termo genérico partitivo	
Relações associativas	Termo específico partitivo	Ester; Mordecai; Hamã; Pérsia; Artaxerxes

Notas

Nota de escopo	Rei persa entre 486 a.C. e 465 a.C e marido de Ester.
Nota de explicação	
Nota de indexação	
Nota ????	

Fontes consultadas

Item	Referência bibliográfica
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das Assembléias de
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico.
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo: Didática Paulista, 2007. p.
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São Paulo -
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo: Vida, 1993. p.
7	



UNIVERSIDADE DE BRÁSILIA
Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Disciplina: Linguagens documentárias

Formulário de cadastramento de descritores

Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Baluarte	Construção alta, sustentada por muralha. Aquilo que serve de defesa. // O meu b é o meu refúgio, 2Sm22.3. A força força da minha salvação, o meu b, Sl 18.2. Notai bem os seus b, Sl 48.13. O Senhor é o meu b, Sl 94.22. Deus lhe põe a salvação por muros e b, Is 26.1. Igreja... coluna e b da verdade, 1tm 3.15. Ver Fortaleza.	2		X	Arquitetura e urbanismo	Objetos e Edificações	Objetos e Edificações Simples		Jhonathas Marques Souza
	Torre construída ao longo da muralha de uma cidade, da qual os defensores atiravam flechas e lançavam grandes pedras contra o inimigo (Is 26,1; Sl 48,13).	5							
	Um baluarte (do provençal baloart, do neerlandês bolwerk) ou bastião (do francês bastion), em arquitetura militar, é uma obra defensiva, situada nas esquinas e avançada em relação à estrutura principal de uma fortificação abaluartada.	7							


Análise	
Características Essenciais (necessárias)	
Características constitutivas da essência	Construção urbana; arquitetura bélica
Características consecutivas da essência	Desenho arquitetônico; deve conter alicerce;
Características acidentais (adicionais ou possíveis)	
Características acidentais gerais	feito de pedras; feito de tijolos; ficar no ângulo da construção
Características acidentais individualizantes	Localização
Definição real	
Conceito	
Conceito simples	Lugar seguro
Conceito composto	Muro de defesa; tudo aquilo o que protege

Termo	
Descritor de assunto ou temático	Baluarte
Descritor onomástico	
Descritor cronológico	
Descritor geográfico ou identificador	
Descritores auxiliares ou secundários	

Tipos de relações		
Relações de equivalência	Termo sinônimo ou quase	Fortaleza; Muralha; Alicerce; Bastião
	Termo antigo	Baloart (por.); Balwerk (nee.)
	Termo homógrafo	
	Termo em outro idioma	Balwark (ing.); Baluarte (esp.)
Relações hierárquicas	Termo genérico	Objetos e construções
	Termo específico	Baluarte
Relações partitivas	Termo genérico partitivo	
	Termo específico partitivo	
Relações associativas	Termo relacionado	Fortaleza; Muralha; Alicerce; Bastião; Deus

Notas	
Nota de escopo	Muro externo de defesa; lugar seguro. Seu uso é frequentemente interpretado com sentido metafórico, simbolizando a
Nota de explicação	
Nota de indexação	
Nota ????	

Fontes consultadas		
Item	Referência bibliográfica	
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das Assembléias de Deus,	
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico.	
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo : Didática Paulista, 2007. p.	
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das	
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São Paulo - SP:	
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo : Vida, 1999. p.	
7	BALUARTE. Wikipédia, a enciclopédia livre, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Baluarte> Acesso	

		UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Faculdade de Ciência da Informação - FCI Disciplina: Linguagens documentárias							
Formulário de cadastramento de descritores									
Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Dagon	O deus nacional dos filisteus, representado com a cabeça e os braços de homem e a parte inferior do corpo por um peixe. Havia templos consagrados a Dagon em Gaza, Asdote e em todos os lugares onde este povo erguera cidades. Seu nome foi incorporado no nome do lugar como em Bete-Dagon, Js 15.41. A morte de Sansão no templo de Dagon em Gaza, Jz 16,21-30. A arca de Deus no templo de Dagon em Asdote, 1Sm 5.1-5. A cabeça de Saul	2	X		Teologia	Entidades Pagãs	deuses filisteu		Jhonathas Marques Souza
	deus filisteu (1Sm 5), cujo o nome pode ter dado origem ao termo "cereal" (dagan); por isso, muitos estudiosos o entendem como um deus rural. Como deus nacional, Dagon teve cidades-santuários como Bet-Dagon, cidade judaíta no Negueb (Js 15,41).	5							
Análise									
Características Essenciais (necessárias)									
Características constitutivas da essência					Entidade pagã; deus nacional da Filístia; possui representação física semelhante a um				
Características consecutivas da essência									
Características acidentais (adicionais ou possíveis)									
Características acidentais gerais									
Características acidentais individualizantes									
Definição real									
Conceito									
Conceito simples									
Conceito composto									
Termo									
Descritor de assunto ou temático									
Descritor onomástico					Dagon				
Descritor cronológico									
Descritor geográfico ou identificador									
Descritores auxiliares ou secundários									
Tipos de relações									
Relações de equivalência	Termo sinônimo ou quase				Dagon				
	Termo antigo								
	Termo homógrafo								
	Termo em outro idioma								
Relações hierárquicas	Termo genérico				Entidades pagãs				
	Termo específico								
Relações partitivas	Termo genérico partitivo								
	Termo específico partitivo								
Relações associativas	Termo relacionado				Filisteus, mar, tritão, Gaza, Asdote, Arca da Aliança, Bet-dagon, Negeb				
Notas									
Nota de escopo		deus nacional filisteu, metade homem, metade peixe. Equivalente ao tritão grego.							
Nota de explicação		Tanto a escrita "Dagon" quanto a escrita "Dagom" são comumente encontradas na literatura teológica.							
Nota de indexação									
Nota ????									
Fontes consultadas									
Referência bibliográfica									
Item									
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.								
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico. Pindamonhangaba -								
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo : Didática Paulista, 2007. p.								
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das								
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São Paulo - SP: Didática								
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo : Vida, 1999. p.								
7									

	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Faculdade de Ciência da Informação - FCI Disciplina: Linguagens documentárias
---	--

Formulário de cadastramento de descritores

Coleta									
Palavra	Definição nominal	Fonte	Área de Assunto		Domínio	Categoria	Faceta	Data de coleta	Responsável pela coleta
			Núcleo	Periférico					
Éfode	o pai de Haniel, um príncipe de Manassés, Nm 34.23 // 2. Ver Estola sacerdotal. ESTOLA SACERDOTAL, ÉFODE (ARC): Um das seis distintas vestes do sacerdote oficiante, descritas em Êx 28.3-43. Enfeitada com duas pedras ônix gravadas com os nomes dos filhos de Israel. Êx 25.7; 28.9-12. A estola sacerdotal de Gideão se tornou um objeto de idolatria, Jz 8.27. Mica veio a ter uma casa de deuses e fez uma estola sacerdotal,	2		X	História	Personagens	Seres Humanos		Jhonathas Marques Souza
	Colete longo, que ia até as coxas, usado na adoração pelo sacerdote (Êx 28, 27-28), e preso por um cinto. No efode, vinha uma pedra de ônix na qual estavam gravados os nomes das doze tribos (Êx 28,29). O efode era usado como oráculo para consultar Deus. (1 Sm 23, 9-12). Gideão fez um efode que serviu ao povo como uma imagem de Deus, causando idolatria (Jz 8,24-27). Possivelmente as pedras que estavam no efode serviam para lançar sorte, como	5							

Análise

Características Essenciais (necessárias)	
Características constitutivas da essência	Homem hebreu, da tribo de Manassés. Pai do príncipe Haniel.
Características consecutivas da essência	Descendente direto de José do Egito, da linhagem abrahâmica
Características acidentais (adicionais ou possíveis)	
Características acidentais gerais	
Características acidentais individualizantes	
Definição real	
Conceito	
Conceito simples	Pai do príncipe Haniel, da tribo de Manassés
Conceito composto	

Termo

Descritor de assunto ou temático	
Descritor onomástico	Éfode (pessoa)
Descritor cronológico	
Descritor geográfico ou identificador	
Descritores auxiliares ou secundários	

Tipos de relações

Relações de equivalência	Termo sinônimo ou quase	
	Termo antigo	
	Termo homógrafo	Éfode (vestimenta)
	Termo em outro idioma	
Relações hierárquicas	Termo genérico	
	Termo específico	
Relações partitivas	Termo genérico partitivo	
	Termo específico partitivo	
Relações associativas	Termo relacionado	Tribo de Manassés; José do Egito; Manassés; Hebreu; Haniel;

Notas

Nota de escopo	Pai do príncipe Haniel, da tribo de Manassés (Nm 34.23)
Nota de explicação	
Nota de indexação	
Nota ????	

Fontes consultadas

Item	Referência bibliográfica
1	ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.
2	BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica: dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico. Pindamonhangaba -
3	CAMARGO, Nelson José de. Atlas bíblico. São Paulo : Didática Paulista, 2007. p.
4	HORTON, Stanley M. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro - RJ: Casa Publicadora das
5	SANTOS, João Batista Ribeiro. Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus. São Paulo - SP: Didática
6	THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de referência Thompson. São Paulo : Vida, 1999. p.
7	

